

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

**PELÉ E O *COMPLEXO DE VIRA-LATAS*: DISCURSOS SOBRE
RAÇA E MODERNIDADE NO BRASIL**

Ana Paula da Silva

Rio de Janeiro
Março de 2008

**PELÉ E O *COMPLEXO DE VIRA-LATAS*: DISCURSOS SOBRE
RAÇA E MODERNIDADE NO BRASIL**

Ana Paula da Silva

Tese de Doutorado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Sociologia e Antropologia do Instituto de
Filosofia e Ciências Sociais da
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como parte dos requisitos necessários à
obtenção do título de Doutor em Ciências
Humanas (Antropologia Cultural).

Orientadora: Profa. Dra. Yvonne Maggie de Leers Costa Ribeiro

Rio de Janeiro
março de 2008

**PELÉ E O COMPLEXO DE VIRA-LATAS: DISCURSOS SOBRE RAÇA E
MODERNIDADE NO BRASIL**

Ana Paula da Silva

Orientadora: Profa. Dra. Yvonne Maggie de Leers Costa Ribeiro

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências Humanas (Antropologia Cultural).

Aprovada por:

Presidente: Profa. Dra. Yvonne Maggie de Leers Costa Ribeiro
Professora Titular do IFCS/UFRJ

Profa. Dra. Denise Ferreira da Silva
University of California, San Diego

Luiz Henrique de Toledo
Professor Adjunto da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)

Prof. Dr. Peter Henry Fry
Professor Titular do IFCS/UFRJ

Simoni Lahud Guedes
Profa. Titular Universidade Federal Fluminense

Suplentes:

Profa. Dra. Mirian Goldenberg
Profa. Titular IFCS/UFRJ

Prof. Dr. Thaddeus Gregory Blanchette
Professor da UFF/UNISUAM

Silva, Ana Paula da Silva.

Pelé e o complexo de “vira-latas”: discursos sobre raça e modernidade no Brasil/ Ana Paula da Silva. – Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 2008.

x, 218f.: il., 31cm.

Orientadora: Yvonne Maggie de Leers Costa Ribeiro

Tese (Doutorado) – UFRJ/IFCS/ Programa de Pós – Graduação em Sociologia e Antropologia, 2008.

Referências Bibliográficas: f. 205-217.

1. discursos raciais. 2. modernidade. 3. intelectuais. 4. complexo de “vira-lata”. 5. Pelé. I. Ribeiro, Yvonne Maggie de Leers Costa. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/ Programa de Pós- graduação em Sociologia e Antropologia. III. Pelé e o complexo de “vira-latas”: discursos sobre raça e modernidade no Brasil.

PELÉ E O *COMPLEXO DE VIRA-LATAS*: DISCURSOS SOBRE RAÇA E MODERNIDADE NO BRASIL

Ana Paula da Silva

Orientadora: Profa Dra. Yvonne Maggie de Leers Costa Ribeiro

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo entender os discursos raciais construídos no Brasil ao longo de cinquenta anos, analisando um exemplo em particular: alguns fatos importantes da trajetória de vida de Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. Dentro deste contexto, procuro pesquisar a forma como este personagem construiu-se como uma das figuras mais importantes da vida nacional e também o rosto que representa o Brasil no cenário internacional, como jogador de futebol e que atualmente sua fama é reproduzida através de comerciais em que é “garoto-propaganda” em diversos países. Neste sentido, a intenção é compreender como este ex-atleta prolongou sua fama ao longo destes anos e também como a permanência de sua imagem ao longo dos anos provocou e ainda suscita debates acerca das questões raciais no contexto brasileiro. Argumento que Pelé em muitos momentos da história foi uma figura que interligou vários dos discursos raciais que eram discutidos no senso comum, a intelectualidade e também entre os formadores de opinião. Por esta razão, o ex-jogador de futebol fomenta grandes polêmicas em relação a seus posicionamentos na vida nacional e provoca um debate acalorado em torno das questões raciais candentes.

Palavras-chave: discursos raciais, modernidade, intelectuais, complexo de “vira-lata”, Pelé.

Rio de Janeiro

março de 2008

**PELÉ E O *COMPLEXO DE VIRA-LATAS*: DISCURSOS SOBRE RAÇA E
MODERNIDADE NO BRASIL**

Ana Paula da Silva

Orientadora: Profa. Dra. Yvonne Maggie de Leers Costa Ribeiro

Abstract

The present dissertation seeks to understand racial discourse, as it has been constructed over the past 50 years in Brazil, by focusing on a particular phenomenon: the life trajectory of Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. Here, I seek to understand how Pelé came to be understood as one of the most important public figures of our country – the face that internationally represents Brazil. Today, Pelé’s fame as a football player has allowed him to reconstruct himself as highly-paid spokesman for a series of commercial products, marketed and sold worldwide. Here, we analyze how the ex-soccer star has managed to prolong his fame and also how the permanent presence of his image in the public eye has repeatedly served as a locus for off hot debates regarding race and racism in Brazil. I argue that Pelé’s fame and permanency in the Brazilian (and international) public eye has made him into a personage who has linked popular racial discourses to those of intellectuals and the media at several different moments in our country’s history. Because of this, the positions Pelé has adopted in national life – and in particular with regards issues touching on race and racism – have frequently been seen as polemical and have been subjected to heated discussion.

Key words: racial discourses, modernity, intellectuals, “mutt complex”, Pelé.

Rio de Janeiro
março de 2008

IN MEMORIAM

Minha querida “vó”, Carmem Cantello de Oliveira (1918-2001), pelos os sonhos.
Professor Marílio Pires Domingues (1921-2006), pela a realização de um projeto.

Agradecimentos

Cabe aqui agradecer a pessoas e a instituições que me auxiliaram na elaboração e na finalização deste trabalho. Acredito que, apesar de a tese ter um nome como autor, toda a sua fase de preparação conta com um número considerável de outros personagens que fizeram parte do trabalho.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia por conceder um ano de bolsa para que eu pudesse concluir minha pesquisa, pelas aulas e pelo apoio acadêmico.

Ao amigo e professor Peter Fry, pelo incentivo e apoio. Através de conversas e estudos com ele divididos, percebi a importância de Pelé e o quanto este tema era bom para refletir sobre as relações raciais na realidade brasileira. Por ocasião da nossa visita à Casa França-Brasil, em 2002, época da exposição Pelé, Peter fez observações precisas e interessantes que me levaram a pensar sobre questões que tentei resolver nesta tese.

À minha orientadora e grande amiga Yvonne Maggie, por ter aceitado o desafio de trabalhar comigo neste objeto de estudo tão complexo e pouco entendido dentro da academia. Os pontos positivos deste trabalho se devem à sensibilidade e ao seu conhecimento, e que tem produzido obras de grande relevância no campo das relações raciais, as quais me influenciaram profundamente. Mais do que orientadora tenho em Yvonne um exemplo de vida, ela que sempre me acudiu nas horas difíceis e de incertezas quanto à validade de fazer um trabalho de magnitude e de exercer uma profissão árdua como esta. A nossa convivência ao longo desses dez anos contribuiu para a minha formação intelectual e pessoal de tal maneira que seus ensinamentos permanecerão indelevelmente na forma como penso a antropologia.

À professora Simoni Lahud Guedes, da UFF, por sua amizade e atenção em me ajudar a conhecer e a entender um campo de estudos com o qual não tinha familiaridade: a antropologia do futebol. Simoni me apresentou ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esportes e Sociedade (NEPESS), coordenado por ela e pelo professor Marcos Alvito. Estendo os meus agradecimentos aos colegas do grupo pelos debates e pelas críticas que realmente contribuíram para o desenvolvimento do meu trabalho, principalmente quando tive a oportunidade de expor minha pesquisa. Foi através de Simoni que pude apresentar este estudo em alguns congressos no grupo de trabalho “Antropologia do Esporte”,

coordenado por ela e pelo professor Luis Henrique Toledo. Neste grupo, professores e colegas foram importantes na construção dos pontos relevantes da minha pesquisa. Também a professora Denise Ferreira da Silva, pela amizade e ter aceitado o convite para estar na banca examinadora.

A Brígida Renoldi, Rosy de Oliveira, Maria Izabel Garcia, Michele Markowitz e Laura Colabella em função do nosso “seminário doméstico”, que tanto me auxiliou a vencer alguns obstáculos teóricos e metodológicos, e a Patrícia Reinheimer pelas contribuições e sugestões bibliográficas. A Domingos Guimaraens pela o auxílio de pesquisa na Biblioteca Nacional.

Agradeço e rendo homenagens a algumas pessoas da minha família. À minha mãe Wanda Antonia da Silva por ter confiado em mim e me dado apoio desde o momento em que decidi fazer ciências sociais; mesmo sem saber direito o que era e o que eu poderia fazer com aquilo, ela acreditou na minha capacidade de conseguir viver da profissão. Neste trabalho, sua participação foi importante porque suas memórias da adolescência e da juventude me foram úteis para montar o cotidiano de épocas que só conheço por meio de livros e documentários. À minha irmã Vera Lúcia da Silva pelo carinho, apoio e amor ao longo desses anos. A nossa convivência tem me dado segurança e cada vez mais conhecimento sobre o mundo, e a minha sobrinha Mayara Ferreira da Silva por sua curiosidade na descoberta do mundo e por ter me ajudado a renovar o olhar diante dos pequenos detalhes da vida.

Ao parceiro intelectual, marido e amigo Thaddeus Gregory Blanchette, que me ajudou desde o início deste projeto e agüentou os momentos mais difíceis da elaboração de uma tese. Os anos em que estamos juntos têm me dado a certeza de que muitos outros eu quero viver ao seu lado. Dentre seus conhecimentos, o das ciências sociais, o da realidade de seu país de nascimento, os Estados Unidos da América, e o da sua experiência de morar no Brasil há mais de vinte anos proporcionaram-me o exercício da relativização do meu olhar sobre os dois países. A sua leitura crítica deste trabalho me auxiliou e instigou a buscar os caminhos que percorri para a sua elaboração. Ele me proporcionou, ainda, estabilidade e serenidade nos momentos em que mais precisei. Por tudo isto, tem sido a pessoa mais importante da minha vida e é a ele que dedico meu amor e respeito.

SUMÁRIO

RESUMO	V
ABSTRACT	VII
IN MEMORIAN	VIII
AGRADECIMENTOS.....	IX

INTRODUÇÃO	1
------------------	---

CAPÍTULO I – “Se eu fosse você, eu faria” – ou como Edson Arantes do Nascimento promoveu a continuidade de Pelé

1- Introdução	11
2- A trajetória do “atleta do século”	13
2.1- Alguns fatos relevantes de sua vida	15
2.2- O casamento e os filhos x a ética do trabalho	17
2.3- Pelé e o percurso do futebol brasileiro	22
3 – Campo publicitário: uma visão antropológica e os estudos sobre raça e propaganda no contexto brasileiro	24
4 – Uma peça publicitária: a exposição “Pelé: a arte do Rei”.....	27
4.1- A descrição do “comercial”.....	28
4.2 – A pesquisa	29
4.3- Algumas considerações sobre as entrevistas	30
4.4 – Pelé: o “homem-marca”	33
5 – Análise dos comerciais de Pelé	35
5.1 – Pelé comercial ou comercial Pelé?: a eficácia simbólica das propagandas do ex-atleta	43
6 – Conclusão	45

CAPÍTULO II – Os discursos raciais e a popularização do futebol no Brasil

1- Introdução	50
2- Futebol e ritos afro-brasileiros: uma análise comparativa entre os símbolos de <i>brasilidade</i>	53
2.1 – Os significados da “desportivização” no Rio de Janeiro	59

2.2 – Brasil branco ou Brasil mestiço?	61
3- O futebol e o sentimento nacional	64
3.1 – O futebol e o Estado Novo	65
3.2 – As teorias raciais nas décadas de 30 e 40	67
4 – <i>O negro no futebol brasileiro: Casa Grande & Senzala</i> dos campos de futebol	71
4.1 – O prefácio de Gilberto Freyre	73
4.2 – Os “causos” de Mário Filho	75
4.3 – As idéias sobre a miscigenação, segundo Mário Filho	77
5 – A Copa do Mundo de 1950: a teoria da miscigenação brasileira em campo	80
5.1 – Sedar uma Copa do Mundo: a legitimação de um povo	81
5.2 – A perda da Copa para o Uruguai: “a tragédia do Maracanã” – o fracasso de um projeto de nação	83
5.3 – Os culpados pela a derrota	85
5.4 – Pelé e a Copa de 1950	88
6- Conclusão	90

CAPÍTULO III – “Sambando com a bola nos pés...”: a década do profissionalismo, da disciplina e da modernidade

1 – Introdução	95
2 - Nasce uma estrela? – os caminhos percorridos por Pelé	97
2.1 – De Bauru para o Santos Futebol Clube	103
2.2 – O ano da Copa	106
2.2.1 – A convocação do psicólogo	108
2.3 – O significado de 1958 para Pelé e a fama depois da Copa	112
2.4 – A vitória do Brasil na Copa	115
3 – Os discursos raciais e o pensamento sobre os problemas brasileiros	118
4 – Fatos e acontecimentos de 1958, ou o “ano que não devia terminar”... ..	124
5 – Conclusão	127

CAPÍTULO IV – Leônidas da Silva, Garrincha e Paulo Cezar Caju: disciplina, profissionalismo e modernidade na vida destes personagens

1 – Introdução	130
2 - Leônidas da Silva e sua época	132
2.1 – A trajetória de Leônidas da Silva	135
2.2 – Leônidas da Silva e os discursos raciais	140
3 - Manoel dos Santos: a antítese da modernidade nos anos 1950.....	142
3.1 – A trajetória de Garrincha	144
3.2 – Manoel dos Santos e os discursos raciais	148
4 - Paulo Cezar “Caju” e os movimentos sociais	151
4.1- A Copa do Mundo de 1970	153
4.2 – A repercussão da conquista da Copa do Mundo de 1970.....	156
4.3 – Paulo Cezar Caju e os discursos raciais	160
5 – Profissionalismo, disciplina e modernidade: o caso de Leônidas da Silva, Manoel dos Santos e Paulo Cezar Lima	162

CAPÍTULO V – Pelé e os anos 1970: a construção de um “antimodelo” da modernidade

1 – Introdução.....	165
2 – O ressurgimento dos movimentos sociais nos anos 1970	166
2.1- o contexto dos anos 1970	166
2.2 – Pelé e a Copa do Mundo de 1970	168
2.3 – O contexto social, político e econômico	172
2.4 – As idéias de Pelé sobre a conquista da Copa de 1970	175
3 – As conseqüências políticas da conquista do tri-campeonato	179
3.1- As desigualdades raciais x democracia racial	182
3.2 – Pelé e os movimentos sociais/negros	184
4 – Os discursos raciais em 1970	191
5 – Profissionalismo e disciplinarização em 1970	193
6 – Conclusão	197

BIBLIOGRAFIA.....	205
--------------------------	------------

ANEXOS.....	218
--------------------	------------

Introdução

Foi numa tarde quente de março de 2000 que cheguei ao Teatro do Sesi situado na Rua Graça Aranha, no Centro da cidade do Rio de Janeiro, para entrevistar o garoto-propaganda dos comerciais da prefeitura desta cidade, um menino negro, 11 anos de idade, chamado André Luiz Miranda. No ano anterior, o menino tinha interpretado um personagem importante na principal novela da Rede Globo, *Terra Nostra*, o Tziu, um garotinho negro, filho de um escravo da fazenda e criado na casa dos senhores. Mas não foi por causa da novela que eu fui entrevistá-lo. Meu interesse no menino se deveu ao fato de André Luiz ter estrelado uma série de anúncios publicitários para a Prefeitura do Rio de Janeiro. Aliás, foi este trabalho que chamou a atenção da rede Globo e o fez ser contratado para a novela. Nos comerciais, o menino passeava por toda a cidade apresentando realizações de sucesso da prefeitura. Em cada uma das locações em que era filmado, ele assumia o “espírito” do local. Se estivesse na zona sul, transformava-se num menino típico de lá, com a roupa, o rosto e as expressões adequadas; na favela, assumia um visual de pessoa daquela comunidade, não só na indumentária como no riso e no olhar; na zona norte, como se fosse um camaleão, era visto como um morador daquela região de classe média da cidade.

Minha intenção era conhecer e conversar com André Luiz, porque estava interessada em investigar a relação entre as propagandas da prefeitura e uma lei promulgada em 1995 pela Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, que obrigava a adoção de uma cota de 45% de modelos e atores negros em todas as suas propagandas oficiais. Eu queria saber quais as razões que ele e sua mãe haviam tido quando decidiram aceitar o trabalho e por que teria sido ele o escolhido entre muitas crianças que participaram dos testes.¹

Ao chegar ao teatro, fui recepcionada por d. Erzi, mãe de André Luiz. O menino parou para conversar comigo em um dos intervalos dos ensaios de uma peça infantil para a qual estava escalado como ator principal. Ele e d. Erzi responderam às minhas questões por cerca de uma hora e me falaram sobre o fato de André Luiz ter sido

¹ Nessa época, eu já tinha entrevistado o publicitário responsável pela concepção e pela escolha do menino que seria o garoto-propaganda principal dos comerciais da prefeitura; ele me respondeu que a escolha de André Luiz aconteceu porque o menino era a “cara do Rio de Janeiro”.

escolhido para as campanhas publicitárias da prefeitura. Segundo o ator mirim, ele fora selecionado porque o seu rosto era igual ao do Pão de Açúcar, mas sua mãe explicou que foi por mérito do menino, pois desde muito cedo ele já estava num curso de teatro e se destacava como o melhor aluno da turma.

O discurso de sua mãe foi prontamente reforçado por André Luiz quando perguntei se tinha sofrido racismo na rede Globo. O menino, diante daquela pergunta incômoda, respondeu que não, pois o fato de ser um bom ator e de mostrar o seu esforço profissional e dedicação o colocava numa posição de destaque na emissora. Segundo André Luiz, um funcionário da TV disse que nunca deixasse de ser o melhor, pois era isto que garantiria, como negro, uma posição de evidência e respeito na sociedade. Filho de mãe empregada doméstica, André Luiz nasceu em Bonsucesso, subúrbio do Rio de Janeiro, e foi levado ao mundo artístico por intermédio da patroa de sua mãe. Ele e a mãe acreditavam que através do esforço profissional e da disciplina era possível vencer as barreiras da cor e as diferenças de classe social.

Ao sair da entrevista, estava bastante impressionada com as respostas que havia recebido. Apesar de o tema central da minha dissertação não ser a análise da trajetória de André Luiz, resolvi explorar naquela dissertação as idéias do menino e de d. Erzi. Ao pensar como conduziria os depoimentos do ator mirim e de sua mãe, eu me vi naquele momento diante de dois caminhos. O primeiro era interpretar as idéias de André Luiz e d. Erzi a partir da tão decantada falsa consciência, pois os dois acreditavam que o racismo e as barreiras de classe podem ser superados pelo esforço profissional e pela disciplina. O discurso que toma as estatísticas como prova das desigualdades raciais não cansava de “comprovar” o papel subalterno dos negros na sociedade brasileira.

O segundo caminho – aquele que eu escolhi – foi tentar compreender o porquê disto. Apesar das estatísticas e dos discursos sobre a subalternidade dos negros no Brasil, a mensagem sobre o indivíduo como um valor mostrava um instrumento poderoso na luta contra tais desigualdades e também no imaginário social, e como os discursos raciais fomentados por intelectuais e estudiosos perpassavam, dialogavam e em alguns momentos reforçavam esta crença no indivíduo.

A descoberta que fiz quando me aprofundei no caso de André Luiz me fascinou tanto que decidi, nesta tese, aprofundar os discursos raciais e refletir sobre eles,

analisando outro personagem, agora mais central na vida e no imaginário brasileiro: Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. Ex-jogador de futebol, negro e de origem muito semelhante à de André Luiz, Pelé, assim como aquele menino ator, levou para a sua vida a certeza de que o profissionalismo e a disciplina eram fundamentais para se colocar como indivíduo respeitado na sociedade. Pelé é filho de uma dona de casa e de um ex-jogador de futebol e ex-funcionário da prefeitura de Bauru, e tornou-se o símbolo do futebol brasileiro, sendo um dos personagens mais conhecidos nacional e internacionalmente. Esta foi a razão principal da minha escolha, pois Pelé não era, como André Luiz, um símbolo local, mas o personagem em permanente destaque em todo o Brasil e também no exterior.

Assim, o objetivo desta tese é desvendar os discursos raciais ao longo de cinquenta anos da carreira do maior jogador de futebol de todos os tempos – “o atleta do século”, título que lhe foi concedido – para tentar entender, no palco do futebol brasileiro, os paradoxos desses discursos bem representados numa metáfora construída pelo próprio ex-jogador. Pelé, desde que despontou como craque do futebol, falou de si mesmo através de uma estratégia em que se divide entre Pelé e Edson. O primeiro é o atleta, o homem público, e o segundo, o homem comum. Essas *personas* de Pelé são acionadas, de um modo geral, pelos brasileiros, que se vêem como que presos num feixe de mensagens contraditórias que reforçam imagens de um país que ora vive a utopia da vitória do indivíduo sobre o grupo, ora vive a derrota deste indivíduo em face das representações do grupo. Pelé e Edson são assim os dois lados de uma mesma moeda e expressam bem o drama existente na vida social brasileira.

Pelé, apesar de ser conhecido nacionalmente, é um personagem que suscita polêmica no país, pois tudo o que declara pode reverberar contra ele. Tais contradições foram descobertas quando fiz uma pesquisa preliminar para a elaboração do meu projeto de doutorado, em que perguntei a três grupos distintos o que estas pessoas achavam de Pelé. Em geral, quando se queria elogiar, falava-se do Pelé. Para criticá-lo, as pessoas se referiam ao Edson. Este binômio foi prontamente incorporado ao imaginário social brasileiro. Curioso notar que, como alguns famosos que se tornam conhecidos por seus apelidos, Edson Arantes do Nascimento nunca incorporou sua alcunha mais conhecida ao

nome de batismo, como o fez Luiz Inácio Lula da Silva, por exemplo. Tudo se passou então como se Edson e Pelé fossem indivíduos absolutamente diferentes um do outro.

Apesar de ser um personagem fascinante, o feixe de contradições que Pelé suscita é tão complexo que não pode ser explicado por um único viés e resolvido apenas em uma tese. Ao pensar sobre isto, formulei a hipótese de que uma das interpretações possíveis para os paradoxos que o ex-jogador suscita está relacionada ao fato de que desde a sua ascensão como estrela do futebol até a sua saída do esporte, e mesmo depois de ter assumido outras funções, o ex-jogador é uma espécie de palco por onde circulam discursos raciais que convivem, nos últimos cinquenta anos, em nossa sociedade. Pelé foi, ao longo de sua vida, alvo e ao mesmo tempo protagonista do debate sobre o “tipo nacional” necessário e aceitável capaz de superar aquilo que foi definido por Nelson Rodrigues como o “complexo de vira-lata”. As representações construídas a respeito de Pelé coincidiram com muitos projetos sobre como transformar esse tipo nacional para que o Brasil pudesse se tornar uma nação plena, desenvolvida e moderna. O binômio Pelé-Edson é uma metáfora das contradições desses discursos.

Pontos e linhas

Nesta tese segui algumas trilhas que, como chaves de ouro, me ajudaram a percorrer o caminho analítico deste trabalho.

A primeira delas foi fornecida pela leitura de Michel Foucault (1988): a idéia do *discurso*, que se constitui de um conjunto de idéias, símbolos e práticas que formam o complexo de regras e relações de uma determinada sociedade em um dado momento de sua história. No caso dos discursos raciais que emergem do contexto da nação brasileira, estes consistem em um conjunto de conceitos, leis e práticas que criam as maneiras através das quais se formula uma visão do *tipo nacional aceitável* que, segundo Giralda Seyferth (1996), significa os aspectos físicos e culturais idealizados que todo brasileiro deve incorporar.

A segunda trilha foi aquela percorrida por Fabiano Dias Monteiro (2003) que, ao analisar a micro-história dos discursos raciais a partir dos anos 1950 no Brasil, desvendou a lógica que presidiu as representações sobre a “cisão racial”. Este discurso fala de um país dividido entre brancos e negros e que luta pela hegemonia das

representações sobre raça nos dias atuais. O autor percorreu o caminho dos discursos raciais para saber em que momento tal fenômeno foi instaurado, fazendo assim uma análise diacrônica sobre eles na sociedade brasileira.

A terceira trilha me foi dada por Peter Fry (2002) em seus estudos sobre a presença de negros nos comerciais e nas propagandas, e os significados sociais dessas aparições atualmente. Estas idéias me auxiliaram a pensar o atual ofício de Pelé – o de garoto-propaganda de diversos produtos no Brasil e no exterior – que foi intensificado após a sua saída dos campos de futebol, e vem sendo o meio através do qual Pelé tem se mantido presente no imaginário social.

A quarta trilha foi proporcionada pelos estudiosos da sociologia do futebol. Para compreender a trajetória do “atleta do século”, tive que mergulhar no universo do futebol e seus significados, pois esta foi a principal atividade profissional que proporcionou a Pelé fama aqui e mundo afora. Com a ajuda dos trabalhos da antropóloga Simoni Guedes e de outros autores especializados na antropologia e na sociologia do futebol, descobri a história social deste esporte que permitiu a pessoas como Pelé alcançarem o sucesso. A partir das investigações de tais estudiosos, pude perceber que os discursos raciais sempre perpassaram o futebol, conhecido como a “paixão nacional”. Foram esses trabalhos que me permitiram pensar a expressão popularizada por Nelson Rodrigues – e que faz parte do título desta tese: “complexo de vira-lata”² – não apenas como um jargão do futebol, mas como expressão reveladora dos discursos raciais e que está imbricada na história deste esporte no Brasil.

Por fim, sobre a categoria *raça*, que entendo como uma construção social, resultando de processos ao longo da história, como atestam muitos autores, é importante notar que ela tem um segundo significado, hoje em dia desacreditado pelas ciências sociais, mas muito presente nas falas, aqui relatadas, de vários autores e personagens. Refiro-me, é claro, à noção de *raças* com subespécies distintas, estáveis e hierarquicamente ordenadas de indivíduos, determinantes do comportamento social humano. Na acepção clássica social darwinista de *raça*, algumas eram mais

² Segundo Nelson Rodrigues, a expressão significa: [...] por 'complexo de vira-lata' entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo (pág. 51). In: *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

desenvolvidas ou evoluídas que outras. Esta ideologia fundamentou largamente no nosso país as primeiras análises feitas nas ciências sociais brasileiras sobre o *tipo nacional*.

Todavia, tendo se iniciado nas primeiras décadas do século XX, tal visão foi lentamente substituída por outra em que cada raça, supostamente, tinha um conjunto de características positivas e negativas (é importante salientar que esta perspectiva particular de raça continua bastante viva nos discursos sobre o futebol). Finalmente, na segunda metade do século XX, a atual acepção de raça como construção sócio-histórica ou ideológica surgiu e assumiu sua posição hegemônica nas ciências sociais. Minha tese segue esta cronologia, então recuso – como é o costume hoje em dia – indicar a essência ideológica do conceito de raça entre aspas – “raça” – particularmente porque, como é comum no Brasil, e como veremos nos discursos aqui analisados, as definições muitas vezes se mesclam promiscuamente.

As fontes da pesquisa

Ao abordar o personagem Pelé, dei-me conta de que, por não estar lidando com um caso de expressão local, tinha que trabalhar com inúmeras fontes e referências que pudessem oferecer a amplitude que Pelé exigia. Por isso, decidi enfrentar o desafio de utilizar fontes de peso e qualidade muito diversas, sobretudo porque não tive a oportunidade de entrevistá-lo, apesar das inúmeras tentativas que fiz para me aproximar do atleta do século. Assim, em primeiro lugar, tive acesso a duas autobiografias do ex-jogador publicadas em épocas distintas de sua vida. A primeira, de 1961, intitulada *Eu sou Pelé*, foi editada pela Paulo de Azevedo Ltda., em São Paulo. Nessa época, Pelé tinha 20 anos e estava prestes a ser convocado a participar de sua segunda Copa do Mundo, que se realizou em 1962. Ela foi escrita pelo jornalista Benedito Ruy Barbosa, no papel de *ghostwriter*, que organizou os pensamentos de Pelé, como o próprio Ruy afirma na apresentação que fez da edição.

A segunda autobiografia, intitulada *Pelé – a autobiografia*, foi publicada em 2006 pela editora Sextante, do Rio de Janeiro. Nesta edição, Pelé é o autor integral da obra, e o leitor não é informado se houve ou não um *ghostwriter*. O próprio Pelé afirma que o livro foi escrito originalmente em inglês e publicado com o título *My autobiography*. Apesar do tempo que as separam, estas biografias seguem o mesmo

caminho narrativo. Contam ao longo das páginas a trajetória de Pelé rumo ao sucesso nos campos de futebol, desde a sua infância até a vida adulta. A última biografia, mais completa por ser recente, descreve um pouco mais a sua vida familiar, os filhos e os casamentos. Na primeira, dedicou-se quase exclusivamente aos detalhes de sua ascensão até tornar-se campeão mundial.

Além destas duas autobiografias, Pelé escreveu o livro intitulado *Jogando com Pelé*, publicado pela editora José Olympio em 1974, no Rio de Janeiro,³ em colaboração com Julio Mazzei, professor de educação física e preparador físico do Santos Futebol Clube na época em que Pelé foi jogador deste clube e, segundo algumas fontes, responsável pela sua ida para atuar nos Estados Unidos da América. O livro tem ainda um caderno de fotos de autoria de Domício Pinheiro e traz ilustrações de Dino. Na introdução deste livro, que ensina os fundamentos do futebol, o ex-jogador descreve sua trajetória desde a infância até a vida adulta. Coube a seu pai Dondinho fazer a apresentação, que parece ter tido origem em uma entrevista posteriormente editada para este fim.

Além destas fontes autobiográficas, utilizei outras que foram importantes guias para os temas discutidos nesta tese. A primeira delas foi a exposição *Pelé – a arte do Rei*, realizada na Casa França-Brasil em 2002, patrocinada pela Coca-Cola S/A; a segunda foi *O Jornal dos Sports*, pesquisado na Biblioteca Nacional, em que me concentrei nas Copas do Mundo em que Pelé participou – 1958, 1962 e 1970 – além do período relativo à Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil e que se tornou um importante paradigma para a de 1958, ano em que o Brasil conquistou seu primeiro campeonato mundial. Também foi importante o artigo "Pelé: os mil corpos de um rei", publicado pelo antropólogo Luis Henrique Toledo, um raro trabalho acadêmico no qual é feita uma reflexão sobre a trajetória deste ex-atleta.

A partir destas fontes privilegiadas, lancei mão de outras tantas, que foram sendo obtidas pelas pistas oferecidas pelas trilhas principais.

³ Ao pesquisar se existiam outras publicações em nome do ex-atleta, verifiquei que alguns *sites* que se dedicam a contar a trajetória de Pelé relacionaram mais dois títulos: *A minha vida é o jogo maravilhoso*, que teria sido publicada em 1977, e *Programa de treinamento de Futebol Pelé*, de 1982. Procurei em bibliotecas e sebos especializados em livros raros e não encontrei estes títulos. Eles sequer eram citados como existentes em catálogos. Portanto, não sei se realmente foram escritos ou se têm ligação com estes que cito aqui.

A metodologia

Como enfrentar a pesquisa a respeito de um personagem como Pelé, um “informante” que não é “informante”, tornou-se desde o início o meu grande desafio. Segui alguns rastros além, é claro, da tradição da antropologia; o mais importante deles foi dado por Maria Lucia Pallares-Burke (2005) em sua obra *Gilberto Freyre – um vitoriano dos trópicos*.

Este trabalho não seguiu assim, *strictu sensu*, o método biográfico, pois não tive a intenção de fazer uma leitura da sociedade ou de uma época determinada para, por fim, desvendar as relações sociais, econômicas e culturais vividas por um indivíduo em particular, como fez Mirian Goldenberg (1995) em *Toda mulher é meio Leila Diniz*, ou Norbert Elias em *Mozart: a sociologia de um gênio*. Estes autores estudaram em profundidade a história de vida de um personagem e, a partir de suas trajetórias, construíram um mapa das relações sociais de um determinado tempo e espaço. O fato de Pelé estar vivo limitava ainda mais as possibilidades de colocá-lo apenas como fruto de sua época, pois o presente faz parte dela.

Não escolhi conduzir o trabalho fazendo o que se convencionou chamar de “estudo de caso” que, segundo Mirian Goldenberg (1997), permitiria “adquirir conhecimento do fenômeno estudado a partir da exploração intensa de um único caso [...] que considera a unidade social estudada como um *todo*, seja um indivíduo, uma família [...]” (1997:34). Esta não foi a intenção do meu trabalho, pois apesar de ter escolhido um caso em particular, a idéia não era mergulhar profundamente na singularidade da trajetória de Pelé. Ainda mais porque não fiz uma observação participante do caso em questão e não me propus a entrevistar em profundidade qualquer um próximo a Pelé.

Por tudo isto, a metodologia que mais se aproximava das minhas intenções era a utilizada por Maria Lucia-Pallares Burke (2005), que teve como objetivo analisar os caminhos e os “elementos formadores do pensamento de Gilberto Freyre” (2005:18):

[...] o estudo do desenvolvimento das principais idéias e interesses do protagonista, observando-se mais a sua jornada do que seu destino final, e tentando-se explicar como um dado escritor, artista ou estudioso se tornou a pessoa que a posteridade

conhece. Esse gênero de biografia tem, sem dúvida, suas próprias vantagens, mas também seus perigos. [...] O primeiro é o de cair na tentação de tomar a auto-imagem ou a auto-interpretação do biografado acriticamente e interpretá-las literalmente [...] É por essas razões que procurei não depender totalmente das informações encontradas nos diários e reminiscências de Freyre, esforçando-me o mais possível em conferir suas asserções mais recentes com fontes mais antigas (:19-28).

Assim sendo, o esforço de fazer uma biografia intelectual em que a autora se fixa não nas formulações posteriores sobre a trajetória de Gilberto Freyre, mas sim nos elementos iniciais que o fizeram escolher determinados caminhos foi uma chave de ouro que me ajudou a traçar o plano de estudo. A intenção não era a de me preocupar com a trajetória de Pelé como um fato total, mas pinçar eventos específicos que dialogassem com os discursos raciais construídos ao longo de sua trajetória.

Segui assim, inspirada pelo trabalho de Maria Lucia-Pallares Burke (2005), tomando cuidado em relação ao perigo de ser levada pela auto-imagem que o personagem pudesse querer construir e divulgar. Nesse sentido, Pelé e Gilberto Freyre parecem não ter muita coisa em comum, pois como conta Pallares-Burke (2005), Gilberto Freyre modificou o seu pensamento por desejar apagar os traços do passado que denunciariam a mudança. Já Pelé, ao contrário, parece ter ficado quase imune às transformações de seu tempo, mantendo-se o mesmo desde a sua primeira entrevista até os dias atuais. Para fugir do perigo de ser tragada pela auto-imagem de Pelé, procurei não me limitar a apenas algumas fontes, como a sua autobiografia, mas abri um espectro de dados e de referências que pudesse me fornecer contrapontos e outros olhares.

Por fim, devo dizer mais uma vez que o resultado deste trabalho segue uma linha de investigação que não busca esgotar as questões propostas e respondê-las. É importante afirmar que pouquíssimos trabalhos têm se dedicado a estudar Pelé, e menos ainda na linha que estou desenvolvendo aqui. Este é mais um enigma, que certamente precisaria de um número maior de pesquisas, pois apesar de Pelé ser o brasileiro mais conhecido no mundo e no Brasil, ele não foi e não é até hoje tema privilegiado de estudos.

Os capítulos

Esta tese divide-se em cinco capítulos que apresentam um panorama da construção dos discursos raciais e como estes se relacionam com a vida de Pelé.

O primeiro capítulo descreve Edson Arantes do Nascimento atualmente, e o faz através da análise das propagandas e dos comerciais em que atua e atuou. O capítulo aborda uma pequena história da trajetória de vida e faz uma análise daquilo que foi um de seus principais ofícios depois de ter se aposentado dos campos de futebol: ser estrela de comerciais e peças publicitárias. O objetivo desta parte da tese é o de compreender os significados das mensagens e como elas se apresentam no imaginário social.

O segundo capítulo resgata os discursos raciais a partir da popularização do futebol, procurando entender como a questão racial perpassa o processo de legitimação e ampliação deste esporte na sociedade brasileira, e como pessoas como Pelé, negro e de origem humilde, passaram a enxergar na profissão de jogador de futebol um importante canal de ascensão econômica e social. Para discutir este tema, segui de perto o discurso daquele que mais contribuiu para a constituição do que hoje conhecemos sobre futebol, Mário Filho, tomando aqui o mesmo cuidado para não cair na armadilha de que nos fala Pallares-Burke.

O terceiro capítulo descreve os principais eventos dos anos 1950 e os significados da conquista do primeiro campeonato mundial de 1958, no qual Pelé galgou o estrelato, e as repercussões dos discursos sobre a vitória na sociedade brasileira como um todo. Também são aqui apresentados os discursos raciais construídos no momento daquela significativa conquista.

O quarto capítulo resgata três histórias de vida: a de Leônidas da Silva, a de Garrincha e a de Paulo Cezar Caju, que foram jogadores de futebol em períodos distintos da história deste esporte. Tenho o intuito de demonstrar como o processo de assimilação e/ou marginalização que estes personagens sofreram tem relação com a dinâmica dos discursos raciais desses respectivos momentos históricos.

O último capítulo descreve alguns eventos e fatos dos anos 1970 e a origem das controvérsias sobre Pelé. Argumento aqui que tudo se passou como se as mudanças ocorridas nessa década em relação aos discursos raciais tivessem transformado Pelé de ídolo em antítipo da nova modernidade que se quis instaurar então, e que se quer ainda hegemônica até os dias de hoje. Sustento neste capítulo que há um pêndulo em que se movem os discursos que enfeixam as *personas* Pelé e Edson, e que tal pêndulo vive em equilíbrio instável até hoje.

Capítulo I

"Se eu fosse você, eu faria"¹ – ou como Edson Arantes do Nascimento promoveu a continuidade de Pelé

Só Deus pode explicar que, trinta anos depois de deixar de jogar, eu ainda seja tão conhecido no mundo todo, ainda haja tanta gente esperando pelo Pelé.²

1 – Introdução

Este capítulo fará a descrição e a análise de como Edson Arantes do Nascimento tem narrado sua trajetória, registrada em duas biografias publicadas respectivamente em 1961 e 2006, e também observará e interpretará o que se tornou um de seus principais ofícios depois que se aposentou dos campos de futebol: a aparição constante em peças publicitárias como garoto-propaganda³ de variados produtos. O argumento central apresentado nesta parte do trabalho, e que se desenvolverá ao longo da tese, é o fato de que a forma como Pelé conta a sua trajetória, em especial a profissional, produz uma eficácia simbólica no imaginário social. O efeito positivo dessa narrativa faz com que o personagem possa ser criticado por diversas pessoas de todos os níveis sociais embora permaneça como um “ídolo”. Entretanto, é importante lembrar que tal fenômeno só é possível porque sua imagem está relacionada a períodos históricos importantes da vida social brasileira.

Desde o começo de sua carreira de jogador de futebol, Pelé vem fazendo anúncios de produtos de diversos tipos. Após sua aposentadoria do esporte, que aconteceu definitivamente no dia 1º de outubro de 1977, esta se tornou uma de suas principais atividades, o que contribuiu para que sua imagem continuasse a ser propagada no Brasil e também no exterior. Possivelmente a fama de ídolo e “mito” do futebol seja ainda

¹ Frase proferida por Pelé quando foi estrela do comercial dos Laboratórios Pfizer, veiculada a partir do ano de 2003 por todo o Brasil. A campanha era a favor da conscientização sobre a impotência sexual masculina. Para maiores detalhes sobre a “Campanha Pelé 2003”, consultar o site: http://www.humel.com.br/ampliar/pressKit_Pele_pfizer.swf

² Frase registrada na reportagem do jornalista Luiz Fernando Sá sobre Pelé e as propagandas, em 27 de março de 2002. Disponível no site: http://www.terra.com.br/istoedinheiro/239/negocios/239_pele_garoto_propaganda.htm, intitulada “Pelé, garoto-propaganda do século”.

³ Significa aquele que apresenta determinado produto ressaltando suas qualidades. Expressão utilizada pelos publicitários que são os profissionais responsáveis pela elaboração das peças publicitárias. Tal expressão extrapolou o campo profissional e hoje é bastante recorrente no senso comum, merecendo verbete explicativo nos dicionários da língua portuguesa.

hoje consequência da prolongada carreira nas propagandas comerciais. Esta também é uma das hipóteses levantadas neste capítulo, que explica como sua imagem, apesar de ter parado de jogar bola há mais de trinta anos, mantenha-se viva no imaginário popular.

O personagem Pelé passou a estar presente nos comerciais logo que alcançou seu primeiro título mundial nos gramados, a Copa do Mundo de 1958, na Suécia. Desde então, Pelé não parou de estrelar comerciais e, mesmo depois de sua carreira encerrada, continua sendo uma das personalidades mais requisitadas pelo campo das propagandas. Como mostra a reportagem da revista *Isto É Dinheiro* de 2002:

[...] Trata-se de uma rotina que se repete há 45 anos, desde que o adolescente nascido em Três Corações (MG) vestiu pela primeira vez a camisa da seleção brasileira de futebol. Não há estatísticas sobre a incrível longevidade da imagem do “Atleta do Século”. A *International Advertising Association*, porém, arriscou-se a comunicar que seu rosto é imbatível em número de aparições em peças publicitárias em todo o mundo, dando-lhe, informalmente, um atestado de “Garoto-Propaganda do Século”.

Este trecho da reportagem demonstra a importância das propagandas comerciais para a divulgação da imagem de Pelé. Ele ajudou a vender uma gama variada de produtos e, em razão disto, é impossível fazer aqui uma sistematização de todos os comerciais de que participou ao longo de sua trajetória. Tal catalogação não será o objetivo deste capítulo, nem tampouco contabilizá-los. A linha principal aqui é apresentar como este personagem sobrevive no imaginário popular e quais os significados sociais dessas aparições.

No contexto, este capítulo fará uma demonstração do caso exemplar sobre o qual esta tese pretende debruçar-se. Ele será representativo para procurar entender como os discursos raciais brasileiros foram se modificando ao longo dos anos. O argumento da tese, como foi explicitado na introdução, é o de que Pelé faz parte de um tipo de discurso que está sendo novamente debatido na sociedade brasileira. Por esta razão, observar e analisar um dos canais que o deixam visível hoje em dia é importante para compreender a trajetória deste personagem.

Uma vez mais é necessário ressaltar que o objetivo desta tese não é refazer o percurso de Pelé tal e qual uma biografia requer. A intenção deste trabalho é pensar,

através de um caso, como nos últimos cinquenta anos as discussões sobre raça no Brasil transformaram-se até chegar às idéias atuais. Para analisar esses discursos, foi escolhido retratar a trajetória de uma figura importante e expoente na vida nacional e perceber como os caminhos que percorreu são fundamentais para que se possa entender o debate sobre o tema no Brasil. Argumento aqui que analisar uma trajetória de vida ainda em aberto proporciona a visualização de um feixe de contextos relevantes da vida social. Como a antropologia clássica reporta, olhar para o particular é um dos caminhos para se entenderem as leis gerais da sociedade.

Não estou tentando resolver nesta tese o complexo paradigma indivíduo/sociedade no que concerne ao fato de o indivíduo ser influenciado pela sociedade ou vice-versa. Este debate faz parte das ciências sociais desde a sua formação, e ainda não encontrou consenso. A intenção é selecionar a vida de Edson Arantes do Nascimento como um caso e descrevê-la não biograficamente, mas pinçando fatos relevantes de sua trajetória para verificar as regularidades que possam explicar o papel das escolhas por ele feitas. A estratégia adotada também permite perceber o papel dos processos sociais e da história na delimitação da vida do personagem.

2 – A trajetória do “atleta do século”

Por hora é importante resumir alguns fatos da vida de Edson Arantes do Nascimento e seu caminho em direção à fama. Nos próximos capítulos, alguns destes dados serão aprofundados.

Pelé nasceu Edson Arantes do Nascimento em 23 de outubro de 1940, em Três Corações, no interior de Minas Gerais, filho de Celeste Arantes do Nascimento e João Ramos do Nascimento. Edson tem mais dois irmãos, Jair e Maria Lúcia. Segundo sua biografia, *Pelé – a autobiografia*, publicada em 2006, seu nome foi escolhido como uma homenagem ao inventor da lâmpada elétrica, Thomas Edison. Por erro do escrivão seu nome ficou grafado como Edson sem o “i”. É curioso ressaltar que seu nome, ao longo da vida, foi acrescido de apelidos que pareciam ter uma autonomia em relação ao nome oficial. Ainda na infância ficou conhecido como Dico e, como jogador, virou Pelé. Como ressaltou Luís Henrique Toledo (2005) em seu artigo "Pelé: os mil corpos de um rei", estes nomes são significativos quando se analisa a carga simbólica que cada

um deles carrega no imaginário social. O próprio Edson faz questão de mostrar as diferenças entre esses apelidos. Reproduzo abaixo trecho da reportagem de *O Estado de São Paulo* capturada por Toledo em seu artigo, e que evidencia esta afirmação:

[...] os três são diferentes. Quem segura a barra de Pelé e Dico é o Edson, que nasceu primeiro. Edson é um sujeito responsável, respeitável, por isso, teve condições de proteger o Dico como família e ajudar o Pelé a manter a humildade necessária para chegar ao sucesso sem se desviar no meio do caminho (OESP, suplemento especial, 27/10/1990. Toledo: <http://www.n-a-u.org/toledo1.html>).

Esta passagem do próprio Pelé faz surgir a ponta do *iceberg* do que significa Pelé no imaginário coletivo. A explanação feita na reportagem acima sobre os nomes de Edson está incrustada não só na mente do próprio ex-atleta, mas na forma como os brasileiros personificam esta figura. Na maioria das vezes, os brasileiros comuns, embora incorporando a dicotomia entre Pelé e Edson, o público e o privado, têm representações diferentes e não necessariamente correspondentes à forma como Pelé pensa os seus nomes e aos dois pólos em que dividiu o seu personagem. Edson, para muitos, é o nome dado àquele homem visto pela perspectiva da vida privada de um homem público, o Pelé. Edson, nas representações mais gerais e em várias situações, é tido como um mau exemplo. Segundo esta lógica, Pelé é grandioso, um “mito” que não deve ser profanado. Há quem ainda destaque o Dico, separando-o de Edson, como o menino de 17 anos que ganhou a primeira Copa do Mundo, em 1958.⁴

Esta forma de classificar as esferas da vida construída por Pelé e aceita, de certa maneira, pelo público brasileiro em geral será importante para entender o lugar das representações sobre Pelé e os discursos sobre raça ao longo da trajetória do ex-atleta. Voltarei a ela mais adiante.

⁴ Estas classificações foram retiradas de uma pesquisa realizada informalmente, em 2000, no período de maio a junho, com pessoas que me responderam sobre o que achavam sobre Pelé. Nela era feita apenas uma pergunta a todos os entrevistados: “O que você acha do Pelé?”. Esta pequena pesquisa foi utilizada para a elaboração do projeto apresentado para o curso de doutorado. Defini três grupos: freqüentadores de um boteco na zona sul (bar Picote), que se reuniam para assistir a partidas de futebol, alguns membros da torcida organizada Young Flu, do Fluminense Football Club, e professores da faculdade em que lecionava na época, Faculdades Integradas Dom Bosco.

2.1 – Alguns fatos relevantes de sua vida

Ainda segundo sua autobiografia (2006), seu pai e sua mãe conheceram-se em Três Corações quando pai prestava serviço militar na cidade. A mãe era filha de carroceiro e o pai, além do Exército, ocupava a posição de centroavante no time de futebol Atlético de Três Corações. Esta função não lhe rendia dinheiro, mas dava-lhe certa notoriedade. Nessa época, já era conhecido pelo apelido que o acompanharia por toda a sua vida: Dondinho.

Edson Arantes do Nascimento morou em Três Corações até os 4 anos de idade, quando se mudou para Bauru, segundo diz em sua autobiografia (2006). Antes da transferência de cidade, um fato marcou o menino. Seu pai foi chamado em 1942 para jogar no Clube Atlético Mineiro, considerado na época o maior clube do estado de Minas Gerais, sediado em Belo Horizonte. Foi a grande oportunidade de Dondinho de se estabelecer no futebol profissional. Este esporte já era reconhecido como um dos mais populares no Brasil e sua profissionalização legitimada. Foi na década de 1930 que se deu o embate para retirar esta prática esportiva da categoria amadora e, conseqüentemente, o futebol se transformou em um esporte com ligas nacionais submetidas à Confederação Brasileira de Desportos (CBD), fundada em 1916.

Em 1942, ser jogador de futebol de grandes clubes era considerado uma profissão promissora em termos financeiros e de *status*, pois a profissionalização do esporte já tinha se concretizado.⁵ Por esta razão, conseguir um contrato com o Atlético Mineiro representaria para o pai de Pelé uma melhoria significativa na vida da família Arantes do Nascimento. Dondinho estava de posse do contrato de experiência, e jogaria algumas partidas assim até que os dirigentes do clube avaliassem o seu desempenho. Ele foi escalado para uma partida no Rio de Janeiro contra o São Cristóvão de Futebol e Regatas. Nesse jogo, o desejo de se tornar jogador de futebol famoso acabou. Dondinho sofreu uma contusão no joelho que o levou a abandonar o esporte algum tempo depois.

⁵ Para maiores detalhes sobre a profissionalização do futebol, ler ARAÚJO, Ricardo Benzaquén de. *Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão*. Rio de Janeiro: dissertação de mestrado apresentada no PPGAS/UFRJ, 1980. GUEDES, Simoni. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói (RJ): Editora EDUFF, 1999. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

O contrato não foi efetivado pelo Atlético e ele voltaria a jogar apenas em times de pequeno e médio porte. Já em 1944, segundo a autobiografia (2006), a família mudou-se para Bauru em função de um convite que Dondinho recebeu para jogar no Bauru Atlético Clube, e também porque teria um emprego fixo na prefeitura da cidade.

Sua infância, segundo o próprio Edson, foi pobre, mas não tão ruim quanto se a família tivesse permanecido no interior de Minas Gerais. Seu pai ainda jogou futebol por algum tempo e foi campeão pelo Bauru Atlético Clube na liga interiorana do estado de São Paulo. Isto o fez conhecido na cidade e trouxe alguns benefícios para a família. Sob a sua influência, Pelé começou a jogar futebol profissional no Bauru Atlético Clube, que tinha resolvido montar um time infanto-juvenil profissional para disputar o campeonato do interior.



Time de Pelé no Baquinho, alcunha dada ao time infanto-juvenil do Bauru Atlético Clube
Fonte: http://santos.globo.com/clube_historia_pbiografia.php?cod=4946#topo_chis

Edson, tempos depois, se tornaria um dos principais jogadores do Santos Futebol Clube, no qual atuou de 1956 a 1974.

2.2 – O casamento e os filhos x a ética do trabalho

Pelé casou-se pela primeira vez com Rosemary Cholbi Souto, com quem teve três filhos: Edson (Edinho), Kelly Cristina e Jennifer Cholbi Nascimento. Está casado atualmente com Assíria Lemos⁶ e tem dois filhos, Joshua e Celeste. Além desses filhos, Edson cria a primeira filha de um casamento anterior da atual esposa. Alguns de seus filhos têm dado o que falar na grande imprensa. Edinho foi acusado recentemente de tráfico de drogas e ficou preso por um tempo.



Foto de três gerações: Pelé, seu filho Edinho e o pai Dondinho, já falecido
Fonte: http://santos.globo.com/clube_historia_pbiografia.php?cod=10440#topo_chis

Teve duas filhas reconhecidas fora das uniões matrimoniais. Uma delas, Sandra Regina Arantes do Nascimento Felinto, foi reconhecida apenas após decisão judicial, em 1991. Ela é filha da empregada doméstica Anísia Machado, que Pelé conheceu quando já era noivo da primeira mulher, Rosemary. Todo o processo de reconhecimento de Sandra levado aos tribunais foi debatido amplamente pela mídia, que deu várias versões dos fatos e, finalmente, tomou posição favorável à Sandra.

⁶ Pelé anunciou sua separação de Assíria Lemos em fevereiro de 2008, tendo bastante destaque na imprensa neste início do ano.

A filha do ex-jogador publicou o livro *A filha que o Rei não quis*, em 1998, em que contou toda a sua história desde a infância até a descoberta de que seu pai era Pelé, e a briga nos tribunais pelo reconhecimento de paternidade. Sandra faleceu vítima de câncer de mama em 2006, aos 42 anos. A imprensa noticiou o acontecimento com bastante destaque, principalmente porque Pelé não compareceu às cerimônias do velório e do enterro. A atitude de Pelé em relação à morte de sua filha foi tratada a partir de julgamentos de valor e Edson foi acusado por boa parte da grande imprensa de ter tido “descaso”.⁷

A outra filha, Flávia Christina Kurtz, foi reconhecida em 1990 sem precisar ir à justiça. Sua mãe era a jornalista Lenita Kurtz e o relacionamento aconteceu quando já era casado, em 1968. De acordo com sua autobiografia (2006), Pelé argumentou que não reconheceu Sandra e sim Flávia porque a segunda teria se aproximado dele sem intenção de pedir dinheiro, enquanto a outra só se importava com a quantia que iria receber pelo reconhecimento da paternidade. Para parte dos meios de comunicação, tal versão não é aceita, pois em geral o acusam ser um pai ausente e distante.

Entretanto, no mundo do futebol, é uma tradição que jogadores casados apareçam com filhos provenientes de relacionamentos extraconjugais, o que acaba virando motivo de orgulho. É comum a associação da imagem do atleta à expressão *bad boy*,⁸

⁷ Transcrevo aqui trechos da reportagem da revista *Brasília em Dia*, intitulada “**Que Rei é Esse?**”, de 21 de outubro de 2006. Publicada na ocasião do falecimento de Sandra, demonstra como a grande imprensa discutiu o seu papel de pai durante o acontecimento. “Craque como jogador de futebol, na vida familiar, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, pisou feio na bola, como cidadão e pai. Desta vez ele não chocou a sociedade brasileira da forma em que declarou, em plena ditadura militar, ser contra eleição porque “um povo, que não sabe escovar os dentes, também não sabe votar”. Agora, demonstrou não ter qualquer sentimento de solidariedade humana. [...] Na terça-feira, a vereadora em Santos, Sandra Regina Machado Arantes do Nascimento Felinto (PSC) morreu, aos 42 anos, de falência múltipla dos órgãos, provocada por complicações de um câncer de mama. Pelé não a reconhecia como filha, mesmo depois que um exame de DNA constatou a paternidade, quando só então ela conseguiu usar o sobrenome famoso. Ela nasceu de um relacionamento de Pelé com a dona de casa Anísia Machado e, até seu último dia de vida, procurou se aproximar do pai, que jamais demonstrou reciprocidade de interesse”. A versão completa está disponível no site: <http://www.brasiliaemdia.com.br/2006/10/20/Pagina1058.htm>

⁸ Este termo é frequentemente utilizado pelos cronistas esportivos para designar jogadores que se envolvem em polêmicas, gostam de “noitadas” e possuem uma quantidade substantiva de mulheres em sua vida amorosa. É o caso de Romário, atualmente técnico do Clube de Regatas do Vasco da Gama; na ocasião em que o jogador anunciou a sua “aposentadoria” dos campos, foi divulgada a reportagem no *Universo On Line Esporte* (UOL), intitulada: “Com o adeus de Romário, 'bad boys' dão lugar aos 'embaixadores da ONU’”. Reproduzo trecho da matéria: “[...] Aposentadoria de atacante carioca marca o fim de uma época em que os jogadores polêmicos dominavam os campeonatos e as manchetes; agora, os ídolos ganham até chancela das Nações Unidas para seu bom-mocismo. [...] Gostava sim de noites (“A noite é minha amiga”, disse uma vez). [...] Afeito às mulheres, mas não a pagar pensão alimentícia, foi parar na delegacia.

que significa, entre muitas outras coisas, ter várias mulheres e filhos fora dos relacionamentos oficiais. Pelé nunca se assumiu como um *bad boy*; ao contrário, sempre tentou passar a imagem de bom filho, marido e pai de família. Em sua autobiografia (2006), classificou as suas traições de “fatos lamentáveis” e “breves escapadelas”. Confessou que teve muitas namoradas, mas só depois do divórcio de sua primeira esposa. De acordo com ele, namorou tantas mulheres porque possuía “alguns hormônios” na adolescência que persistiram na vida adulta.

Mesmo em sua primeira biografia, a de 1961, intitulada *Eu sou Pelé*, publicada quando ele tinha 20 anos, esta imagem foi reproduzida no final do livro, quando falou do desejo de se casar. Insiro aqui alguns trechos:

[...] O “Pelé” vai morrer solteiro. Quando eu for apenas o Edson Arantes do Nascimento, quando já não falarem tanto de mim como jogador de futebol, aí, então, procurarei uma companheira que possa me dar os filhos que tanto desejo. [...] Nunca poderei saber se elas gostam de mim, como o homem que sou, ou se querem apenas o “Pelé”. Como Pelé não será eterno, corro o risco de não encontrar uma esposa também eterna, nesta altura da minha vida. Esperarei que apareça alguém que goste do Edson (:184).

Nesta passagem, Pelé explicitou o desejo de encontrar a esposa ideal e formar uma família com filhos. Esta imagem de homem responsável que espera construir um futuro seguro, baseado nos mais tradicionais preceitos familiares, corrobora a sua descrição, na segunda biografia (2006), quando tratou de seus casos extraconjugais como “fatos lamentáveis” e “breves escapadelas”, confissões de atos que não deveriam ter acontecido.

Com relação à criação dos filhos, assumiu em sua biografia (2006) e em inúmeras reportagens que foi um pai ausente para os três filhos do primeiro casamento. Tal afirmação veio depois que seu filho Edinho foi preso em Santos sob a acusação de tráfico de drogas. No seu livro, no capítulo dedicado à família, Pelé destinou boa parte das páginas para um relato detalhado da prisão de seu filho e dos motivos que, em seu papel de pai, poderiam ter contribuído para o envolvimento de Edinho com “as más companhias”, como ele disse. Como afirma na autobiografia (2006), a causa de seu

Após a separação, sua primeira mulher, Monica Santoro, denunciou, e ele acabou investigado pela Receita Federal”. Disponível: http://esporte.uol.com.br/reportagens/especial_85.jhtm. Publicado em 28/12/2004.

filho ter seguido esse caminho foi a imaturidade dele, Pelé, e os vários compromissos que tinha como celebridade e que o deixavam distante dos filhos.

Curiosamente, o capítulo “Família” do mesmo livro é separado da parte destinada a descrever suas aventuras amorosas. Esta, intitulada “Cidadão do Mundo”, começa relatando como e por que recebeu este título, em 27 de setembro de 1977, da Organização das Nações Unidas (ONU). Encerrou o capítulo falando de sua atual família e como tem lidado com os filhos mais novos do casamento com Assíria: um pai mais presente e ativo.

Os capítulos “Cidadão do Mundo” e “Família” compõem a parte final da autobiografia e nem chegam a ocupar metade das páginas de um total de 298 que é dedicado a contar sobre a sua inserção desde menino nos campos de futebol. Da mesma forma que escreveu em sua primeira biografia (1961), na qual retratou seu desejo de casar e ter filhos na penúltima página do livro, Pelé sempre divulgou muito pouco a sua vida pessoal, e parte do que hoje assume como verdade sobre sua vida já vem sendo especulado e noticiado pela grande imprensa há muito tempo.

É curioso ressaltar que Pelé foi criado sob uma moral católica rígida, fato presente na reportagem especial da revista *Época* de 2005, “O descanso do Rei”, reportagem de capa da revista intitulada “Pelé abre o jogo”.⁹ Tal noticiário destaca a exigência de sua mãe de construir três capelas na fazenda que possui na divisa dos municípios de Registro e Juquiá, no interior paulista. Isto também é confirmado por Pelé em seu livro quando descreve a felicidade de estar casado com Assíria. Sua esposa é cantora evangélica e, segundo ele, levou-o de volta à religião e a Deus. Não se pode afirmar que o fato de ter tido uma educação moral muito severa tenha produzido, como consequência, a forma reservada de falar da vida pessoal, mas talvez sua formação possa ter contribuído para que esta parte da vida tivesse sempre menor peso quando resolvia falar de si. Sua moral católica pode estar por trás de suas declarações sobre seus casos amorosos ao qualificá-los de “fatos lamentáveis” e “escapadelas”, pois os assume em tom de confissão.

Pelé é assim. Fala pouco da sua vida pessoal e muito do trabalho e dos sacrifícios que fez para chegar onde está. Isto também pode ser explicado pela moral católica

⁹ Reportagem especial da revista *Época*, Edição n.388, Editora Globo, de 24/10/2005.

rígida que fez parte do início da sua vida. Como bem abordou Luís Henrique Toledo (2005) em seu artigo, o personagem adquiriu o *ethos* moral da ética do trabalho que carregou ao longo da sua trajetória. Um exemplo desta afirmação está em outro título publicado sob a alcunha de Pelé, *Jogando com Pelé*, de 1974, pela editora José Olympio. Este livro é um programa de treinamento com dicas sobre como aprender a praticar futebol, endereçado a iniciantes e aos que queiram ingressar no mercado profissional. Nesta obra, Pelé destacou já na introdução:

[...] Não sou muito adepto da teoria de que um jogador já nasce feito. Você pode nascer com certas aptidões, dom ou talento. Mas que você, ao nascer, já está destinado a ser um craque de bola, sinceramente, não acredito e não concordo. Sucesso não é acidente. É trabalho, perseverança, aprendizado, estudo, renúncia e, acima de tudo, muito amor àquilo que se está fazendo, ou preparando-se para fazer (:1).

O trecho reproduzido é um bom exemplo de como a ética do trabalho está presente nos discursos proferidos por Pelé e acabou colada à sua imagem. O sucesso é fruto de uma atitude ascética em relação ao ofício ao qual se dedica. Esta é a mensagem que Pelé está sempre querendo transmitir. Suas biografias, ao todo duas, também estão voltadas à descrição de seu ascetismo profissional.

Poder-se-ia cair em algum pensamento determinista que afirmasse que, portanto, Pelé é uma figura excepcional ou fora do comum em função da moral e da ética que apresenta no trabalho, o que resultou em sucesso. Entretanto, o meu argumento é o de que o entendimento de seus discursos sobre trabalho, sucesso, profissionalismo e disciplina não fazem parte de uma característica individual do caráter deste ex-jogador, mas sim de uma lógica contextual importante da vida brasileira.

O homem que não mudou a aparência desde que começou a jogar futebol; conserva ainda o mesmo corte de cabelo e nunca aderiu às inovações estilísticas próprias da época em que viveu. Chegou ao século XXI com a mesma fisionomia de quando era atleta. E é esta imagem que as empresas publicitárias compram e que é repassada aos vários produtos que ajuda a vender e aos quais está associada.¹⁰

¹⁰ “O Pelé é um garoto-propaganda perfeito porque está nos sonhos do brasileiro, do afegão ou do japonês”, afirma Paulo Nassar, diretor-executivo da Associação Brasileira de Comunicação Empresarial. Afirmação dada à reportagem da revista *Isto É Dinheiro*. Disponível no endereço: http://www.terra.com.br/istoedinheiro/239/negocios/239_pele_garoto_propaganda2.htm

Passo a seguir a descrever como a imagem que construiu no campo profissional também é importante para ser vendida em comerciais.

2.3 – Pelé e o percurso do futebol brasileiro

Esta parte do trabalho apresenta uma temática que será expandida no próximo capítulo, o qual se debruçará sobre o nascimento do futebol no Brasil. Este é um campo que tem produzido nas ciências sociais informações relevantes. Neste ponto, importa atentar para as linhas gerais desta história para que se possam entender as várias faces das representações de Pelé nos comerciais publicitários. Boa parcela das aparições de Pelé em comerciais está vinculada à sua trajetória como jogador de futebol. Produtos relacionados à força física, como o energizante Vitasay ou material esportivo, como a Topper, entre outros, utilizam-se de sua fama no futebol para fazê-lo estrelar nas propagandas.

Aos 17 anos Pelé foi campeão mundial na Copa do Mundo de 1958, na Suécia. Tornou-se grande astro do Santos Futebol Clube e atingiu o ápice da carreira ao conquistar o tricampeonato mundial de futebol no México, em 1970. Quando deixou o esporte, Pelé transformou-se em um bem-sucedido homem de negócios e, simultaneamente, em uma “lenda viva” do futebol no mundo inteiro. Ressalto aqui algumas reflexões do jornalista Mário Filho (1963) em seu livro *Viagem em torno de Pelé* a respeito do que ele representa:

[...] daí a importância de Pelé, o rei do futebol, que faz questão de ser preto. Não para afrontar ninguém, para exaltar a mãe, o pai, a avó, o tio, a família pobre de pretos que o preparou para a glória. Nenhum preto, no mundo, tem contribuído mais para varrer barreiras raciais do que Pelé.

Tornou-se o maior ídolo do esporte mais popular da terra. Quem bate palmas para ele, bate palmas para um preto. Por isso Pelé não mandou esticar os cabelos: é preto como o pai, como a mãe, como a avó, como o tio, como os irmãos. Para exaltá-los, exalta o preto¹¹ (:27).

Nas palavras de Mário Filho, Pelé representa o futebol brasileiro bem-sucedido e que insere o negro definitivamente como figura de grande destaque nas maiores conquistas do esporte. Segundo José Jairo Vieira (2003) em sua tese *Paixão nacional e*

¹¹ FILHO, Mário. *Viagem em torno de Pelé*. Prefácio. Rio de Janeiro: Ed. Autor, 1963.

mito social: a participação do negro no futebol – profissionalização e ascensão social, o negro passou a ser considerado um personagem importante após a conquista da Copa de 1958, na qual Pelé e Garrincha praticamente garantiram o campeonato para o Brasil. Antes, porém, havia certa resistência dos “grandes clubes” em contratar negros.

Com a profissionalização do esporte, este quadro modificou-se e, cada vez mais, negros e mestiços foram se fixando nos times de primeira linha. Outros autores têm discutido a relação entre o negro e o futebol e argumentam que tal história sobre o início do futebol como um esporte majoritariamente da elite é bastante problemática. Autores, como Antonio Jorge Soares, afirmam que a entrada e a difusão do esporte no Brasil foram bastante amplas em todo o território nacional e, portanto, havia outros atores envolvidos nessa expansão, seja em termos de classe, seja em termos de *cor*. A visão do futebol praticado apenas por uma elite econômica e branca representa um dos aspectos históricos desta modalidade esportiva e não pode ser generalizado para a sua trajetória na sociedade brasileira. É o que argumenta também o historiador Leonardo Affonso de M. Pereira, que investigou fontes primárias sobre o início do futebol no Rio de Janeiro.¹²

A perda da Copa de 1950 para o Uruguai, em pleno estádio do Maracanã, segundo Mário Filho, fez ressurgir as teorias racistas que explicitavam serem os negros e mestiços deficientes. A suposta incapacidade dos brasileiros de suportarem grandes pressões em consequência da miscigenação e a impossibilidade de praticarem um futebol racional como os europeus fizeram recair sobre jogadores negros e mestiços todo o preconceito que existia desde o início do esporte no país. Já a vitória em 1958, para o autor, revelou a mudança de tal paradigma no futebol brasileiro.

Não é preciso dizer que tanto o primeiro argumento, que diz respeito à incapacidade brasileira, como o segundo, que ressalta um modo próprio de jogar futebol, têm algo em comum: a utilização da raça como elemento discursivo e explicativo. As crenças do senso comum estão presentes nas teorias “futebolísticas” que tratam da existência de características biológicas da raça, formuladas pelos

¹² Ver SOARES Antonio Jorge; HELAL, Ronaldo & LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. E também PEREIRA, Leonardo Affonso de M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

comentaristas esportivos. Essas noções aparecem em duas vertentes: a primeira que acredita numa inferioridade racial do brasileiro, com pouca competência para o futebol; a segunda que argumenta que a composição racial brasileira produz uma maneira diferente de “fazer futebol”. Esta segunda idéia mantém-se atual.¹³ Quando os jornalistas do futebol discutem, sempre surge a oposição futebol brasileiro x futebol europeu. Segundo esta máxima, o Brasil não deve se “europeizar”, pois a chave do sucesso do nosso futebol está na imprevisibilidade inata dos brasileiros.¹⁴

A utilização da imagem de Pelé pela propaganda está associada, em parte, à conquista de prestígio e *status* alcançados pelo futebol. Como foi dito acima, o personagem Pelé virou símbolo da superação da idéia de que o Brasil era malsucedido por ser uma nação negra e mestiça, dessa forma incapaz de se igualar às grandes nações européias. A partir da conquista de 1958, ser negro no futebol tornou-se a expressão de um “dom natural da própria raça” que criava uma especificidade para o esporte desenvolvido nos trópicos. Este seria um futebol mais intuitivo, cadenciado, ou seja, “o futebol-arte”,¹⁵ originado da própria mistura de raças brasileiras, o que fazia com que o jogador tivesse uma maneira *sui generis* de jogar.

3 – Campo publicitário: uma visão antropológica e os estudos sobre raça e propaganda no contexto brasileiro

Antes de entrar na análise propriamente dita dos comerciais em que Pelé foi e continua sendo garoto-propaganda, vou procurar entender como a antropologia vem utilizando suas ferramentas teóricas para pensar o campo publicitário.

¹³ Tais considerações têm como origem pessoas entrevistadas na exposição sobre Pelé – “A Arte do Rei” – promovida pela Casa França-Brasil, no Rio de Janeiro, em 2002.

¹⁴ Ver Guedes, Simoni. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.

¹⁵ Defino aqui “futebol-arte” como o antropólogo Luís Henrique Toledo (2005) o fez em seu artigo “Pelé: os mil corpos de um rei” que, em geral, é utilizado em oposição ao chamado “futebol-força”. No “futebol-arte” o jogador atua na forma do “improviso” e “ginga”, enquanto o outro tipo é baseado especificamente na “técnica”. Para o autor, estas definições estão relacionadas a um conjunto simbólico mais amplo e, em muitos casos, vinculadas às classificações sociais, políticas, raciais e históricas dos países que “adotam” cada uma destas modalidades.

A análise antropológica¹⁶ pode ser interessante e enriquecedora para apreender determinados significados contidos nas imagens da propaganda, pois estas reforçam ou reinventam representações sobre situações sociais particulares. A sociedade moderna sofreu nos últimos anos um aumento da informação visual, principalmente no âmbito das mídias. Nos dias atuais, pode-se afirmar que qualquer informação, mesmo a jornalística, tem na imagem um fator importante de convencimento do público e de entendimento do fato noticiado.

As propagandas publicitárias têm como objetivo principal vender produtos e abrir mercados, aumentando assim o consumo dos objetos anunciados. Além deste objetivo mais pragmático, pode-se dizer que os comerciais reproduzem representações da vida social moderna. Segundo Everardo Rocha (1995), em seu livro *Magia e capitalismo: um estudo antropológico sobre a publicidade*, as propagandas não vendem apenas geladeiras, fogões, máquinas de lavar. Elas são capazes de “vender estilos de vida, gostos e visões de mundo” (1995:27), pois personificam os objetos, criando vida para eles que estabelecem relações sociais próprias: não se compra uma geladeira, mas sim aquilo que traz modernidade e, por isto, é eficaz como a mulher moderna exige.

Pode-se afirmar, assim, que o estudo da publicidade deve ir além da razão prática, como afirma Marshall Sahlins (2003) em *Cultura e razão prática*. Para isso, é preciso interpretar os significados inseridos nos sistemas simbólicos do consumo e verificar como é organizado culturalmente. As peças publicitárias, conseqüentemente, são as representações desses sistemas e, por esta razão, importantes fontes de entendimento da sociedade atual.

A partir do início dos anos 1990, o campo acadêmico brasileiro passou a dar importância aos estudos sobre os significados das propagandas no que diz respeito à questão racial. Alguns estudiosos começaram a utilizar a metodologia de análise da propaganda para entender qual a importância da presença de modelos negros e mestiços nas mídias. O que muito se discutiu nessa primeira década de estudos foi que a invisibilidade dos negros e dos mestiços na sociedade era reproduzida nos canais

¹⁶ Ver: Canclini, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos*, 1997; Baudrillard, Jean. *O sistema dos objetos*, 1997, Rocha, Everardo. *Magia e capitalismo*, 1995; Sahlins, Marshall. *Cultura e razão prática*, 1979, entre outros.

mediáticos.¹⁷ Segundo esses estudiosos dos anos 90, as poucas ocasiões em que negros e mestiços apareciam nas propagandas ou na TV eram aquelas em que exerciam funções desqualificadas.

No início da década de 2000 viu-se uma mudança neste padrão. Passou-se a ter a presença de não-brancos com mais frequência desempenhando funções que não os colocavam como parte da criadagem, ou sendo meros personagens da época da escravidão. Peter Fry (2002), em seu artigo *Estética e política: relações entre “raça”, publicidade e beleza no Brasil*, enfatizou este argumento. Para o autor, o número de modelos e atores negros nos comerciais não teve um aumento tão significativo, mas houve uma melhora qualitativa das imagens apresentadas. Os negros e os mestiços não eram colocados, naquela época, apenas como parte da criadagem, se bem que estes personagens não deixaram de existir, segundo Fry (2002). Contudo, apareceram anúncios com modelos e atores negros em que as mensagens passavam uma idéia “contra-intuitiva”, fugindo da regra tradicional da utilização dos personagens em situação de subalternidade.

Entre as razões levantadas para tal transformação estão as reivindicações dos movimentos negros, que sempre tiveram a questão da maior presença de modelos negros na TV ou na propaganda como uma de suas bandeiras de luta.¹⁸ No campo publicitário, a justificativa para um maior número de comerciais que veiculassem atores e modelos negros e mestiços era explicada pelo poder socioeconômico destes grupos. Em meu trabalho de mestrado, *Menino do Rio: cenários do negro na propaganda* (2000), uma das sessões discutidas foi o campo publicitário.

Entrevistei um profissional desta área que naquela época havia sido o mentor das propagandas da Prefeitura do Rio de Janeiro que analisei. As peças publicitárias tinham como principal personagem um menino negro que representava vários personagens interagindo com os cenários do Rio de Janeiro. Quando perguntado sobre o porquê do aumento de modelos negros nas propagandas, ele respondeu que o grupo estava consumindo mais e, portanto, a publicidade voltava-se para este nicho de mercado. Já ao

¹⁷ Ver Silva, Denise Ferreira. *O reverso do espelho: o lugar da cor na modernidade. Um estudo sobre mito e ideologia racial nas novelas da TV Globo*. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 1992; Sodré, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Rio de Janeiro: Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

¹⁸ Ver FARIAS, Patrícia. *Belezas negras à vista: a presença negra na publicidade brasileira dos anos 70*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2003.

perguntar os motivos que o levaram à escolha do ator “mirim” negro, garoto-propaganda dos comerciais que analisei, o mesmo publicitário afirmou ser ele “a cara do Rio de Janeiro”. É válido lembrar que então estava em vigor uma lei de cotas que obrigava a Prefeitura a contratar modelos e atores negros em seus comerciais e da qual o profissional insistia em afirmar não ter conhecimento, enfatizando, assim, a autonomia do campo publicitário em relação às pressões sociais.

O exemplo exposto acima evidencia o argumento de Peter Fry (2002) apresentado em seu artigo, quando afirmou que o aparecimento dos anúncios com mensagens “contra-intuitivas” não necessariamente está relacionado a uma demanda da “classe média”, mas sim que o mesmo processo é “constituente da própria formação desta classe média” (2002:306). Tal idéia também foi aprofundada em meu trabalho de mestrado ao analisar os significados dos pensamentos do publicitário entrevistado. Este argumento pode ser explicativo do fato de ainda se ter um número pequeno de anúncios deste tipo, além da permanência dos comerciais tradicionais em que os modelos e os atores negros representam papéis subalternos.

A partir das idéias acima expostas, passo a analisar os comerciais em que Pelé participou. A importância de se pensar sobre essas propagandas está sobretudo no fato de que o ex-jogador nunca deixou de aparecer nas mídias desde a Copa de 1958, quando o Brasil sagrou-se campeão superando a tragédia produzida pela Copa de 1950, na qual o time brasileiro foi derrotado no Maracanã na última partida. A presença de Pelé nas mídias é um fato que precisa ser explicado, porque sua presença sempre foi constante e transita não só através das mensagens tradicionais, como também pelas “contra-intuitivas”, as quais muitas vezes se fundem em um só comercial.

4 – Uma peça publicitária: a exposição “Pelé: a arte do Rei”

A exposição intitulada “Pelé – A Arte do Rei” percorreu várias localidades, dentro e fora do Brasil. Acompanhei esta exposição em 2002 na Casa França-Brasil, no Rio de Janeiro. O evento teve como objetivo mostrar fatos e objetos que fizeram parte da trajetória pessoal e profissional do ex-atleta. Foi patrocinado pela Coca-Cola S/A, pois Pelé é o garoto-propaganda da marca.

Apesar de ter sido uma exposição e não propriamente uma propaganda, pretendo tratar este acontecimento como uma grande peça publicitária da Coca-Cola, pois em vez de Pelé ter sido o garoto-propaganda que representava um produto, a empresa de bebidas foi a garota-propaganda da marca “Pelé”. Neste sentido, não é minha intenção entrar no debate sobre patrimônio e memória, próprios de quando se analisam exposições. Segundo declarou o presidente da Coca-Cola na época, Stuart Cross, no documento oficial da exposição na Casa França-Brasil, o acordo fechado entre Pelé e a empresa era por três anos. Além dos comerciais da marca de refrigerantes estrelados por Pelé, a Coca-Cola responsabilizou-se em montar esta exposição itinerante sobre a sua vida, que passou por vários estados do Brasil e por alguns outros países.

4.1 – A descrição do “comercial”

A exposição, como foi dito acima, aconteceu na Casa França-Brasil, lugar que já foi palco de grandes mostras culturais. Ela ali permaneceu entre os dias 23 de abril e 23 de junho de 2002. Este evento antecedeu à Copa do Mundo de 2002 e a grande intenção era mostrar ao público a vida e a obra de um dos maiores jogadores de futebol de todos os tempos.¹⁹

A mostra ocupou todo o espaço da Casa e já impressionava desde a entrada. O visitante tinha a sensação de estar a caminho de um grande campo de futebol, adentrando o chamado “fosso”, passagem que vai do vestiário ao gramado. As vozes da torcida eram reproduzidas neste túnel improvisado para dar maior realismo e possibilitar ao visitante experimentar fielmente a sensação de ser um jogador de futebol. Esta primeira parte da exposição chamava-se “Túnel-torcidas”. Terminado o túnel, as vozes explodiam em alegria gritando o nome Pelé. Ao final, o visitante se deparava com um imenso telão que projetava as jogadas executadas por Pelé em diversos jogos; o espaço era intitulado de “Telão multivisão ballet Pelé”. Antes de entrar no túnel, o espectador assistia a um vídeo institucional da Coca-Cola, no qual Pelé falava sobre a exposição e a empresa.

A exposição dividia-se em oito módulos que descreviam quase todos os acontecimentos vividos pelo ex-jogador. Como Toledo (2205) demonstrou em seu artigo,

¹⁹ As informações sobre a estrutura da exposição foram extraídas de folhetos explicativos que eram usados pelos guias do evento. Este material encontra-se em anexo.

“Pelé vivenciou ou experimentou quase todas as dimensões do social, econômico, estético e político” (2005:3). Tudo isto estava presente nas várias sessões assim denominadas: “Módulo do Milésimo Gol”, “Módulo Edson”, “Pelé, o Rei”, “Santos”, “Jules Rimet”, “Seleção Brasileira”, “Atleta do Século”, “Cosmos”.²⁰ Todos os módulos possuíam uma boa documentação e apresentavam objetos pessoais de Pelé. Para completar, havia ainda outras sessões, como a “Contextualização histórica” e a “Galeria de obras de arte”, esta última tendo como uma das maiores atrações um quadro pintado por Andy Warhol e que pertence ao acervo particular do ex-jogador.

Havia uma sessão intitulada “Linha do Tempo Pelé” que mostrava o vídeo “Edson Arantes do Nascimento”, um documentário que relatava a sua vida desde a infância “até a transformação do homem em mito”. Em seguida, a “Parede Troféus” que continha todos os prêmios recebidos ao longo de sua carreira como profissional do futebol. Por último, a “Arquibancada – Telão Grandes Jogadas” que reproduzia os filmes já apresentados na entrada da exposição, depois que o visitante saía do túnel. A diferença é que o visitante tinha a oportunidade de assistir às jogadas de Pelé sentado em uma instalação que reproduzia as arquibancadas de um estádio de futebol.

Uma das peças que mais impressionavam era uma estátua de Pelé em tamanho natural, vestido com o uniforme da seleção brasileira. Ela foi criada por uma artista plástica japonesa que dizia ser sua fã. Os seguranças e os guias da exposição tinham, então, dificuldades para não deixar o público fotografar. A sensação de todos era a de que Pelé estava ali em pessoa, ao alcance das mãos.

4.2 – A pesquisa

Ao longo dos dois meses em que a exposição esteve aberta ao público, fiz observação participante com o objetivo de saber o que as pessoas pensavam, ou se tinham algumas informações sobre Pelé antes de entrarem na Casa França-Brasil, e como suas idéias iniciais foram transformadas pela exposição. Para este fim, entrevistei ali várias

²⁰ Seguindo esta ordem, o primeiro contou sobre o milésimo gol: como aconteceu, local, data etc. O segundo descreveu a sua vida em família e passagens da época de sua infância e juventude. O terceiro, o Rei Pelé, mostrou, segundo documento descritivo da exposição, a ascensão “do estatuto de homem ao de Rei”. O quarto explicou sua carreira no Santos Futebol Clube. O quinto, a conquista das três Copas do Mundo: 58, 62 e 70. O sexto, a sua passagem pela seleção brasileira. O sétimo contou toda a história de como foi eleito o atleta do século. E o último detalhou sua passagem pelo Cosmos, time americano em que Pelé jogou até 1977.

pessoas e também observei, ao longo de vários dias, quem freqüentava a exposição, como reagiam e o que diziam.

Na época, conheci a então diretora do museu, Dalva Lazaroni, por intermédio de uma colega de pesquisa que estava trabalhando como guia da exposição. Dalva colocou-me, então, em contato com Elizabeth Camarão, que era assessora de imprensa da Casa. Ela me passou o material disponível na época, como a cartilha que os guias tinham que estudar para apresentar a exposição e também um caderno com todas as reportagens que se referiam ao evento.

Infelizmente, não consegui liberação para filmar ou fotografar a mostra. Assim sendo, decidi concentrar-me nos visitantes e em suas impressões antes e depois da visita. É óbvio que o olhar dos entrevistados era influenciado pela exposição, que tinha como objetivo valorizar a trajetória de Pelé. Era raro o caso de alguém que tivesse alguma antipatia por Pelé sair da exposição com essa mesma idéia sobre ele. As entrevistas foram bastante significativas, pois revelaram qual era a imagem atual do ex-atleta.

A equipe da Casa foi bastante solícita e Elizabeth, a assessora de imprensa, conseguiu meninos do projeto TV Morrinho para me auxiliarem no levantamento sobre a exposição. Este projeto, que é realizado na comunidade do Pereirão em Laranjeiras e existe ainda hoje, tem como um dos seus objetivos o treinamento de jovens para atuarem na televisão e no cinema. Em 2002, um dos principais coordenadores era Francisco Franca que sugeriu que as entrevistas fossem filmadas e montadas pelos meninos do projeto. E assim aconteceu. Foram produzidas duas fitas em que os visitantes da exposição respondiam a perguntas previamente formuladas sobre o que pensavam de Pelé e da exposição.

4.3 – Algumas considerações sobre as entrevistas

As entrevistas foram filmadas na entrada e na saída da exposição. Durante a semana eram cobrados ingressos que, na época, variavam em torno de R\$ 2 a R\$ 4. Aos domingos a entrada era gratuita. Boa parte das filmagens aconteceu neste dia da semana. O contingente de pessoas que assistiu ao evento foi bastante variado, principalmente no dia em que era concedida a gratuidade. A exposição recebeu uma divulgação intensa da

mídia, o que contribuiu para atrair um público grande e bem diversificado socialmente.²¹ O momento também era propício: em ano de Copa do Mundo, boa parte dos eventos relacionados ao futebol tem boas chances de ser um sucesso. No período que antecede à competição, os brasileiros vivem a expectativa de sua chegada e há uma preparação ritual para a Copa. No Rio de Janeiro, as ruas da cidade e o comércio ficam enfeitados, portanto, em qualquer evento que faça alusão ao futebol há um retorno certo.

O público, em sua maioria, afirmava ir à exposição por curiosidade em saber mais sobre a vida de Pelé, e muitos admitiram que não tinham simpatia pelo ex-atleta. As causas mais enunciadas sobre a razão de não admirarem Pelé estavam relacionadas ao fato de o ex-atleta ter namorado e casado apenas com mulheres “brancas”, o que muitos condenavam por considerarem tal atitude racista. Eis aqui um exemplo desta idéia: [entrevistado 1] “Não tinha uma boa imagem dele porque as pessoas diziam que ele tinha negado a cor dele”. [entrevistado 2] “Não gosto muito dele. Só quer casar com branca”.

Estas falas representam bem a visão de Pelé no imaginário popular. O público que foi ver a exposição de fato dizia que, apesar de o ex-jogador ter conquistado sucesso, isto não o fez assumir uma bandeira de luta em favor das causas negras, o que era encarado negativamente. “Casar com brancas” significava para os entrevistados que Pelé negava a sua cor. Unir-se a uma mulher branca é uma forma, segundo os que visitaram a exposição, de Pelé escamotear sua “negritude”. Para o ex-atleta, ter se casado com brancas faz parte da forma como ele fez suas escolhas. Segundo afirmou Pelé em entrevista à revista *Época*, na reportagem “O descanso do Rei”: “fiz tudo o que podia pela união dos povos. Sou negro e casei com uma branca”.

Laura Moutinho (2004)²² analisou os relacionamentos “heterocromáticos”, demonstrando como eles se formaram no Brasil e na África do Sul. Através de suas pesquisas, a autora, se debruçou sobre o par “homem negro” e “mulher branca”, entendido pelo senso comum como uma relação movida pelos interesses (econômicos e raciais) de ambos, portanto desprovido de “afeto e desejo sinceros”. Ao percorrer a literatura e os escritos sociológicos, Moutinho (2004) percebeu que essa união representa um “tabu” no caso brasileiro, pois une as características negativas de ambos os

²¹ Algumas destas reportagens encontram-se nos anexos.

²² *Raça, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul*. São Paulo: Unesp, 2004.

pares, em relação ao que se propõe ideal ao processo de miscigenação positivo (homem branco como o personagem principal deste processo). Para a autora, isto explica o porquê de boa parte dos romances em que se retrata o relacionamento entre homem negro/mulher branca terminarem em tragédia.²³

O que Pelé acredita ser a “união entre povos” representa, nesse mesmo imaginário social, uma mensagem de negação da sua cor e também de suas origens. Vale ressaltar que a exposição redimensionou, contudo, este aspecto. Os entrevistados ressaltavam o quanto sua percepção sobre tal “defeito” do ex-jogador mudava quando passavam a conhecer as várias facetas que compunham os personagens Pelé. Naquele momento, os entrevistados colocavam em pauta a dicotomia Edson/Pelé. Muitos diziam após a visita que ficaram conhecendo melhor o Edson, pois até aquele momento só sabiam a respeito de Pelé:

[entrevistado 1] O que mais me chamou a atenção foi a vida do Edson porque ele era uma pessoa humilde. [entrevistado 2] A exposição está perfeita, reúne o Pelé em toda a sua dimensão, por isto, passei a conhecer mais da vida do Edson. [entrevistado 3] A imagem da exposição me confirmou o que eu já sabia do Pelé: é grandioso. O que mudou é que passei a conhecer mais o Edson.

Estes exemplos mostram bem a complexidade da relação Edson/Pelé. A exposição apresentou ambos em uma relação de igualdade. Praticamente metade da exposição colocava em cena o Edson, ora em momentos que retratavam a sua infância e juventude pobre – sua vida como engraxate e vendedor de pastéis em Bauru; o começo da carreira no Santos Futebol Clube, ora na atualidade, a vida em família com a sua atual esposa e filhos. Todos estes fatos operavam, em geral, em uma forma de conciliação entre o público e Edson.

Na exposição, uma das maiores polêmicas que envolvem a trajetória do astro – a questão racial – era deixada em suspenso para o público poder admirar igualmente os dois personagens. A imagem de Pelé ia assim se refazendo à medida que os visitantes tomavam contato com Edson. Apesar desses conflitos não desaparecerem totalmente, o

²³ No trabalho, Laura Moutinho (2004) afirmou que, apesar das estatísticas do IBGE e trabalhos sociológicos apontarem para uma regularidade maior entre casamentos heterocromáticos (homem negro/mulher branca), os discursos no Brasil apresentavam o par homem branco/mulher negra como o mais recorrente. Segundo a autora, o homem negro, neste sentido, desaparece do processo de “mistura”, valorizando assim, a lógica da miscigenação entendida como aceitável na vida social brasileira.

comercial da exposição em que o ex-atleta aparecia permitia um realinhamento das representações cotidianas sobre estes dois personagens, principalmente refazendo a imagem de Edson, que sofre com frequência acusações públicas.

4.4 – Pelé: o “homem-marca”

A exposição funcionou como uma peça publicitária, porque proporcionou a venda do “produto” Pelé e de seus personagens de uma forma diferente daquela a que o público estava acostumado. Os eventuais conflitos que existiam nas representações destas imagens eram constantemente reelaborados e amenizados em razão da forma como a mostra estava organizada. A exposição aglutinava fatos e feitos a partir da interpretação que o próprio rei do futebol faz da sua vida profissional e pessoal.

É curioso ressaltar que em relação a outros astros dos esportes, do cinema ou da TV o ex-atleta não lançou muitos produtos que tivessem a sua marca. Um exemplo disto é a comparação que se pode fazer com a Xuxa. Estrela de televisão para o público infantil, segundo Vanessa de Campos (2006),²⁴ um dos meios desta celebridade operar a manutenção de sua imagem diante de seu público – e com isto gerar boa parte de sua renda financeira – é a produção de objetos que levam o seu nome, o que a autora denomina de “império Xuxa”.

O grande contingente de comerciais que o ex-jogador protagoniza faz parte de um leque de marcas sem igual.²⁵ É impossível aqui afirmar que esta opção de transformar Pelé em um símbolo que vende qualquer produto tenha sido consciente. O fato é que Pelé converteu sua imagem em uma marca conceituada e desejada pelas maiores empresas estrangeiras e nacionais, e a veiculação da sua imagem mantém o seu nome no imaginário social. O ex-jogador conseguiu imortalizar-se para o público estrelando comerciais de produtos diversos, transformando-se, assim, em sua própria marca, ou “o homem-marca”.

²⁴ "Consumo e beneficência: duas visões do *potlatch* na relação da celebridade Xuxa com seus fãs". Artigo apresentado no 30º. Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) no Seminário Temático 04, coordenado pelos os profs. Peter Fry, Everardo Rocha e Esther Hambúrguer.

²⁵ Na reportagem, *Isto É Dinheiro* trouxe uma lista de alguns dos produtos em que Pelé era garoto propaganda; são eles: Mastercard, Nokia, Coca-Cola, Petrobras, Vitasay (vitaminas), Probel (colchões) e Golden Cross.

É impossível afirmar ou precisar que Pelé foi o pioneiro nesta estratégia ou que seja o único caso ao longo desses anos. Mas no caso brasileiro tem sido possivelmente um dos mais antigos e bem-sucedidos exemplares de “homem-marca”. O ex-jogador fez algumas tentativas de lançar produtos com o seu nome mas, segundo ele em sua autobiografia (2006), foram malsucedidas. De fato, existem atualmente poucos produtos que tenham o nome do ex-jogador. Contudo, como marca, tem obtido sucesso.

Na década de 1970, Hunter S. Thompson²⁶ (jornalista esportivo) publicou em uma coletânea um artigo intitulado "The Temptations of Jean-Claude Killy". Neste artigo, Thompson (1982) analisou os significados da presença do competidor de *ski* Jean-Claude Killy como garoto-propaganda de uma famosa indústria automobilística americana. Segundo o escritor, Killy parecia o garoto-propaganda menos provável, pois o automóvel é um produto que goza do mais alto prestígio junto ao público americano. O atleta era francês e praticava um esporte pouco conhecido na época do grande público. Apesar destes inconvenientes, Thompson afirmou que o atleta era um dos maiores sucessos de vendas deste produto. O escritor passou então a acompanhar Killy em seus eventos publicitários e a analisar suas aparições e discursos.

Em linhas gerais, Thompson (1982) concluiu que o atleta era um *image maker*, que numa tradução livre pode significar “fabricante de imagem”, ou simplesmente “homem marca”, termo que define a relação de Pelé com a propaganda, em meu entender. O escritor analisou que Killy era a sua própria marca e que ganhou valor no mercado americano por vender idéias que uma classe média economicamente mais forte na década de 1970 gostaria de ser: sofisticada ao estilo da família Kennedy e com uma pitada francesa. O autor, a partir deste exemplo, fez uma análise do início da

²⁶ Hunter S. Thompson foi jornalista e escritor famoso nos EUA por seguir um estilo investigativo que nomeou como “jornalismo gonzo”. Em seus escritos representou a eliminação das fronteiras entre autor, sujeito, ficção e não-ficção. De certa forma este método, segundo o escritor, assemelha-se ao de observação participativa. Alcançou sucesso e tornou-se “ícone” de gerações nos EUA em função de suas críticas ácidas à sociedade e a cultura americanas de seu tempo. Parte da obra deste autor foi traduzida recentemente. Dentre os títulos, *Medo e delírio em Las Vegas*, que foi transformado em filme e protagonizado por Johnny Depp, exibido no Brasil há algum tempo atrás. Um de seus livros mais conhecidos traz uma análise mordaz e perspicaz da eleição do Presidente Richard Nixon, o caso Watergate, que culminou na renúncia do Presidente na década de 70. Este livro, não traduzido no Brasil, transformou-se num grande sucesso e é considerado um clássico da moderna literatura estadunidense. Thompson, Hunter S. *Fear and loathing: on the campaign trail '72*. Ver sobre sua biografia: Whitmer, Peter O: *When the going gets weird: the twisted life and times of Hunter S. Thompson: a very unauthorized biography*. New York: POW, 1999. Sobre uma das obras traduzidas: Thompson, Hunter S. *Medo e delírio em Las Vegas*. São Paulo: Editora Conrad, 2007. Caso Richard Nixon: *Fear and loathing: on the campaign trail' 72*. New York: Warner Books, 1973.

comercialização dos esportes pelas grandes companhias internacionais e suas consequências. Portanto, os maiores atletas de variadas modalidades esportivas, segundo Thompson (1982), passaram nesta nova tendência dos esportes ao *status* de marca comercial.

É importante ressaltar que Pelé, antes de encerrar sua carreira nos campos de futebol, foi contratado pela Warner Bros., segundo dados de sua autobiografia (2006), para atuar no time do New York Cosmos em 1975, época em que Thompson (1982) analisou o caso Killy. Tais informações são relevantes para situar como Pelé esteve presente no início do processo da comercialização dos esportes que, nos dias atuais, representa um dos negócios mais lucrativos do mundo, movimentando cifras gigantescas nos contratos de atletas em todos os países. Não estou afirmando com isto que Pelé virou um “homem-marca” porque foi atuar nos campos de futebol americano. Outros jogadores brasileiros de futebol, contemporâneos de Pelé, jogaram no Cosmos e não obtiveram o mesmo sucesso que o ex-atleta. Contudo, Pelé pode ser indicado como um daqueles que viram surgir esta nova relação entre o esporte e o mercado.

Passo agora à análise de algumas peças publicitárias que Pelé estrelou.

5 – Análise dos comerciais de Pelé

Em todos os comerciais em que Pelé aparece os personagens foram construídos em função do prestígio alcançado pelo atleta. Mas como este personagem se ergue? Ele é semelhante em todos os casos? Eis as questões que serão estudadas aqui.

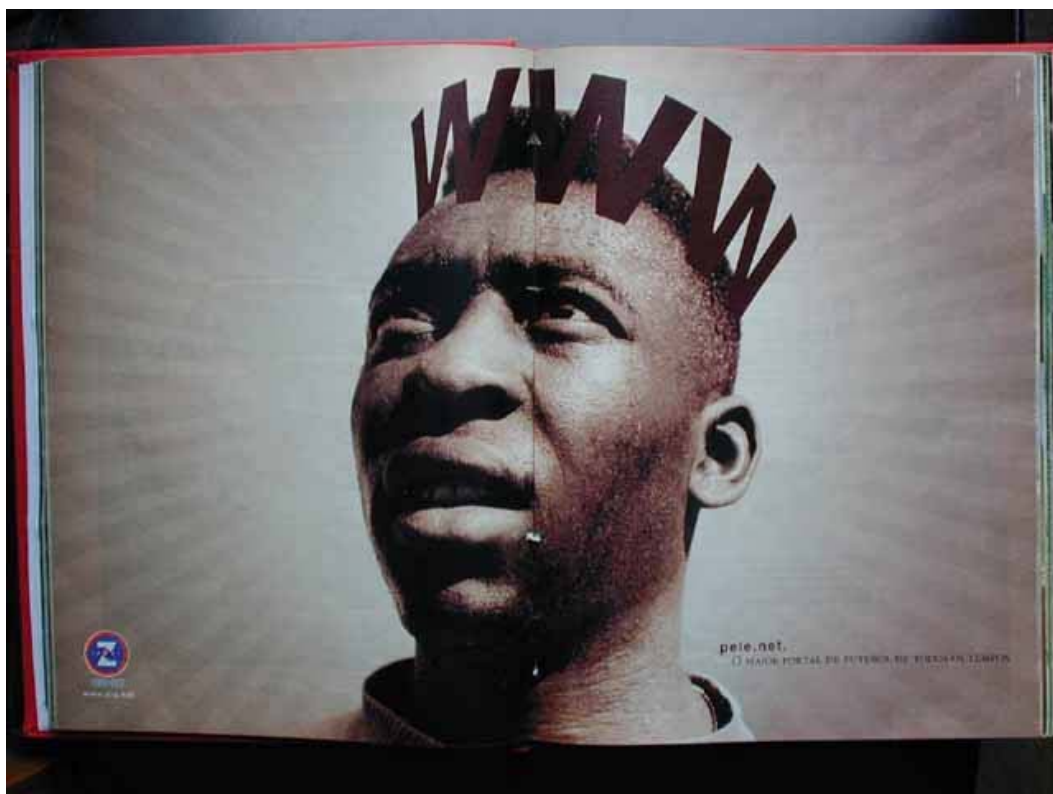
Dividirei, para efeito de análise, as propagandas de Pelé em três tipos ideais.²⁷ O primeiro deles é aquele em que o personagem Pelé está associado a determinadas marcas, como Café Pelé. Assim, podemos entender esta classe de comercial principalmente como a ligação de um nome famoso a certos produtos. Neste tipo de propaganda o que importa é ser famoso e qualquer indivíduo que tenha um nome reconhecido na “mídia” poderia servir ao mesmo fim. É preciso frisar, no entanto, que além da marca Café Pelé apenas

²⁷ O conceito de tipo ideal é, segundo Max Weber em "A 'objetividade' do conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política" (In: *Metodologia das Ciências Sociais parte 1*. São Paulo: Cortez, 1993), uma forma de escolher, dentro de uma realidade infinita, alguns elementos do objeto a ser interpretado, e que são considerados pelo investigador os mais relevantes para a explicação. Esse processo acentua mais determinadas características do que outras. O tipo ideal não pretende ser um reflexo da realidade complexa, mas um modelo simplificado do real para efeitos de análise.

mais dois produtos levam o seu nome: o site de futebol Pelé.net e as histórias em quadrinhos produzidas por Maurício de Souza, *Pelezinho*. Coloco abaixo imagens do comercial Pelé.net e do Café Pelé:



Propaganda Café Pelé retirada da revista *Isto é Dinheiro*, 27/03/2002, edição n.39



Propaganda do Portal Zip.Net, publicada na revista *Veja*, 06/09/2000, edição n.1665

O segundo tipo de propaganda é aquela em que o nome Pelé é vinculado à profissão de jogador de futebol, portanto, um atleta – comerciais como os dos energizantes Vitasay e Taff Man-E. Estas marcas têm como objetivo usar a fama que o jogador de futebol construiu ao longo de sua carreira para vincular a boa qualidade e a eficácia do produto a um atleta consagrado que atesta o produto em questão. Neste caso, o que importa é o título de “atleta do século” conquistado por Pelé, o que significa, segundo os publicitários, que Pelé foi escolhido porque tem uma compleição física que o levaria a ser bem-sucedido em qualquer esporte.²⁸ Dessa forma, ninguém melhor do que Pelé para conhecer o que um esportista necessita para melhorar seu desempenho profissional. Reproduzo o comercial do Taff Man-e:



Propaganda do produto Taff Man-e, publicada no n. 05 da revista Veja, 03/02/1988

O terceiro e último tipo de comercial está ligado ao sucesso de Pelé, mas também a Edson Arantes do Nascimento. Alguns dos comerciais que podem ser citados como parte deste grupo são os da Golden Cross, do Bombril e a campanha de conscientização

²⁸ Dados extraídos da exposição "Pelé – A Arte do Rei", realizada na Casa França-Brasil (CFB), no Rio de Janeiro, entre 23 de abril a 23 de junho de 2002.

da importância do tratamento da impotência sexual masculina, patrocinada pelo laboratório Pfizer. Neste tipo de comercial o personagem Pelé conjuga o nome famoso, o prestígio alcançado no futebol e o fato de ser uma celebridade ao “personagem” Edson Arantes do Nascimento, que complementa a existência do “mito” Pelé. Em um dos comerciais da Golden Cross, plano de saúde, Pelé aparece no final com a seguinte frase: "O plano de saúde é tão eficiente que não precisaria do Pelé anunciando, poderia ser o Edson", referindo-se ao cidadão comum. É importante observar que a representação deste anúncio está relacionada à própria divisão que se faz entre Pelé x Edson. O personagem Pelé "mito" contrapõe-se ao Edson "figura comum".



Fonte: http://www.humel.com.br/ampliar/pressKit_Pele_pfizer.swf

Esta imagem representa o momento em que Pelé fala para a câmera como se estivesse conversando com o espectador, e aconselha: “Se eu fosse você, eu faria”. Ao longo da peça, Pelé vai passando pelas dependências de um estádio de futebol e sua voz em *off* descreve o dia-a-dia de um jogador. No vestiário, relembra que o problema da impotência sexual sempre foi um segredo entre os companheiros de profissão. À medida que se aproxima do campo, explica que tal problema tem solução.

Este comercial sobre a campanha de combate à impotência sexual expressa representações a respeito de modernidade, masculinidade e confiança, pois transforma um assunto tabu entre os homens em tema de conversa pública. Pelé aparece como um homem moderno, inovador, e sua imagem de “rei” lhe dá garantias para falar de assunto

tão delicado usando a frase “Eu faria”. Isto significa que não é qualquer homem que está comentando sobre impotência, mas o próprio “rei Pelé”. Ninguém questiona se Pelé sofre de impotência. Esta campanha publicitária valeu um prêmio internacional a Edson Arantes do Nascimento por sua contribuição à discussão do grave problema da impotência sexual. Por outro lado, uma outra interpretação possível é a de que este comercial louva uma imagem tradicional do homem negro, de sexualidade acentuada, pois ao terminar o comercial ele diz “Eu faria”. Isto pode dar a entender que, sendo quem ele é, homem e negro, sua virilidade não é posta em dúvida.

No entanto, segundo Jurandir Sestari, que na época era gerente de grupo de Saúde Masculina da Pfizer, “a participação do Pelé nessa campanha é fundamental; sua imagem positiva em todo o mundo tem nos ajudado bastante a quebrar o tabu que envolve a disfunção erétil”.²⁹ Portanto, a imagem “positiva”, ressaltada pelo o gerente da Pfizer, demonstra que a “marca” Pelé transforma o produto anunciado e propicia que o tema seja discutido.

O mesmo se pode pensar sobre o comercial recentemente estrelado por Pelé para o produto Bombril.³⁰ O comercial veiculado nos canais de TV tem o seguinte diálogo entre o ator Carlos Moreno, garoto-propaganda oficial do Bombril, e Pelé:

²⁹ Disponível no site http://www.humel.com.br/ampliar/pressKit_Pele_pfizer.swf.

³⁰ Este produto é caracterizado por uma lâ de aço preta ou cinza-escuro em forma de ninho, que é utilizado na limpeza da louça. A eficácia divulgada pelo fabricante é a de que a louça brilha ao ser esfregada pelo produto. Popularmente, foi incorporado ao cotidiano para classificar os cabelos “crespos”, que são conhecidos como “cabelo Bombril”. Como exemplo destas idéias apresento alguns versos da música *Lourinha Bombril*, do grupo de rock Paralamas do Sucesso: “Pára e repara, olha como ela samba, olha como ela brilha, olha que maravilha. Essa crioula tem o olho azul, essa lourinha tem cabelo bombril...”. Lançado no CD *Nove luas*.



Fonte: *site*: <http://br.youtube.com/watch?v=P-o92KNXxys>

[...] Carlos Moreno: Sempre imitado, nunca igualado. Os outros passam, só ele fica. Fenômenos surgem a toda a hora, ensaiam umas jogadinhas, mas logo desaparecem. Porque só ele é dez. Não, ele é mil, mais que mil. O melhor do mundo. É o Rei, o nosso Rei: o Bombril!

Pelé: “Qualé” garoto?! (expressão de espanto).

Carlos Moreno: Eu acho que estou te conhecendo (olhando e apontando para Pelé)... hummm... Ah! É o Bombril do futebol!

Este comercial é uma das peças mais interessantes porque explicita claramente a oposição Pelé x Edson, mesmo não fazendo alusão aos nomes que ficam implícitos no jogo de situações e trocadilhos. O ator Carlos Moreno faz vários elogios que se enquadram tanto a Pelé quanto ao produto Bombril. O jogo de trocadilhos faz com que Moreno pareça estar elogiando o produto Bombril quando de fato elogia o Pelé ou Edson, e vice-versa. No final do texto, quando o ator simula conhecer aquele que está ao seu lado, ele repete a palavra Bombril, mas dizendo "o Bombril do futebol", fazendo uma metonímia com o nome da marca Bombril, que não só é a melhor do ramo, mas também inigualável. Nesse momento, o público fica na expectativa de que o ator reconheça quem está a seu lado e diga: "Este é o Edson (ou o Pelé)", pois seria impossível não conhecer o personagem, assim como o produto anunciado. Entretanto, o ator não faz isto e deixa o público em suspense.

Em outra peça publicitária do mesmo produto, Bombril, o diálogo é:

[...] Carlos Moreno: O único, o insuperável, o inimitável Pelé.
Todo o mundo vive perguntando: – Quem vai ser o próximo Pelé?
Ah!... só bola fora! De vez em quando até aparece um fenômeno, mas só Pelé é Pelé.
Pelé: E só Bombril é Bombril, entende?
Carlos Moreno: Tudo passa, só Bombril fica, que nem o Pelé.
Ninguém passa sem Bombril.
Pelé: E quem escolhe outra marca não entende, *entende?*
Carlos Moreno: Só Pelé é dez.
Pelé: Só Bombril é dez.
Pelé e Carlos Moreno: Heh!!!

Nesta outra situação, o ator Carlos Moreno aparece sozinho em cena com um pacote de Bombril à sua frente e começa a fazer elogios observando a embalagem. Quando diz o “inimitável” – e sugere ser o Bombril – ele apresenta Pelé. A continuação do discurso de Moreno é similar ao do comercial anterior. Neste, porém, Pelé tem mais falas, afirmando que quem escolhe outra marca não “entende, *entende?*”. Esta frase implica uma provocação ao modo como Pelé se expressa. Em entrevistas e depoimentos, o ex-atleta constantemente fecha suas frases com a palavra “entende” – situação sempre parodiada por humoristas que imitam Pelé. Outro fato relevante: enquanto no *script* anterior ficava uma dúvida sobre qual personagem estava sendo elogiado, Edson ou Pelé, e que se resumia na apresentação do “Bombril do futebol”, aqui o personagem é explícito, Pelé, a marca. É esta associação de marcas que o final da peça publicitária mostra: “Só Pelé é dez, só Bombril é dez”. A cena se dá com Moreno e Pelé virando o pacote do Bombril e mostrando o número 10 escrito no verso. Ele traz à lembrança o número da camisa que o jogador usou ao longo de sua carreira no futebol.

Escolher Pelé para divulgar a marca Bombril contém uma alusão ao uso da expressão “cabelo Bombril”, dito ora jocoso ora agressivo em relação aos negros, e muito comum no cotidiano das crianças e jovens brasileiros. Esta expressão é um tipo de xingamento em referência àqueles que têm “cabelo ruim”, “cabelo duro”, “cabelo pixaim”. Há alguns anos, uma outra marca do produto, o Assolan, também brincou com esse xingamento ao colocar modelos negros usando em lugar do cabelo uma peruca feita com a palha de aço Assolan. Esse comercial foi muito criticado pelos movimentos negros. Como mostra a nota de Ancelmo Gois no jornal *O Globo*:

Cabelo de Assolan

[...] A propaganda da palha de aço Assolan, das criancinhas de peruca, é um sucesso com direito a matéria no “Financial Times”. Mas o Movimento Negro Unificado (MNU) protesta. Alega que o anúncio motivou a criação de um apelido para espezinhar crianças negras: “cabelo de Assolan”. É a nova versão do antigo “cabelo Bombril”. O assunto corre na internet.³¹ (01/04/2005).

A Bombril, ao associar a marca à figura de Pelé e Edson, está de certa forma fazendo uma alusão à questão, pois coloca um homem negro que o comercial diz ser o “Bombril do futebol” e, com isto, faz uma série de provocações, inclusive ao preconceito. No entanto, ao contrário da concorrente Assolan que foi entendida pelos movimentos negros como racista, a Bombril, ao se associar à marca Pelé, passa a idéia de um preconceito positivado. Ou seja, no imaginário social a imagem do produto Bombril está colada à classificação de um determinado tipo de negro que é identificado ao “cabelo Bombril”. Ao invés de tentar apagar esta idéia nas peças publicitárias, a empresa reforça-a com a presença de Pelé ao classificá-lo como o “Bombril do futebol”, só que de uma forma positiva, pois este é o “rei” que é “inimitável”, “inigualável”, “insuperável”, assim como o Bombril. E uma das interpretações possíveis do subtexto destes comerciais é o de que não adianta ser “cabelo Assolan”, pois o que vale pela sua qualidade e excelência é o “cabelo Bombril”.

É importante ressaltar que nenhuma das organizações negras reclamou ou criticou o anúncio Bombril com Pelé, e talvez isso se deva ao fato de que Pelé é visto por estes movimentos, desde pelo menos os anos 1970, como um “racista”. No entanto, há uma outra maneira de encarar a questão e que está ligada à própria posição dúbia que o atleta do século tem no imaginário social, inclusive entre os movimentos negros. Se, de um lado, o movimento vê Edson como racista porque declara que o Brasil não é racista, pois aqui há preconceito contra pobre, mas não contra negro como nos EUA,³² de outro, Pelé é o “mito”, e associar o Bombril ao Pelé do futebol é positivar o xingamento. Visto por este

³¹ Reproduzo trecho de um dos protestos de organizações negras contra a Assolan na internet: “[...] De ‘sem intenção’ o inferno racista está cheio. Bem que poderia ser esse o dito popular para tratar da espécie brasileira de racismo. E, como a percepção de nossa sociedade é grosseira, calejada diante de tão díspares desigualdades raciais, as mais contundentes expressões discriminatórias chegam a passar como sutis manifestações do já famoso racismo à brasileira. É com essa ‘sutileza’, com a delicadeza de um rinoceronte passeando em loja de artefatos de porcelana, que a Assolan atualmente exhibe seu comercial, confiante na impunidade, em que bebês aparecem com perucas ‘black’ feitas de bombril, ops, feitas com a lã de aço assolan. E nós assistimos pasmadas/os a esse passeio estrategicamente desastrado”. Disponível: <http://www.belezapura.org.br/publicue/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=534&sid=7>

³² Voltarei a esta questão no quinto capítulo da tese, quando descreverei os anos de 1970 e Pelé.

ângulo, ficou muito difícil para os movimentos negros fazerem à marca Bombril as mesmas acusações que fizeram à Assolan. O Bombril foi associado não a qualquer negro, mas sim a Pelé, que é visto também como o “rei do futebol”, portanto, um “mito” reconhecido e legitimado nacional e internacionalmente.

Pode-se dizer, enfim, a partir das análises apresentadas acima, que este terceiro tipo de comercial está relacionado à construção de Pelé como “mito”, algo que transcende às pessoas simples, mesmo quando brinca e parodia o homem comum que seria o Edson, como no caso da propaganda do Bombril. Ser rei, como bem explicou Nelson Lima (2001)³³ ao analisar os símbolos de brasilidade, é possuir um “dom” que foi desenvolvido através de força de vontade e profissionalismo extremos e que faz emergir o caráter comum dos indivíduos que legitimam os seus reinados. A partir destas idéias, justifica-se a fala de um de um publicitário entrevistado pela prof^a Ilana Strozenberg que perguntou por que não apareciam negros em comerciais, pedindo ao publicitário que ele explicasse por que Pelé era uma exceção. Ilana ouviu a seguinte resposta: “Pelé pode, ele é um mito, está acima das classificações sociais e raciais”. Os comerciais descritos demonstram que as marcas que utilizam Pelé reforçam o “mito” e, ao mesmo tempo, associam-no ao homem comum, pois o personagem Pelé vincula-se ao personagem Edson, aquele que não é o rei. Esta relação só é possível porque Pelé transformou-se numa marca bem-sucedida e os personagens que representa têm vida própria.³⁴

5.1 – Pelé comercial ou comercial Pelé? A eficácia simbólica das propagandas do ex-atleta

A quantidade de anúncios que Pelé tem feito ao longo de sua carreira extrapola em muito os que aqui selecionei para análise. Pude observar, no entanto, que todos recorrem a esta divisão entre Pelé e Edson construída pelo próprio ex-atleta. Para facilitar a análise, estou utilizando algumas peças publicitárias como exemplos que demonstram a forma como a imagem de Pelé ainda continua se propagando, mesmo tendo ele se aposentado há mais de trinta anos dos campos de futebol.

³³ *Dizendo no pé – performances de brasilidade: Carmem Miranda e Pelé*. Dissertação de Mestrado.

³⁴ Ver: Silva, Ana Paula da. Pelé: análise da trajetória do “atleta do século” na propaganda/marketing”. *Revista Enfoques*, v.6, n.1, Rio de Janeiro, maio 2007. Disponível em: <http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/maio07/06.html>.

Estas peças publicitárias têm uma eficácia simbólica na personificação de Pelé, no sentido dado por Lévi-Strauss (1975)³⁵ quando argumenta sobre a “propriedade indutora” das imagens que produzem uma transformação da imagem no imaginário social. Podemos fazer um paralelo entre as propagandas de Pelé e a descrição e a análise de Levi-Strauss (1975). Estas aparições na propaganda produzem um tipo de eficácia que equilibra o paradoxo Edson/Pelé, pois as peças publicitárias reorganizam os seus personagens no imaginário social. Esta é uma das razões para se entender a longevidade da presença de Pelé na vida cotidiana brasileira e internacional. O último tipo ideal que descrevi demonstra como é feita a junção do sucesso de Pelé com aquilo que é representado por Edson, e mostra a eficácia dessas imagens.

Ao fazerem sempre trocadilhos com o Edson e o Pelé, como nos exemplos dos anúncios da Golden Cross, do Bombril ou da Pfizer, os comerciais provocam uma associação entre os dois personagens, fazendo do rei um tipo normal, cotidiano e simples. De fato, essas publicidades utilizam a estratégia que o próprio ex-jogador construiu para se aproximar do homem do povo transformando-o em rei. Além disso, Pelé enuncia com a divisão entre o Pelé e o Edson que o homem comum brasileiro pode ser um rei, superando assim o complexo de vira-latas, na expressão rodriguiana.

Esta estratégia possibilita ainda que as contradições que envolvem a figura do Edson na vida cotidiana acabem amenizadas pela forma com que sua imagem é projetada nos comerciais. Este argumento pode ser importante para se entender por que, mesmo com tantas restrições a ele, Pelé continua a ser valorizado no meio publicitário, além de reconhecido pelo público e pelas mídias em geral como um personagem importante na vida social brasileira.

O fato de Pelé nunca ter mudado a sua aparência física desde o momento em que foi revelado pelas lentes da mídia sugere de antemão que Edson coexiste com Pelé, e este último produz algum tipo de atenuante em relação às ações do primeiro. Pode-se criticar o Edson, mas não se pode falar mal de Pelé – Edson proporciona a Pelé a continuidade das glórias alcançadas no futebol.

³⁵ Existe uma grande discussão na antropologia sobre o conceito de eficácia simbólica, e nem todas as posições são hegemônicas dentro do campo. Estou me referindo apenas aos elementos básicos deste conceito tendo em vista um dos autores que encetaram esta discussão.

A minha interpretação deste fato pode ser confirmada pelas opiniões enunciadas em algumas entrevistas feitas com os visitantes da exposição sobre Pelé, analisada no início deste capítulo:

[entrevistado 1] Eu acho que é um bom exemplo. Uma pessoa que veio de baixo que trabalhou muito e que passou bons exemplos para a juventude de hoje. Por isto, eu o acho excelente como garoto-propaganda, não podia ser melhor. [entrevistado 2] As pessoas podem usar como garantia o nome Pelé. E a marca Pelé é uma marca forte, assim como o Edson.

Nestas falas é possível perceber como as propagandas produzem uma eficácia simbólica ao amenizarem as críticas a Edson/Pelé no cotidiano da vida nacional, fazendo-os aceitos, portanto, como uma marca de sucesso. Talvez esteja nesse jogo entre Edson e Pelé a razão do sucesso de sua imagem no mercado publicitário.

Finalmente, para reforçar minhas interpretações, há que se destacar o fato de Pelé ter poucos produtos que levam o seu nome, diferente de outras celebridades que colocam o próprio nome em muitos deles. A estratégia indica que Pelé não precisa de uma marca, porque o ex-atleta elevou o seu nome à dimensão de marca. As aparições de Pelé como garoto-propaganda acabam se transformando na propaganda de seu nome. Isto explica porque a Coca-Cola, ao patrocinar a exposição sobre Pelé, divulgou a marca Pelé, ao mesmo tempo em que divulgou o produto Coca-Cola. Nada mais coerente para a empresa ao tomar tal decisão. Pelé é uma marca de sucesso e, neste sentido, vale a pena anunciá-lo, propagandeá-lo, porque assim a Coca-Cola acaba se vendendo também.

6 – Conclusão

Neste capítulo tentei apresentar Pelé na atualidade. Ex-jogador de futebol há mais de trinta anos sua fama continua presente na vida nacional e internacional. As contradições existentes na sua trajetória, e que são constantemente trazidas à tona, sugerem questões relevantes sobre a relação entre a construção da carreira de Pelé e alguns contextos da história nacional.

O modo como Pelé se descreve em suas autobiografias demonstra que toda a sua vida foi dedicada ao trabalho e à busca da perfeição, segundo suas palavras. A fama foi resultado de sua obstinação. Nada parece ter saído do seu controle. Apesar disso, há constantes acusações ao ex-atleta e que podem ser resumidas na frase proferida por

Romário, jogador do clube de futebol Vasco da Gama, que bem atesta o que o imaginário social pensa sobre o ex-atleta: "Pelé calado é um poeta".³⁶ No entanto, curiosamente, sua imagem é uma das mais reproduzidas em todos os tempos. Consegue estar nas mídias em função dos comerciais e da quantidade de anúncios que protagoniza. Segundo as agências publicitárias, sua aparição é sinônimo de sucesso para os produtos que anuncia. Para os profissionais da área, Pelé está acima das “classificações raciais e sociais” e, por isto, sua imagem passa confiabilidade, condição que desde muito cedo cultivou como jogador de futebol através de sua moral ascética quanto ao trabalho.

Ao analisar os comerciais que Pelé fez, incluindo a exposição “Pelé - A Arte do Rei” patrocinada pela Coca-Cola, pode-se chegar a algumas conclusões importantes sobre como todas estas acusações não conseguem produzir uma projeção negativa de sua imagem, mesmo quando seus comerciais fazem alusão a formas mais tradicionais do negro na publicidade. O anúncio da Pfizer sobre a importância do combate à impotência sexual e o comercial do Bombril passam uma mensagem “contra-intuitiva”, idéia levantada por Fry (2002) no que concerne aos papéis destinados aos negros, pois Pelé apresenta-se com uma postura moderna em relação às representações tradicionais dos não-brancos na propaganda.

Por outro lado, estes mesmos comerciais – Bombril e Pfizer – também sugerem o lado tradicional de tais representações. Pelé como o “Bombril do futebol” e se “fosse você, eu faria”, no caso da impotência sexual masculina, podem ser lidos da seguinte forma: 1. o homem negro, o ex-atleta não sofre deste “problema”; 2. ele não pode ser acusado de “ter cabelo ruim”. Tais interpretações não são, é claro, as únicas possíveis e também não se pode dizer que estejam mais próximas da “verdade”, porque Pelé é o homem-marca e, portanto, sua imagem não tem uma única significação. No entanto, elas são importantes para se pensar o argumento central desta tese: a imagem de Pelé pode ser representada de várias formas. Se, de um lado, como disse um dos publicitários entrevistados em relação à constante aparição do ex-atleta em anúncios, “Pelé pode, porque está acima das classificações raciais e sociais”, de outro, Pelé não está acima destas classificações, mas é uma marca que possibilita transitar por elas.

³⁶ Entrevista que Romário concedeu a alguns meios de comunicação, entre eles, ao programa *Globo Esporte*, da Rede Globo de Televisão, exibida em 14/01/2005.

Não é possível afirmar que Pelé foi o único e o primeiro astro a se transformar em uma marca. De acordo com Hunter S. Thompson (1982), os anos de 1970 testemunharam o interesse das grandes marcas internacionais nos EUA por atletas bem-sucedidos como garotos-propagandas e também de estes venderem-se como marcas para essas companhias. Esse foi o período em que Pelé esteve naquele país; certamente ele viu o surgimento de tais empreendimentos. Não se pode determinar que o fato o tenha influenciado a se tornar uma marca, mas ele soube aproveitar um momento em que a comercialização dos esportes passava a ser uma tendência que hoje movimenta um mercado milionário.

As aparições de Pelé em propagandas ajudam não só a vender objetos, mas a produzir uma eficácia simbólica de sua imagem. Esta, por sua vez, é constantemente auto-refeita à medida que boa parte dos comerciais faz o famoso trocadilho com Pelé e Edson. Neste sentido, argumento que as propagandas têm sido um dos canais que fomentam uma indução à valorização e à aceitação destes personagens em determinados momentos da vida social. A veiculação das imagens provoca uma divisão personificada dos personagens, suavizando as acusações e produzindo uma aproximação entre o rei e o homem comum, entre o ídolo e a figura criticável, entre Pelé e Edson.

A imagem Pelé é revitalizada no imaginário social e permite que, mesmo com tantas críticas a ele, as mesmas pessoas possam idolatrá-lo em outra circunstância. Romário fez isto recentemente, pois mesmo tendo dito que Pelé era um poeta quando calado, perseguiu a marca dos 1000 gols só atingida pelo Rei. Romário, ao emplacar o seu milésimo gol, fez questão de reproduzir com exatidão os passos que Pelé seguiu ao atingir o seu gol de número 1000 marcado por pênalti. Esta jogada acontece com o marcador em frente ao goleiro e à rede. O jogador dá algumas passadas antes de chutar a bola em direção ao gol. Esta ação depende exclusivamente do marcador. Não há a participação dos outros companheiros do time. O gol 1000 de Romário perseguiu exatamente o *script* do gol 1000 de Pelé. Romário bateu o pênalti do mesmo lado que Pelé o fez.

Este é um bom exemplo do que busquei demonstrar a partir do início deste capítulo. As propagandas em que Pelé atua produzem uma eficácia simbólica através da manutenção constante de sua imagem, o que minimiza a série de acusações contra o ex-

jogador que poderia prejudicá-lo. Por fim, Pelé não precisa reproduzir sua figura em vários objetos que levem seu nome, como fazem muitas das celebridades atualmente, para perpetuar a sua fama. A forma como aparece nas peças publicitárias continua a propagar a marca Pelé. A exposição itinerante que a Coca-Cola produziu representa um exemplo deste modo de pensar, pois a própria Coca-Cola acabou tornando-se garota-propaganda de Pelé.

Contudo, a ação descrita produz um ciclo. Como garoto-propaganda temos a marca Pelé, e os produtos que anuncia tornam-se, ao mesmo tempo, propagadores da sua marca. Os anúncios produzem uma eficácia simbólica no apaziguamento dos conflitos entre Edson e Pelé e, por fim, sua imagem sai remodelada desse processo e pode ser utilizada novamente, pois se mantém intacta em termos de prestígio social, mesmo que ele sofra acusações sobre suas posições na vida social.

O binômio Edson/Pelé parece representar discursos conflitantes sobre vários aspectos da sociedade brasileira, inclusive sobre raça, que ficam expostos no modo como as peças publicitárias se apropriam destes personagens sempre produzindo um jogo de palavras entre Edson e Pelé, que ora se apresentam positivas, ora negativas.

A profusão de símbolos apresentados neste capítulo não é meramente uma construção solitária de um único indivíduo. As declarações e as ações de Pelé formatam toda esta carga simbólica aqui exemplificada, porque elas se conectam a várias representações sociais existentes na sociedade brasileira. Como Toledo (2005) descreveu neste trecho que reproduzo abaixo:

[...] Pelé ocupa uma posição simbolicamente relevante no imaginário brasileiro e, por isso mesmo, muitas vezes protagoniza jogos de representações sobre o próprio Brasil que o colocam como um sinalizador de alguns dos projetos mais acalentados de nação (:1).

Argumento que os aspectos apresentados neste capítulo sobre Pelé significam o que o autor descreveu na passagem acima. A trajetória dos personagens Edson e Pelé tem muito a dizer sobre os projetos brasileiros e como foram desenvolvidos ao longo da história. A prova disto são os vários nomes atribuídos a Pelé. As denominações estão circundadas por diversos significados, próprios dos momentos históricos pelos quais tem

passado e que o imaginário social vai formatando em novas representações ao longo do tempo.

Assim, vão se sucedendo no tempo a escolha da profissão de jogador de futebol e a chegada ao estrelato; o fato de ser um homem negro no mundo esportivo e ter ascendido social e economicamente; a maneira como Pelé se descreve profissionalmente e no campo das relações pessoais; o modo como sua imagem é reproduzida atualmente; os vários nomes adquiridos ao longo de sua carreira, que são traduzidos de acordo com a forma com que o imaginário popular lida com a personificação desses múltiplos personagens. Todos estes aspectos estão intimamente relacionados às aspirações da formação de um país que produziu discursos sobre o que seria ideal ao seu reconhecimento em face do mundo. Pelé construiu e posicionou sua imagem em alguns desses discursos, e os conflitos que existem hoje em dia ao seu redor são indícios de como sua figura é capturada no jogo das representações que estes discursos produzem.

Nos próximos capítulos farei uma análise dos principais discursos proferidos sobre e por Pelé, exemplificando como suas construções acabam por fomentar as considerações que se fazem a seu respeito e como ele perpetua sua imagem. Sobre tudo, abordarei como as imagens se relacionam aos discursos sobre raça no Brasil desde a popularização do futebol como “paixão nacional”, época em que Pelé surgiu como grande personagem da conquista do primeiro campeonato mundial, e quando se legitimou nacional e internacionalmente como um jogador famoso na década de 1970.

Capítulo II

Os discursos raciais e a popularização do futebol no Brasil

Amigos, eu sempre digo que, antes de 58 e de 62, o Brasil era um vira-lata entre as nações, e o brasileiro, um vira-lata entre os homens.¹

1 – Introdução

O capítulo anterior destacou a forma como Pelé atualmente é visto e quais os significados das suas aparições na propaganda e na mídia brasileira. Ainda no primeiro capítulo demonstrei, através das análises dos comerciais e da forma como Pelé descreve sua trajetória, como se articulam os principais personagens incorporados ao imaginário social, o binômio Edson/Pelé. O jogo produzido pelos comerciais entre estes dois personagens provoca um equilíbrio entre eles e permite que, mesmo que sejam criticados, ainda representem o “ídolo” que não pode ser esquecido. Como foi dito antes, Pelé não criou sozinho toda a carga simbólica que está presente na maneira como é percebido no imaginário social. Existem aspectos e contextos sociais, políticos e econômicos na vida nacional que produziram discursos aos quais tais representações sobre Pelé estão associadas.

Um destes contextos será discutido neste capítulo: a legitimação do futebol como um esporte nacional que passou por um processo nem sempre tranquilo no seio da sociedade brasileira. O futebol foi visto inicialmente como um esporte estrangeiro pelos intelectuais do início do século XX. Eles enxergavam a expansão desta modalidade esportiva como uma ameaça à soberania nacional. Por seu lado, os médicos eugenistas do final do século XIX e início do XX acreditavam que o futebol era uma forma de “disciplinar” as massas para o novo modo de vida proporcionado pela modernidade.²

¹ In: Rodrigues, Nelson. *Voltamos a ser vira-latas*. Castro, Ruy (org.): *A pátria em chuteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Nesta crônica, Nelson Rodrigues, teceu comentários sobre a eliminação da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1966 que aconteceu na Inglaterra, após o time nacional conquistar o bicampeonato (1958/62).

² Ver Pereira, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000; Svenko, Nicolau: *A capital irradiante: técnica,*

Ao longo do período do Estado Novo, o futebol vivenciou um processo de centralização, assim como o samba, e ambos se tornaram símbolos de brasilidade, passando a fazer parte do cotidiano nacional. O “abrasileiramento” deste esporte acabou sendo consolidado por intelectuais, entre eles, uma figura histórica na vida brasileira, Mário Filho, que escreveu o primeiro livro com *status* sociológico sobre o assunto, prefaciado por Gilberto Freyre. Além de Mário e seu irmão Nelson Rodrigues, outros escritores, entusiastas do futebol e de seu valor positivo para o Brasil, como José Lins do Rego, promoveram em suas crônicas o futebol como um esporte “genuinamente nacional”.³ O livro escrito por Mário Filho, publicado pela primeira vez em 1947, *O negro no futebol brasileiro*, transformou-se num clássico de cunho sociológico, apesar de ter sido escrito por um jornalista. Sucederam-se várias edições após esta data. O livro trata da trajetória da transformação do *football*⁴ ao futebol, que incorporou elementos brasileiros na maneira de jogar, com a inclusão de negros e mestiços que, segundo o autor, não eram aceitos nos times por ser este um esporte de elite. Aqui ressalto que a obra de Mário Filho produziu um discurso que se tornou recorrente até os dias de hoje, na maneira como se fala do futebol em alguns setores da sociedade.

Mário Filho sugeriu que a incorporação desses elementos “genuinamente nacionais” produziu uma nova forma de praticar o esporte, denominado posteriormente de “futebol-arte”. Ele era o resultado das misturas européias e brasileiras, sendo que os elementos nacionais criaram uma transformação na forma “quadrada e técnica” do jogo, segundo o autor. A introdução do samba e da capoeira formatou novos passos e rumos para o futebol brasileiro.

Esta obra, como colocou Antonio Jorge Soares (2001), transformou-se no livro que explica as origens do futebol, até mesmo para alguns intelectuais que começaram a estudar sociologicamente este fenômeno esportivo. Para o autor, o senso comum e alguns estudiosos não analisaram o contexto em que o livro foi escrito e quais eram as idéias que circundavam o momento. Como o livro se apresentava como a única versão desta

ritmos e ritos do Rio. In: “História da vida privada no Brasil”. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, v.3, 1998.

³ Antunes, Fátima M. R. F. *Com brasileiro, não há quem possa! Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

⁴ A palavra futebol, como é grafada hoje, passou pelo mesmo processo de “abrasileiramento” e, por isso, decidi manter a grafia original nas citações mais antigas em que aparecia na língua inglesa: *football*.

história, as fontes utilizadas por Mário Filho foram tomadas como verdadeiras. Com isto, a versão oficial da ampliação deste esporte no Brasil foi legitimada pela versão que o autor de *O negro no futebol brasileiro* deu aos fatos.

As crônicas de Mário Filho foram publicadas em vários jornais da cidade e “inventaram” a forma moderna de se falar sobre futebol.⁵ Em 1936, Mário Filho comprou o *Jornal dos Sports*, que se transformou num dos maiores jornais do gênero no país. O jornalista foi um dos primeiros biógrafos de Pelé. Escreveu um livro sobre o atleta em 1963, intitulado *Viagem em torno de Pelé*, em que contava a sua trajetória e louvava o fato de ele ter sido um negro a obter sucesso na vida profissional.

A escolha profissional de Edson Arantes do Nascimento como jogador de futebol e o que a sua figura representou para a trajetória deste esporte no Brasil estão diretamente relacionados às idéias que se construíram a partir destes fatos. Tais aspectos serão detalhados ao longo deste capítulo.

O processo de “abrasileiramento” que o futebol sofreu ao longo das primeiras décadas do século XX proporcionou uma discussão sobre as idéias de raça que estavam sendo levantadas então, e que impregnavam os discursos sobre quem podia praticar este esporte. Mais uma vez é importante ressaltar que não estou afirmando que Pelé seja um ator coadjuvante nesses processos históricos. O ex-atleta escolheu os caminhos e os projetos nos quais se inseriu ao longo de sua trajetória. É necessário ressaltar que sua opção pelo futebol e a transformação de sua imagem só podem ser analisadas se levarmos em conta a história deste esporte no Brasil. Como demonstrou Toledo (2005),

[...] Seria ingênuo supor que Pelé, sozinho, tenha fixado todo um inventário de estilos, técnicas, jogadas e atitudes valorativas que confirmariam uma forma-representação denominada de estilo brasileiro (futebol-arte), embora seja plausível que ele possa ser considerado, no contexto da popularização desse esporte no país e no mundo, uma espécie de “síntese produtiva” das mais felizes (Em: <http://www.n-a-u.org/toledo1.html>).

A partir das considerações de Toledo (idem), o argumento deste capítulo gira em torno da idéia de que a ascensão de Pelé no futebol e na vida social está intimamente associada à história deste esporte ao longo do século XX e, sobretudo, à relação entre as representações que aí se forjaram sobre raça e nação.

⁵ Ver: Silva, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

2 – Futebol e ritos afro-brasileiros: uma análise comparativa entre os símbolos de *brasilidade*⁶

Uma das barreiras encontradas ao se pensar sociologicamente o futebol reside no fato de que normalmente as noções que se tem sobre o futebol são naturalizadas, como se não houvesse um contexto de formação histórica, social, política e econômica. Roberto DaMatta (1982), um dos antropólogos precursores na análise sobre este tema, escreveu certa vez que o futebol é “metáfora da própria vida”, pois este esporte reproduz dilemas políticos e sociais vividos pela sociedade como um todo. Acredito em tal pressuposto. Analisar criticamente o futebol é refletir sobre as várias dimensões da vida social. Mesmo assim, falar das implicações na formação deste esporte em vários contextos para outros públicos requer grande esforço e, muitas vezes, pouca compreensão porque, ironicamente, entende-se a metáfora de DaMatta como auto-explicativa do fenômeno, e não como se ele fosse um processo em construção.

Simoni Guedes (1998) também apontou para esse embaraço ao afirmar em seu artigo “O povo brasileiro no campo de futebol” que falar da história do esporte no Brasil representa pensá-lo como uma “instituição zero”, que se resume ao campo técnico e que não produz significados sociais contextuais⁷. Conseqüentemente, sua história é utilizada para se argumentarem as mais diferentes teorias, de acordo com as orientações políticas, sociais e históricas que se queira seguir.

Quando se fala deste esporte, existe a noção de descolamento do processo histórico e das lutas simbólicas para a sua formação. Ainda se acredita na história de Charles Miller como seu inventor e propagador por todo o país. O futebol, segundo o livro de Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro*, foi trazido por um anglo-brasileiro, Charles Miller, e logo adotado pelos clubes de elite do Rio e de São Paulo que praticavam uma outra modalidade de esporte, o *cricket*. Naquele momento, o futebol foi

⁶ Brasilidade é aqui definida como Thaddeus Blanchette o fez em artigo, e que significa o conjunto de símbolos *sui generis* forjados socialmente e que constituem elementos para a formação de uma identidade nacional. *Estrangeiro – Gringo – Brasileiro: aproximação e afastamento entre brasileiros e não-brasileiros. Travessia Revista do Migrante*. Publicação do Centro de Estudos Migratórios, Ano XV, n.44, p.18-23, set./dez. 2002.

⁷ Este argumento foi discutido pela a autora também em sua dissertação de mestrado *O futebol brasileiro-instituição zero*, apresentada no Museu Nacional em 1977.

absorvido pela elite dominante, que passou a praticá-lo. Posteriormente, este esporte foi absorvido pelas classes populares em função das lutas que travavam para dele se apropriarem. Inicialmente, segundo o autor, houve uma proibição formal aos pobres e aos negros, no início do século XX, da prática deste esporte.

Contudo, alguns autores afirmam que o desenvolvimento do futebol e sua profissionalização estão intimamente relacionados ao processo de industrialização e modernização dos grandes centros e que, portanto, se construiu como um processo social mais complexo do que aquele descrito por Mário Filho. Em seu artigo "A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio", Nicolau Sevcenko (1998) discorreu sobre a importância dos esportes no início do século XX. O autor expressou que naquele período aconteceu uma “febre dos esportes”, em que o culto ao corpo passou a ser predominante numa sociedade que se modificava aceleradamente. Para Sevcenko, a tecnologia que corria entre os fios (elétricos) também contagiou o corpo na procura de uma nova maneira de relacioná-lo com o mundo:

[...] Era a eletricidade passando pelos corpos, imprimindo-lhes a compulsão do movimento, da ação, fosse espontânea, fosse mecânica, fosse em coordenação de massas. A educação física se torna obrigatória nas escolas, mas as pessoas se exercitam voluntariamente em academias, associações atléticas e na sua própria casa (:569).

As novas tecnologias imprimiram uma noção de modernidade, segundo a qual o corpo deveria estar em sintonia com a vida das cidades que se urbanizavam. A busca de uma vida saudável e de um corpo atlético atingiu os discursos que pregavam o esporte como meio de “disciplinar e higienizar” a população. Esta prática era condizente com os novos tempos que surgiam ao sabor dos avanços na vida social e urbana.

O mesmo foi dito por Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000), em *Footbllmania*, ao fazer uma história social do futebol no Rio de Janeiro entre 1902 e 1938. O autor relatou que as teorias higienistas do início do século XX pregavam a prática do esporte como forma de se manter livre das doenças que assolavam a população, e também de produzir uma “disciplinarização”⁸ do corpo e da mente. O

⁸ Aqui este conceito está empregado segundo a visão que Michel Foucault (1977) desenvolveu em *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*: a disciplinarização como instrumento de adequação aos valores da modernidade. Tal conceito será mais desenvolvido no próximo capítulo, quando apresentarei os anos de 1950 como particularmente importantes no contexto da vida brasileira – a década da “disciplina”.

esporte era necessário às atividades ligadas aos processos industriais da época. Pereira (*idem*) apontou que muitos teóricos do final do século XIX e início do XX, como o educador Paulo Lauret, acreditavam que a prática dos esportes era fundamental ao processo civilizador⁹ brasileiro. Nos escritos de Paulo Lauret, transcritos por Leonardo A. de M. Pereira (*ibidem*), o educador ressaltou que para o Brasil a popularização da prática esportiva desde a infância era importante na prevenção de enfermidades.¹⁰

O mesmo foi descrito por Simoni Guedes (1998), que relatou como o futebol do final do século XIX passava pela disciplinarização e pela higienização da força de trabalho, ao mesmo tempo em que a cidade do Rio de Janeiro era sacudida, no início do século, por um processo de urbanização promovido pelo então prefeito Pereira Passos. Este projeto constituiu-se em um dos mais abrangentes em termos de estruturação da cidade urbana que a antiga Capital Federal conheceu. Segundo Nísia T. Lima, Ricardo V. Santos e Carlos E. A. Coimbra Júnior (2005), a política de higienização surgiu do que ficou constituído o “movimento sanitarista” que, em linhas gerais, tinha como objetivo o levantamento das condições sanitárias e as condições socioeconômicas de várias regiões do país. Segundo os autores, estes estudos providenciaram a idéia que ficou famosa na frase de Miguel Pereira: “o Brasil é um imenso hospital” (2005:27)¹¹.

O processo não ficou restrito somente ao contexto nacional. Norbert Elias (1992), em *A busca da excitação*, demonstrou como os esportes passaram a ter um papel relevante a partir do século XVIII na Inglaterra. À medida que a sociedade inglesa produzia novos modelos políticos e econômicos, o esporte era expandido e exportado para outros países. Elias afirmou que o processo de urbanização promovido pela industrialização criou a necessidade de ordenar e disciplinar os indivíduos em função dos

⁹ Estou usando este termo nos moldes conceituais de Norbert Elias em sua obra *Processo Civilizador I: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1998. O autor argumenta a existência de uma série de mudanças e hábitos da população européia em várias etapas da história. Elias também fala de como os esportes representaram um seguimento civilizador no processo europeu de industrialização.

¹⁰ Transcrevo aqui citação do livro de Leonardo A. de M. Pereira, a partir de artigo do educador Paulo Lauret, publicado em 1901 na revista *Semana Sportiva*, intitulado “Educação Física”: “[...] Lembremo-lo hoje às mães, a quem a educação física deve merecer os maiores desvelos. Não há espírito são onde o corpo é fraco. [...] E vós, oh mães! Que muitas vezes, nos eflúvios do vosso amor, cerrais os olhos e os ouvidos à ciência, à consciência e ao dever, tornando-vos impotentes para a *missão sublime*, escutai um conselho que mais tarde vos dará o prazer de terdes cumprido um dever, e olhardes para o fruto do vosso ventre com alegria, em vez de passardes horas de vigília junto da cabeceira daquele que adorais” (:43)

¹¹ *Introdução*. Coimbra Júnior, Carlos E. A., Lima, Trindade Nísia, Santos, Ricardo Ventura. In: *Rondônia-anthropologia – ethnografia*. Edgar Roquette-Pinto. Rio de Janeiro: editora FIOCRUZ, 2005 [1917].

contextos impostos pelas novas ordens. A “desportivização”¹² da sociedade inglesa e, posteriormente, a exportação deste modelo para outros países estavam relacionadas às mudanças dos códigos políticos, sociais e econômicos que a nascente industrialização trazia para os indivíduos e para a nova organização social.

Neste contexto, é possível afirmar que a realidade brasileira foi influenciada pelos ventos que sopravam da Europa “industrializada”. Houve uma “desportivização” no contexto nacional com o crescente aumento da urbanização das cidades. Este fenômeno não ficou restrito apenas às classes abastadas, mas significou um processo que se expandiu por todas as classes sociais. Dessa forma, os esportes eram fenômenos urbanos que propalavam um novo modo de vida para os centros que se industrializavam mais aceleradamente no final do século XIX e início do XX no contexto brasileiro. Portanto, eram instrumentalizados para o processo de higienização daqueles que desejassem viver nos grandes centros urbanos em fase de crescimento industrial.

Apesar das análises sobre o surgimento dos esportes, a visão sobre a origem do futebol, presente em determinadas áreas das ciências sociais não especializadas em seu estudo, ainda é o discurso instaurado por Mário Filho em *O negro no futebol brasileiro*. Antonio Jorge Soares (*opus cit.*), no artigo “História e a invenção de tradições no futebol brasileiro”, argumentou que os conflitos descritos pelo jornalista estão interligados aos contextos sóciopolíticos em que estavam inseridos. A trajetória que propiciou a entrada de negros e mestiços no futebol brasileiro coincide com as idéias da “mistura racial”, em evidência nos meios intelectuais brasileiros na época em que Mário Filho publicou sua obra, em 1947.

Uma das razões possíveis da persistência na crença dos discursos deste autor, apontada por Soares (*idem*), é a de que as idéias construídas sobre a formação do povo brasileiro ainda subsistem no seu imaginário. O processo de miscigenação é um dos elementos presentes ainda hoje nas análises que se fazem sobre o futebol no Brasil. Como demonstrarei mais adiante, o livro de Mário Filho é uma versão clássica da formação do povo brasileiro. Mesmo aqueles que utilizam a história do futebol para

¹² O autor definiu que o processo de “desportivização” é a passagem dos exercícios a passatempos para atividades esportivas regulares para os que as assistiam e as praticavam a partir do século XVIII. Desta forma, os esportes passaram a fazer parte do cotidiano dos indivíduos como eventos organizadores e ordenadores da vida social.

denunciar o racismo existente na sociedade brasileira tomam a versão de Mário Filho como “verdade”, como demonstrou Soares (*ibidem*).

Outro autor de pensamento similar ao de Soares é Leonardo Affonso de Miranda Pereira (*opus cit.*), que encontrou e pesquisou documentos que comprovaram a prática deste esporte em diferentes classes sociais e por parte de pessoas de todas as “cores” na sociedade carioca do início do século XX. No trecho reproduzido abaixo, Pereira comentou sobre o que significou a obra de Mário Filho em sua época:

[...] Por mais correta que esteja [Pereira refere-se neste ponto à história do futebol contada por Mário Filho em *O negro no futebol brasileiro*], se olhada do ponto de vista de cronistas esportivos ou dos sócios dos clubes elegantes da cidade, tal periodização não deixa de ter seus limites. Embora tenha definido os marcos sobre os quais se construiriam muitas das análises posteriores sobre o jogo, ele centra sua atenção prioritariamente na forma pela qual a presença de negros e pobres foi percebida por aqueles que a viam como um grande inconveniente. Seu livro realiza, de maneira exemplar, uma história da aceitação da presença negra por parte dessas camadas; não levando em conta outras possibilidades de percepção desse processo de consolidação do jogo em terras brasileiras nas décadas de 1930 e 1940, o jornalista dava assim com sua obra um testemunho particular sobre ele, relacionado com suas crenças e aspirações em relação ao jogo e ao próprio país (:15).

Nesta passagem, Pereira (*ibidem*) argumentou que a visão produzida e difundida por Mário Filho sobre a história da origem do futebol estava relacionada ao projeto político em que este se encontrava inserido na época de sua publicação. Suas impressões sobre o início do esporte interligavam-se à vida cotidiana da antiga Capital Federal e à sua função como membro desta mesma elite, que ele dizia proibir “brancos pobres, negros e mestiços” de praticarem o futebol. Mário Filho, segundo o autor, transportou muito de suas próprias idéias acerca do Brasil e do brasileiro para a sua obra literária.

Ao mesmo tempo, alguns estudiosos na área dos esportes vêm sistematicamente questionando esta visão fundadora do futebol. Um deles, Gilmar Mascarenhas¹³ (2005),

¹³ Gilmar Mascarenhas é professor do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e produz vários trabalhos sobre as origens do futebol no Brasil. Escreveu tese com o título *Considerações teórico-metodológicas sobre a difusão do futebol*, na Universidade de São Paulo (USP). Recentemente, publicou artigo na revista digital *Lecturas: EF y Deportes*, com o título *A via Platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul*, em que nomeia outros agentes responsáveis pela implementação do futebol no Brasil. O autor também faz parte do Núcleo de Pesquisa sobre Esporte e Sociedade (NEPES), coordenado pelos professores Simoni Lahud Guedes, antropóloga, e Marcos Alvito, da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde o núcleo desenvolve o seu trabalho. Aliás, tal grupo tem

argumentou que não é possível determinar com exatidão o marco inicial do futebol no Brasil, seja no tempo, seja espaço. Seu surgimento e, posteriormente, seu desenvolvimento dependeram de vários agentes sociais envolvidos. Ele demonstrou como esse processo também ocorreu fora do eixo Rio-São Paulo, como no caso particular do sul do país, por exemplo, em que o aparecimento do futebol não está ligado necessariamente à presença inglesa ou a uma elite local brasileira. Os desenvolvimentos sociais, econômicos e políticos nesta região foram apontados como fatores determinantes no crescimento deste esporte, como é possível observar nesta passagem:

[...] O Rio Grande do Sul, doravante aqui mencionado pela sigla “RS”, estado situado no extremo sul do Brasil, realizou em seu território com grande êxito a difusão espacial do futebol, entre 1900 e 1920. No contexto brasileiro, trata-se de um dos primeiros estados a adotarem e a organizarem a prática do futebol, possuindo ainda hoje o clube sobrevivente mais antigo do país, o Sport Clube Rio Grande, fundado em julho de 1900. Mais que isso, o Rio Grande do Sul (RS) já realizava, em 1922, um campeonato que recobria espacialmente quase todo o estado, reunindo clubes provenientes de diversas cidades espalhadas pelo território estadual. Nas primeiras décadas do século XX, as cidades da Campanha Gaúcha (a metade setentrional do RS, historicamente muito articulada com a região platina) dominavam o campeonato gaúcho. Vale destacar que naquela época a maioria dos campeonatos estaduais de futebol no Brasil se restringia à capital dos estados e, no máximo, a seus arredores imediatos. O êxito da difusão do futebol local está intimamente relacionado à influência platina, principalmente de Montevidéu (:1-2).

O que é importante ressaltar, e que fica claro no trabalho de Mascarenhas (*ibidem*), um estudo da formação do futebol em outras regiões do Brasil, é que sua trajetória, mais uma vez, não pode ser entendida ao partir do ponto de vista de uma única versão. Ficou comprovado que existiram outros agentes envolvidos na difusão deste esporte.

Neste sentido, não estou afirmando que não houve discriminações e/ou lutas e conflitos entre classes e entre brancos e não-brancos no período de formação e expansão do futebol. O que estou pretendendo demonstrar é que o discurso construído por Mário Filho sobre o crescimento do futebol e sobre quem podia praticá-lo revela uma visão restrita do lugar do cronista na sociedade carioca. Portanto, tais idéias não dão conta do amplo processo que esta modalidade esportiva desencadeou a ponto de se transformar

como membros vários pesquisadores da área do esporte de diferentes cursos que também têm contribuído para esclarecer sobre as origens do futebol.

numa “paixão nacional”, como a conhecemos atualmente. Passo a descrever os significados da popularização dos esportes na sociedade brasileira.

2.1 – Os significados da “desportivização” no Rio de Janeiro

A “urbanização das cidades” impulsionou a “febre dos esportes” e a expansão de várias modalidades esportivas no final do século XIX e início do século XX no Rio de Janeiro, como foi dito acima. Praticar esportes significou para a sociedade da época um instrumento de modernização para a nascente sociedade urbanizada. Segundo Sevcenko, a cultura esportiva nas primeiras décadas do século XX trouxe o discurso de “profilaxia, higiene e eugenia” (1998:571). Fazer exercícios físicos passou a representar, naquele período, um meio de se distinguir numa sociedade considerada “mestiça” e que, portanto, estava longe dos ideais “eugenistas” que eram valorizados até então.

Apesar de nunca ter havido uma proibição legalizada de negros, mestiços e pobres em relação aos esportes, a prática esportiva representou um discurso que legitimou a “inferioridade” das massas e a necessidade de se empreender uma higienização dos grupos considerados “nocivos” à formação da sociedade brasileira. Neste sentido, como analisou Pereira (*ibidem*), a elite carioca, em sua grande maioria, não vedou a prática esportiva às massas. O futebol, dessa maneira, tinha como função ser um instrumento para a promoção da evolução das massas. Contudo, como o autor explicitou, a prática dos esportes era realizada em clubes distintos de ricos e de pobres. Isto não impediu que alguns times formados por trabalhadores comuns, compostos por negros, mestiços e brancos pobres, ocasionalmente jogassem com os chamados *sportmen*.¹⁴

Para ampliar o debate sobre o processo de implantação da “desportivização”, ou o surgimento da “febre dos esportes” nos nascentes centros urbanos, faz-se interessante olhar para outros aspectos da sociedade urbana carioca no início do século XX. Yvonne Maggie (1992), em seu livro *O medo do feitiço*, descreveu em linhas gerais os processos judiciais a partir de 1890 com o objetivo de entender como se deu a repressão do Estado aos cultos afro-brasileiros. Dentre as conclusões da autora, uma nos interessa

¹⁴ Homens que faziam parte da elite econômica, social e política e eram sócios dos clubes mais chiques da cidade e que se dedicavam integralmente à prática esportiva, segundo Leonardo A. de M. Pereira (2000) em *Fotballmania*.

especialmente. Segundo ela, os setores estatais criados para reprimir estas práticas auxiliaram, de fato, a regular e a ordenar os terreiros e os cultos no espaço urbano.

O quarto capítulo, na segunda parte do trabalho, Maggie demonstrou esta idéia claramente quando discorreu sobre o processo de urbanização promovido por Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro. Naquela época, segundo a autora, surgiu a “polícia sanitária” e o “Juízo dos Feitos da Saúde Pública”, que foram responsáveis pela perseguição aos curandeiros, acusados de praticar o “baixo espiritismo”. Tal ação se deu em nome de uma higienização e, ao mesmo tempo, promoveu uma “institucionalização” dos centros de umbanda e de candomblé e o fortalecimento da Federação Espírita Brasileira. O movimento de repressão e “institucionalização” proporcionou um ordenamento do espiritismo. O Estado regulou assim essas práticas, fazendo uma seleção entre o que era considerado o espiritismo que deveria ser mantido e aquele a ser combatido.

A análise da autora é valiosa para se compreenderem os discursos que estavam em voga naquele momento. O paralelo que se pode fazer entre os processos de “desportivização” e a repressão aos cultos apóia-se no fato de que se fizeram presentes, nas primeiras duas décadas do século XX, a construção e a ordenação de elementos que mais tarde se configurariam como representantes da “brasilidade”. As idéias de profilaxia e higienização promovidas nesse período produziram uma seleção dos aspectos culturais a serem permitidos na convivência e no espaço urbanizado, retirando-se aqueles considerados indesejados e que não condiziam com este novo projeto de sociedade urbana. Apesar de estar apontando para um caso particular, o do Rio de Janeiro, estes processos de seleção cultural ocorreram nos chamados centros que se “modernizavam” nos primeiros anos da República. Os aspectos culturais regionalistas passaram por um processo semelhante de higienização na tentativa de “limpar” o que era considerado não-apropriado a este modelo, segundo dados apresentados por Svencenko (*opus cit.*).

O período do Estado Novo ampliou e consolidou esses aspectos culturais, anteriormente definidos como saudáveis e bons para o país. Segundo os historiadores Thomas Skidmore (1969) e Bóris Fausto (2006), a principal característica deste regime, personificado na figura do Presidente Getúlio Vargas, era a centralização do poder e da vida cotidiana nacional. Tais ações produziram a uniformidade desses perfis culturais no

contexto nacional através das propagandas do governo e da utilização de meios de comunicação de massa, como as transmissões radiofônicas em todo o território nacional.

A “desportivização” da sociedade brasileira é um outro exemplo que aponta para o processo de higienização e a escolha de características a serem enfatizadas, em detrimento de outras que deveriam ser “reprimidas”. A prática de esportes significou nessa época uma instrumentalização da adequação dos corpos à nova modernidade que se instalou. Em seguida, passo a descrever mais detalhadamente como os discursos higienistas se propagaram na vida urbana nacional.

2.2 – Brasil branco ou Brasil mestiço? As teorias de branqueamento e mestiçagem

As idéias descritas acima fazem parte não apenas de um contexto socioeconômico que os processos de industrialização e urbanização trouxeram para os centros urbanos. Com a instauração da República e a abolição da escravatura, intensificaram-se os pensamentos sobre um projeto de povo e nação que representasse as expectativas internacionais, e que já vinha sendo pensado desde o Império. Naquele tempo, houve uma popularização de teorias evolucionistas que classificavam e ordenavam os seres humanos a partir de suas diferenças físicas.

Muitos cientistas sociais e historiadores debruçaram-se sobre esse período para analisar as conseqüências dos estudos e da popularização das teorias evolucionistas na vida social brasileira.¹⁵ Não pretendo me aprofundar neste debate. A intenção aqui é apenas abordar mais detalhadamente os aspectos que demonstram como o processo de “desportivização” da sociedade brasileira é resultante dos modelos construídos sobre raça nos primeiros anos do século XX.

Segundo Nísia T. Lima e Gilberto Hochman (1996), os movimentos sanitaristas promoveram mudanças significativas no país que, mesmo já na fase da República, não se considerava de fato uma nação. As teorias do darwinismo social, influenciadas aqui por Gobineau, Agassiz e Le Bon, produziram a crença entre alguns intelectuais brasileiros de

¹⁵ Ver entre outros: Schwarcz, Lílían Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; Cukierman, Henrique Luiz. *Yes, nós temos Pasteur – Manguinhos, Oswaldo Cruz e a história da ciência no Brasil*. 1.ed. Rio de Janeiro: Relume Dumaré / FAPERJ, 2007.

que as “disparidades” raciais encontradas no Brasil condenavam o país a não ser uma nação completa, verdadeira e civilizada. Em resposta a estas idéias, o movimento sanitaria procurou uma maneira de encontrar soluções e alternativas a tal condenação. O combate às doenças diagnosticadas pelos médicos sanitaria era, então, prioridade para a transformação desse quadro. Para os autores, o “movimento pelo saneamento do país” significou a luta voltada para a destruição daquilo que condenava o homem brasileiro à inferioridade: as doenças. O discurso higienista produziu, assim, o desejo de combater os males que impediam o Brasil e os brasileiros de alcançarem o mesmo nível dos países desenvolvidos.

Neste contexto, a “desportivização” era fundamental para se colocar em prática os discursos higienistas. Segundo Leonardo A. de M. Pereira (*opus cit.*), o culto ao corpo e a necessidade das práticas esportivas tinham fundamental importância para a sociedade da época. Os esportes representavam para os higienistas um instrumento poderoso de disseminação de uma raça brasileira condizente com as teorias do darwinismo social difundidas na Europa, pois praticar esportes implicava a esperança de “melhorar” e livrar o indivíduo nacional das pragas que o assolavam e prejudicavam a sua produtividade.

De acordo com Lima e Hochman (1996), um dos grandes problemas que os médicos sanitaria detectaram no brasileiro era a ancilostomose, chamada na época da “doença da preguiça”, a qual infestava mais de 70% da população brasileira. Portanto, o processo de “desportivização” era importante para reverter tal quadro, pois seria uma ação eficaz para combater este mal que comprometia o desenvolvimento e a capacidade de produção da sociedade brasileira.

Outro aspecto em consonância com o discurso higienista no mesmo período histórico, e que contribuiu para a expansão dos esportes, foram as idéias sobre a miscigenação do povo brasileiro. Segundo Giralda Seyferth (1996), em seu artigo “Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização”, as discussões sobre este tema apareceram em meados de 1850. O que impulsionou o debate sobre o assunto foi a necessidade de se pensar a fundação de um “tipo nacional” que resultasse, segundo a autora, em um “processo seletivo direcionado para o branqueamento da população” (:43). Para servir a este propósito, instalou-se uma política de imigração. Seyferth ressaltou que houve uma hierarquização dos chamados

europeus “desejáveis”, que preferencialmente deveriam ser adequados ao trabalho rural e à agricultura e ter capacidade de assimilação.

O discurso do branqueamento estava atrelado às idéias de assimilação. Em outro artigo, "Assimilação dos imigrantes no Brasil: inconstâncias de um conceito problemático", Seyfeth (2000) argumentou que tal processo fez parte dos projetos nacionais que ansiavam em construir uma sociedade em que predominasse o “abrasileiramento” com a integração de elementos nacionais e estrangeiros. Afirmou que a construção do “tipo nacional” só seria possível se os imigrantes europeus trazidos para o Brasil fossem capazes de “civilizar” os indivíduos potencialmente inferiores sem, contudo, descaracterizar a base já estabelecida, como a língua portuguesa e a “cultura latina”. Portanto, esta política exigiu, conforme diz Giralda Seyferth, a “assimilação e [o] caldeamento ou miscigenação dos imigrantes” (1996:49) para a constituição dos elementos que deveriam constar deste “tipo nacional”: branco, eficiente e difusor dos valores positivos da cultura brasileira. Porém, a autora ressalta que eram os elementos culturais nacionais que precisariam ser seguidos. Dessa forma, esses imigrantes teriam que passar por um processo de “aculturação”, assim como a população mestiça e negra considerada não-apta aos padrões de desenvolvimento apregoados naquele momento.

O discurso higienista e a política de branqueamento tinham como objetivo propor a construção de uma nação livre dos problemas que a condenavam à luz da teoria darwinista, que apregoava ser o Brasil um país fadado ao fracasso por sua composição racial. Vimos, então, como os esportes desempenharam um papel-chave capaz de instrumentalizar as saídas possíveis desta condenação.

No entanto, a popularização e a massificação do futebol, dentre as modalidades esportivas que eram praticadas, não podem apenas ser explicadas pelas questões levantadas acima. Como Pereira (*opus cit.*) analisou em seu trabalho, o futebol não só incorporou os projetos de nação propostos por médicos e intelectuais da época, como também difundiu na população um outro sentimento que até aquele momento estes estudiosos acreditavam não existir entre os brasileiros: o de nacionalidade. Para o autor, este pode ser um dos aspectos mais importantes para se entender por que este esporte foi privilegiado pela história, como descreverei a seguir.

3 – O futebol e o sentimento nacional

As partidas realizadas no início do século XX entre Brasil e outros países angariavam um grande número de pessoas interessadas em assistir aos jogos, que reuniam o selecionado nacional, segundo Leonardo A. de M. Pereira (*idem*) que pesquisou jornais desse período. O autor resgatou em sua pesquisa indícios de que o gosto por este esporte foi massificado bem antes do Estado Novo, época em que parte da literatura das ciências sociais afirma ser o momento de popularização deste esporte.

Em sua pesquisa, o autor encontrou os primeiros indícios de que o futebol fomentava um sentimento de unicidade entre os brasileiros. O evento mais importante por ele destacado foi um jogo que reuniu o time brasileiro contra a Argentina, em 1908, e que teve grande repercussão na cidade do Rio de Janeiro. Um vasto contingente de pessoas assistiu às três partidas. Além daqueles que compunham a chamada Liga Metropolitana, misturava-se o público comum interessado no confronto entre as nações. Para o autor, tal fenômeno causou espanto aos intelectuais e à elite da época, pois estes não esperavam que um esporte como o futebol pudesse despertar a atenção dada pelo público heterogêneo que assistiu aos jogos.

O Campeonato Sul-Americano, que foi disputado em 1919, atraiu um público quatro vezes maior do que as partidas de 1908, conforme atesta Pereira. Este evento, por sinal, teve forte repercussão na mídia, que o colocava como o “grande marco do esporte nacional” (*idem*:135). O dia seguinte da partida final entre Brasil e Uruguai foi ponto facultativo nas repartições públicas, e o comércio fechou às 12 horas. O campeonato foi organizado pela Confederação Brasileira de Desporto (CBD), criada em 1916 para ser a entidade representante do futebol nacional, dela fazendo parte oito estados brasileiros.

A intenção desta organização era dar uma unicidade às ligas de futebol local com a promoção de um Campeonato Brasileiro, além de discutir a profissionalização do esporte. Nesse período, apesar da popularidade do futebol, ele não era visto como uma profissão; o amadorismo garantiu ainda por algum tempo aos jovens ricos e bem-nascidos certa exclusividade de praticarem o esporte. É válido ressaltar que a popularização e o sentimento de patriotismo que o futebol despertou não apagaram as diferenças e as distinções entre as classes sociais.

No Rio de Janeiro, a diretoria da Liga Metropolitana era composta pela mais alta elite carioca, que permitia a clubes menores dos subúrbios e da zona norte participarem de alguns eventos, embora não fosse esta a regra geral. A seleção brasileira que participou do Campeonato Sul-Americano de 1919 era composta por homens brancos e pertencentes a uma elite. Apesar de a assistência que lotou o estádio e seus arredores ser negra, pobre e mestiça, a sua participação dentro do campo ainda era restrita, principalmente quando se tratava de representar o Brasil diante de outras nações.

O sentimento nacionalista que o futebol canalizava através de seus eventos esportivos não apagava, contudo, as desigualdades de classe e cor em que a sociedade brasileira se debatia. Enquanto os jornais pesquisados por Pereira (*ibidem*) indicavam que os discursos produziam então uma imagem de união nacional, as diferenças eram vistas em campo com os selecionados brasileiros, que não tinham representantes oriundos das classes mais pobres, negras ou mestiças. Contudo, não se pode afirmar que estes eram absolutamente isolados da prática do futebol. As ligas suburbanas proliferavam na antiga Capital Federal que, de acordo com a descrição feita acima, ficou sob a influência das idéias higienistas. O interesse por esta modalidade esportiva era uma característica de toda a população, que lotava os estádios e acompanhava as partidas. A criação da Confederação Brasileira de Desporto, já em 1916, demonstrou o movimento de expansão que o futebol provocou no território nacional.

Por fim, segundo Pereira (*idem*) o desenvolvimento desta modalidade esportiva está ligado aos projetos de nação, que eram difundidos nas primeiras décadas do século XX, e que proporcionaram uma discursividade acerca do que era o Brasil e seu povo. Sem este contexto, é muito difícil perceber a complexa relação entre as esferas sociais que contribuíram para a construção da consolidação do futebol como o símbolo de nacionalidade.

3.1. – O futebol e o Estado Novo

O Estado Novo foi o período que alguns autores afirmam ter sido o da popularização e da massificação do futebol na sociedade brasileira.¹⁶ Tal crença surgiu com Mário

¹⁶ Ver entre outros: Lopes, José Sérgio Leite. "A morte da 'Alegria do Povo'". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 20 (7):113-135, 1992.

Filho, que declarou em seu livro ter sido esta a ocasião em que foi permitida a entrada de negros e mestiços nos campos de futebol. Como foi descrito anteriormente, esta visão não condiz com a análise sobre a história do futebol feita por Pereira (*ibidem*) e mencionada em artigos por outros estudiosos. Eles demonstram como este esporte já era difundido bem antes dessa época.

A idéia está presente em Mário Filho e foi legitimada por outros autores porque o Estado Novo representou uma centralização da vida política, social e cultural sob o poder estatal. Nenhuma esfera da sociedade escapou desse processo. Aspectos culturais, como o samba, segundo Hermano Vianna (1995) em *O mistério do samba*, passaram então por um processo de normatização e nacionalização, como mostra o trecho abaixo:

[...] A vitória do samba era também a vitória de um projeto de nacionalização e modernização da sociedade brasileira. O Brasil saiu do Estado Novo com o elogio (pelo menos em ideologia) da mestiçagem nacional, a Companhia Siderúrgica Nacional, o Conselho Nacional do Petróleo, partidos políticos nacionais, um ritmo nacional. Na música popular, o Brasil tem sido, desde então, o Reino do Samba (:127).

Nesta passagem, o autor comenta que o samba fez parte de uma visão moderna da sociedade brasileira. Uma de suas principais características era a busca de elementos nacionais que representassem a brasilidade e a existência de uma cultura “genuinamente” nacional. Esta deveria ser hegemônica em todo o território. A intenção era instituir uma coesão nos vários aspectos sociais em nome dos projetos nacionalistas que vigoraram nesse período.

O mesmo aconteceu ao futebol. Houve um intenso processo de homogeneidade, principalmente com o início das transmissões radiofônicas dos jogos. Elas, por sinal, tornaram-se o grande veículo de comunicação e propaganda do governo. Além disto, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), responsável pela organização deste esporte, passou a ser gerida pelo Estado, transformando-se em uma instituição pública. Estas medidas só foram possíveis porque a modalidade já gozava de popularidade Brasil afora, como discutiram os autores acima mencionados.

Hermano Vianna (1995), assim como os autores que se dedicaram ao estudo do futebol, afirmou que as políticas do Estado Novo tiveram a preocupação de centralizar a

vida social, buscando com isto homogeneizar não só os aspectos estruturais, mas também produzir características culturais que fizessem alusão à construção de uma brasilidade. Como analisou Leonardo A. de M. Pereira (*ibidem*), tais características já existiam no cenário nacional, como o futebol. O interesse popular por este esporte já era um fato desde o final do século XIX e, de acordo com as idéias do autor, não se pode creditar o seu processo de expansão somente ao poder estatal do governo de Getúlio Vargas, como afirmou Mário Filho. Outros fatores contribuíram para isto, entre eles, a “desportivização” da sociedade, que veio atrelada aos discursos higienistas da época.

A partir deste contexto, os historiadores têm pensado sobre esse período; um deles, Thomas Skidmore (*opus cit.*), afirmou que a busca de uma brasilidade e de um sentimento nacional estavam presentes nos anos que antecederam a Vargas. Sua chegada ao poder e a implantação de decisões que tiveram como eixo central tais visões foram a legitimação de idéias e de sentimentos que já faziam parte da vida cotidiana dos indivíduos, e possuíam grande força nos meios intelectuais e científicos. Nesses meios, a incorporação desses sentimentos só aconteceria, de fato, com a criação de um “tipo nacional” desejável que já estava em vigor desde 1850, como Giralda Seyferth (1996) mencionou em seu artigo. Este tipo nacional, como descrito acima, deveria ter o branco como ideal, incorporando os valores positivos da cultura lusa, como a língua portuguesa.

O modelo (tipo nacional) pressupunha aspectos que se referiam às características raciais desejáveis, as quais deveriam absorver os elementos culturais permitidos aos espaços urbanos. Os pontos de vista construídos por Mário Filho acerca da popularização e da massificação do futebol com a entrada de negros e mestiços nessa época só fazem sentido quando analisamos os discursos sobre raça proferidos nas décadas de 1930 e 1940. Neste ponto passo a descrever estas teorias.

3.2 – As teorias raciais nas décadas de 30 e 40

O período do governo Vargas viu surgir nos meios intelectuais um redirecionamento dos discursos raciais apresentados no século XIX. Muitos estudiosos das ciências sociais apontaram este movimento como culturalista, tendo como marco e símbolo Gilberto Freyre. Não por acaso, foi ele quem prefaciou o livro *O negro no futebol brasileiro*. Mas vou deixar para mais tarde a análise deste prefácio.

Aqui pretendo demonstrar como os escritos de Mário Filho estão ligados a uma das linhagens dos discursos raciais dessas duas décadas. A história que ele conta sobre a formação do futebol no Brasil é uma versão das teorias culturalistas do futebol. Mais uma vez, é importante ressaltar que a visão do autor tornou-se dominante no imaginário popular e foi reproduzida por alguns setores das ciências sociais, principalmente por aqueles que não são especialistas na área do futebol.

Os autores que se debruçaram sobre essas teorias afirmam que dentre os marcos teóricos que podem ser atribuídos a tal perspectiva o principal é aquele proposto por Franz Boas, um dos fundadores da antropologia. Este antropólogo americano é conhecido como um dos principais críticos das idéias difundidas, na atualidade, sobre raça. Em linhas gerais, as teorias raciais que argumentavam uma separação intransponível entre os tipos físicos humanos, alegando que existiam raças inferiores e superiores, perderam força nas primeiras décadas do século XX, e a antropologia foi um dos pilares dessa crítica e da destruição da idéia dominante até então. As teorias raciais não davam conta de clarear a grande diversidade humana encontrada. Com isto, as explicações das diferenças humanas não podiam ser entendidas pelo conceito da raça biológica.

O antropólogo Thaddeus Blanchette (2006), em sua tese *Cidadãos e Selvagens: a antropologia aplicada e a administração indígena nos EUA (1870-1940)*, analisou o uso da antropologia aplicada entre os anos de 1870 e 1940 nos Estados Unidos da América. O autor descreveu qual contexto político, social e econômico americano mobilizou a destruição das representações sobre a superioridade branca apoiada em preceitos biológicos, e que fizeram surgir as explicações das diferenças que se baseiam na diversidade cultural. Para Blanchette, esta mudança foi impulsionada pelos movimentos urbanos, originários principalmente de Nova York, que assistiram ao “nascimento da cultura negra” como uma bandeira de luta contra o racismo. Este movimento configurou-se nas artes, na música simbolizada pela popularização do jazz e na crescente industrialização desta cidade.

Além disso, os Estados Unidos se viam às voltas com as grandes hordas de imigrantes vindas da Europa, como os judeus e os alemães, entre outros, que colocavam

em risco a identidade anglo-saxã¹⁷ e acreditavam na pureza racial de sua origem. Os estrangeiros aportavam em território americano como mão-de-obra necessária à produção industrial que se expandia nos centros urbanos. Blanchette (*idem*) sustentou em sua tese que o pensamento boasiano fazia parte de um contexto social que propiciava a expansão de suas idéias para além dos meios acadêmicos como maneira de modernizar os discursos deterministas sobre os povos da “América”. Tal pensamento, segundo o autor, continuava acreditando que “índio era índio”, “negro era negro” e “judeu era judeu” e etc, mas agora essas essências eram vistas como sendo criadas pela educação e não pela biologia e permitiu a engenharia social (mudança social baseada em plano supostamente racional e científico) e legitimou o pensamento “salvacionista, civilizacionista e nacionalista” (2006:64) da antropologia *pré-spenceriana* do norte dos EUA.

Maria Lúcia G. Pallares-Burke, em seu livro *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos* (2005), dedicou-se a analisar o período em que Freyre viveu nos Estados Unidos, o que também foi focado por Blanchette (*idem*). Pallares-Burke demonstrou que essa época foi fundamental na formação intelectual daquele que ficaria famoso ao escrever *Casa Grande & Senzala*, que se tornou ao longo dos anos um clássico do pensamento social brasileiro. A obra da autora dá uma nova versão sobre a biografia de Gilberto Freyre ao centrar a análise dos caminhos e dos significados de sua trajetória intelectual.

Palhares Burke (*idem*) ressaltou que sua formação teórica não foi influenciada imediatamente pelas idéias boasianas, como muitos estudiosos atestaram. As percepções culturalistas que iriam nortear *Casa Grande & Senzala* percorreram um longo manancial de autores. O argumento central de seu trabalho é o de que os autores britânicos oriundos de uma tradição vitoriana foram a chave na formação freyriana, sobretudo no que diz respeito à sua concepção sobre o processo de miscigenação como um valor positivo na formação da sociedade brasileira, e que eles foram mais importantes do que os autores americanos no pensamento de Gilberto Freyre. Maria Lúcia Palhares Burke traça em seu

¹⁷ O autor define identidade anglo-saxã segundo Philips (*apud* Philips, 1999): um grupo que se autotificava originário do sudoeste da Inglaterra; formou as 13 colônias fundadoras do processo de colonização do território estadunidense. No período supracitado (1920/30/40), entendiam que a “verdadeira” e “pura” raça branca deveria ter os privilégios e a dominação sobre os chamados grupos inferiores, como negros, judeus e brancos oriundos da Irlanda e do Mediterrâneo, vistos como brancos biologicamente degenerados.

livro os passos de uma trajetória que percorreu os caminhos do racismo e do pensamento eugenista até chegar à valorização da mestiçagem como valor positivo da cultura e da sociedade brasileiras.

A leitura dos livros de Blanchette (*idem*) e de Pallares Burke (*idem*) foi importante para que eu entendesse as características fundamentais do pensamento de Gilberto Freyre – argumentarei mais tarde que este autor foi o grande inspirador de Mário Filho ao escrever *O negro no futebol brasileiro*.

O que é importante extrair das análises destes autores acima discutidos é que ambos construíram um panorama contextual para que se pudesse entender a formação do pensamento freyriano. As idéias de Gilberto Freyre desenvolvidas em *Casa Grande & Senzala* foram influenciadas pelos discursos raciais da Europa e dos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX.

As explicações das diferenças raciais a partir das teorias eugênicas apontariam para uma possível separação da humanidade, em função das características biológicas, entre raças inferiores e superiores. Pallares-Burke (*ibidem*) afirmou que Gilberto Freyre foi um adepto desta visão em seu período vivido nos Estados Unidos da América. É importante ressaltar que mesmo Franz Boas, considerado o pai das teorias culturalistas, não abandonou completamente esse modo de pensar. Como analisou Lima e Hochman (1996), Seyferth (2000) e outros, as teorias eugênicas não foram substituídas no cenário intelectual em que se propagaram. Elas continuaram a ter ressonância nessas áreas, principalmente no que diz respeito a uma visão evolucionista dos seres humanos.

Gilberto Freyre foi influenciado por este contexto construído pelas “novas Ciências Sociais”, como diz Blanchette (2006), que faziam parte do cenário intelectual americano e europeu, em particular a literatura britânica, como também aponta Pallares-Burke (*idem*). O objetivo central em *Casa Grande & Senzala* era demonstrar os elementos característicos das três raças que comporiam a formação dos brasileiros, encontrando um elo que colocaria no mesmo patamar estes três componentes formadores da nacionalidade. O processo de miscigenação brasileiro, louvado na teoria freyriana, produziu a visão de que as características culturais extremas eram uma ameaça ao projeto nacional, e que a junção destes elementos propiciaria o surgimento de um “tipo nacional” mais original, capaz de amenizar os conflitos na sociedade brasileira.

Não é de surpreender que a obra de Freyre, na época de seu lançamento, tenha sido um sucesso e tivesse grande aceitação no cenário intelectual brasileiro e no internacional. O contexto político era favorável. As políticas do Estado Novo estavam implantadas nos diversos setores da sociedade, que entraram em acordo com tais idéias ao promoverem uma homogeneização da sociedade brasileira.

Diante do exposto acima, argumento que a obra de Mário Filho representou uma leitura do futebol que seguiu o mesmo modelo de *Casa Grande & Senzala*.

4 - O negro no futebol brasileiro: Casa Grande & Senzala dos campos de futebol

O negro no futebol brasileiro, de Mário Filho, é considerado um clássico. O livro retrata a trajetória do negro no futebol e, apesar de não ter sido elaborado por um sociólogo, ele assumiu importância sociológica na época em que foi escrito. O prefácio elogioso do então famoso Gilberto Freyre revelou a sua utilidade por contribuir de forma precisa para a história “da sociedade e da cultura brasileiras” (2003:24). Para muitos autores modernos, *O negro no futebol brasileiro* inaugurou o discurso do futebol, explicando-o como um estilo genuinamente brasileiro, como Antonio Jorge Soares (*idem*) afirmou em seu artigo em que, também comparou a obra de Mário Filho ao trabalho de Freyre.

Sua obra teve algumas reedições, todas com novos textos acrescentados pelo próprio autor, segundo Fátima Martin Rodrigues Ferreira Antunes (2004) em *Com brasileiro, não há quem possa*. Uma das edições, a que será discutida aqui, foi produzida logo após a derrota do Brasil na Copa do Mundo de 1950.

Mário Rodrigues Filho nasceu em Recife e veio para o Rio de Janeiro ainda na infância.¹⁸ Seu pai era um importante jornalista, Mário Rodrigues, dono do jornal *A Manhã*, no qual iniciou sua carreira como escritor e jornalista. Era irmão de Nelson Rodrigues, também importante jornalista e dramaturgo, autor de várias peças para teatro e livros, também ele um analista do futebol.

Com o fim do jornal *A Manhã*, Mário Filho passou a trabalhar no jornal *O Globo* com Roberto Marinho, em 1931. Tentou, ainda nessa época, fundar um jornal totalmente voltado para o esporte, chamado *Mundo Sportivo*. Não obteve sucesso e terminou por

¹⁸ Dados biográficos extraídos do livro *Mil e uma noites de futebol*, de Marcelino R. da Silva.

fechá-lo logo após a sua inauguração. Em 1936, Mário Filho comprou o *Jornal dos Sports*, também de Roberto Marinho, que acabou por se tornar o maior jornal brasileiro de todos os tempos dedicado aos esportes, tendo em períodos da história uma das maiores tiragens que um jornal jamais alcançou aqui. Foi responsável pela criação do Torneio Rio-São Paulo, que mais tarde se transformou no Campeonato Brasileiro. Além deste evento, o *Jornal dos Sports* criou outros tantos, e teve participação ativa na divulgação do estilo e da forma com que o futebol brasileiro é conhecido nos dias atuais.

Em seu livro *Mil e uma noites de futebol*, Marcelino R. da Silva (2006) analisou a trajetória de Mário Filho e afirmou que este personagem criou o modo de se escrever uma crônica esportiva como a conhecemos hoje. Para o autor, Mário Filho inaugurou o jornalismo especializado em esportes.

Além de inaugurar uma nova maneira de escrever sobre esta área específica, com a compra do *Jornal dos Sports* Mário Filho passou a se dedicar mais ao futebol, pelo qual era apaixonado. A socióloga Fátima Martin R. F. Antunes (2004) analisou as crônicas jornalísticas de Mário Filho, Nelson Rodrigues e José Lins do Rego no livro *Com brasileiro não há quem possa* e afirmou que estes três jornalistas tinham em comum a paixão pelo futebol que extravasava através de suas crônicas esportivas. Com isto, como bem observou a autora, a visão que tinham do futebol e que era transportada para as suas matérias esportivas, vinha imbuída deste sentimento passional. Portanto, para qualquer interpretação do futebol a partir das crônicas destes três jornalistas, torna-se necessário contextualizar suas idéias sobre a trajetória e a formação do futebol.

Fátima Antunes (*idem*) ressaltou em sua obra o fato de Mário Filho ser amigo de Gilberto Freyre como o principal argumento para entender a sua interpretação do futebol. Tal amizade começou nos tempos da Editora José Olympio. Este editor, mais do que lançar livros, fez parte da história social brasileira. Segundo a autora, a editora, fundada em 1931, retratou os acontecimentos mais relevantes da história brasileira, reuniu em torno dela uma grande quantidade de autores e temas que foram inovadores em seus respectivos tempos. Situada no Rio de Janeiro, ali eram promovidos debates e encontros entre intelectuais e escritores notáveis sobre os mais variados temas.

Mário Filho fazia parte desse grupo seletivo de pensadores e escritores que em suas respectivas áreas refletiam a respeito das questões nacionais. Influenciado por esses

autores, dentre eles alguns do Movimento Modernista, e bastante impressionado com o livro *Casa Grande & Senzala*, Mário Filho resolveu analisar o surgimento do futebol e sua trajetória tendo como marco principal as idéias que norteavam o livro de Gilberto Freyre. Vale ressaltar que o próprio Freyre já havia escrito anos antes alguns artigos sobre este esporte em sua coluna no *Diário de Pernambuco*. Conhecedor e divulgador do futebol através de suas crônicas, Mário Filho possuía um acesso fácil às histórias que relatou em seu livro.

O livro *O negro no futebol brasileiro* está situado nesse contexto histórico, portanto, é o retrato de uma época em que os discursos raciais eram elaborados a partir das teorias de miscigenação que tiveram como um dos seus maiores símbolos Gilberto Freyre. O argumento mais forte de Mário Filho neste livro girou em torno da idéia de que o futebol se transformou em uma representação da brasilidade quando incorporou os negros e os mestiços.

4.1 – O prefácio de Gilberto Freyre

Gilberto Freyre classificou *O negro no futebol brasileiro* como uma contribuição valiosa ao entendimento da transição da “fase predominantemente rural para a vida urbana” (2003:24) na sociedade brasileira. Segundo o sociólogo, o futebol representava uma parte importante da construção da modernidade, pois se alinhava a outros símbolos que ficariam conhecidos como pertencentes à identidade brasileira. Como percebemos num dos trechos deste prefácio:

[...] Mário Filho nos põe diante do conflito entre estas duas forças imensas – a racionalidade e a irracionalidade no comportamento ou na vida dos homens. No caso, homens do Brasil. Homens de uma sociedade híbrida, mestiça, cheia de raízes ameríndias e africanas e não apenas européias. Creio não dizer novidade nenhuma repetindo que por trás da instituição considerável que o futebol tornou-se em nosso país se condensam e se acumulam, há anos, velhas energias psíquicas e impulsos irracionais do homem brasileiro em busca da sublimação (:24).

Freyre situou a análise do futebol feita por Mário Filho como marco importante para se entender o modo pelo qual este esporte serviu para criar uma identidade nacional. Para Freyre, o livro de Mário Filho fala desta identidade de brasileiros autênticos,

mestiços, e serviu para que fossem enaltecidos e se caracterizassem por trazerem no seu ofício os traços da mestiçagem em busca de um valor positivo.

Gilberto Freyre também foi o primeiro a dizer que o futebol serviu para amenizar conflitos outrora problemáticos que, sem a sua institucionalização, poderiam alastrar-se pela sociedade brasileira:

[...] O desenvolvimento do Futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura. A capoeiragem e o samba, por exemplo, estão presentes de tal forma no estilo brasileiro de jogar futebol que de um jogador um tanto álgido como Domingos, admirável em seu modo de jogar, mas quase sem floreios – os floreios barrocos tão do gosto brasileiro - [...] O que não quer dizer que deixe de haver alguma coisa de concentradamente brasileiro no jogo de Domingos, como existe alguma coisa de concentradamente brasileiro na literatura de Machado de Assis. [...] Mas vá alguém estudar a fundo o jogo de Domingos ou a literatura de Machado que encontrará decerto nas raízes de um, dando-lhes autenticidade brasileira, um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana e até um pouco de capoeiragem pernambucana ou malandragem carioca. Com esses resíduos é que o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é (:25).

Os trechos apresentados compõem uma das partes mais importantes e interessantes de seus escritos. Nela, Freyre especificou que o futebol é essencialmente brasileiro. Ele é, basicamente, o resultado da construção do projeto mestiço, e se formou baseado nas características diversas que advêm das matrizes raciais que formam o povo brasileiro: o negro, o branco e o índio. Neste sentido, os elementos culturais fomentados no Brasil são originários desse processo. A mestiçagem proporcionou a formação cultural dos brasileiros. Machado de Assis e Domingos da Guia, apesar de desenvolverem ofícios com tradição européia, pertencem a um “tipo nacional” que concentra elementos característicos desta mistura cultural. Os futebolistas jogados por Domingos da Guia e a literatura produzida por Machado de Assis contêm em si as características culturais genuinamente nacionais, como a malandragem ou a capoeira pernambucana. Por esta razão, a literatura machadiana e o futebol de Domingos da Guia são diferentes por sua originalidade e brasilidade.

Ainda sobre esta passagem, tal como explicitou em *Casa Grande & Senzala*, o modelo da miscigenação proposto em sua obra foi enfatizado como o grande valor dos escritos de Mário Filho. De acordo com Freyre, foi a mestiçagem que nos permitiu

produzir elementos brasileiros *sui generis*, capazes de conservarem em seu cerne todas as características inatas de nosso povo. A visão de Freyre abrangeu toda a produção cultural brasileira, desde os elementos eruditos até a arte folclórica, mas seu objeto mais óbvio e popular encontra-se no futebol. Por isso, de acordo com o sociólogo, só os brasileiros sabem jogar e fazer dele um estilo próprio.

Neste sentido, a obra de Mário Filho, segundo Freyre, teve a importância de retratar como o futebol ajudou a moldar nossa identidade nacional a partir do talento e das características brasileiras propiciadas pela miscigenação brasileira. Seu trabalho aproximou-se de *Casa Grande e Senzala* ao descrever as relações raciais no âmbito da construção de um esporte de elite e na subsequente apropriação deste pelas camadas populares. Ele retratou a modernidade brasileira da época, a aceitação da mistura racial como algo positivo e a afirmação de que o povo brasileiro é fruto dela, e a singela expectativa de que em tal mistura se encontrou a chave para a futura grandeza da nação. Esta foi concebida como uma sociedade perfeitamente harmonizada e conformada a partir da sua composição racial e sociocultural.

Segundo essa ótica, podemos perceber que Mário Filho teve a intenção de explicar o futebol brasileiro através do modelo da sociedade brasileira produzido por Freyre em sua obra mais famosa, *Casa Grande & Senzala*. As teorias levantadas por Mário Filho traduziram, para a análise do futebol, outras teorias sobre a miscigenação e a contribuição das três raças formadoras da nação brasileira, as quais criaram um esporte com características genuinamente nacionais, distantes do modelo europeu.

4.2 – Os “causos” de Mário Filho

O livro foi escrito numa linguagem característica dos cronistas esportivos: foram contados fatos e eventos curiosos do mundo do futebol para explicar como lendas, mitos e rixas entre torcedores foram construídos. O autor utilizou sua longa experiência como repórter e jornalista que cobria este esporte. Conseqüentemente, recheou o texto de “causos”,¹⁹ acontecidos dentro e fora dos campos. Assim, Mário traçou a trajetória do futebol brasileiro, levando em conta os clubes do Rio de Janeiro, Capital Federal na

¹⁹ Palavra que na crônica esportiva significa situações passadas no universo de esportes e que não correspondem necessariamente à realidade.

época, e de São Paulo. Este estado representava então (e ainda representa) o centro urbano mais importante do país. O livro foi dividido em seis capítulos, através dos quais o autor pôde criar um mosaico de fatos e situações que explicam como o negro foi introduzido no futebol.

No capítulo intitulado "O Campo e a Pelada", Mário Filho contou como os negros e os mestiços começaram a entrar no esporte. Inicialmente, eram escalados para os times das fábricas têxteis formados por operários ingleses, que convocavam alguns empregados negros para jogar, já que não havia número suficiente de ingleses para compor os times. Como registramos acima, esta é a explicação sociológica posteriormente encontrada em Sérgio Leite Lopes (1992), no artigo "A morte da 'alegria do povo'".

Assim aconteceu com os times Bangu Athletic Club e América, entre outros, que depois se tornaram times profissionais. O futebol começou amador, e os grandes e famosos clubes, como o Flamengo, o Fluminense e o Botafogo no Rio, eram instituições da elite. É interessante notar que Mário Filho descreveu um trânsito entre os jogadores chamados de “boa família” e os “jogadores operários”, advindos das fábricas. Estabeleceu as diferenças entre os negros e os mestiços que aprendiam a jogar futebol nos campos de várzea, sem um treinador e com bola improvisada, e os brancos de boa família, que jogavam nos clubes ricos e tradicionais. O autor deixa transparecer que tal divisão era, de certa maneira, falsa e que “um ou outro preto” era eventualmente aceito nos jogos dos chamados “clubes ricos”. No entanto, Mário Filho não esclareceu em quais circunstâncias e quando isto aconteceu.

Em outro momento, ele se referiu às relações entre os clubes menores e os assim denominados grandes clubes. Num dos contos, o autor relatou a história de Heráclito, goleiro negro do Bangu que jogou contra o Flamengo em 30 de junho de 1912. Enfatizou a bebedeira do goleiro no dia do jogo e acusou o jogador da derrota do Bangu, mas finalizou dizendo que os jogadores brancos bebiam tanto quanto os negros, e não sofriam as mesmas consequências.

A grande virada nessa situação foi no Campeonato de 1922, com a entrada na Primeira Divisão do Clube de Regatas Vasco da Gama, time que, segundo Mário Filho, tinha nessa época uma formação absolutamente negra e mestiça, e que se tornou a sensação daquele campeonato, não perdendo para ninguém. Para o autor (e seguindo

novamente a linha de pensamento estabelecida então por Freyre), o time vascaíno acompanhou a boa tradição portuguesa da mistura e, por isto, foi o primeiro clube a empregar jogadores negros e mestiços. Esta idéia relaciona-se à visão de Freyre, que argumentou ser o homem luso mais flexível à mistura do que o anglo-saxão que povoava os Estados Unidos da América.

Mário Filho descreveu toda a saga da inserção do Vasco da Gama entre os clubes de elite. O clube, ao abrir as portas para a entrada de negros e mestiços, acabou por se tornar o time imbatível do campeonato daquele ano. Os outros clubes, posteriormente, começaram a aceitar negros e mulatos para poderem competir com o time de origem lusitana que mudara as hierarquias estabelecidas pela elite do futebol. Como demonstra o trecho abaixo:

[...] Os pobres das peladas e dos clubes pequenos, brancos, mulatos e pretos, dando nos times dos grandes clubes, só de brancos, de gente fina, de sociedade. Por causa do português. Se não fosse o português, como é que aqueles jogadores, que nunca tinham feito coisa alguma, podiam fazer alguma coisa? (:122).

Esta passagem dá a exata medida das visões modernistas então em voga e o seu impacto na análise do futebol brasileiro. A mistura teria que ser positiva e justificada tendo em vista o passado da colonização brasileira – uma colonização, digamos, tropicalista e portuguesa. Neste sentido, Mário Filho estabeleceu uma análise baseada na fundação sobre a qual toda e qualquer discussão sobre o futebol *genuinamente brasileiro* teria que ser construída desde então. Como afirma Gilberto Freyre em seu prefácio, foi a partir do estudo de Mário Filho que o futebol brasileiro começou a ser entendido como algo composto por ginga, dança, capoeira e samba.

4.3 – As idéias sobre a miscigenação, segundo Mário Filho

O livro de Mário Filho é composto pelos argumentos centrais que Gilberto Freyre utilizou em *Casa Grande & Senzala*. A leitura de *O negro no futebol brasileiro* pode ser entendida como demonstração das teorias expostas na clássica obra do sociólogo pernambucano. Portanto, o objetivo ou o resultado mais importante do trabalho de Mário Filho foi o de demonstrar como os elementos constituintes da formação racial brasileira

promoveram o futebol “genuinamente” nacional. Transcrevo abaixo uma das passagens do livro que demonstram esta noção:

[...] O branco pobre, o mulato, o preto, estabelecendo a diferença entre o grande e o pequeno clube. A academia e a escola pública. O campo cercado, com arquibancada e tudo, e a pelada, um campo sem grama, pelado. Quando não entre o *field*, como saía nos jornais, ou *ground*, e a rua. Um verde macio, de grama bem aparada, um tapete, o outro de barro, de pedra. Muito diferente. O branco dos *field*, dos grandes clubes, tendo ainda por cima um professor, o capitão do time gritando sem parar, em inglês. O preto das peladas, das ruas, não tendo ninguém. A única coisa que o ajudava era a intuição. A certeza de uma vocação que o fazia fabricar uma bola de meia. Para jogar, para aprender. Procurando se lembrar do que tinha visto. Imitando, a memória servindo de espelho. Um espelho não muitas vezes fiel. Deturpando jogadas (:73-74).

Neste trecho é possível perceber o argumento de desapropriação de determinada característica cultural de uma classe por outra. O negro, proibido de participar dos grandes salões em que o jogo de futebol acontecia, espreitava e memorizava as jogadas para então, nos campos improvisados, aprender a jogar. Como os negros, os mulatos e os brancos pobres não tinham professores, só contavam com a memória, o que acabou modificando a maneira de se praticar este esporte.

As idéias relatadas acima têm uma analogia com as encontradas no livro de Hermano Vianna (1995), *O mistério do samba*. O autor analisou as origens do samba e problematizou a noção de que este gênero musical, de origem negra, era restrito às favelas do Rio de Janeiro, e que tal característica cultural foi “roubada”, com o tempo, pela elite branca, econômica e cultural da cidade, para ser entendido como símbolo nacional. Vianna (1995) argumentou que este entendimento da trajetória do samba faz parte de uma visão clássica do processo de miscigenação difundida por Gilberto Freyre, produtora de um discurso positivado desse mesmo processo. Demonstrou que o samba foi uma criação conjunta simbolizada no encontro metafórico em um bar da Lapa entre Gilberto Freyre, Pixinguinha, Sérgio Buarque de Holanda, Prudente de Moraes Neto, Heitor Vila Lobos, Luciano Gallet e Patrício Teixeira (1995:19-20).

Argumento aqui que *O negro no futebol brasileiro* foi uma obra que também produziu o mesmo fenômeno, mas de forma inversa em relação ao futebol. Aqui, foi a massa negra e mestiça que “roubou” dos brancos da elite este esporte. A forma como se conta a origem do samba e do futebol é similar: uma história que nasce da idéia de que houve uma saída progressiva das margens, fossem elas brancas ricas ou negras pobres,

para o centro de produção de símbolos nacionais. Essa trajetória foi possível, segundo tal perspectiva, porque resultou da característica brasileira miscigenadora herdada de Portugal. Como um exemplo, destaco outra passagem do livro de Mário Filho:

[...] As anedotas de inglês sendo, para Domingos [jogador de futebol negro da década de 30], o que Sterne foi para Machado de Assis. De uma certa forma Domingos foi o Machado de Assis do futebol brasileiro. Inglês por fora, brasileiro por dentro. Sobretudo carioca. Quanto mais se esforçava para ser inglês, mais Domingos se traía como carioca. Como o velho Machado. O mulato de *pince-nez*, de barba de Ministro do Império, o preto de fala macia, arrastada, com o seu passado malandro, de samba de breque. [...] Ingleses brancos que, vestindo-se de jogador de futebol, tratavam, mais do que depressa, de se abasileirar. Chegando mesmo a inventar jogadas, feito Leônidas [jogador negro da década de 30 conhecido como o Diamante Negro], para agradar o público. O caso de Charles Miller, o “charles” sendo o primeiro brasileiro em futebol (:217).²⁰

Neste trecho, Mário Filho contou como o futebol se abasileirou quando deixou de ser inglês, e que até mesmo o “responsável” pela introdução deste esporte no Brasil teve que imitar o modo de jogar dos brasileiros. Interessante ressaltar a comparação que o autor fez entre Machado de Assis e o jogador Domingos da Guia. Suas (Machado e Domingos) atitudes “inglesas” eram imediatamente denunciadas pela fala e pelo andar. Os modos como o escritor e o jogador desenvolviam seus respectivos ofícios eram inevitavelmente um estilo brasileiro e, mais ainda, carioca. Aqui o autor demarcou, além da brasilidade, a identidade regional. A miscigenação é característica de todos os indivíduos e, portanto, ela demarca o espaço regional, assim como o espaço territorial da nação, como no exemplo em que ressalta o inglês que virou brasileiro. Segundo Mário Filho, o futebol não escapou aos processos sugeridos por Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala*. Esta modalidade esportiva só foi capaz de ser incorporada pelos

²⁰ A própria classificação “étnica” de Miller está relacionada à versão mais cabível da história de formação deste esporte que o interlocutor queira seguir, demonstrado no trecho escrito por Mário Filho. Como Thaddeus Blanchette apontou em seu trabalho de mestrado, *Gringos*, as descrições da “etnicidade” do próprio Miller mudam conforme a orientação político-nacionalista dos vários autores que recontam a história fundadora do futebol. Filho de um pai imigrante inglês e de mãe escocesa-brasileira, Miller é descrito na literatura como “inglês”, “descendente de ingleses e brasileiros”, “brasileiro de nome anglo-saxão” e “paulista descendente de ingleses”, incorporando, assim, uma variedade de descrições que vai da mais exótica e distante (inglês), quando se quer afirmar que este esporte não fez parte dos códigos culturais nacionais, até as mais regionalistas e domésticas (paulista descendente de ingleses), que geralmente são usadas para argumentar a existência de uma essência brasileira no sucesso e na popularização deste esporte no Brasil.

brasileiros à medida que foi se transformando em uma característica familiar. Passo agora a descrever a Copa de 1950, para mostrar que ela foi interpretada a partir de muitas das idéias expostas neste trabalho.

5 – A Copa do Mundo de 1950: a teoria da miscigenação brasileira em campo

A realização do campeonato mundial no Brasil foi um grande evento para a nação e também para o Rio de Janeiro. O momento político desencadeou inúmeras expectativas. Pensavam todos em quais seriam os benefícios de sediar e ganhar uma Copa do Mundo. Para Mário Filho, esta era a grande chance de provar ao mundo e aos brasileiros suas recém-descobertas sobre a trajetória do futebol no Brasil.

A Europa, o continente que sediou inúmeras Copas até aquele ano, não pôde ser escolhida como continente anfitrião para mais um campeonato. A Segunda Guerra Mundial, que teve ali o seu principal palco, estava completamente arrasada e traumatizada com os acontecimentos que se seguiram ao conflito mundial.

O país escolhido, o Brasil, representou um espaço neutro para a realização do evento. Como afirmou Gisella de Araújo Moura (1998), em *O Rio corre para o Maracanã*, o cenário político favoreceu a opção. Nessa época, o Presidente em exercício era Eurico Gaspar Dutra, que tentou afastar de seu governo o que pudesse lembrar o Estado Novo. O Presidente aproximou-se dos elementos contrários ao período varguista que acabaram por neutralizar, em seus primeiros anos de governo, a força política que Getúlio Vargas ainda possuía, mesmo não sendo mais o governante do Brasil.

Outro ponto relevante dessa época foram as discussões para a implantação do Projeto Unesco no país. Este projeto teve como objetivo lançar uma série de estudos sobre as relações raciais e compreender sua dinâmica no cotidiano nacional. Este empreendimento foi realizado com a cooperação de estudiosos de vários países, inclusive brasileiros. Marcos Chor Maio (1999),²¹ em sua análise do projeto, afirma que as pesquisas realizadas pela Unesco visavam encontrar novos métodos de sobrevivência numa realidade étnica diversificada como a do Brasil. A experiência nazista na Segunda Guerra Mundial reavivou as discussões sobre as teorias raciais construídas até aquele

²¹ “O projeto Unesco e a agenda das Ciências Sociais no Brasil dos anos 40 e 50”. RBCS, vol.14, n.41, outubro de 1999.

momento. E o modelo brasileiro era visto como bem-sucedido porque pregava existir no país uma harmonia racial, como descrevi anteriormente. Até o futebol brasileiro era resultado desta característica. Deixou de ser um esporte inglês e, pouco a pouco, abraçou-se em função do processo de miscigenação.

Apesar de o Projeto Unesco ter iniciado seus trabalhos em 1951, Maio (*idem*) demonstrou que as articulações para a realização dos estudos haviam acontecido anos antes. O sociólogo Artur Ramos, em 1948, foi um dos mentores e negociadores junto a esta instituição para a realização das pesquisas no Brasil.

Neste contexto, um dos grandes interessados em trazer a Copa do Mundo para o Brasil era Mário Filho, justamente aquele que se tornara especialista em estudos das relações raciais no futebol. Mário Filho participava ativamente dos meios intelectuais e acadêmicos que discutiam tais assuntos. Certamente incentivar o país a sediar um campeonato de futebol num momento em que a dinâmica das relações raciais no Brasil seria estudada por vários pesquisadores, ter aqui um campeonato desta magnitude representava uma grande oportunidade de mostrar ao mundo as qualidades de um país que vivia em harmonia racial.

5.1 – Sedar uma Copa do Mundo: a legitimação de um povo

O desejo de o Brasil sediar um campeonato mundial de futebol já era antigo, segundo Gisela Araújo Moura (1998). Desde os anos 1940, a Confederação Brasileira de Desportos, por uma decisão do Governo Federal, demonstrava interesse neste projeto. A Segunda Guerra Mundial impediu que se realizassem duas Copas seguidas, a de 1942 e a de 1946. A Copa de 1950 seria a primeira a se concretizar depois do fim dos conflitos. A competição reuniu 13 países da Europa e das Américas. A decisão da FIFA saiu em 1948, dando ao Brasil o direito de realizar a competição.

Um dos principais entusiastas da realização desta Copa, e que se empenhou em promover a construção do estádio do Derby, foi Mário Filho. Moura (1998) discutiu o importante papel deste jornalista e escritor no nascimento do maior estádio do mundo e os significados da construção deste monumento. Inicialmente, segundo esta autora, cogitou-se para a sede do evento o estádio do Pacaembu, que tinha sido inaugurado no final dos anos 40, em São Paulo. Decisão esta rejeitada veementemente por Mário Filho,

que passou a usar o seu poder junto ao governo e também aos meios de comunicação para uma campanha a favor da edificação de um estádio no Rio de Janeiro. Nessa época, já existia a rivalidade, forjada desde a Proclamação da República, entre cariocas e paulistas. Iniciada com as questões políticas, ela seria transposta para o futebol.

O estado de São Paulo era o maior centro econômico do país e o Rio de Janeiro, a Capital Federal. Portanto, os dois estados eram seguramente os mais importantes da federação. Dessa forma, a disputa política era muito grande. Realizava-se, então, o torneio Rio-São Paulo, que gerou o Campeonato Brasileiro. A disputa nacional restringia-se a esta competição, que reunia as regiões mais importantes da nação. Este campeonato, como foi mencionado antes, foi concebido pelo *Jornal dos Sports*, sob os auspícios de Mário Filho, segundo nos conta Marcelino Silva (2006).

A construção do Maracanã representou não só o surgimento de um estádio, mas a certeza, de acordo com Mário Filho, da capacidade empreendedora do brasileiro. E também a constatação de uma superioridade carioca em relação aos paulistas. Moura (1998) demonstrou, através da análise das crônicas escritas pelo escritor no *Jornal dos Sports*, a insistência de Mário Filho sobre a importância de se ter um espaço como este destinado ao futebol. A partir de sua inserção no mundo político nacional e no futebol, o jornalista promoveu uma verdadeira campanha para a construção do estádio. Até as cadeiras cativas do complexo esportivo o *Jornal dos Sports* ajudou a vender para auxiliar financeiramente a sua realização. Ele também ajudaria a alijar os críticos e aqueles que não acreditavam que o projeto pudesse sair do papel.

As pesquisas realizadas por mim no *Jornal dos Sports* revelaram como este evento foi primordial para a legitimação do poder empreendedor do brasileiro, o que foi constatado por Filho. Transcrevo a seguir trecho de uma crônica de Filho por ocasião da inauguração do Maracanã:

O início de uma nova era para o esporte brasileiro

[...] O estádio está diante dos olhos de todos. É uma massa de ferro e cimento que desafia o tempo. Honrando o trabalho do homem. No caso, o homem brasileiro. Toda a vez que vou ao estádio sinto orgulho. Não apenas por ter acreditado no estádio, por ter lutado por ele. Mas me orgulho também de ser brasileiro. Foi o brasileiro que realizou esta obra que na expressão do engenheiro Bonassi honra a humanidade. Bonassi, italiano, sentiu orgulho do estádio. Como homem. Todo brasileiro deve sentir o mesmo orgulho do engenheiro Bonassi e mais o orgulho de ser brasileiro. É o maior estádio do mundo. É maior do que o maior: o mais arrojado como concepção arquitetônica. A

arquibancada suspensa, projetando-se no espaço sem uma coluna visível, suportando quarenta mil pessoas sentadas ou sessenta mil em pé, e a marquise de trinta metros de largura por novecentos e quarenta metros de circunferência não foram tentadas em nenhuma construção do mundo. Arquitetos brasileiros tornaram-nas possíveis, engenheiros e operários brasileiros realizaram-nas. Por isso tudo valia a pena lutar pelo estádio. Era preciso, porém, lutar muito. Lutar sem parar. Para superar os obstáculos. Para vencer as derrotas. A batalha do estádio foi uma sucessão de batalhas. De batalhas perdidas que tiveram de ser vencidas de novo. A batalha do não faz não faz. A batalha dos projetos. A batalha do terreno. A batalha do dinheiro. A batalha dos nomes. Desde quarenta e um, vale a pena recordar, o estádio estava para ser construído (16/06/1950).

Esta passagem faz parte de uma longa crônica escrita pelo jornalista e demonstra alguns significados importantes e qual o papel desempenhado por Mário Filho na realização do projeto. Sua participação ativa foi um dos fatores responsáveis para que as obras saíssem do papel. Para o escritor, esta construção representou mostrar aos olhos do mundo do que o brasileiro era capaz. Os adjetivos utilizados por ele para classificar o estádio são meios de expressar que o brasileiro, fosse ele engenheiro ou operário, teve o mérito da concepção e da realização. Cabe o sucesso ao “extraordinário” poder de empreendimento do homem nacional, este que Mário Filho exaltava em seu livro como o mestiço que jogava futebol, com malemolência e samba no pé. Estas características transformaram as formas sisudas do futebol inglês no jeito “nacional” de praticar este esporte.

É importante ressaltar também que Mário Filho, em sua crônica, preconizou o discurso que dominou toda a década de 1950. Abordarei no próximo capítulo como os discursos “desenvolvimentistas” foram a tônica em 1958, ano em que o Brasil conquistou sua primeira Copa do Mundo. Enfim, o que significou 1958 em relação ao futebol tem íntima relação com o início dessa década e o fato de o Brasil ter sediado um campeonato mundial em 1950.

5.2 – A perda da Copa para o Uruguai: “a tragédia do Maracanã” - o fracasso de um projeto de nação

Inúmeras reportagens e trabalhos já foram escritos sobre este acontecimento que, provavelmente, é o mais marcante na história do futebol brasileiro. Não tanto pela derrota, mas pelas interpretações sobre as razões que levaram a seleção nacional a perder

esta Copa. As suas conseqüências também foram motivo de estudos no campo das ciências sociais e na literatura em geral.

Segundo Simoni Guedes (*opus cit.*:40), a derrota na final para o Uruguai só pode ser entendida contextualmente. Os fatos históricos ocorridos nessa década fazem parte de acontecimentos políticos e sociais que se interligam à memória coletiva sobre este episódio. Para a autora, tais situações, em alguns casos, misturam-se à derrota do Brasil.

Mário Filho escreveu sobre 1950 após 14 anos do fato ocorrido, como nos conta Gisele de Araújo Moura (1998). O jornalista inseriu dois capítulos ao livro publicado em 1947 e analisou os desfechos e as conseqüências da derrota de 50.²² Entre 1950 e 1964, o Brasil sagrou-se bi-campeão mundial (1958/1962) e as grandes estrelas dessas vitórias foram Pelé e Garrincha. O discurso construído pelo jornalista a respeito da derrota de 1950, nesta segunda edição de seu livro, foi permeado por estes dois episódios mais recentes, como analisou Moura (1998). Ainda para confirmar este argumento, na pesquisa que realizei no *Jornal dos Sports* no período de 1950/58/62,²³ não encontrei nenhuma referência nas crônicas de Mário Filho de que a derrota na Copa de 50 tivesse sido culpa de uma inferioridade racial da seleção, em sua maioria composta por negros e mestiços. Parece que a população em geral havia levantado essa hipótese na época, como Mário Filho escreveu no livro que publicou depois das duas vitórias de 1958 e 1962, mas a questão jamais ficou muito clara.

Concomitante a isto, no ano anterior, 1963, Mário Filho havia lançado a biografia de Edson Arantes do Nascimento – *Viagem em torno de Pelé* – que, em linhas gerais, conta a trajetória do “craque” do Santos Futebol Clube desde a sua infância até a sua chegada à seleção brasileira. Destacou o papel importante deste atleta na conquista de 1958, exaltando suas qualidades em ser “preto”. Para ele, a grande virtude de Pelé residia no fato de que o atleta não negara a sua cor ao ficar famoso aos 17 anos com a conquista da primeira Copa. Todos os “pretos” orgulhavam-se de Pelé por ele representar a raça

²² Esta afirmação pode ser confirmada na segunda edição de 2003, que resgatou nota redigida por Mário Filho.

²³ Esta pesquisa feita por mim no *Jornal dos Sports* também foi realizada por outros pesquisadores em intervalos distintos, dentre eles, Gisela Araújo Moura, Simoni Guedes, esta em sua dissertação de mestrado. A leitura de alguns desses trabalhos foi significativa porque mostrou a relevância das crônicas de Mário Filho e, portanto, a importância de analisar os seus escritos para este trabalho, por serem eles uma fonte de pesquisa central para as idéias que me propus a realizar.

com dignidade e por ter mostrado seu profissionalismo e talento nos momentos mais importantes do futebol brasileiro.

A “tragédia de 50”, como ficou conhecida, tinha vários episódios que foram descritos como tal por cronistas esportivos, entre eles, Mário Filho, Nelson Rodrigues e José Lins do Rego. Segundo Fátima M. R. F. Antunes (*opus cit.*), estes escritores, com suas expressões hiperbólicas, ajudaram a construir vários significados sobre a derrota do Brasil na Copa de 1950, e que são reproduzidos até os dias atuais, como a noção de ser o Brasil um país perdedor em face do Primeiro Mundo. O ressurgimento dos conflitos raciais entre brancos e negros após o jogo também aparece nos relatos que apontam os mais escuros de terem sido acusados como os responsáveis pela derrota. Há ainda uma outra idéia, então disseminada, de que o brasileiro é emocionalmente instável quando é colocado diante de situações decisivas. Estas idéias aparecem com bastante frequência nas análises sobre o Brasil e os brasileiros feitas pelo senso comum.

Mário Filho, como já explicitiei, escreveu sobre a derrota de 50 após as duas primeiras grandes conquistas do futebol brasileiro, e isto talvez tenha ajudado o cronista a pensar sobre a perda da taça Jules Rimet naquela época em oposição aos valores positivos oriundos dos campeonatos de 1958 e 1962.

5.3 – Os culpados pela a derrota

A “tragédia de 50” representou para Mário Filho o recrudescimento dos conflitos racistas que envolviam o negro no futebol. A seleção brasileira da época, segundo o autor, teve como base os jogadores do Vasco da Gama que, em anos anteriores, fizeram campanhas espetaculares, chegando a emplacar três anos de vitórias consecutivas. Este grupo ficou conhecido como o “Expresso da Vitória”²⁴ e era composto, em sua maioria, por negros e mestiços. Como Mário Filho salientou, essa seleção era considerada “um time brasileiro”. Transcrevo aqui a passagem do livro em que Mário Filho expressou estas idéias:

[...] Quando Bigode, duro, dando aqueles botes de cobra, começou a dominar Gighia, Obdulio Varela primeiro foi para cima de Gighia. Deu-lhe uns gritos, uns empurrões.

²⁴ Dados retirados do site do Clube de Regatas Vasco da Gama. Disponível em <http://www.crvascodagama.com/?display=HISTORIA-4>

Para Gighia deixar de ser covarde. Depois, logo em seguida, Obdulio Varela agarrou Bigode pelo pescoço. Não lhe meteu a mão na cara. Mas que o balançou em safanões, balançou... se Bigode reagisse seria aí expulso, o Brasil ficaria com dez... Bigode obedecera às ordens terminantes: não podia reagir. Bigode e todos os outros jogadores... com as faces ardendo de vergonha, contendo-se, Bigode não dominou mais Gighia. Os dois gols uruguaiois saíram dos pés de Gighia [...] Poucos eram os que não choravam, deixavam-se ficar numa cadeira numerada, num degrau da arquibancada, num canto da geral, a cabeça sobre o peito, largados. Ou então esbravejavam, batendo no peito, apontando para o campo. Uns acusavam Flavio Costa. Mas quase todos se viravam era contra os pretos do escrete: – o culpado foi Bigode! – O culpado foi Barbosa! (:287-289).

O trecho mostra como Mário Filho viu este fato como a chave da perda da Copa. Bigode e o goleiro Barbosa foram considerados os principais culpados pela perda do campeonato. A maneira como Bigode reagiu, para Mário Filho, definiu a partida. Sem resistir e não podendo conter os avanços do atacante uruguaio, Bigode precisou ceder espaço para o jogador. A maioria da torcida, segundo o autor, foi contra os jogadores negros e os acusou de serem os responsáveis pela derrota, pois como o trecho acima revela, os jogadores brasileiros recuaram no momento decisivo.

Simoni Guedes (*ibidem*) pesquisou o livro de João Lyra Filho sobre a Copa de 1954, quando ele era o presidente da delegação nacional. De acordo com a autora, o chefe da delegação escreveu impressões sobre as reações psicológicas dos atletas negros e mestiços. Uma de suas conclusões foi a de que o brasileiro era uma raça mestiça que tinha uma diferença psicológica em relação aos europeus. Os atletas nacionais não possuíam o mesmo estado de equilíbrio destes para suportar a pressão, pois os mestiços apresentavam instabilidade emocional em momentos assim.

É possível encontrar argumento similar ao de João Lyra Filho na reedição de Mário. Só que o escritor sugere serem estes argumentos uma das muitas acusações que o povo fazia aos atletas negros da seleção de 1950:

[...] E vinham as acusações do brasileiro contra os brasileiros. O brasileiro que acusava os brasileiros naturalmente desabafava para ficar de fora. Ou ver se ficava de fora: – a verdade é que somos uma sub-raça, uma raça de mestiços. Uma raça inferior. Na hora de agüentar o pior, a gente se borrava todo. Como Barbosa quando estreara no escrete brasileiro. – Enquanto dependermos do negro vai ser assim (:290).

Como indica o escritor, essa reação foi proveniente da revolta popular das arquibancadas e fez renascer as teorias raciais do século XIX em relação ao fato da

composição racial brasileira ser de negros e mestiços. O discurso da inferioridade racial, para o jornalista, tentou afastar-se da vergonha de perder um campeonato mundial que produziria vários significados positivos para a nação brasileira.

Estas acusações permaneceram até a Copa de 1958, segundo Mário Filho. A conquista de então tornou-se a redenção do homem brasileiro em face da suposta superioridade européia. Enfim, o brasileiro negro e mestiço mostrara seu verdadeiro valor diante daqueles que acreditavam na inferioridade da mestiçagem brasileira. Do primeiro campeonato mundial, o que era negativo passou a ser valorizado como a “emoção, a arte, o gingado no corpo e a irracionalidade criativa” – palavras de Gilberto Freyre (:pág 25) – transformando-se nas grandes características brasileiras demonstradas na Copa. Como disse Mário Filho:

[...] Até então ninguém acreditava na vitória final do Brasil. A Rússia era a grande favorita. Tinha acabado de lançar o *Sputnik*. Até onde chegaria a ciência russa? O futebol transformara-se, na Rússia, em matéria de laboratório. Os que amavam o esporte mais popular do mundo saudaram a vitória do Brasil contra a Rússia como a salvação do futebol-arte. Que laboratório poderia produzir um Didi, um Garrincha, um Pelé? Aqueles artistas nasciam nos campos livres, nas peladas, pelo amor à bola, ao futebol. Chamavam a bola de menina [...] Viu-se então, em esplendor, o mais belo futebol do mundo. O escrete brasileiro, já com a fisionomia definitiva, ou quase, pois faltava Djalma Santos, o Nariz, amorenado, nem preto nem branco, café-com-leite, tornara-se irresistível (:326).

Assim, depois de 14 anos, Mário Filho parte da reedição de sua obra para montar um quadro que salientava as características que foram compostas por oposição à negatividade de 1950 e à positividade de 1958. Esta passagem exaltou os jogadores negros e mestiços, louvando o sucesso do nosso futebol devido à participação ativa destes atletas. Eles foram os responsáveis pela vitória sobre a ciência russa, disposta a fazer deste esporte um laboratório. Graças à mestiçagem, uma “ciência” tipicamente nacional, o Brasil pôde ganhar uma Copa do Mundo.

Assim, Mário Filho construiu um discurso a partir de um modelo em que opunha a Copa de 1950 a de 1958. Esse discurso é até hoje hegemônico e nele as glórias da vitória exaltam o caráter singular brasileiro, enquanto as derrotas são lembradas e justificadas pelas especificidades nacionais. As crônicas de Mário Filho falam de como as características nacionais transformaram-se num pêndulo oscilando do ponto negativo ao

positivo e que se movia ao sabor das vitórias e das derrotas da seleção brasileira. Seu irmão, Nelson Rodrigues, cunhou o termo *complexo de vira-lata* para descrever tais ocasiões e que está expressa na epígrafe deste capítulo. Quando o Brasil ganhava, era o momento de superação do complexo. Na derrota, este sentimento introjetado no brasileiro em função da sua origem mestiça vinha à tona.

5.4 – Pelé e a Copa de 1950

Apesar de Edson Arantes do Nascimento ter apenas nove anos em 1950, ele não deixou de registrar em suas autobiografias (1961/2006) que a Copa de 1950 o marcou profundamente. No capítulo “O jogo maravilhoso” da autobiografia de 2006, Pelé descreveu sua inserção no futebol. Era jogador, neste ano, do time infanto-juvenil Sete de Setembro, em Bauru. Nos finais de semana, compunha os times infantis de clubes de outras cidades do interior paulista.

Em sua descrição sobre o campeonato mundial desse ano, Pelé lembrou o jogo final em Bauru. Seu pai, Dondinho, promoveu uma festa em sua casa para ouvir a partida. Convidaram seus companheiros do Bauru Atlético Clube e suas respectivas famílias. Cada um levou um prato de doces e salgados para a comemoração pois, segundo Pelé, todos acreditavam que a partida seria bem-sucedida: o Brasil ganharia o jogo e o campeonato. Ao iniciar a partida, Pelé e os filhos dos outros amigos de seu pai foram jogar futebol na rua. Quando terminou o jogo, Pelé entrou em casa e encontrou seu pai e todos os que estavam na sala em silêncio. Indagou o que tinha acontecido e seu pai lhe disse que o Brasil tinha perdido o jogo:

[...] Só de pensar naquela tarde, e lembrar a tristeza que via por toda a parte, até hoje fico arrepiado. Eu disse para Dondinho que não ficasse triste. Mas a minha mãe me puxou para o lado e falou: – Deixe seu pai em paz. [...] também foi a primeira vez que vi o meu pai chorar. Muitos amigos dele também não conseguiram se conter. Foi chocante para mim, pois tinha crescido acreditando que homens não mostravam suas emoções daquela maneira: – um dia vou ganhar a Copa do Mundo para o senhor. Prometi a meu pai, tentando consolá-lo. [...] Algum tempo depois do jogo, fui até o quarto do meu pai, onde havia uma gravura de Jesus na parede, e desfiei meu rosário: – sabe, se eu estivesse lá, não tinha deixado o Brasil perder a Copa. Se eu estivesse lá, a gente ganhava [...] Não houve resposta. Eu era um garoto que adorava futebol, e a derrota me afetou profundamente (:48-49).

Neste trecho, Pelé contou a sua reação diante da derrota da seleção brasileira na Copa de 1950. Não cabe aqui analisar se tais fatos realmente aconteceram, ou se são apenas construções de vários eventos que sua memória, ao escrever a biografia, ajustou para dar sentido à descrição de sua história de vida. O que é importante analisar são os significados da mensagem e o discurso de Pelé; o seu papel como jogador de futebol e a relação de um fato que foi interpretado por Mário Filho como a “tragédia nacional”. Curioso é que em sua primeira autobiografia, publicada em 1961, esta versão não aparece com tantos detalhes. Foi mencionado que a derrota de 1950 marcou-o:

[...] Eu conhecia, com alguns detalhes, o drama que o Brasil viveu no Maracanã, em 1950. Aquela derrota, contra o Uruguai, na última partida, estava encravada na minha garganta, como acontecia com todos os brasileiros amantes do futebol. Quando ela aconteceu eu ainda era um garotinho, mas a senti tanto quanto qualquer adulto (:111).

Este é o único momento em sua autobiografia de 1961 em que se refere à derrota de 1950, e não há a descrição apresentada na autobiografia de 2006 sobre ter prometido a seu pai, Dondinho, ganhar uma Copa do Mundo. O que é significativo de ser observado é a forma como Pelé internalizou o futebol profissional como uma opção viável, a certeza de que desempenharia um papel de liderança neste campo e de que poderia vir a ser um exemplo de vitória para o Brasil.

Apesar de Pelé ter apenas nove anos na Copa de 1950, seu pai era jogador profissional nessa época, conforme relatado no primeiro capítulo. Portanto, Dondinho passou pelo processo de institucionalização deste esporte no Brasil. Edson cresceu com uma leitura bastante próxima dos discursos construídos sobre o futebol, que descrevi ao longo deste capítulo, e que definiram suas escolhas e caminhos por ele traçados na construção de sua carreira. Seu profissionalismo extremado e a dedicação desde muito cedo ao futebol têm como raiz a maneira como o ex-atleta se pensou na trajetória deste esporte.

É lógico que dizer simplesmente que seu sucesso se deve ao profissionalismo não se explica por si só. Muitos outros jogadores foram profissionais dedicados e não obtiveram o mesmo êxito. Argumento que as escolhas profissionais do ex-atleta – não levando em conta o prestígio alcançado por sua fama – estão relacionadas ao seu entendimento da trajetória do futebol no contexto brasileiro e às representações que se

fizeram dos discursos raciais inseridos neste esporte. Pelé era a possibilidade de o pêndulo inclinar-se para a superação do *complexo de vira-lata*. Ele não só teve acesso a estes discursos, como o imaginário social, em determinados momentos, inseriu-o como imagem exemplar de tais discursos.

6 – Conclusão

Neste capítulo, busquei descrever os discursos raciais do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX e também a popularização do futebol, procurando entender como este esporte foi transpassado por tais discursos. Este entendimento é importante para a análise da trajetória de Pelé no futebol, porque os caminhos que seguiu e as representações que o imaginário produziu sobre sua imagem estão relacionados com estes discursos. A história clássica deste esporte foi divulgada pelo escritor e jornalista Mário Filho. Ele era um apaixonado pelo futebol e dono de um dos maiores jornais de esportes do país; ali colocou em crônicas esportivas muito da sua visão passional.

O jornalista Mário Filho era membro da elite intelectual e tinha bom trânsito na elite política. Fez parte de um seletivo grupo de acadêmicos e pensadores, os quais escreveram e produziram boa parte das representações construídas sobre o Brasil. Algumas delas permanecem até hoje. Sob a influência dessas idéias, publicou um “ensaio sociológico”, segundo Gilberto Freyre, sobre a história do futebol. Tinha como objetivo falar do processo de “abrasileiramento” do esporte. Para Mário Filho, esta prática esportiva tornou-se nacional à medida que incorporou negros e mestiços em seus quadros. Esta obra do jornalista passou a ser tratada pelo senso comum como factual, e também por determinados setores das ciências sociais, principalmente por aqueles não especializados na análise social dos esportes. Isto se deu porque os discursos proferidos por Mário Filho sobre a formação do povo brasileiro estavam presentes em boa parte da sociedade.

Contudo, alguns estudiosos vêm contestando sistematicamente a versão de Mário Filho. O futebol tem uma explicação mais complexa e ampla no contexto nacional. Seu início, em território brasileiro, e sua expansão carregam um amplo espectro de fatores, e não é possível precisar uma data para a sua origem e nem tampouco quem foi o responsável por sua divulgação. Mário Filho foi uma das peças importantes desse

conjunto, sobretudo porque o discurso que popularizou através de suas crônicas foi aquele que se tornou dominante ao longo dos anos.

O fenômeno do futebol pode ser entendido como parte dos discursos e das políticas de modernização das cidades no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. A “desportivização” da sociedade brasileira está relacionada com o crescimento urbano desses espaços físicos, que precisavam dar um novo sentido à relação do corpo com os novos modos de vida proporcionados pelos projetos de modernidade que surgiam.

Paralelamente, a prática esportiva foi rapidamente incorporada aos discursos higienistas que dominavam o cenário do país. A busca de um “tipo nacional” aceitável só seria alcançado ao se erradicar o problema maior dos brasileiros, as doenças. O maior mal, a ancilostomose, ou a “doença da preguiça”, precisava ser combatido. A prática dos exercícios físicos era vista como meio de instrumentalizar a cura das mazelas de uma população negra e mestiça. Somado a estas ações, os tipos existentes, segundo os cientistas, iriam pouco a pouco se “civilizando”, à medida que branqueassem em consequência das políticas de imigração iniciadas no século XIX. Neste sentido, os esportes deveriam fazer parte da vida cotidiana dos brasileiros para que estes, com suas doenças, não contaminassem aqueles que o salvariam da barbárie.

Uma das consequências dessas políticas foi o desenvolvimento de uma “febre dos esportes” no Rio de Janeiro. Clubes e associações espalhavam-se pela cidade, dos pólos mais ricos aos mais pobres. Estes últimos, por sinal, eram vistos como os mais necessitados dessas ações. Tais medidas passaram por todas as esferas da sociedade. Os discursos higienistas produziram uma “limpeza” nos antigos hábitos e costumes da população e criaram novos que eles acreditavam ser ideais para a convivência nos centros urbanos.

As afirmações citadas podem ser entendidas quando se observa o que estava acontecendo em outros setores da sociedade. Os cultos afro-brasileiros passaram por um processo de assepsia ou disciplinamento – tão bem analisado por Maggie (1992) – quando se proibiu e caçou aqueles que eram considerados responsáveis por praticarem o “baixo” espiritismo. Ao mesmo tempo, eram ordenados e vigiados os que cultivavam o “bom” espiritismo. É possível fazer uma analogia entre a história dessas práticas mágicas

no Rio de Janeiro e as práticas esportivas, pois sua expansão era vista como parte desta ação “asséptica” pela qual as cidades passavam naquele momento.

No futebol, entendido como mania nacional, vários fatores contribuíram para a sua popularização. O fato é que já em 1908 angariava uma multidão aos estádios para assistir às partidas, como analisou Pereira (*opus cit.*). Diferente de Mário Filho, que afirmou haver uma proibição legal a negros e a mestiços de praticarem futebol ou mesmo assistirem a ele, este autor demonstrou que os jogos conquistavam um público bastante diverso em termos de classe e cor. A sua prática também não ficava restrita aos brancos e aos ricos. Nesse período, houve uma ampla formação de clubes e associações de futebol que se espalharam pelos subúrbios e pela zona norte do Rio de Janeiro.

No campeonato sul-americano ocorrido no Brasil em 1919, na partida final entre Brasil e Uruguai, o comércio da cidade fechou as portas às 12 horas e foi decretado ponto facultativo nas repartições públicas. O estádio do Fluminense Futebol Club ficou lotado, ali presentes pessoas de todas as classes e cores sociais. Fora do estádio uma multidão aglomerou-se para ouvir a partida e vibrar pela seleção brasileira. Os jornais da época, analisados por Pereira (*ibidem*), contavam que a cidade parou para assistir ao evento. O sentimento nacional, constatado por cronistas da época, impressionou. Havia uma torcida quase frenética pelo time brasileiro.

Contudo, apesar da grande comoção causada pelas partidas da seleção brasileira, os jogadores que vestiam a camisa eram brancos e oriundos das classes mais abastadas. Mesmo com o sentimento de unicidade em torno da pátria, as características de distinção, naquela época, ainda impediam pobres, mestiços e negros de representarem o Brasil. Este fato demonstra o racismo à brasileira que Oracy Nogueira explicitou em seu *Preconceito de marca, preconceito de cor*. Para o autor, o racismo é contextual e não formalizado, como nos Estados Unidos da América. Estes episódios são bons exemplos do modo brasileiro de exprimir diferenciações e aplicar maneiras de distinção. Pereira (*idem*) afirmou que aconteciam vez por outra partidas de futebol entre os times da elite e os outros, sem existirem conflitos ou proibições, como Mário Filho afirmou em seu livro.

A entrada de negros e mestiços no futebol, mesmo proibidos de participarem do esporte, segundo Mário Filho, é uma versão que deve ser analisada com cuidado. Este marco – o antes e o depois de negros e mestiços neste esporte – não pode ser precisado

com tanta facilidade. Se pensarmos em termos absolutos, eles já estavam presentes há algum tempo no futebol. O que se pode afirmar é que as lutas para a conquista de maior representatividade e ampliação da participação de negros, mestiços e brancos pobres nos times de futebol era um fato. E não eram propriamente os conflitos visando a uma permissão legalizada para que indivíduos negros e mestiços praticassem futebol que estavam em curso no período.

As análises de Mário Filho só podem ser compreendidas no contexto em que foram escritas, pois estavam influenciadas por Gilberto Freyre e os intelectuais que sustentavam a idéia de se constituírem explicações que valorizassem no Brasil as características nacionais. Apesar de muitos apontarem o Estado Novo como responsável pela construção desses sentimentos nacionalistas, como afirmou Pereira (*idem*), essas idéias estavam presentes bem antes de Getúlio Vargas chegar ao poder. O futebol, no início do século, já canalizara tais sentimentos com as partidas entre o Brasil e os times estrangeiros. Os meios intelectuais convidavam os brasileiros a valorizarem suas características. A Semana de Arte Moderna, que reuniu pensadores e artistas de várias estirpes, foi um marco na vida cultural nacional.

É possível pensar, portanto, que o Estado Novo ampliou, institucionalizou e homogeneizou o nacionalismo que já estava incorporado ao imaginário social. Também que alguns setores da sociedade eram vistos como a única saída para produzir um país verdadeiramente moderno. Não por acaso, as explicações sociológicas de Gilberto Freyre sobre o Brasil fizeram tanto sucesso nesse período.

O livro *O negro no futebol brasileiro* conta a trajetória do futebol no Brasil influenciado por estes discursos. Mário Filho transferiu os pressupostos de Freyre para explicar o desenvolvimento do esporte no contexto brasileiro e o seu conseqüente abasileiramento com o progressivo ingresso de negros e mestiços no esporte. A ginga, a malemolência e os dribles desconcertantes dos jogadores brasileiros seriam originários das características inatas trazidas dos negros e incorporadas ao modo de se jogar futebol. Daí, o sucesso do nosso futebol.

O modelo construído por Filho situou as Copas de 1950 e 1958 como elementos em oposição. Enquanto o jeito brasileiro de jogar futebol foi condenado e visto como o grande responsável pela “tragédia de 50”, o sucesso de 1958 deu-se justamente porque o

modo “genuinamente brasileiro” triunfou e mostrou o seu valor quanto a este esporte. E estavam ali presentes como exemplos Pelé e Garrincha, o negro e o mestiço que Mário Filho apontou como os responsáveis pela conquista do campeonato na Suécia.

Esta idéia não passou despercebida de Pelé. Em sua autobiografia, o ex-atleta lembrou como foi marcado pela Copa de 1950. Para ele, que já era jogador de futebol no infanto-juvenil do Sete de Setembro, em Bauru, com apenas nove anos, o fato trouxe a certeza de que um dia conquistaria uma taça para o Brasil. Pelé entende a Copa de 1958 como a redenção do país, o momento em que os brasileiros puderam se orgulhar de sua pátria – fato este que o imaginário social também tem como certo e que Mário Filho destacou com grande entusiasmo na reedição de seu livro. Portanto, os caminhos que Pelé seguiu em sua carreira devem ser analisados a partir do contexto descrito neste capítulo.

No próximo capítulo, explanarei sobre os anos de 1950 e sobre a superação, nessa década, do *complexo de vira-lata*, e o que foi construído na certeza de se buscar a disciplina e o profissionalismo; por esta razão, a conquista do mundial de 1958 é tão representativa desse momento.

CAPÍTULO III

“Sambando com a bola nos pés...”: a década do profissionalismo, da disciplina e da modernidade

“A taça do mundo é nossa,
Com brasileiro não há quem possa,
Eeeeeeta esquadrão de ouro
É bom no samba
É bom no couro
O brasileiro foi no estrangeiro
Mostrar o futebol como ele é
Ganhou a taça do mundo
Sambando com a bola nos pés.”¹

1 – Introdução

Em 1958, pela primeira vez, o Brasil ganhou uma Copa do Mundo. Ela foi conquistada na Suécia e a vitória obtida num jogo contra os donos da casa. Placar: 5x2. Dois personagens emergiram desta conquista como heróis do título: Pelé e Garrincha. O primeiro, com 17 anos, levantou suspeitas sobre seu verdadeiro “potencial”, e o outro, com carreira estabelecida, era bastante questionado por sua trajetória profissional. Segundo Teixeira Heizer (1997), em seu livro *O jogo bruto das Copas do Mundo*, houve uma “preparação extraordinária” denominada “Plano Paulo Machado de Carvalho”. Ele recebeu este nome por ter sido inspirado no empresário dono da Rede Record de Rádio e Televisão da época. Segundo o autor, “ele próprio [Paulo Machado de Carvalho] assumiu a presidência dos trabalhos” (1997:121). O plano consistia em um programa rigoroso de preparação física, técnica e, pela primeira vez, psicológica.

A Confederação Brasileira de Desportos (CBD) contratou o psicólogo e professor João Carvalhaes para acompanhar os jogadores, segundo Joaquim Ferreira dos Santos, “para pôr fim a um complexo atávico” (2006:23), uma instabilidade emocional que aparecia em momentos decisivos. Foi a “instabilidade emocional”, de acordo com Mário Filho e o próprio Joaquim Ferreira dos Santos, que fez o Brasil perder a Copa de 1950 e ter um resultado pífio em 1954.²

¹ Marchinha de Wagner e Sobrinho Maugeri, Vítor Dago e Lauro Muller. Composta em 1958 para recepcionar os jogadores campeões do mundo na Suécia.

² Muitos autores têm discutido como a idéia da “instabilidade emocional” foi interpretada na derrota do Brasil na Copa de 1950. Simoni Guedes, em seu livro *O Brasil no Campo de Futebol* analisou o livro de João Lyra Filho em que, o autor, associava a instabilidade ao fato do brasileiro ser mestiço.

O objetivo deste capítulo é o de analisar a versão de Mário Filho e sua importância na construção da idéia de que a conquista da Copa do Mundo de 1958 representou a superação do *complexo de vira-lata* através do profissionalismo e da disciplina. Apresentarei como os discursos de Mário Filho permearam outros setores da sociedade; descreverei o período em que Pelé surgiu como a grande estrela do futebol nacional e o seu caminho até a chegada à seleção brasileira; e os esforços feitos pelo ex-atleta do Santos Futebol Clube. Buscarei entender quais eram os discursos raciais desse período e em que cenário político, econômico e social eles estavam inseridos, no intuito de perceber as principais idéias desse tempo que fizeram da Copa de 1958 um marco importante nas concepções sobre raça e nação no Brasil.

O ano de 1958 foi importante não só pela conquista da Copa, mas também pelos fatos e acontecimentos que definiram a vida nacional naquela ocasião. Época do governo de Juscelino Kubitschek, esse período foi caracterizado por uma onda otimista em relação às saídas possíveis para os problemas brasileiros.

A crença de que, finalmente, a nação seria incorporada aos países mais desenvolvidos ajudou a conquista da Copa do Mundo a se tornar um evento que coroou a nova fase da vida política, econômica e social. Os discursos da década de 50 davam conta dessa nova realidade. O fim do Estado Novo e a intensificação do processo de industrialização, segundo Thomas Skidmore (1969) em *Brasil: de Getúlio a Castelo*, deu força aos setores da sociedade que acreditavam ser o Brasil o país do desenvolvimento. A plataforma do presidente Juscelino Kubitschek foi baseada na seguinte visão: *cinquenta anos em cinco*. O lema chamava a atenção para os esforços que o governo fazia para definitivamente colocar o país no rumo certo.

Com isto, todas as esferas sociais foram dominadas pelos discursos da profissionalização e da disciplina, e esta concepção era consequência das “teorias desenvolvimentistas”, segundo Skidmore (idem). A construção da nova capital, Brasília, e a conquista da Copa foram os grandes símbolos desses movimentos que estavam presentes no imaginário social.

Não reconstruirei a história de 1958 nos moldes científicos que esta disciplina requer. O objetivo é trazer à tona a narrativa sobre fatos de uma época; portanto, não citarei apenas acontecimentos deste ano em particular, mas descreverei fatos da década

que tem como marco principal este ano. Muitas das questões que serão tratadas aqui foram discutidas e pensadas bem antes de 1958. Mas analisarei os discursos sobre um período do cenário histórico que ficou conhecido, através das vozes de muitos historiadores e do senso comum, como o momento em que o Brasil despertou para o crescimento. O processo industrial intensificou-se e a construção de Brasília, entre outros acontecimentos importantes, produziu a certeza do desenvolvimento do país no imaginário social.

Demonstrarei como a conquista da Copa do Mundo pelo Brasil e, conseqüentemente, o surgimento de Pelé estão intimamente relacionados à atmosfera então presente. O primeiro campeonato mundial representou a síntese de vários pensamentos em voga naquele instante, como evoca o livro *Feliz 1958 – o ano que não devia terminar*, de Joaquim Ferreira dos Santos (2006): “E assim se passaram quarenta anos desde que o capitão Bellini levantou a *Jules Rimet* e começou a construir um novo país”³ (:9), num trecho que resume o clima de esperança no futuro do país. Este campeonato significou a possibilidade de construção de um Brasil novo, moderno, capaz e auto-suficiente, e a superação daquele que era representado pelo *complexo de vira-lata*.

Os anos 50, além de trazerem as questões produzidas nos anos anteriores, como a discussão sobre um “tipo nacional”, colocou na centro dessas idéias o fato de que aprofundar o processo industrial era a saída possível ao desenvolvimento deste “tipo”, porque só o profissionalismo com disciplina colocaria o Brasil no rumo dos países mais desenvolvidos.

Através dos fatos apresentados neste capítulo, será possível visualizar que tais representações fizeram parte de todas as esferas sociais – desde as artes até a política de Estado.

2 – Nasce uma estrela? – os caminhos percorridos por Pelé

É sabido que Pelé participou da campanha vitoriosa de 1958 e passou a ser conhecido a partir daí. Antes da Copa, o ex-jogador destacou-se no Campeonato Paulista

³ A taça do campeonato de futebol tradicionalmente é levantada pelo capitão do time. Em 1958, era Hilderado Luís Bellini, jogador do Vasco da Gama, o capitão. Posteriormente, este gesto foi imortalizado com uma réplica sua com a taça nas mãos em frente ao principal portão do estádio do Maracanã.

pelo Santos Futebol Clube e nacionalmente no Campeonato Rio-São Paulo. Com 17 anos já era titular de seu time. Foram estes campeonatos que o levaram a se credenciar para a seleção. Segundo conta em sua biografia de 2006, *Pelé – A autobiografia*, sua vida era bem simples e pobre. Como demonstrei no primeiro capítulo, seu pai, nesse período, estava à espera de uma grande oportunidade no futebol profissional.

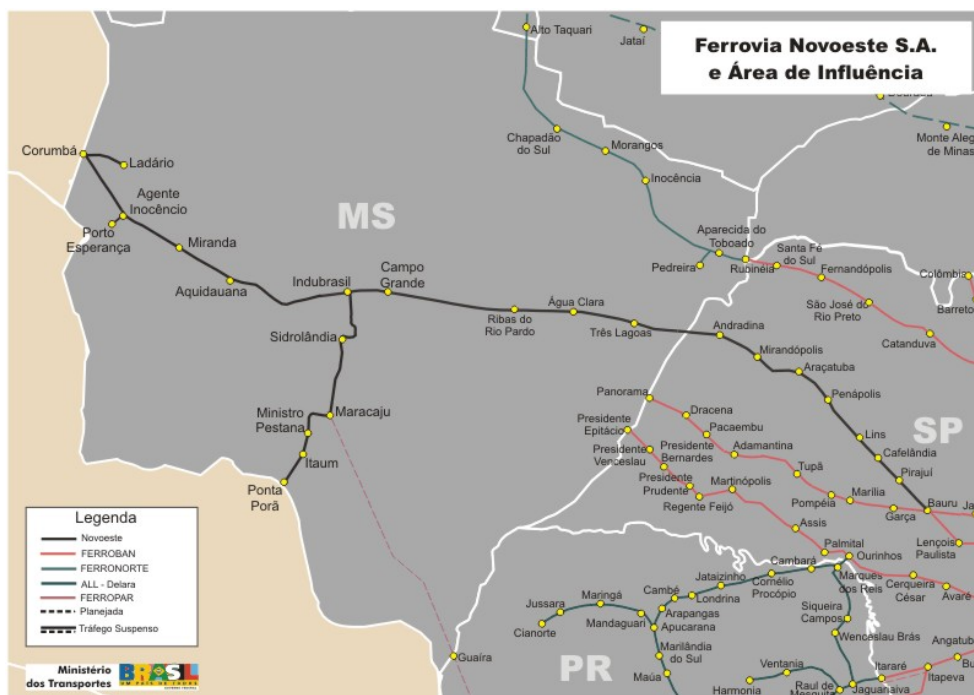
Nessa época, Bauru era uma das cidades de médio porte do interior paulista, com grande importância econômica e política porque fazia parte da formação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB). Esta cidade era o ponto de partida da ferrovia, que foi criada em 1904 com o objetivo de colocar em prática um plano político que se arrastava desde o Segundo Império: construir uma ligação férrea entre Mato Grosso e o litoral brasileiro. Várias tentativas foram realizadas sem muito sucesso durante o Segundo Reinado, na metade do século XIX. A Guerra do Paraguai (1865-1870) evidenciou a falta de transporte nesta região do país e o acesso precário para o litoral a partir desta faixa territorial. Até então o transporte era feito pela bacia platina, mas demorava meses. A guerra forçou o governo brasileiro a pensar em alternativas para este inconveniente, pois a área era estratégica na delimitação da fronteira nacional a oeste.

Segundo a bibliografia historiográfica,⁴ o final do século XIX transformou o interior paulista com a expansão das ferrovias e a cultura do café. Apesar de a construção da Noroeste do Brasil não estar ligada à expansão cafeeira, esta estrada de ferro foi de suma importância para a ocupação populacional do espaço urbano nas cidades por onde passou, o que levou à abertura de novas fronteiras agrícolas.

O projeto da ferrovia passaria pelos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, suprimindo-se, então, São Paulo. Como esta manobra era prejudicial à economia paulista em ascensão naquele momento, a então Companhia Paulista pressionou o governo para que a estrada começasse em São Paulo. Como já existia um trecho construído da Estrada de Ferro Sorocabana, o novo traçado alcançou a Vila de Bauru. Em 1905, iniciou-se nesta

⁴ Para maiores detalhes desse período, consultar os seguintes autores: Matos, Odilon Nogueira de. *Café e ferrovias*. Editora Pontes, 1990. Dean, Warren. *A industrialização de São Paulo*. Difel, 1971. Queiroz, Paulo Roberto Cimo. *Uma ferrovia entre dois mundos: a E.F. Noroeste do Brasil na primeira metade do século 20*. Bauru, SP: EDUSC; Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004. Manfredini Neto, Pascoal. *O trem da morte: o imaginário do progresso na Noroeste (1905-1930)*. Dissertação de mestrado em sociologia. FFLCH/USP, São Paulo, 1995. Possas, Lúcia M. V. *Mulheres, trens e trilhos: modernidade no sertão paulista*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001. Stolcke, Verena. *Caféicultura: homens, mulheres e capital (1850-1980)*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

localidade a construção da linha-tronco que ligaria a cidade a Corumbá, região fronteiriça com a Bolívia. Veja o mapa abaixo que mostra o traçado atual da ferrovia.



Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Mapa-Novoeste.jpg>

A extensa ferrovia foi construída paulatinamente durante os anos que se seguiram até chegar ao traçado de hoje. A última parte da estrada de ferro, que levava até a cidade de Corumbá, foi concluída em 1953. Também a ferrovia possibilitou a inauguração de rodovias que faziam a ligação com ela. Conseqüentemente, segundo Ligia Maria Vianna Possas em *Mulheres, trens e trilhos: modernidade no sertão paulista* (2001), Bauru transformou-se na “boca do sertão paulista” e na “entrada do Brasil novo” através do entroncamento das ferrovias Noroeste do Brasil (NOB), Sorocabana e Paulista. A obra, inicialmente a cargo de empresa privada, foi encampada pelo governo em 1917.⁵

⁵ Transcrevo aqui trechos do artigo de Gilmar Arruda, "A ferrovia Noroeste do Brasil: o último trem para o sertão", publicado no *Caderno de Estudos Urbanos*, n.3, março 1995. Publicação da Unidade de Planejamento Urbano de Campo Grande-MS (PLANURB) que confirma as idéias apresentadas: "[...] A ferrovia Noroeste do Brasil foi, e é, muito mais do que somente seus trilhos e prédios. Ela representou, no momento de seu início, o desejo acalentado desde o século anterior [XIX] em construir uma ligação entre o leste e o oeste no Brasil. Com a NOB, para as elites daquele momento, estaria finalmente resolvido o problema do isolamento do 'grande estado do Oeste' e por sua vez garantidas as fronteiras oeste do país.

Nos anos que se seguiram, até a implantação do Estado Novo (1937-1945), este trecho ferroviário transformou-se em uma importante região política, pois a onda de imigração/migração ocorrida então levou boa parte deste contingente ao assentamento na área. Para os governos que se seguiram, era a solução definitiva para o fechamento e o delineamento das fronteiras do oeste. Tal política configurou-se como a “marcha para o oeste”, na qual houve um fluxo migratório em busca de novas oportunidades de trabalho e ocupação de terras. A principal atividade econômica para impulsionar este desenvolvimento foi a cultura cafeeira.⁶ Nesse contexto, novos povoados surgiram e aqueles que já existiam conheceram o crescimento econômico e social do espaço urbano. Este foi o caso de Bauru. Antes uma pequena vila, foi transformada em uma cidade de médio porte em consequência da construção da ferrovia Noroeste do Brasil. Além da estrada de ferro que começava nesta cidade, construíram-se entroncamentos rodoviários na região.

A família Arantes do Nascimento chegou a Bauru no auge do desenvolvimento da cidade. Em sua autobiografia (2006), Pelé retratou o que representou a ida para lá.

[...] Foi em São Lourenço, em 1944, que aconteceu um fato que mudaria para sempre a nossa vida – especialmente a minha. Meu pai recebeu um convite de um clube de futebol de Bauru, no noroeste de São Paulo, para jogar lá, mas também, principalmente, para trabalhar como funcionário da Prefeitura local. Ele viajou a Bauru para colher informações sobre a cidade e sobre a proposta. Gostou de lá, e minha mãe adorou a perspectiva de um emprego que não tivesse a ver com o futebol. [...] A própria Bauru parecia o centro do mundo: muito maior do que qualquer outro lugar em que eu morara até aquela altura, com todo o aparato de uma cidade grande, ou assim eu imaginava: lojas, um cinema e hotéis. Na ocasião, era uma das maiores cidades do interior do Brasil e uma espécie de eixo dos transportes, atravessada por três das principais ferrovias brasileiras. Parecia um novo começo, o tipo de lugar onde se podia fazer fortuna (:18-20).

Nesta passagem, Pelé demonstrou como a ida para Bauru foi importante economicamente para a família pelas opções que a cidade oferecia naquele momento. Em relação a Três Corações e a outras cidades mineiras de menor porte por onde a família passou, Bauru mostrou ser a opção viável, em função do seu tamanho e de oferecer

Para as autoridades governamentais do período, mais que o aspecto econômico a NOB tinha um valor estratégico" (1995:2).

⁶ Ver: Matos, Odilon Nogueira de. *Café e ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira*. São Paulo: Alfa-Omega. Sociologia e Política, 1974.

oportunidades que outras cidades do interior não possuíam. Seu crescimento econômico e populacional também propiciou a fundação de uma liga de futebol importante nos limites do interior paulista. Assim, como relatei no capítulo anterior, o processo de “desportivização” da sociedade aconteceu com a expansão urbana e industrial das cidades. No caso de Bauru, este processo não foi diferente. A cidade industrializou-se e urbanizou-se com o desenvolvimento dos transportes e, portanto, as ligas desportivas proliferaram nesse período.

Nesse contexto, não é de surpreender que Bauru tivesse ligas esportivas bastante progressistas desde as primeiras décadas do século XX. A expansão da cidade, devido à sua importância no entroncamento de ferrovias e transportes, possibilitou à região adotar esse tipo de espírito que contaminava os grandes centros do Brasil. Segundo informações sobre Bauru, através da história contada por sua Prefeitura,⁷ desde quase o seu início a cidade vivenciou a “desportivização” da sociedade e desenvolveu ligas importantes de algumas modalidades, inclusive o futebol. Em 1931, nasceu a Federação Bauruense de Esportes, mais tarde, Liga Bauruense de Esportes. Em consequência do contexto descrito, a ida da família Arantes do Nascimento para esta cidade deu novas oportunidades a Dondinho no esporte e também em outros ramos, talvez pouco prováveis nas cidades do interior mineiro por onde a família passara.

O processo de industrialização desse período causou grande impacto na cidade de Bauru. Para alguns estudiosos, o trem tornou-se um símbolo da modernidade. Segundo Tânia Regina de Luca,⁸ as estações e suas praças passaram a exibir relógios que davam o tom da nova racionalidade na vida cotidiana, e o da individualização do homem diante do mundo. A locomotiva “alterou a percepção que se tinha do espaço, da velocidade e da passagem do tempo, agora racionalizado e dividido em preciosos minutos”. O mesmo foi dito por Nicolau Sevcenko (1998) sobre o bonde, em *A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio*.⁹ O autor descreveu como a chegada do bonde às ruas provocou a certeza da dominação da natureza pelo homem, portanto, atestou o poder da

⁷ Disponível em: <http://www.bauru.sp.gov.br/>

⁸ Luca, Tânia Regina de. "Marcha para o oeste paulista". In: Fernandez, Alexandre Agabiti (editor). *Revista História Viva: Temas Brasileiros: Um país chamado café – poder e riqueza do grão que ergueu o Brasil moderno*. São Paulo: Duetto Editora, edição especial temática no. 1, p.30-35. Ano I, S/D.

⁹ In: Novais, Fernando A. (ORG.). *História da Vida Privada no Brasil*. v.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

racionalização da vida nas cidades. O tempo deveria seguir o ritmo das transformações e, não por acaso, os dicionários passaram a definir a expressão “perder o bonde” ou “perder o trem” como uma incapacidade de administração do tempo na modernidade. O transporte ferroviário tornou-se símbolo da capacidade industrial no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

A família Arantes do Nascimento chegou a Bauru sob esta atmosfera, procurando as opções de trabalho ali oferecidas. Não por acaso, as impressões de Pelé sobre a cidade estavam relacionadas ao fato de ser um espaço propício à prosperidade. Pelé cresceu apreendendo os discursos sobre a modernidade, os quais impunham um novo *ethos* ao modo de vida dos indivíduos. Este *ethos* pregava uma outra ordenação da vida cotidiana, pautada na busca do profissionalismo e na disciplinarização da vida social. A inserção de Edson Arantes do Nascimento no mercado profissional do futebol na infância pode ser pensada no contexto em que o ex-atleta foi socializado.

O fato de seu pai ter sido jogador de futebol contribuiu possivelmente para esta escolha. De acordo com José Sérgio Leite Lopes, em *A morte da “alegria do povo”* (*opus cit.*), Pelé teve uma vida mais bem-sucedida do que a de Garrincha porque adquiriu um “capital cultural” advindo da inserção profissional no campo do futebol, conforme demonstra esta passagem:

[...] Essa disciplina profissional, verdadeira interiorização precoce das frustrações paternas, confortada pelo capital social específico legado por Dondinho no interior do mundo do futebol, favoreceu o desenvolvimento de suas qualidades técnicas, ao mesmo tempo excepcionais e múltiplas, e de uma sensibilidade extrema aos problemas materiais da profissão de jogador de futebol. Enquanto Garrincha devia a essência de seu talento ao esporte amador, os dons de Pelé só foram plenamente desenvolvidos no futebol profissional (:130-131).

Para Leite Lopes (*idem*), a trajetória profissional de seu pai marcou definitivamente a sua própria trajetória e a sua inserção no futebol, proporcionando a Pelé uma ascensão rápida e segura. Aqui amplio o argumento do autor para dizer que não só o capital cultural foi relevante em sua carreira, como também envolveu os deslocamentos geográficos e sociais feitos pela família Arantes do Nascimento. A mudança de seu pai para Bauru, no auge das políticas do período conhecido como a “marcha para o oeste”, cidade estratégica para esta política, abriu novas portas não disponíveis no interior de

Minas, de onde vinham. Mais tarde, a inserção de Pelé no futebol desde os 10 anos, proporcionou-lhe a chance de jogar em times semiprofissionais da região e nos times juvenis profissionais. Os discursos sobre o esporte desde o início do século XX estavam interligados aos discursos da modernidade proporcionada pelos processos urbanos e industriais. Bauru e toda a região em seu entorno rapidamente viram as ligas esportivas proliferarem e oferecerem chances a jovens em diversas modalidades.

2.1 – De Bauru para o Santos Futebol Clube

Pelé viveu em Bauru até conseguir contrato com o Santos Futebol Clube, em 1956, cidade do litoral paulista. Sua infância, segundo ele, teria sido passada jogando futebol pelos arredores de Bauru. Antes de chegar ao Bauru Atlético Clube, ele jogou no início da década de 50 em alguns clubes do interior. Em 1954, o BAC, como era chamado o time da cidade, planejou formar divisões de base e montou um time juvenil que seria conhecido como Baquinho. Segundo a sua autobiografia (*opus cit.*), como já jogava semiprofissionalmente em outros clubes e devido ao fato de seu pai ser uma figura influente dentro do clube como ex-jogador, foi fazer um teste para o time. Nessa época, Pelé já se dedicava quase que integralmente ao esporte. Não gostava de estudar e sempre dizia para a sua mãe que gostaria de ser jogador de futebol, como seu pai, para desespero de Dona Celeste que não via futuro nesta escolha, pois nem profissão ela considerava ser o futebol.

Outro fato que Pelé ressaltou em sua autobiografia (*idem*) como importante em sua carreira foi a contratação de Waldemar de Brito para comandar o Baquinho. Nome bastante conhecido no meio futebolístico, ele tinha sido jogador da seleção brasileira em 1934, na Copa da Itália. Jogou pelo São Paulo Futebol Clube em 1933 e foi artilheiro do Campeonato Paulista no mesmo ano. Também jogou na Argentina, no San Lorenzo, ao lado do irmão, Petronilho. Dondinho o conhecia e incentivou Pelé a assinar contrato no time juvenil pelas qualidades do treinador que comandaria a equipe. De acordo com Pelé, Waldemar de Brito ensinou-lhe muita coisa, inclusive a ter disciplina e habilidades. Introduziu novas técnicas no Baquinho, incluindo manobras sem bola e armação de jogadas. Logo o time juvenil tornou-se o mais forte da região. Com isto, Pelé parou de jogar nos times menores do interior para dedicar-se exclusivamente à equipe de Bauru.

Nesse tempo, mantinha um emprego de meio expediente: vendia pastéis para uma senhora na estação ferroviária de Bauru. Em 1954, o Baquinho entrou para os registros oficiais. O *Jornal Diário de Bauru*, em associação com a *Gazeta Esportiva* de São Paulo, organizou o segundo Campeonato Juvenil. Seu time foi campeão e Pelé terminou como artilheiro da competição, com 148 gols marcados em 33 jogos. Estava então com 14 anos.

As oportunidades de jogar em clubes maiores começaram a surgir em 1955, como relata em sua autobiografia (*ibidem*), quando um ex-jogador do Bangu Atlético Clube do Rio de Janeiro, Elba de Pádua Lima, levou três jogadores do Baquinho e quis incluí-lo. Segundo Pelé, sua mãe não deixou, para seu alívio, pois tinha medo de jogar na Cidade Maravilhosa pela magnitude do lugar. Mas sua vida de juvenil estava acabando. Waldemar de Brito, que a esta altura já tinha saído de Bauru e retornado à capital para treinar times profissionais, voltou à cidade para conversar com seus pais sobre sua carreira. Para seu ex-técnico, ele podia assinar contrato com o Santos Futebol Clube, campeão estadual daquele ano. Começaria no juvenil e passaria, posteriormente, ao time principal. Brito, sabendo do temor de sua mãe por cidades grandes, convenceu-a de que Santos seria uma opção viável pelo fato de ser uma cidade menor que o Rio de Janeiro, portanto, menos ameaçadora que a Capital Federal.

Dona Celeste acabou cedendo e nesse mesmo ano foi transferido, como contou o próprio Pelé (*idem*). No dia da viagem para Santos, Waldemar de Brito combinou com Dondinho e Pelé de se encontrarem em São Paulo e, depois, partirem juntos para Santos. Brito lhe fez várias recomendações no trajeto São Paulo-Santos, as quais lhe valeram para o resto de sua vida profissional. Alguns dos conselhos incluíam não beber e não fumar, pois para ser um jogador de futebol precisa-se de um bom condicionamento físico. Era necessário também não se preocupar com a imprensa em geral, principalmente antes de um jogo. Deveria continuar jogando como se estivesse no Baquinho, mesmo que visse ao seu lado um jogador de renome.

Inicialmente foi morar nas dependências do clube; embaixo das arquibancadas do campo havia quartos para os jogadores solteiros e Pelé era o mais novo da turma. O time do Santos já se mostrava excelente e lá jogavam atletas que haviam sido da seleção brasileira em diversas Copas do Mundo, entre eles, Jair da Rosa Pinto, veterano da Copa de 1950, Hélio, Formiga e Pepe. Apesar de ter autorização para estar entre os

profissionais, Pelé começou a jogar com os times sub-20 e sub-18; treinava sozinho em muitos casos:

[...] Mas o Lula [treinador Luís Alonso do time principal do Santos] achava que um ratinho como eu não poderia jogar com gatos graúdos. Embora tivesse autorização para treinar com os profissionais, ainda teria de jogar com os sub-20 e os sub-18. Também treinava sozinho, às vezes por horas a fio. Sabia que precisava me aplicar de verdade para chegar a algum lugar. Aos meus olhos, estava jogando não só para a torcida, mas para realizar minhas próprias ambições. Não havia como fracassar (2006:71).

Este trecho demonstra como a ida para o Santos foi definitiva no seu pensamento de fazer uma carreira bem-sucedida no futebol e de como os conselhos de Dondinho e Waldemar de Brito foram levados ao pé da letra pelo jogador. Tão logo da sua chegada, seu rendimento nos times juvenis mostrou-se excelente, conforme ele mesmo relatou em sua autobiografia (*ibidem*). Foi então que o diretor de esportes, sr. Antonio, avisou que o clube ofereceria a ele um contrato profissional. Mais uma vez, Waldemar de Brito esteve à frente das negociações. Receberia um total de Cr\$ 6 mil por mês, mais alimentação e acomodações. Depois de convencer sua mãe, Pelé e Waldemar de Brito voltaram a Santos, e ele assinou contrato. Após um mês de treinamento com o time principal, teve a chance de sua estréia em 7 de setembro de 1956. No ano seguinte, aos 16 anos, seu contrato foi aumentado em Cr\$ 1 mil, o que o obrigou a jogar pelo clube por 18 meses. Em sua primeira temporada no time principal marcou 17 gols. Seu condicionamento físico foi sendo aprimorado com boa alimentação e bastante treino, como ele descreveu:

[...] Na minha primeira temporada completa no Santos conquistei a camisa 10. Fui o artilheiro do Campeonato Paulista, o principal que disputávamos, com 17 gols. O treinamento e a alimentação haviam mudado o meu corpo. Depois de seis meses, eu desenvolvera mais músculos, estava mais forte. Na verdade, as minhas coxas engrossaram tanto que ficaram com a mesma circunferência da minha cintura. Fiquei impressionado como o meu corpo parecia diferente. [...] Eu treinava bastante. Sempre fui um perfeccionista – ainda sou. Treinava mais o pé esquerdo, que tinha menos potência do que o direito. Também exercitava os cabeceios. Naquela época existia um aparelho com uma bola pendurada no alto e tínhamos que saltar para cabeceá-la. O Santos também tinha um ginásio e, durante um ano, aprendi caratê, que foi muito importante: me ensinou a cair e a saltar. Depois disso, aprendi judô, que me ajudou a aprimorar o equilíbrio e a agilidade. Quando driblava os adversários, dificilmente caía (2006:81).

Neste trecho fica claro como o Santos naquele momento, segundo Pelé, tinha uma estrutura capaz de oferecer aperfeiçoamento técnico a seus jogadores – desde a possibilidade de o jogador treinar individualmente até a estrutura do clube, que oferecia outras modalidades de esporte e exercícios físicos para treinamento. Também fica claro no discurso de Pelé o valor do trabalho, da disciplina e do profissionalismo que estavam presentes. De acordo com o ex-atleta, ele aprendeu outras modalidades esportivas para apurar sua técnica no futebol. Acreditava que suas chances de alcançar o sucesso que desejava nesta área só poderiam acontecer mediante muitos esforços pessoais. Passo agora a descrever a preparação para a Copa do Mundo de 1958, que iria solidificar as idéias de Pelé postas em prática ao longo de sua trajetória.

2.2 – O ano da Copa

Em 1958, ano de Copa do Mundo, Pelé foi convocado para a seleção brasileira. Como foi dito antes, esta foi considerada a campanha melhor preparada até então, com o “Plano Paulo Machado de Carvalho” que ficou conhecido como “marechal da vitória”, segundo os autores de sua biografia, os jornalistas Tom Cardoso e Roberto Rockmann (2005).¹⁰ Segundo estes autores, o plano, que possuía 96 artigos, exigiu que apenas os melhores jogadores, técnica e fisicamente preparados, fossem convocados. Era baseado no “plano de metas” de Juscelino Kubitschek, que levaria o Brasil a se modernizar em cinco anos. Da mesma forma, o plano-modelo do dirigente da seleção era necessário para levar a equipe de futebol à vitória.

O jornalista Paulo Machado de Carvalho chegou ao cargo de chefe da delegação de futebol de 1958, de acordo com Cardoso e Rockmann (*ibidem*), a convite de João Havelange, na época presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Era jornalista, dono de emissoras de rádios e da TV Record e dirigente do São Paulo Futebol Clube. Para os autores de sua biografia, foi o sucesso do time do São Paulo no campeonato paulista quando ele era o seu dirigente que fez o presidente da CBD decidir pelo nome do jornalista. Era conhecido como um homem extremamente disciplinador, organizado e profissional, qualidades que teriam faltado às seleções das Copas de 1950 e

¹⁰ Cardoso, Tom & Rockmann, Roberto. *O marechal da vitória: uma história de rádio, TV e futebol*. São Paulo: A Girafa Editora, 2005.

1954. Por esta razão, dizem os autores, houve a convocação de psicólogo, médico clínico geral, dentista, preparador físico, entre outros profissionais que acompanhariam a seleção. A escolha dos jogadores de futebol só aconteceu após uma pré-temporada organizada em algumas cidades do interior, longe de centros como Rio e São Paulo.

Os discursos então em voga diziam que somente uma atitude profissional, disciplinadora e moderna de se pensar o futebol possibilitaria que o Brasil trouxesse um campeonato. Segundo Thomas Skidmore (*opus cit.*), os anos JK impregnaram todas as esferas sociais, e não foi diferente no futebol. Esta era a visão que definia a estratégia para 58. O próprio Paulo Machado de Carvalho reuniu os convocáveis numa sala e leu uma lista com os nomes dos que participariam do time. Num jogo amistoso entre a seleção brasileira convocada e o Corinthians, no Pacaembu, Pelé sofreu uma contusão que quase o tirou da seleção, mas o médico confirmou-o na Copa do Mundo.

Esses discursos também podem ser encontrados no *Jornal dos Sports* de 1958. Em uma de suas crônicas, Mário Filho descreveu o bom preparo físico da seleção brasileira e o nível técnico dos jogadores convocados. O time do Santos Futebol Clube era um dos melhores times de futebol naquele momento, apontado assim por vários jornalistas esportivos. Na reportagem que reproduzo abaixo, o desempenho do time reserva é destacado:

[...] “Boa demonstração dos suplentes no match-treino de ontem”

São Paulo – Durante 90 minutos estiveram praticando coletivamente na tarde de hoje os jogadores da seleção brasileira que não atuaram no domingo. Completando-se as equipes com os jogadores do Palmeiras, o exercício transcorreu animado e finalizou com a ampla vantagem da seleção reserva por 8 x 0, o que diz bem o que foi seu predomínio dentro da cancha. O atacante Mazzola, cumprindo atuação destacada, foi o artilheiro da prática, conquistando 3 tentos, completando Pelé (2), Pepe e Garrincha e Canhoteiro. Os quadros treinaram assim constituídos: Seleção suplente: Castilho (Ernani); Djalma Santos, Mauro e Nilton Santos, Zito (Roberto) e Jadir (Orlando); Garrincha, Moacir, Mazzola, Pelé e Pepe (Canhoteiro). [...] FEOLA GOSTOU DO TREINO: Após o exercício, a reportagem do *Jornal dos Sports* esteve em contato com o preparador, Vicente Feola, e testemunhou a sua satisfação pela conduta da equipe, muito embora fosse uma prática de caráter leve. Os diversos setores movimentaram-se bem, o que serviu para demonstrar mais uma vez a boa forma técnica do plantel nacional que se prepara para disputar o Campeonato Mundial de Football, com início marcado para 8 de junho, na Suécia.

Estes eram os discursos da época em relação aos preparativos da Copa, com destaque para a preparação física; foram convocados apenas os que eram considerados aptos. Mesmo a seleção reserva, segundo Mário Filho, tinha um bom desempenho e estava dentro dos propósitos que visavam à conquista da competição. Note-se que Pelé e Garrincha eram reservas oficiais do time. Eles só participaram das últimas partidas disputadas pelo Brasil na Suécia.

Entretanto, toda essa preparação para a Copa de 58 foi resultado de vultosos investimentos estatais, segundo Cardoso e Rockmann (*ibidem*).¹¹ A Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que nesse período tinha o futebol como um dos esportes mais populares do país, formou uma comissão técnica que contou com o psicólogo João Carvalhaes, o que agradou a jornalistas e a intelectuais como Mário Filho, José Lins do Rego e o próprio Gilberto Freyre. Este já havia escrito no prefácio do livro de Mário Filho sobre a importância simbólica do futebol para a sociedade brasileira. Ganhar uma Copa do Mundo significava àquela altura, para estes intelectuais, a prova de que os discursos sobre a brasilidade e a modernidade, construídos também no futebol, poderiam estampar-se na prática.

2.2.1 – A convocação do psicólogo

Quando os jogadores viajaram para a Suécia, Mário Filho publicou em seu jornal uma carta endereçada a eles. Além de desejar felicidades, o jornalista explicitou alguns dos motivos para a perda da final contra o Uruguai em 1950, o que não poderia se repetir em 1958:

[...] “Palavras aos jogadores brasileiros”

Vocês partem hoje em busca de um título de campeões do mundo. Não é uma tarefa fácil. Quando pareceu fácil a todos nós, tornou-se impossível. Guardamos de 50 uma mágoa. Não devemos guardar. Aquela derrota foi uma lição. Desde que há football que essa lição vem sendo repetida. Apenas a tínhamos esquecido ou desprezado por orgulho. Julgávamo-nos os melhores do mundo e talvez fôssemos naquela ocasião. Mas para conquistar um campeonato do mundo não bastava jogar mais ou ter jogado mais outros matchs. Tínhamos que jogar mais no match da decisão. Cada partida só vale em relação a mesma [...] [O] Brasil ter derrotado a Espanha de seis não lhe dava a menor

¹¹ Outros autores também descreveram a ajuda financeira do governo Juscelino à seleção brasileira de futebol, como: Heizer, Teixeira. *O jogo bruto das Copas do mundo*. Rio de Janeiro: editora Mauad, 1997; Santos, Joaquim Ferreira dos. *Feliz 1958: o ano que não devia terminar*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

vantagem para a final com o Uruguai. Erramos pela vaidade de uma exibição que foi saudada como a mais bela da história do football (JS, 24/05/58).

É importante ressaltar que, apesar de Mário Filho não colocar com todas as palavras, podem ser ouvidos claramente aqui os ecos de sua crença na suposta existência de um “complexo atávico brasileiro”.¹² Como abordei no capítulo anterior, mesmo com a crença de que o processo de mestiçagem era a saída possível para a busca do “tipo nacional”, este ainda tinha alguns problemas para ser delineado. Na reedição de *O negro no futebol brasileiro*, em 1964, em que contou sua versão para a derrota da Copa de 1950, Mário Filho explica que a incapacidade do brasileiro mestiço de aceitar a disciplina e agüentar pressões era a causa possível dessa derrota. O jornalista contou como os jogadores acusados pela perda da Copa foram os negros e os mestiços, por simbolizarem os problemas em questão.

Na citação acima, podemos encontrar o início dessas formulações quando Mário Filho discorre sobre o sentimento que tomou conta da seleção em 1950: a “vaidade”. Em linhas gerais, nos dicionários da língua portuguesa,¹³ o significado desta palavra pode estar relacionado ao valor atribuído à própria aparência ou, num outro sentido, a um sentimento vazio, ou ainda, a uma aparência ilusória. Se analisarmos o que Mário Filho escreveu em *O negro no futebol brasileiro*, o segundo sentido pode estar mais próximo daquilo que o autor sinalizou sobre os jogadores de 1950. A perda era consequência de uma imagem ilusória e vazia que a seleção construiu. A chegada à final revelou o que era o verdadeiro time. Não bastou ganhar da “Espanha de seis”, como afirmou. Era preciso que tivesse se apresentado sem “vaidade” contra o Uruguai.

O discurso de Mário Filho, que perpassa suas crônicas e seu livro, segundo a socióloga Fátima Martin R. F. Antunes (*opus cit.*),¹⁴ continha a idéia da existência de “um complexo em ser brasileiro”, ou *complexo de vira-lata*, expressão cunhada por seu irmão Nelson Rodrigues. Tais discursos estavam calcados numa visão contextual já descrita no capítulo anterior. Mesmo com a noção positivada da miscigenação, era possível encontrar um atavismo no brasileiro em função de sua mistura racial. Mário

¹² Em *Feliz 1958: o ano que não devia terminar* (*opus cit.*).

¹³ Pesquisa feita no dicionário Houaiss da Língua Portuguesa de Houaiss, Antonio. Rio de Janeiro: editora Objetiva, 2001.

¹⁴ “Com brasileiro, não há quem possa!”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues (*opus cit.*).

Filho utilizava esta característica como um instrumento para classificar as vitórias e as derrotas da seleção brasileira. A conquista do campeonato de futebol em 1958 representou para o jornalista o momento em que o atavismo do brasileiro foi superado e, daí, a conquista da Taça Jules Rimet.

Para que isto ocorresse, nada mais acertado do que contratar um psicólogo para fazer os ajustes necessários ao brasileiro mestiço, pois ele nutria um sentimento que deveria ser extirpado quando o Brasil jogasse bola: a incapacidade de suportar pressões nos momentos decisivos. Os discursos apresentados por Mário Filho não eram de sua exclusividade. Simoni Guedes (*opus cit.*) analisou o livro escrito por João Lyra Filho (1954), chefe da delegação brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1954. Lyra Filho teceu uma série de considerações sobre as razões que levaram o Brasil a perder o campeonato. Para Guedes, os motivos que o sociólogo levantou sobre a derrota estão intimamente ligados à noção de que a mistura racial produziu um “complexo atávico” no brasileiro, o que se apóia “na tese do atraso e da imaturidade do povo brasileiro” (Guedes *apud* Lyra Filho).

João Carvalhaes era formado em jornalismo e licenciado em psicologia. Estudou na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo e foi convidado por Paulo Machado de Carvalho para aplicar seu trabalho na seleção brasileira.¹⁵ O psicólogo não era inexperiente neste ramo. Começou a trabalhar na área desportiva na década de 1950, escrevendo crônicas especificamente sobre lutas de boxe, que cobria. Especializou-se em psicotécnica no ano de 1951. Trabalhou na Federação Paulista de Pugilismo e na seleção de juízes e jurados e, posteriormente, na preparação psicológica dos mesmos. Desempenhou igual função na Federação Paulista de Futebol com os juízes deste esporte. É provável que sua atuação nestas organizações tenha sido preponderante, credenciando-o à convocação para a delegação brasileira de futebol que disputou o campeonato de 1958. Outro fator importante foi que, apesar de ser a primeira vez que um psicólogo trabalharia com os jogadores de futebol, o campo da psicologia social era bastante difundido em outros setores da sociedade. Prova disto reside no fato de que o próprio Carvalhaes atuou,

¹⁵ Sobre a biografia de João Carvalhaes, alguns fatos de sua vida que aqui exponho foram retirados do Acervo do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. Disponível no site: http://www.crpsp.org.br/a_acerv/set_memoria_psi.htm. – na área reservada a homenagear os pioneiros da psicologia em São Paulo. Além dos dados biográficos, estão disponíveis análises sobre os significados e as consequências dos trabalhos desenvolvidos por este profissional.

também nesse período, como psicólogo em empresas privadas. Desenvolvia testes psicotécnicos para a seleção de funcionários, isto já em 1942 e 1946.

Numa visão mais panorâmica do contexto histórico dessa época, a década de 1950 foi promissora para a expansão da psicologia social. No final da Segunda Guerra Mundial, temas como a intolerância étnica e o nazismo precisavam ser explicados. Este campo do conhecimento propiciava o entendimento de tais fenômenos a partir da análise dos comportamentos individuais e de suas reações na sociedade. Segundo Marcos Chor Maio (1997),¹⁶ após o conflito mundial houve um crescimento da psicologia social no mundo. As técnicas utilizadas – dinâmica de grupo, comunicação persuasiva e mudanças de atitudes – tinham como objetivo ajustar os comportamentos das pessoas aos contextos sociais. Estes instrumentos eram utilizados para entender a mente humana na produção do racismo e do nazismo e os contextos sociais correlatos. Portanto, os mecanismos que produziram o nazismo e o racismo podiam ser entendidos e controlados através da utilização destas técnicas.

Neste sentido, João Carvalhaes tinha a função de aplicar testes nos atletas brasileiros com o objetivo de melhorar e superar a suposta “fragilidade emocional” em momentos em que fossem exigidas a disciplina e a concentração. Muitas histórias são contadas até hoje sobre estes testes. Algumas delas foram relatadas por Joaquim Ferreira dos Santos no livro *Feliz 1958: o ano que não devia terminar* (*opus cit.*). Uma das mais recorrentes trazidas pelos cronistas esportivos é o fato de Pelé e Garrincha terem sido reprovados nos testes psicotécnicos do psicólogo. O primeiro por ser infantil demais, devido aos seus 17 anos; o segundo porque desenhou um círculo e alegou ser ele a cabeça de seu amigo e jogador do Botafogo, Quarentinha, seu companheiro na seleção.¹⁷

De fato, Pelé e Garrincha começaram a Copa como reservas, mas não se pode afirmar que os testes psicotécnicos de João Carvalhaes influenciaram nesta decisão. Pelé sofreu uma contusão num dos jogos de treino da seleção, e precisava de tratamento. O que se pode afirmar é que a seleção de 1958, com o plano Paulo Machado de Carvalho, esteve empenhada em apresentar o máximo de disciplina e profissionalismo. Naquele momento, o trabalho psicológico era fundamental a esta finalidade por estar de acordo

¹⁶ “Uma polêmica esquecida: Costa Pinto, Guerreiro Ramos e o tema das relações raciais”. *Dados*, v.40, n.1.

¹⁷ Versão contada por Joaquim Ferreira dos Santos (*opus cit.*:24).

com os objetivos que este plano se propunha a alcançar. Pode-se afirmar, a partir do que foi explanado, que a visão de disciplina não estava restrita à técnica dos jogadores. Também passava por um conjunto de idéias que incluía a noção de que “não bastava jogar”, nas palavras de Mário Filho, era necessário um equilíbrio entre a prática do esporte e a disciplina.

2.3 – O significado de 1958 para Pelé e a fama depois da Copa

Em sua autobiografia (2006), Pelé descreveu a Copa de 1958 como um dos acontecimentos mais importantes de sua vida profissional, não só por ter sido o evento que o tornou conhecido no Brasil, mas também porque o lançou na fama internacional. A conquista representou para o jogador o reconhecimento do seu trabalho, mas sua personalidade não foi afetada pela fama. Continuou a jogar no Santos Futebol Clube e a residir na cidade. Isto aconteceu, segundo Pelé, porque desde muito cedo viveu do futebol e manteve sempre a mesma disciplina antes de se tornar famoso, visando aperfeiçoar-se ao máximo.

No livro *Eu sou Pelé* (*opus cit.*), o ex-jogador ofereceu mais detalhes do que em sua autobiografia escrita mais tarde sobre os significados desta Copa para a sua trajetória. Provavelmente porque foi o primeiro grande acontecimento de sua carreira, metade do livro dedica-se à Copa do Mundo de 1958. Quando a obra foi lançada, Pelé estava com 20 anos e prestes a ser convocado novamente para a seleção brasileira que disputaria a Copa de 1962.

A preparação para a Copa do Mundo de 1958, descrita na primeira autobiografia, foi uma das mais completas que existiram até aquele momento, afirma Pelé. Ele diz que, além do psicólogo João Carvalhaes, a delegação contou com um dentista, Mário Trigo, um clínico geral, Dr. Hilton Gosling, um preparador físico, Paulo Amaral, e o técnico, Vicente Feola. Sobre o “Plano Paulo Machado de Carvalho”, Pelé relembra que ele incluiu uma pré-temporada com a participação de possíveis jogadores para compor a seleção. O grupo foi para São Paulo e, depois, para Araxá, no interior de Minas Gerais. Destaco o trecho em que Pelé descreveu o dia-a-dia da seleção:

[...] Passamos por São Paulo, fomos para Araxá, onde ficamos uns dias vivendo somente em função do nosso físico e da seleção. Ali nos “desintoxicamos” de tudo,

descansando quando era hora de descansar, treinando quando era hora de treinar e passeando, quando era hora de passear. Senti, logo de saída, que a direção do selecionado era segura. As “ondas” que poucos jornalistas ensaiaram, não tiveram o mínimo efeito. Aliás, a maioria dos homens de imprensa procurava colaborar também com a direção da seleção (:113).

O dia em que foram anunciados os jogadores convocados, Pelé descreveu como um momento de dor e alegria para ele e seus companheiros. Os que ficavam sentiam-se aliviados, e aqueles que foram excluídos “choraram como crianças” (1961:114). Apesar de ter sido um dos incluídos, o ex-atleta escreveu que ficou inseguro quanto à sua participação por causa de uma contusão sofrida num jogo amistoso contra o Corinthians. A seleção brasileira jogou contra o time paulista para dar continuidade à preparação antes da Copa do Mundo. Pelé recebeu uma entrada violenta do jogador Ari, que o atingiu no joelho. Depois disso, Pelé passou por inúmeros exames e testes, o que o deixou com medo de também ser excluído do grupo. Somente quando a seleção embarcou para a Suécia, o ex-jogador teve a certeza de que iria participar da Copa, como colocou na passagem abaixo:

[...] Chegou finalmente o dia do embarque. Antes disso tivemos licença para nos despedirmos de nossos familiares. Somente quando entrei no avião que nos levaria à Suécia é que tive a certeza de que teria alguma “chance” de jogar na copa do mundo, defendendo o Brasil. Passaríamos, antes, pela Itália, para dois jogos que serviriam como testes para a seleção. [...] No meio daquela turma, comecei a esquecer um pouco o joelho contundido. Já éramos como uma família, onde os veteranos pareciam mais crianças do que nós, novatos. O Mazzola, Pepe, Garrincha, Didi, Zagalo, Zito, Mauro, todos, enfim, contribuía para alegrar o ambiente, brincando e aceitando as brincadeiras dos colegas (:118).

A lesão sofrida, como Pelé descreveu, foi tratada com panos quentes em torno do joelho machucado, a fim de propiciar uma recuperação rápida. Ele destacou que ao chegarem à Itália esta disciplina implantada pelo chefe da delegação foi notada e elogiada, como demonstrou neste trecho:

[...] Quando chegamos à Itália, vimo-nos cercados por repórteres e fotógrafos. A seleção do Brasil impressionou todos pela sua organização. O plano estava sendo seguido à risca. Havia ordem para tudo, inclusive para as entrevistas. Assim, tínhamos tempo de sobra para descansar tranquilamente (:119).

É importante ressaltar nestes escritos do ex-jogador que a norma colocada para a seleção estava relacionada a este discurso seguido por todos. Já atuando no Santos futebol Clube, Pelé afirmou que treinava muitas vezes sozinho.

Uma das partes mais interessantes do livro autobiográfico escrito em 1961 é o momento em que Pelé aborda a disciplina e o profissionalismo como os princípios do “complexo atávico do brasileiro”, então presente. Ele foi escolhido como um dos titulares que jogaram contra a Rússia, na primeira partida oficial que disputou no campeonato. E disse:

[...] Na véspera do encontro com o time vermelho – como alguns chamavam a seleção da Rússia – fiz um esforço maior com a perna contundida e o joelho doeu ainda. Senti uma espécie de desânimo e, logicamente, caí novamente nas mãos do Mário Américo. Enquanto me tratava, ele começou a falar, meio nervoso e mais gago do que de costume: – Você precisa meter os peitos, Pelé!... E apertava ainda mais as massagens: – O joelho já está bom, se!... Você está é com complexo! [...] Que complexo coisa nenhuma! O joelho ainda doía, embora já não estivesse inflamado. [...] Antes do jogo, passei por um exame psicotécnico. O professor Carvalhais era quem cuidava dessa parte. Diziam que era para preparar o nosso espírito, para nos dar autoconfiança e tudo o mais. Nunca soube, realmente, do resultado do meu exame daquele dia, mas acho que não pode ter sido muito bom, pois eu estava meio nervoso por causa daquela história do joelho. Do jogo, propriamente, eu não tinha medo nenhum (:128-129).

Como coloquei no início deste capítulo, Joaquim Ferreira dos Santos (*opus cit.*) afirmara que Pelé e Garrincha tinham sido reprovados neste teste. Nesta passagem, Pelé meio que confirma o que foi divulgado pelos cronistas esportivos posteriormente sobre o seu teste.

A Copa do Mundo de 1958 trouxe para Pelé um reconhecimento mundial e também uma ampliação maior de seu prestígio no Brasil. Segundo afirmou no livro *Eu sou Pelé* (*opus cit.*), ele recebeu muitos convites para se transferir do Santos Futebol Clube para times europeus. Esta prática não era rara entre os jogadores brasileiros. Outros atletas já tinham vivido a experiência de jogar no exterior.¹⁸ Para Pelé, jogar no Santos trazia vantagens financeiras e lhe dava a oportunidade de conhecer quase o mundo inteiro. Já na segunda autobiografia (*opus cit.*), ele criticou o número de jogos internacionais de que era obrigado a participar em busca de rendas para o clube santista. Em 1961, o ex-atleta julgava ser mais interessante para a sua carreira continuar a atuar

¹⁸ Para saber mais, ver a biografia de Leônidas da Silva escrita por André Ribeiro: *O diamante eterno: biografia de Leônidas da Silva*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

neste time, inclusive financeiramente. Abaixo, as suas considerações sobre o que estaria fazendo com o dinheiro que ganhava no Santos:

[...] Quando alguém me pergunta o que é que estou fazendo com o dinheiro que hoje ganho, respondo, simplesmente: – Guardando para o Edson! Muitos não entendem, dão risada: – Você é um vivo, garoto! [...] Até há bem poucos dias eu ganhava, de ordenados fixos no Santos, a importância de oitenta mil cruzeiros mensais. É a pura verdade, mas ninguém acredita nisso. Achem que ganho quinhentos mil, setecentos mil, sei lá quanto! [...] Renovei meu contrato agora. O Santos compreendeu que seria justo reajustar meus vencimentos, pois, para não sair do clube, rejeitei uma proposta do Internazionale, de Milão, de quarenta milhões de cruzeiros, só de luvas (:180-181).

Fica claro que Pelé, desde muito jovem, fazia planos para o futuro já pensando no momento em que iria deixar de jogar futebol, transformando-se apenas no "Edson". Na sua fala, fica marcado que o homem comum e o homem público convivem em Pelé. Esta maneira de referir-se a si mesmo através da dualidade Pelé e Edson já estava presente em sua primeira autobiografia, *Eu sou Pelé*, e perdura até os dias de hoje.

2.4 – A vitória do Brasil na Copa

A conquista do primeiro campeonato do Brasil numa Copa simbolizou muito não só para Pelé, mas para o Brasil e o próprio governo JK. Se em 1950 o campeonato foi perdido “por algum complexo atávico”, em 1958 ele fora superado pela racionalidade e pela disciplina impostas à seleção brasileira. O Plano Paulo Machado de Carvalho, no mesmo feitio do Plano de Metas¹⁹ do governo Juscelino, teve como objetivos principais elevar o Brasil no cenário político e nos campos de futebol como uma potência moderna. Estes planos conduziram a seleção brasileira e o Brasil ao desenvolvimento e ao reconhecimento de suas capacidades diante das grandes nações. Como demonstra a foto abaixo:

¹⁹ Na biografia sobre a vida de Paulo Machado de Carvalho, *O Marechal da Vitória: uma história de rádio, tv e futebol*, escrita pelos os jornalistas Tom Cardoso e Roberto Rockmann, os autores alegam que o plano intitulado com o nome do dirigente baseou-se no “plano de metas” instaurado então por Juscelino. O objetivo do governo era levar o Brasil ao pleno desenvolvimento através da crescente industrialização e profissionalização da sociedade brasileira. O plano de Paulo Machado continha os mesmos discursos proferidos pelo governo JK: a disciplina e a profissionalização levariam o Brasil à conquista do campeonato mundial.



Pelé e JK: 1958. Foto retirada do livro *Eu sou Pelé* (1961).

Conforme consta no livro *O marechal da vitória* (*opus cit.*), Paulo Machado de Carvalho teria se encontrado com Juscelino para pedir o financiamento que o governo prometera à Confederação Brasileira de Desportos (CBD) para que todos os pontos do Plano fossem seguidos à risca. Na conversa, o Presidente, segundo os autores, pediu que o Brasil obtivesse uma vitória no jogo contra a União Soviética. Isto representaria muito para a auto-estima dos brasileiros, pois esta nação lançara o *Sputnik*, e ganhar dos russos teria um valor simbólico muito grande. Numa entrevista concedida ao *Jornal dos Sports* durante a Copa, Pelé revelou pensamento similar ao do Presidente após o Brasil ter vencido a União Soviética com a sua presença em campo: “Este título, se Deus quiser, será nosso. Até os russos não acham que somos os melhores? Então, somos! Ou não foram eles que inventaram o *Sputnik*?”.²⁰

Esta visão também estava presente na carta escrita por Mário Filho e publicada no *Jornal dos Sports* após a vitória da seleção contra a Suécia, jogo que deu o campeonato ao Brasil. Transcrevo abaixo a carta:

²⁰ Reportagem intitulada “Ídolo grande, de um ídolo pequeno”. *Jornal dos Sports*, 25/06/1958.

[...] “No peito, na raça e no football”

Não bastava ter o melhor football que tínhamos para sermos campeões. Por isso a amargura do 16 de julho. Admiramos tanto os uruguaiois que ganharam no peito e na raça. Fez-se um ideal de grande capitão, de Obdulio Varela, como se não tivéssemos Obdulios Varelas. Apenas não resistíamos à hipótese de uma derrota. Menos os jogadores do que nós. Os jogadores tremeram em Berna, porque já tremíamos diante das assombrações húngaras. Mas agora não tremeram, não hesitaram, não tiveram um momento de dúvida ou fraqueza. Eis porque somos gratos a vocês, jogadores do Brasil, campeões do mundo. Este título pertence a vocês. A nós cabe a alegria da partida do grande feito. Somos brasileiros e isto basta. Já não haverá brasileiros que, como a 16 de julho, se lamentavam de ser brasileiros. Nunca se negou tanto o Brasil como a 16 de julho. Porque aquele scratch de 50 resumia nossas virtudes e defeitos. Esquecemos as virtudes que tínhamos para só lastimarmos os defeitos que nos tinham tirado um campeonato do mundo. Vocês, aí na Suécia, só exibiram e só exaltaram as nossas virtudes. Mostraram até onde o brasileiro pode ir, pela dedicação, pelo entusiasmo, pelo vigor atlético, pela disciplina e pela técnica. Por isso somos gratos a vocês. Não temos mais nada a invejar de ninguém. Vocês não foram os uruguaiois que queríamos que os jogadores de 50 tivessem sido a 16 de julho. Vocês foram brasileiros sem tomar nada emprestado de ninguém, venceram o campeonato do mundo, o mais árduo, o mais disputado, o mais difícil que já houve. Venceram como só sonhávamos que vencessem, no peito, na raça e no football. Não houve na Copa nenhum adversário que fosse mais do que vocês em nada. E um campeonato do mundo é um desfile do que têm de melhor as nações. E se a princípio se duvidava do Brasil, é que se julgava o Brasil ainda pelo 16 de julho. Duvidava-se do football brasileiro, duvidava-se do Brasil. E vocês varreram essa dúvida (30/06/1958).

Nesta surpreendente carta aos jogadores, Mário Filho parece querer explicar o que tinha sido 1958 em termos gerais. Sua gratidão a eles, que ganharam o título mundial, está no fato de que conseguiram provar a capacidade brasileira diante das maiores nações do mundo. Interessante perceber a oposição 1950/58. Enquanto em 1950 os brasileiros desejavam ser uruguaiois, em 1958 não se desejou nada que não fosse ser brasileiro. Os fatos que se seguiram ao longo do ano de 1958 provaram que esta era a visão de uma época: ser brasileiro era o que bastava, pois isto representava uma identidade completa: éramos capazes de produzir e de mostrar esta produção para o mundo. Os brasileiros estavam aptos a elaborar um conhecimento científico, técnico, e a aperfeiçoá-lo, porque tinham a possibilidade de levar o país ao desenvolvimento e de torná-lo respeitável em face do mundo. A disciplina e o profissionalismo eram fundamentais a tais propósitos, pois assim o Brasil chegaria a conquistar este reconhecimento.

Para Pelé, esse era o momento de mostrar seu ascetismo profissional introjetado desde os tempos em que morou em Bauru. Foi a disciplina e o profissionalismo que, segundo ele, lhe valeram um contrato profissional com o Santos Futebol Clube aos 15 anos. A convocação de Pelé e seu sucesso no campeonato deram-lhe a certeza de que a busca ao extremo de ambos os quesitos o levaria ao reconhecimento nacional e internacional e também ao respeito do público enquanto grande jogador de futebol. Demonstrei no primeiro capítulo que Pelé manteve esta postura ao longo do tempo. A participação na Copa do Mundo deu-lhe a confiança para perceber que este era o caminho a ser seguido em sua vida.

Descreverei agora que não eram apenas Mário Filho, Pelé, Juscelino e Paulo Machado de Carvalho que acreditavam na disciplina e no profissionalismo necessários para levar o Brasil ao sucesso; todas as esferas da sociedade, de alguma maneira, foram tomadas por estes discursos.

3 – Os discursos raciais e o pensamento sobre os problemas brasileiros

Os discursos raciais dos anos 50 não escaparam aos debates sobre o aprofundamento da industrialização na sociedade brasileira e, conseqüentemente, da entrada do Brasil ao *hall* dos países do Primeiro Mundo. Não pretendo aqui remontar todo o debate dessa época, mas apontar as principais tendências. Segundo Fabiano Dias Monteiro (2003), que analisou a experiência do *disque-racismo* no Rio de Janeiro em *Retratos em branco e preto, retratos sem nenhuma cor: a experiência do disque-racismo da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro*, os anos 50 foram importantes nas discussões sobre raça na sociedade brasileira.

Já em 1951 era aprovada a Lei Afonso Arinos, que coibia ações discriminatórias contra os negros. Também no início dessa década foi iniciado o projeto Unesco que, de acordo com Marcos Chor Maio (2004) em *Demandas globais, respostas locais: a experiência da Unesco na periferia no pós-guerra*, significou, em linhas gerais, um conjunto de estudos sobre as relações raciais no Brasil realizados por uma gama de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. Tais pesquisas foram impulsionadas

pelos acontecimentos e em consequência dos discursos sobre a “pureza da raça” que eclodiram durante a Segunda Guerra Mundial e que provocaram a ascensão do nazismo e do fascismo na Europa. Para Marcos Chor Maio (*idem*), o Brasil foi visto, neste sentido, como um exemplo a ser seguido, por não viver as experiências de conflitos raciais presentes no cenário europeu. Portanto, tais estudos tinham como principal objetivo entender como isto se dava no Brasil.

Paralelamente, outro grupo importante consolidou-se através das discussões sobre raça no Brasil; era representado pelo sociólogo Alberto Guerreiro Ramos, militante de uma das vertentes dos movimentos negros na época. Junto com ele estava o artista plástico Abdias do Nascimento, fundador do Teatro Experimental do Negro (TEN), que tinha como um dos seus objetivos a criação de uma elite negra pensante que pudesse acompanhar o processo industrial brasileiro, conforme as palavras de Fabiano Dias Monteiro (*ibidem*). Além de militante, Guerreiro Ramos fez parte do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) que, segundo Caio Navarro de Toledo (2005) em *Intelectuais e política no Brasil: a experiência do ISEB*, representou a reunião de intelectuais, em sua maioria não-acadêmicos, de diferentes correntes de pensamento, voltados a encontrar soluções para os problemas brasileiros. Este instituto estava atrelado às políticas de Estado e, apesar de certa independência sobre o que pensar em relação ao poder estatal, não fugia dos ideais do “nacional-desenvolvimentismo” pregado pelo governo.

Para Fabiano Dias Monteiro (*ibidem*), as pesquisas do Projeto Unesco e os estudos de Guerreiro Ramos apontaram para idéias diversas do modo de pensar o problema do negro por estes intelectuais. Os pesquisadores ligados direta e indiretamente ao Projeto Unesco, e influenciados por seus estudos nos anos 50, atestaram que a sociedade brasileira produzia desigualdades entre bancos e negros, aprofundadas pelo processo de industrialização em curso no país. Conseqüentemente, a precária instalação das relações de classe colocava o negro em desvantagem diante do branco.

Já Guerreiro Ramos, segundo o autor, enxergava a diminuição das desigualdades entre negros e brancos a partir da construção de uma “identidade negra” fortalecida. Por esta razão, o Teatro Experimental do Negro (TEN) tinha papel importante nessa empreitada, pois proporcionaria a auto-estima aos negros e produziria uma visão

positivada a seu respeito no imaginário social. O TEN possuía esta função, ou seja, criar a consciência das desigualdades entre brancos e negros e fortalecer a identidade negra no imaginário social através das técnicas do psicodrama e da psicologia social, instrumentos estes capazes de valorizar uma identidade negra. Transcrevo a seguir trechos da aula inaugural de Guerreiro Ramos quando da abertura das sessões de grupoterapia do TEN, publicada no jornal *Quilombo*²¹ em 1950:

[...] A psicanálise representa o início da fase científica da sociatria. Entretanto, a deformação profissional do seu criador o induziu a erros graves, o principal dos quais é a confusão entre o biológico e o social, confusão que só recentemente foi inteiramente desfeita e especialmente graças aos esforços do médico e sociólogo austríaco Jacob Moreno, criador da sociometria. [...] Quando Auguste Comte disse que os mortos dirigem cada vez mais os vivos, pôs o dedo nesse problema da automutilação que cada homem se impõe a fim de encaixar-se no sistema social. A educação é em boa parte um treinamento que objetiva “reduzir a independência e a liberdade do indivíduo até o nível necessário à existência social”. Reiner Maria Riker disse que ela consiste em substituir os dons por lugares comuns. Nestas condições cada ser humano socialmente ajustado, por mais perfeita que seja a sociedade em que se encontre, é vítima de um déficit de espontaneidade. Na verdade o homem é um grande consumidor de “conservas naturais”. Quase todo o seu comportamento é uma reprodução de moldes ou respostas conservadas de moldes ou respostas que ele não elaborou livremente, que lhe foram negados pelos mortos, como insinuava Auguste Comte. [...] A investigação da patologia da normalidade ou da “conserva cultural”, como quer J. L. Moreno, indica a necessidade de descobrir um processo que torne possível a integração social do homem com o mínimo possível de economia de sua espontaneidade, e ainda, naqueles que a perderam. [...] A grupoterapia lança suas raízes nesta tradição. Ela é a cultura da espontaneidade, um processo sociológico de purgação de conservas culturais (:6).

Para se entender melhor o que Guerreiro Ramos argumenta em sua aula inaugural, é preciso remeter ao artigo de Marcos Chor Maio (1995) em “A questão racial em Guerreiro Ramos”, no qual o autor indicou que o TEN tinha como um dos seus objetivos principais construir uma positividade da imagem do negro na sociedade e, portanto, “purgar as conservas culturais” era a possibilidade de se edificar uma nova consciência e a valorização de uma identidade negra que há muito era vista como negativa e inferior no imaginário social.

²¹ O *Jornal Quilombo*, cujo subtítulo era “vida, problemas e aspirações do negro”, era o espaço de reflexão sobre as questões raciais na época. Foi idealizado e dirigido por Abdias do Nascimento e circulou de 1950 a 1951; tinha como objetivo apresentar idéias, produzir reflexões e apresentar a vida social dos negros. Colaboraram no jornal diferentes matizes da intelectualidade.

Segundo Fabiano Dias Monteiro (*opus cit.*), este discurso racial entrou em confronto com o *mainstream* da intelectualidade brasileira da época que, em sua maioria, acreditava na miscigenação racial como uma saída para os possíveis problemas inerentes ao “tipo nacional”. Segundo o autor, naquele momento surgiram no campo intelectual e político os discursos “pró-negro” e a intensificação do que Monteiro definiu como a “cisão racial”, a noção de que existia uma diferença intransponível entre brancos e negros. Tais discursos iriam aprofundar-se na década de 70. Farei uma discussão mais detalhada deste tema no quinto capítulo.

Por outro lado, sociólogos como Florestan Fernandes e Luiz de Aguiar Costa Pinto, segundo Monteiro (*idem*) – intelectuais com os quais Guerreiro Ramos colidiu frontalmente por acreditar que eles construíam o negro como um problema que deveria desaparecer da vida social brasileira – analisaram a discriminação racial existente no país como temporária, pois à medida que este elemento fosse sendo inserido no processo de industrialização da sociedade brasileira, ele seria plenamente incorporado ao sistema social brasileiro. Para estes intelectuais, o preconceito racial estava ligado às novas tendências do mercado a partir da industrialização da sociedade, e a incorporação dos não-brancos dependia de uma reorganização das elites brasileiras aos ajustes que a industrialização produziria na ordenação da nova sociedade. Desde então, a noção de classe seria aquela de fato importante na forma como a sociedade deveria se organizar, e não a que se baseava nos modos tradicionais de manutenção do poder.

Guerreiro Ramos argumentava que as explicações de Costa Pinto e Florestan Fernandes estavam pautadas na noção de que o negro era visto como um problema que deveria ser extirpado da sociedade, o que gerou conflitos. Lucia Lippi Oliveira (2004), em *A Sociologia do Guerreiro Ramos*, afirmou que o sociólogo em questão se dizia mais próximo às idéias de Oliveira Vianna e Nina Rodrigues em relação às condições específicas do negro do que às idéias de Gilberto Freyre, por exemplo. O intelectual pernambucano formulava o discurso da não-diferença do negro, portanto, sua incorporação dar-se-ia a partir dos processos culturais da sociedade.

Estas eram as tendências dos discursos raciais nos anos 50. Enquanto os discursos raciais das primeiras décadas – como descrevi no capítulo anterior – eram pautados numa discussão marcante das origens e da formação do “tipo nacional”, os anos 50 produziram

um aprofundamento de tais questões, pois a intensificação da industrialização no Brasil gerou exposições que evidenciavam as diferenças e as desigualdades entre brancos e negros. Dessa forma, era preciso pensar saídas possíveis para a inserção desse “tipo nacional”.

O fim da Segunda Grande Guerra e suas conseqüências para os principais mercados mundiais impulsionaram organizações internacionais como as Nações Unidas, que já em 1948 criou a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) para discutir a saída do subdesenvolvimento dos países emergentes e, segundo Lucia Lippi Oliveira (*idem*), produziu o discurso nacional-desenvolvimentista na sociedade brasileira. Nesse cenário, os discursos raciais no Brasil eram proferidos nos anos 50.

De acordo com Monteiro (*ibidem*), os discursos raciais nesse período tinham como principal característica encontrar soluções para a integração do negro na sociedade que se modernizava. A saída possível era fortalecer a noção de que existia uma defasagem entre brancos e negros que o processo de miscigenação não tinha sido capaz de suplantar e, assim, era preciso entender que havia diferenças históricas entre brancos e negros. As posições de Guerreiro Ramos visavam alcançar este objetivo e inserir os negros no processo de modernização da sociedade brasileira através do fortalecimento de uma “identidade negra”. Como afirmou Caio Navarro de Toledo (2005), Guerreiro foi um atuante isebiano – órgão atrelado ao governo que reuniu intelectuais para pensar e formular soluções para os problemas brasileiros – que seguiu fielmente os ideais do nacional-desenvolvimentismo. Portanto, este fortalecimento da “identidade negra” não confrontava a visão nacionalista produzida pelo ISEB. Dessa maneira, havia a intenção de providenciar a ascensão do negro a partir de tal idéia.

Ao levantar as tendências vigentes nos discursos raciais nos anos 50, é possível destacar que um deles se apoiava na noção de que era preciso construir uma identidade negra fortalecida em oposição aos brancos para que os negros pudessem ser inseridos na sociedade industrial. Tais discursos eram proferidos por muitos, mas especialmente por Guerreiro Ramos, que afirmava ser necessário formar uma identidade negra forte no imaginário social para que isto acontecesse. No intuito de operacionalizar tal fenômeno na prática, seria necessário “purgar as conservas culturais” através da grupoterapia.

Por outro lado, sociólogos, como Florestan Fernandes, afirmavam que as desigualdades entre brancos e negros eram fruto de uma sociedade de classes em formação e que, portanto, para que os negros fossem de fato inseridos na sociedade brasileira era preciso abrir mão das “relações patrimonialistas desenvolvidas desde o colonialismo”, como explicou Monteiro (*ibidem*). As tradições culturais brasileiras, inscritas no “tipo nacional”, impediam de fato, na voz de Florestan Fernandes, o pleno desenvolvimento e a redução das desigualdades entre brancos e negros.

Concomitante a estas vertentes dos discursos raciais intensificados nos anos 50, ainda havia a crença de alguns na mestiçagem como a saída possível para tais desigualdades, como Gilberto Freyre e outros. Mário Filho, um legítimo representante desses discursos, dizia ser o mestiço em questão possuidor de um “complexo atávico” que devia ser superado para que ele fosse inserido na modernidade. Neste caso, a saída encontrada na Copa de 1958 foi a contratação do psicólogo para pôr fim a este “complexo”, como já colocamos.

Por fim, o que argumento é que os discursos raciais na década de 1950 não romperam com a idéia presente no contexto brasileiro de que para a formação de um “tipo nacional” aceitável era preciso moldá-lo e “expurgar” os males a ele inerentes. Como descrevi no capítulo anterior, os discursos raciais do final século XIX e das primeiras décadas do século XX produziram a noção de que, para se ter o “tipo nacional” aceitável, era preciso eliminar o problema maior do brasileiro, “a doença”. Esta doença era constitutiva do indivíduo em consequência da sua formação racial. Como afirmou Giralda Seyferth, em seu artigo “A Antropologia e a teoria do branqueamento da raça no Brasil: a tese de João Batista Lacerda”, a teoria do branqueamento da raça no Brasil sempre esteve envolta em ambigüidade: “concebia a mestiçagem ao mesmo tempo como um mal que deve ser extirpado e como a solução para a questão racial brasileira” (1985:81). Esta ambigüidade acabou por contribuir para a tese de que a formação racial brasileira trazia em sua essência aspectos negativos que precisavam ser eliminados para que se chegasse à formação do “tipo nacional” aceitável, a fim de que o processo de mestiçagem atingisse o resultado esperado: diminuir a quantidade de índios e negros na formação do indivíduo, retirando os aspectos negativos e valorizando o que de fato era importante – o embranquecimento cultural e físico das pessoas.

Neste sentido, é possível afirmar que, para construir um “tipo nacional” aceitável na concepção dessas vertentes, existia uma formulação similar em todas elas: era preciso mudar a “cultura” advinda do processo brasileiro de mestiçagem, pois este aspecto cultural negativo produzia um “tipo nacional” que precisava ser modificado e aperfeiçoado. “Purgar as conservas culturais”, para Guerreiro Ramos, “superar a vaidade” ou o “complexo em ser brasileiro”, nas palavras de Mário Filho, e “superar as estruturas coloniais”, na visão de Florestan Fernandes, traziam a noção de que o “tipo nacional” como ele se apresentava precisava ser reformado em função de seus aspectos ambíguos trazidos pelo processo de mestiçagem.

4 – Fatos e acontecimentos de 1958, ou o “ano que não devia terminar”²²

Os discursos raciais proferidos nessa época não estavam isolados dos acontecimentos mais gerais. O momento político era dos mais favoráveis. No poder, o presidente Juscelino Kubstichek aprofundou as crenças de que a entrada para o mundo desenvolvido era possível ao colocar em prática o “Plano Nacional para o Desenvolvimento”; nele estava inserida uma cartilha que propunha o Plano de Metas, que tinha como principal eixo o incentivo à industrialização.

Segundo Thomas Skidmore (1969) em *Brasil: de Getúlio a Castelo*, JK realizou uma série de ações que fizeram a sociedade acreditar neste projeto. Para os empresários, abriu linhas de crédito e, mesmo com a entrada de investimentos estrangeiros, estes eram obrigados a escolher parceiros nacionais. Com os agricultores, manteve largos subsídios à disposição e não tocou em nenhum momento na questão da reforma agrária. Para a classe trabalhadora, estrategicamente, reservou a atuação a seu vice, João Goulart, um jovem político com tendências “marxistas” que chegou à chapa de Kubistchek através de acordos políticos entre o partido de Juscelino e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), que tinha grande poder nos sindicatos. Dessa forma, angariou a simpatia dos trabalhadores, como relata Skidmore (idem). Para o autor, estas medidas foram tomadas em razão das pressões exercidas pelas forças políticas que insistiam que Juscelino se afastasse do modelo varguista que dominou uma parcela das décadas do século XX. Para

²² Expressão retirada do livro de Joaquim Ferreira dos Santos (*opus cit.*).

Skidmore, o governo Juscelino marcou uma tentativa de se afastar politicamente deste modelo.

Os ares de mudança estavam presentes também na arquitetura. O maior representante desse período é Oscar Niemeyer. Em livro-biografia sobre Juscelino Kubitschek,²³ o arquiteto descreveu o que representou o seu trabalho naquele período. Para ele, foi um rompimento com a “arquitetura retilínea que então predominava” (Niemeyer *apud* Cohen:252), em busca da produção de uma arquitetura sinuosa que estava mais de acordo com as idéias modernizadoras da época. O primeiro trabalho que Niemeyer desenvolveu para JK foi a reforma e a construção do conjunto arquitetônico da Pampulha, em Belo Horizonte (MG), feito que o credenciou mais tarde a ser um dos responsáveis pela construção da nova capital federal, Brasília.

De acordo com o relato dos fatos mais importantes de 1958, argumento que a nova Capital Federal tornou-se o símbolo da era Juscelino Kubstichek, em que o “velho” discurso modernista do Estado Novo foi travestido de uma aura progressista racional que consistia em buscar o desenvolvimento brasileiro a partir de uma nova atitude diante do mundo – capaz, madura, trabalhadora e realizadora de arte, cultura e política – atitude esta mais compreensível para o mundo, menos exótica e folclórica para olhares estrangeiros, e mais empreendedora. Brasília era a síntese desse momento no Brasil, e a conquista da Copa do Mundo na Suécia traduziu em termos práticos a cadeia de significados expostos então por diversos setores da sociedade brasileira.

Assim, a ascensão de Pelé nesse período deve ser analisada no contexto descrito acima. O ascetismo profissional que desenvolveu desde os tempos em que foi morar com sua família em Bauru – cidade estratégica em função de sua importância no desenvolvimento dos transportes ferroviários e rodoviários, o que promovia a expansão do território para oeste e garantia a abertura de novas fronteiras agrícolas – parecia encontrar eco em um momento em que estavam em jogo os discursos desenvolvimentistas no país. Um dos exemplos que comprovam este argumento pode ser encontrado em suas autobiografias (1961/2006), em que relata as mudanças ocorridas em sua trajetória profissional e o reconhecimento de sua carreira:

²³ Cohen, Marleine: *Juscelino Kubitschek: o presidente bossa-nova*. São Paulo: Globo, 2005.

[...] A copa do mundo de 1958 foi a minha plataforma de lançamento. Eu estava na primeira página de jornais e revistas do mundo inteiro. O *Paris-Match* publicou uma reportagem de capa logo depois da vitória, dizendo que havia um novo rei na área. O termo pegou, e em seguida eu comecei a ser chamado de Rei Pelé. Ou, de forma mais simples, só Rei. Meus amigos costumavam me dizer que eu era um rei de verdade, porque fora escolhido pelo povo (2006:103).

Dessa forma, o “rei do futebol”, Pelé, foi coroado como um dos grandes personagens daquela época. Esta idéia também aparece no *Jornal dos Sports*, que publicou uma longa reportagem com Pelé ainda na Suécia:

"Ídolo grande de um ídolo pequeno"

[...] Tímido, humilde, escondido, de voz apagada, este é Pelé, menino puro, jogador de coração generoso, absolutamente não-paulista, mas mineiro de nascimento. De longe, pelo desassombro e audácia parece outra coisa. Chega a parecer até convencido. Engano. Não há criança mais dócil, crack mais ausente da fama, do que o menino de Três Corações que o football bandeirante consagrou. [...] Autor do único goal da partida com o País de Gales – goal que fatalmente terá feito saltar 60 milhões de brasileiros – Pelé ficará na história dos nossos grandes sucessos. O pequeno herói da batalha de Gotemburgo, até recentemente uma interrogação, praticamente à margem do scratch, voltou ao quadro. Na “hora H”. Não foi uma entrada apenas auspiciosa, mas salvadora.

– Satisfeito? – Orgulhoso.

- Em quem você pensa nesses seus momentos de alegria e triunfo, quando marca um goal assim?

- Em todos os momentos só me lembro da minha mãe. Por nada posso esquecê-la. Ela está permanentemente comigo, ajudando-me, encorajando-me. Ela é Deus.

- Teve receio de recuperar a forma?

- Tive medo. Seria uma vergonha. Felizmente a ameaça passou. Este título, se Deus quiser, será nosso. Até os russos não acham que somos os melhores? Então, somos! Ou não foram eles que inventaram o Sputnik? (JS, 25/06/1958).

Os trechos desta reportagem dão pistas de como Pelé foi incorporado como grande astro. Apesar de não dizer com todas as palavras, o destaque alcançado veio de sua determinação e técnica para conseguir o gol da vitória, por isto, foi saudado como herói em um momento salvador.

Outro espaço em que idéias similares aparecem é um jornal denominado *Hífen: o traço da união da elite*,²⁴ periódico dedicado aos negros e que circulou em Campinas:

²⁴ Fiz um levantamento na Biblioteca Nacional procurando publicações de revistas e jornais dedicados aos negros e encontrei uma sequência de microfilmes que datavam de 1920 a 1963, com vários títulos e em sua grande maioria sendo publicações de São Paulo. Material heterogêneo, quanto às posições políticas e

[...] Pelé é, com efeito, no entender de Gino de Sanctus, um garoto que não perdeu a simpatia da juventude nem sua simplicidade pessoal com uma fama sempre crescente, ao mesmo tempo em que sua fortuna econômica é acrescida dia a dia, e nessa simpatia pessoal é que reside o escrito que o atleta alcança fora do gramado, no contato com dirigentes e torcedores (dezembro de 1960).

Este trecho também remete às idéias do *Jornal dos Sports* e é explicativo de como Pelé foi visto por setores diversos da sociedade: menino do interior, esforçado, disciplinado e profissional, que demonstrava ter o Brasil uma nova face e que, através destas características, podia superar o *complexo de vira-lata*.

5 – Conclusão

Neste capítulo descrevi os contextos político, social, cultural e econômico dos anos 50 e como foram importantes para a trajetória de Pelé. Busquei demonstrar que as representações sobre raça, disciplina, profissionalismo são centrais na vida de Pelé e foram forjadas por este contexto, aí encontrando campo fértil para se desenvolverem e se confirmarem como profecias que se cumpriram por si mesmas.

Os caminhos percorridos pelo ex-atleta, desde a sua chegada a Bauru até a ida para o Santos futebol Clube, foram acompanhados por um contexto sociopolítico e familiar que o fizeram perceber que o profissionalismo e a racionalidade empenhados no futebol eram importantes para alcançar o sucesso. Estas eram características fundamentais para a sua ascensão social. Apesar de ser oriundo de uma família pobre, operária e de ser negro, a busca da prosperidade foi sempre entendida como uma questão vinculada ao profissionalismo a partir da disciplina na vida social e profissional. De acordo com as idéias de Foucault (1977) em *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*, a disciplinarização da sociedade era importante para a expansão produtiva. Era preciso adequar os corpos para esta nova etapa da vida social. Com isto, a disciplina se fazia extremamente necessária nas diversas esferas da sociedade, desde a escola até os hospitais. Nas fábricas, este processo não foi diferente. A precisão de se controlar o tempo para a produção fez a disciplina ser essencial para os seus trabalhadores. Um

raciais assumidas, o discurso em comum era o fato de se autoproclamarem publicações exclusivas para negros.

exemplo desta idéia está presente no ditado popular “tempo é dinheiro” – os corpos deveriam ser disciplinados em face desta nova noção do tempo.

A trajetória de Pelé representou o que Foucault (*ibidem*) definiu como disciplinarização, pois a postura adotada diante do seu ofício foi o resultado desse processo ao longo de sua vida. A convocação para a seleção brasileira se deu, segundo ele mesmo diz, porque possuía, apesar da idade, uma postura disciplinada.

Para levar o Brasil a conquistar o seu primeiro campeonato mundial era preciso ter profissionalismo e, para isto, tinha que se ter disciplina. As crenças de Pelé foram confirmadas pela “superpreparação” da seleção brasileira. Era proibido ter complexo, aquele complexo “atávico” que impedia o Brasil de ser campeão. Aliás, esta idéia também pode ser encontrada nos discursos raciais proferidos nos anos 50. As vertentes em voga nessa época pregavam que para que o “tipo nacional” fosse aceitável seria necessário ressaltar uma identidade negra e “purgar as conservas culturais” através da grupoterapia, na versão de Guerreiro Ramos. Florestan Fernandes acreditava que a resolução dos conflitos entre brancos e negros viria com o aprofundamento de uma sociedade de classes, o que demandaria eliminar as tradições culturais brasileiras, definidas por ele como defasagem cultural do negro. Os que apostavam na mestiçagem como saída para o “tipo nacional” afirmavam que isto só seria possível através da eliminação do “complexo atávico”. Estas vertentes torciam por um pesado processo de intensificação da industrialização brasileira que poria o país no *hall* dos países do Primeiro Mundo. Entretanto, para que de fato isto ocorresse, era preciso moldar e purgar elementos inconvenientes à sua inserção nesse cenário.

Torna-se possível, assim, tendo como base tais discursos, entender a contratação do psicólogo para compor a delegação da seleção brasileira. O profissional em questão tinha como principal objetivo “purgar as conservas culturais”, eliminar o “complexo atávico” e retirar toda a “ vaidade”, fatores que fizeram a seleção de 1950 perder o campeonato, segundo Mário Filho. Era preciso ter uma postura racional, disciplinada e profissional se o Brasil quisesse realmente conquistar a Copa do Mundo. Para que este fato se concretizasse, era necessário combater tais elementos, pois eles impediam os brasileiros de alcançar a vitória. Deveria ser eliminado o “complexo de vira-lata” inerente ao modo de vida brasileiro. Esta visão também estava presente nas idéias sobre a tão

sonhada busca da modernidade brasileira. Os pensamentos do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX, já descritos, procuravam dar cabo deste complexo “atávico”. O brasileiro doente em função da ancilostomose, a “doença da preguiça”, provavelmente contribuía para este complexo. Soluções não faltaram para exterminar este “mal”. A teoria do embranquecimento, aquecida pela horda imigratória que assolou o país nesse período, as explicações higienistas e a “desportivização” da sociedade, entre outras ações, tentavam resolver o problema.

Entretanto, o governo JK propunha operacionalizar *cinquenta anos em cinco*, pregando as mudanças desde os seus aspectos culturais até os econômicos na ânsia de curar definitivamente os “males” que assolavam os brasileiros. Conseqüentemente, o desejo de exterminar o “mal” do “tipo nacional”, presente nos discursos raciais, também fazia parte das políticas do Estado e perpassou a vida cotidiana nacional.

Nessa época, o surgimento de Pelé como grande astro e a aceitação dele pelos diversos setores da sociedade – como o *Jornal dos Sports*, na figura de Mário Filho, ou a publicação voltada para negros, *Hífen - o traço de união da elite*, e aqueles que acreditavam no sucesso dos negros através da ascensão econômica – foram a confirmação destas teorias. Pelé, negro que ascendeu socialmente através de seu profissionalismo, disciplina e postura ascética, era o exemplo de como “purgar as conservas culturais”, “eliminar o complexo atávico” e “abandonar as tradições culturais brasileiras”.

As crenças que Pelé tinha em relação à conquista do sucesso estavam de acordo com o contexto de uma época que confirmava ser importante sua postura profissional e racional conquistada através da disciplina. Tais discursos se faziam presentes também na vida cotidiana, nas artes e até na arquitetura, com a construção de Brasília, a nova Capital Federal. Esta cidade acabou por se transformar em um dos marcos simbólicos desse período, assim como a conquista do primeiro campeonato mundial de futebol.

No próximo capítulo, apresentarei três trajetórias de jogadores de futebol em épocas distintas – Leônidas da Silva, Garrincha e Paulo Cezar Caju – para reforçar um dos argumentos propostos neste capítulo, qual seja, discutir a legitimação do futebol como profissão e suas conseqüências no processo de ascensão destes jogadores. Também buscarei demonstrar como os discursos raciais contribuíram para legitimar distintos processos de profissionalização.

Capítulo IV

Leônidas da Silva, Garrincha e Paulo Cezar Caju: disciplina, profissionalismo e modernidade na vida destes personagens

1 – Introdução

Neste capítulo, analisarei algumas trajetórias de jogadores de futebol de épocas distintas para aprofundar a discussão sobre profissionalismo, disciplina, modernidade e discursos sobre raça. Em particular tenho como intenção através delas argumentar que os anos 1950, tema do capítulo anterior, consagraram estes discursos no bojo da sociedade, sendo esta, portanto, uma das razões de Pelé ter alcançado o enorme sucesso nesse período. Edson Arantes do Nascimento incorporou estes discursos desde a sua infância, não só por ter escolhido a profissão de seu pai, mas por ter sido criado numa região que viveu o auge de tais idéias.

A escolha destes jogadores seguiu alguns critérios, destacando-se como o mais importante o fato de terem tido algum envolvimento com Pelé. No caso de Leônidas da Silva, na Copa de 1958, o jogador era comentarista esportivo e fizera muitos elogios a Pelé, inclusive insistindo para que fosse titular da seleção naquele ano. Segundo a biografia publicada sobre Leônidas, *O Diamante eterno*, de André Ribeiro (*opus cit.*), ele declarara como comentarista esportivo ser Pelé seu legítimo sucessor. Leônidas é também considerado um dos primeiros grandes ídolos do futebol nacional. O caso de Garrincha, por ser oposto ao de Pelé, proporciona pensar a trajetória do rei por oposição. Não se fala em Pelé sem pensar em Garrincha. Os dois foram contemporâneos e trilharam caminhos opostos quanto ao encerramento de suas carreiras no esporte. Enquanto Pelé tornou-se uma figura pública famosa no Brasil e no exterior, Garrincha morreu pobre e esquecido no início dos anos 80. Finalmente, Paulo César Caju, um jogador famoso nos anos 70 e que se opôs a Pelé em função da divergência de posicionamento de ambos em relação ao racismo e à discriminação racial no Brasil.

A intenção de cotejar essas trajetórias singulares no tempo e na maneira com que seus atores as construíram tem como objetivo melhor visualizar as especificidades do percurso de Pelé e o que existe de regularidade no campo profissional do futebol. De acordo com a antropóloga Mirian Goldenberg (1996), em *Toda mulher é meio Leila*

Diniz, ao comparar os caminhos percorridos pelas atrizes Cacilda Becker e Leila Diniz, nota-se que o campo artístico coloca para os artistas a necessidade de compor elementos de distinção para que estes sobressaíam e sejam reconhecidos como profissionais. No campo profissional do futebol, pode ser feita uma analogia com as idéias de Mirian Goldenberg (idem), pois para se firmar neste ofício é necessário que cada jogador construa pontos distintos em suas carreiras profissionais que os façam ser distinguidos. Observar estas três trajetórias coloca em evidência quais foram os caminhos possíveis de serem seguidos por Pelé e suas opções na busca pelo reconhecimento profissional no futebol.

Neste sentido, avaliar outras carreiras de jogadores de futebol será de grande valia para compreender algumas questões. Uma delas diz respeito à transição deste esporte da condição de amadorismo para a de esporte profissional, e às implicações dessa mudança para a vida dos jogadores. Veremos isto claramente na trajetória do jogador Leônidas da Silva, pois ele viveu o período da transição. Observaremos também como o sucesso alcançado por Pelé está intimamente relacionado aos anos 1950, e como o fato de depois ter se tornado um antimodelo nos anos 1970 tem ligação com este mesmo sucesso. Esta idéia será aprofundada ao se descreverem os caminhos percorridos pelos contemporâneos de Pelé: Garrincha e Paulo Cezar Caju.

Por último, estas trajetórias serão fundamentais para a análise dos discursos raciais nos momentos distintos em que estes personagens se inseriram no campo profissional do futebol. Eu os escolhi porque são negros e mestiços na classificação do imaginário social, portanto, suas identidades dentro da profissão tiveram uma relação direta com a questão racial. É importante lembrar, como descrevi no primeiro capítulo, que o debate sobre raça sempre perpassou os discursos a respeito do futebol no Brasil. Cada um dos atletas escolhidos tem uma posição em face dos discursos raciais produzidos no contexto deste esporte e foram classificados pelo imaginário a partir de tais escolhas.

A intenção não é a de levantar minuciosamente os detalhes das vidas destes personagens. Esta tarefa cabe aos biógrafos. O que será apresentado são algumas considerações sobre as suas vidas que possam ser úteis para uma análise comparativa com a trajetória de Edson Arantes do Nascimento.

2 – Leônidas da Silva e sua época

O ex-jogador de futebol Leônidas da Silva, conhecido também como “diamante negro” ou o “homem borracha” – títulos que recebeu ao disputar o campeonato mundial de 1938 na França conferidos pela imprensa local – foi um dos primeiros grandes nomes do futebol nacional, segundo biografia publicada pelo jornalista André Ribeiro (*opus cit.*). Como informou o autor de *O diamante eterno*, Leônidas nasceu no dia 6 de setembro de 1913 no Rio de Janeiro. Era filho de um marinho português e de uma cozinheira. Passou a maior parte de sua vida em São Cristóvão, bairro da zona norte do Rio de Janeiro, próximo do Centro. Segundo seu biógrafo, iniciou a carreira no São Cristóvão Futebol de Regatas, em 1930, aos 17 anos. Tornou-se um dos primeiros “ídolos” da época profissionalizada deste esporte.

Sua infância foi pobre; seu pai faleceu quando ele era ainda bem jovem, sendo então adotado pelos patrões de sua mãe, que passaram a ajudar financeiramente na criação do menino. Segundo Ribeiro (*idem*), Leônidas era um garoto apaixonado por futebol. Como foi colocado no segundo capítulo, no início do século XX o futebol já era um esporte bastante popular no Rio de Janeiro. Portanto, o futebol para Leônidas fazia parte de seu cotidiano, bem como da vida dos cariocas dessa época. A aproximação com o futebol profissional começou quando seu pai de criação, Mário Pinto de Sá, aposentou-se da função de despachante e resolveu arrendar o bar localizado na sede do São Cristóvão Futebol de Regatas. A partir desse momento, Leônidas passou a jogar pelo clube de forma amadora.

A convivência de seu pai com os dirigentes do clube fez com que Leônidas fosse chamado para atuar no juvenil aos 13 anos de idade. Segundo André Ribeiro (*idem*), Leônidas começou a jogar em um momento conturbado de consolidação do futebol no Brasil, fato também confirmado por Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000) em *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Este autor afirmou que Leônidas da Silva foi um dos personagens que fizeram parte da transição do esporte estrangeiro para o esporte nacional, tendo sido um dos jogadores que se transformaram em símbolo do futebol como elemento nacional.

De acordo com Ribeiro (*ibidem*), Leônidas estreou como profissional em 1930 no clube Sírio e Libanês, “clube da pequena colônia síria, com sede no bairro da Tijuca” (1999:12). Naquele momento o amadorismo passava por uma crise e, apesar de continuar a ser proibido aos clubes de futebol contratar atletas para os times, isto acontecia de forma velada por aqueles que eram responsáveis por montar as equipes. O caso mais exemplar era o do Clube de Regatas do Vasco da Gama que destinava pagamento aos seus jogadores, mas nas inscrições constava que eles possuíam empregos fixos em lojas dos comerciantes portugueses, sócios do clube.

No segundo capítulo desta tese afirmei que, apesar de o futebol ser um esporte popular nas primeiras décadas do século XX, havia uma distinção em termos de classe e cor no momento da participação mais ativa dos negros neste esporte. Os *sportmen*, geralmente bem-nascidos e brancos, eram aqueles que defendiam os clubes e a seleção brasileira em confrontos com times estrangeiros, e eram considerados amadores. Mas esta situação foi pouco a pouco sendo deixada de lado à medida que o esporte se tornava mais popular no Rio de Janeiro. Os times dos subúrbios empregavam, em geral, negros e jovens advindos das classes mais baixas. Com a popularização do esporte e o conseqüente crescimento do interesse por ele, os chamados clubes mais “elitizados” passaram a contratar estes jogadores para os seus times, como disse, entre outros, Pereira (*ibidem*).

A popularidade do futebol aumentou o desejo por mais partidas e fez aparecer um campo de trabalho paralelo ao esporte: a imprensa esportiva. O jornalista Mário Filho, como foi dito no segundo capítulo, foi um dos pioneiros na fundação do campo jornalístico especializado em esportes. Para Marcelino Rodrigues da Silva (2006), Mário Filho inventou a atual forma de os jornalistas contarem e analisarem o futebol, adotada até hoje por toda a imprensa esportiva. Esta atividade auxiliou a promover ainda mais a popularidade do esporte na vida cotidiana, pois se abriu um canal de informações que legitimava os discursos do futebol como um esporte valorizado entre os demais.

Além deste aspecto, um outro que contribuiu para a ampliação do quadro de jogadores de futebol foi a criação da Confederação Brasileira de Desportos, fundada em 1919, e que nas décadas seguintes realizaria as primeiras competições entre clubes. Este torneio era realizado na antiga Capital Federal, o Rio de Janeiro, e passou a ser a principal fonte de renda para a entidade, mas que era repartida entre os clubes. Como

descreveu Leonardo Affonso de Miranda Pereira (*opus cit.*), este outro aspecto impulsionou os principais clubes a procurarem jogadores de futebol talentosos, não só entre os bem-nascidos, mas por toda a cidade:

[...] No jogo realizado em julho daquele (1923) ano contra o Flamengo, o Vasco arrecadara a quantia recorde de 37:000\$000. Levando-se em conta que em jogos como a disputa entre o Botafogo e São Cristóvão em 1918 eram vendidas 1.025 entradas para as gerais e 1.074 para as arquibancadas, gerando uma renda total de 3:173\$000, notava-se um significativo incremento na força comercial do esporte. Clubes como o Fluminense atravessavam, naqueles anos, um período de intenso crescimento: se em 1922 obtivera 44:112\$000 de renda em seus jogos de futebol, em 1926 esse valor já pulara para 130:919\$500 – aumentando de ano para ano o montante de dinheiro arrecadado com o jogo da bola. A Confederação Brasileira de Desportos, por sua vez, conseguia nesse mesmo ano o montante de 258:936\$150 com o recém-instituído campeonato brasileiro de seleções, disputado no Rio de Janeiro. O grande incremento do público, transformando o futebol em assunto sério, gerava para os clubes e ligas uma fonte de receita da qual a maior parte não poderia prescindir. [...] Iniciativas como a do Vasco (procurar atletas fora dos círculos sociais do clube) mostravam, assim, que, mais do que simples diversão, o futebol transformara-se para esses grandes clubes em um negócio rentável e promissor (:309).

Constata-se, assim, que mais do que mera diversão este esporte era na época um negócio lucrativo que produzia um aumento significativo das receitas dos respectivos clubes, tornando-se rentável também para a Confederação Brasileira de Futebol (CBD). Era preciso investir em bons jogadores e aumentar as chances de se formar uma equipe competitiva para o campeonato, a fim de que este se tornasse mais atraente e angariasse um público cada vez maior. Por isto, as buscas aos talentos não podiam ficar restritas aos meios sociais mais abastados. Era necessário procurá-los por toda a cidade. Até a institucionalização do futebol como uma profissão, o conflito entre aqueles que defendiam o amadorismo e aqueles que queriam o profissionalismo perdurou por um bom tempo, segundo Miranda (*idem*). Este conflito afetou a trajetória de Leônidas no esporte.

Foi neste contexto político e social que Leônidas despontou como sucesso no futebol. Sua ascensão e posteriormente sua fama de “rebelde” estão relacionadas com a maneira de o futebol se apresentar nas primeiras décadas do século XX. Passaremos agora a conhecer um pouco mais da vida deste jogador.

2.1 – A trajetória de Leônidas da Silva

Como explicitiei mais acima, Leônidas da Silva foi um dos primeiros jogadores que alcançaram sucesso com o futebol já profissionalizado. Mesmo assim, ele teve que passar pela transição do amadorismo para o profissionalismo. Segundo Ribeiro (*opus cit.*), a primeira grande oportunidade de jogar profissionalmente em troca de um bom salário surgiu em 1931, época em que foi contratado pelo Bonsucesso Futebol Clube. Este time não era pequeno em relação aos clubes da “cidade”, como o Flamengo e o Fluminense, e participou dos campeonatos do Rio de Janeiro. Ao entrar para o Bonsucesso, Leônidas ficou mais conhecido nas ruas desta cidade, mudou-se para o bairro de Vila Isabel e passou a freqüentar, no início dos anos 1930, lugares conhecidos como ponto de encontro da moda.



Fonte: http://www2.uol.com.br/cbf/sitenoticias/_7773200120071211.html

Para Leonardo Affonso de Miranda Pereira (*ibidem*), o que aconteceu com Leônidas está relacionado ao momento que o futebol vivia nos anos 30. A busca para suprir o grande interesse do público pelo esporte viu surgir então jogadores de origens diversas, em termos de classe social e cor, em relação aos atletas que praticavam este esporte no final do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX. Jogadores como Leônidas podiam, a partir daí, investir no futebol como uma forma de ascensão social e econômica:

[...] Se menos de dez anos antes atletas como Luís Antonio¹ pareciam ter na cor da pele o limite para o seu crescimento esportivo, a geração de seu irmão experimentaria, assim, na década de 1930 uma situação bem diferente. As qualidades técnicas de jogadores como Domingos (da Guia) e Leônidas, mais do que reconhecidas pela imprensa, passavam a ter nela uma intransigente defensora. Domingos, com suas atuações “não raro magistrais”, era saudado como o precursor de uma nova forma de atuação para os zagueiros, explicada pelo técnico carioca Luís Vinhaes, no momento da escolha do selecionado carioca que disputaria o campeonato brasileiro. [...] Mais do que o vigor físico, era a inteligência do zagueiro do Bangu (Domingos) que garantia seu prestígio, em uma caracterização pouco usual para ser aplicada a jogadores negros como ele. Do mesmo modo, a escolha de Leônidas – que segundo alguns dos jogadores já consagrados do período tinha “grandes qualidades de *crack*” – era considerada justíssima pelos redatores esportivos, dada a “forma brilhante” como ele vinha se apresentando nos gramados. Não parecia estranho, por isso, que o próprio Leônidas cobrasse a inclusão no selecionado carioca de outros jogadores negros. [...] Superadas as resistências que afastavam os afro-descendentes dos selecionados formados na cidade, obtinham, assim, uma projeção nunca alcançada por negros como eles (:314).

Esta passagem mostra como o autor relatou as mudanças ocorridas na década de 1930 no cenário deste esporte. Diferente de Luís Antonio, jogador do Bangu na primeira década do século XX, a geração que despontou nos anos 30 começou a ter trajetórias profissionais de maior sucesso. Nesse período, o futebol passou a ser visto pelos mais jovens como uma real oportunidade de renda e ascensão social nunca alcançada pela geração anterior de jogadores negros, os quais já atuavam em clubes de futebol

¹ De acordo com Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000), Luís Antonio era jogador do Bangu Athletic Club, considerado negro pela imprensa da época, e que havia atuado no time em 1916. O autor contou os conflitos em torno deste atleta quando da escolha do time que representaria o Rio de Janeiro na partida contra o São Paulo no mesmo ano. A taça Rio-São Paulo teve início em 1914 e tinha como objetivo prestigiar os mais importantes centros desportivos do país, elegendo aquele que tivesse o melhor futebol. Os times eram montados a partir da combinação dos melhores atletas da região. No ano de 1917, Luís Antonio foi convocado para compor o time do Rio de Janeiro. Acabou ficando na reserva, segundo Miranda, em função das críticas que surgiram em função de se ter um jogador “negro” nos quadros, feitas por uma parcela da imprensa pelos *sportmen* que dominavam os clubes cariocas. Por esta razão, a trajetória de Luís Antonio não foi mais longe devido às discussões sobre quem representaria os times em questão.

espalhados pela cidade. Os argumentos utilizados para a convocação desses jogadores, que partiam tanto da imprensa quanto dos técnicos, era o da sua capacidade intelectual e física e de como eles poderiam contribuir para os selecionados regionais e nacionais.

Mesmo assim, como Pereira (idem) apontou, as tensões raciais eram “sublimadas” no discurso que se centrava nos conflitos entre profissionais e amadores. Nele, os amadores ou os *sportmen* (os sócios brancos e ricos que freqüentavam os grandes clubes), representados pela figura de Oscar Cox à frente da Liga Carioca, viam-se e eram vistos em oposição àqueles que pregavam uma profissionalização do futebol com a presença de jogadores competentes, independente da classe social e da cor. Entre os que pensavam no profissionalismo estava Mário Filho, que fez campanha ostensiva pela imprensa e na Confederação Brasileira de Desportos (CBD)² para a convocação de jogadores negros de classes sociais diversas. .

Argumentei que os discursos raciais nesse período se faziam no sentido dado por Oracy Nogueira (1991). Não havia uma proibição legal que impedisse a participação dos negros no esporte e também como torcedores nas partidas disputadas, mas havia distinções claras quando eles almejavam ascensão na profissão. Pereira (*ibidem*) apontou que mesmo Leônidas tendo alcançado *status* no futebol, sofreu as conseqüências desse processo. A sua trajetória confirma que a efetivação de jogadores profissionais negros nos campeonatos de maior destaque, principalmente ao representarem uma região ou a nação, era problemática.

Apesar das mudanças ocorridas nos anos 30, o percurso de Leônidas não foi tranquilo. As disputas entre os grupos que defendiam a permanência do regime amador e o outro que desejava o profissionalismo alimentavam confusões e tensões raciais entre os jogadores. Para Pereira (idem), boa parte dos incidentes que Leônidas vivenciou então foi o resultado de tais disputas, que acabavam provocando um debate sobre a questão da origem, da classe e da cor dos jogadores que deveriam ser escolhidos como representantes legítimos dos clubes e da seleção brasileira.

As acusações sofridas por Leônidas ao longo de sua carreira, descritas na biografia de André Ribeiro (*opus cit.*) e relatadas também por Leonardo Pereira (idem),

² Para maiores detalhes sobre estes dois grupos, ler Pereira, Leonardo Affonso de Miranda (2000): *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*, nos capítulos 2 e 3.

foram, dentre elas: “acusado de roubo de jóia”, “rebelde”, “mau comportamento” e “mercenário”.³ Eram decorrentes do processo maior de disputas sobre que “tipo nacional” deveria ser representado pelo o futebol. Um dos casos famosos foi o do roubo da jóia, como está relatado em sua biografia:

[...] Uma mulher com quem Leônidas tivera um caso o acusou de ter roubado seu colar. Cabalero, amigo e empresário do Bonsucesso, teve de intervir e garantiu que tudo não passou de um mal-entendido. Leônidas teria pego um broche que não valia 10 mil réis (Cr\$ 16,00). A brincadeira acabou na delegacia, com Leônidas tendo de se explicar para as autoridades. Mesmo liberado, a história correu centenas de quilômetros e no Rio só se falava no colar de Leônidas. [...] É verdade que Leônidas nunca foi um menino bem comportado. Tinha gênio explosivo e um pavio curtíssimo. Não gostava de levar desaforo para casa. Foi criado assim, nas ruas, tendo que resolver suas encrencas nem que fosse na força bruta. A torcida adversária sabendo disso não largava de seu pé. Bastava pisar no gramado que lá vinha um engraçadinho das gerais com a história do colar:— *Olha o colar, negro safado... devolve o colar...* [...] Na maioria das vezes, Leônidas acabava perdendo a paciência e ia tirar satisfações com a torcida. Outras vezes, irritava-se tanto que chegava a fazer gestos obscenos para os espertinhos. Aí, era a hora da torcida protestar: — *Isso é coisa que se faça, seu preto ladrão...* (:34-35).

Este episódio ocorreu, segundo André Ribeiro, em março de 1932, quando Leônidas estava em Santos provavelmente em excursão do Bonsucesso Futebol Clube.⁴ O autor justifica que as proporções que este caso tomou na imprensa e nas ruas se deveu ao fato de Leônidas ter certa notoriedade, portanto, era vítima fácil das intrigas superdimensionadas que sofrem as celebridades. Esta versão não deixa de ser em parte verdadeira, mas é possível que as consequências deste episódio tenham sido também ocasionadas pelo fato de Leônidas ser um jogador profissional, o que na época já indicava um preconceito, pois se acreditava que os jogadores profissionais eram da classe popular e, além disso, negros. Ser um negro e estar em ascensão social colocavam-no em situação incômoda.

Havia um projeto que pregava ser este esporte popular e louvado como um instrumento para sanar “os males brasileiros”, mas que negava a participação mais ativa

³ Para maior esclarecimento sobre estas e outras acusações sofridas por Leônidas da Silva ao longo da sua carreira como jogador de futebol, ler: Ribeiro, André: *O diamante eterno*, 1999; Pereira, L. A. M. (idem).

⁴ Esta parte do livro não deixa muito claro em que circunstâncias ele estava em Santos. Como o autor cita o dirigente do Bonsucesso, personagem que auxiliou Leônidas com a polícia, deduzi que estivesse com o seu clube. Também não explica as razões de Leônidas ter ficado com o broche e quais foram os motivos que levaram a tal mulher a fazer a denúncia.

de brancos pobres, negros, mestiços como titulares em torneios mais importantes. Em contrapartida, um outro projeto pregava a profissionalização do futebol nacional para que este esporte se tornasse mais atraente para o público interno e mais competitivo diante das nações que disputavam o torneio mundial.⁵

A trajetória de Leônidas foi marcada pela disputa destes dois projetos em busca de legitimação, apesar da vitória do projeto de profissionalização, o que se deu no final da década de 1930 graças ao Estado Novo, que viu na popularidade do futebol uma maneira de mobilizar e angariar a simpatia da opinião pública. Concomitantemente, surgiram personagens influentes na cena nacional, como Mário Filho, um dos nomes de peso a favor do profissionalismo que, segundo Fátima M. R. F. Antunes (*opus cit.*), tinha um bom relacionamento com Getúlio Vargas, o que fez com que o projeto do profissionalismo ganhasse mais importância. Mesmo assim, o profissionalismo não impediu que Leônidas fosse marcado por uma trajetória cheia de acusações e percalços.

Um bom exemplo a favor deste argumento é a própria biografia de Leônidas escrita por André Ribeiro (*ibidem*), que descreveu estas histórias sem contudo colocá-las em um contexto histórico e social da época em que o ex-atleta viveu como jogador de futebol. Assim como Pelé, “o diamante negro” é considerado um dos maiores “gênios” do futebol e alardeado pela imprensa especializada como o autor da famosa “bicicleta”. Mesmo assim, sua fama de *bad boy*⁶ perdurou até mesmo após sua saída dos campos de futebol, quando na Copa de 1958 exerceu a função de comentarista esportivo.

⁵ A Copa do Mundo, organizada pela FIFA começou a ser disputada em 1930, tendo a sua primeira edição no Uruguai, no mesmo ano em que participaram nove seleções das Américas, dentre elas o Brasil e quatro da Europa. Na segunda edição da Copa do Mundo, em 1934, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) teve muitas dificuldades para convocar um selecionado com os melhores jogadores da época, em função das disputas entre os que defendiam o amadorismo e os que apoiavam o profissionalismo. A participação brasileira foi uma das piores na história das Copas, segundo Teixeira Heizer (1997), por conta dos problemas encontrados na escalação dos jogadores. Como este campeonato já era considerado um evento importante para o esporte, o resultado ruim do Brasil repercutiu de forma negativa na direção daqueles que defendiam o amadorismo. A imprensa, liderada por Mário Filho, que era o grande defensor do profissionalismo, criticou duramente, segundo Fátima M. R. Ferreira Antunes (2004), a decisão das ligas amadoras de não permitirem a convocação de jogadores amadores junto com os profissionais para a Copa. Para maiores detalhes sobre estes episódios, ver Heizer, Teixeira: *O jogo bruto das copas do mundo*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 1997.

⁶ Expressão popular utilizada por torcedores e pela imprensa esportiva atualmente, e que é usada para classificar os jogadores de futebol que fogem das regras sociais. Exemplos que podem ser citados de atletas deste tipo são Edmundo, jogador do Palmeiras, e Romário, atleta do Vasco da Gama.

2.2 – Leônidas da Silva e os discursos raciais

A década de 1930 de um modo geral foi marcada pelos debates sobre a busca do que seria “um tipo nacional”, como afirmei no segundo capítulo. Enquanto os períodos anteriores foram sublinhados pela certeza de que a composição racial brasileira estava fadada ao fracasso, os anos 30 viram surgir uma nova formulação desta temática. As discussões raciais estavam sendo direcionadas para o que ficou conhecido como “idéias culturalistas”, que tiveram como representante maior Gilberto Freyre. Esta vertente afirmava que o “tipo nacional” não nos condenava e representava uma formação específica advinda da contribuição do negro, do branco e do índio.⁷

O futebol nessa década passou por processo similar ao contexto mais geral da sociedade. Era preciso definir qual seria o “tipo nacional” que deveria representar este esporte no imaginário nacional e internacional. Segundo Pereira (*opus cit.*), o processo que estava em curso nos ambientes acadêmicos perpassava o mundo do futebol na “rixa” entre os que defendiam a adoção do profissionalismo e aqueles que desejavam a continuidade do amadorismo como elemento de distinção entre cores e classes sociais. Tal processo, nos diz o autor, foi sentido na Copa do Mundo de 1938, que teve apoio “irrestrito” do Presidente Getúlio Vargas:

[...] Por mais que a experiência de jogadores, como a do próprio Leônidas, estivesse repleta de episódios que demonstravam as tensões e as discriminações que deveriam ser enfrentadas por negros como ele que quisessem se firmar nos campos cariocas, o prestígio que conseguira arduamente firmar servia, naquele momento, como uma prova da ausência do conflito racial no esporte carioca e na própria nação – transformando o futebol em um campo fértil para a consolidação das teorias que iam fazendo do Brasil uma grande democracia racial. [...] Tais formulações teriam como consequência prática o irrestrito apoio que o jogo passava a receber do governo Getúlio Vargas durante a Copa do Mundo (1938) – quando a delegação brasileira tinha como madrinha a própria filha do presidente, Alzira Vargas (:334-335).

⁷ No artigo de Yvonne Maggie (2005), *Mario de Andrade ainda vive? O ideário modernista em questão*, ela afirma que esta tese, que se tornou mais presente na intelectualidade brasileira com o advento do Modernismo, teve sua primeira formulação no século XIX, através da proposição de Carl F. Von Martius, intitulada *Como se deve escrever a história do Brasil*, vencedora do concurso do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1836. Este trabalho formulou que a formação brasileira aceitável deveria ser aquela que valoriza a mescla das raças. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v.20, n 58, p.5-25.

Nesta passagem o autor afirmou como a ascensão de Leônidas da Silva no futebol pode ser explicada pelas mudanças ocorridas em função das disputas entre profissionalismo e amadorismo. A vitória do profissionalismo produziu a elevação desses jogadores, mas não eliminou as idéias sobre as diferenças de atletas negros, mestiços e brancos pobres em relação aos *sportmen*. A fama de *bad boy* que Leônidas carregou ao longo de sua trajetória explicita os discursos acerca das disputas sobre o “tipo nacional” que deveria representar o Brasil: uma nação branca e distinta, ou uma nação mestiça que incorporasse os negros, os mestiços e os brancos pobres através do futebol. Estas tensões também podem ser vistas em um texto do jornal *Evolução* - *Revista dos homens pretos de São Paulo*, publicado em 1933 e intitulado

"O negro e o esporte"

[...] Hoje, em quase todos os ramos de actividade em se tratando de esportes, vemos elementos de cor. No futebol, bola ao cesto e atletismo, já alcançamos victoria completa. Nestes últimos dez anos conseguimos verdadeiro “tour de force”. Se levarmos em consideração a campanha sórdida movida pelos “puritanos” brasileiros contra nós, só devemos jubilar com a alta subida de nossa gente na ultima década. Antigamente, difícil se tornava o ingresso do negro em clubes – que já não diremos aristocratas – mas de certa posição social mesmo quando foi da fundação da APEA,⁸ os seus estatutos não permitam a entrada de negros! E só com as continuas licções recebidas dos cariocas é que medrosamente alguns dos nossos grêmios começaram aceitar em suas fileiras os pretos paulistas. Mas não obstante o sucesso que proficuamente vimos obtendo, é necessário recrudesce a campanha. Não devemos dormir sobre os louros. Mesmo porque, ainda existe nesta querida terra de Fernão Dias Paes Leme clubes que vedam abertamente a admissão de negros! Aceitam tudo, pouco importam do passado de seus associados, contanto que o mesmo não seja preto! (n.6, p.8, 13/05/1933).

Este interessante trecho do jornal mostra alguns detalhes das tensões explicitadas por Pereira (ibidem) e dos conflitos por causa da inserção dos negros na prática esportiva. Nesse período, encontrava-se nos clubes uma grande quantidade de atletas negros, mesmo assim ainda existiam conflitos em relação à sua inserção no esporte. Um outro ponto a ressaltar na notícia é a referência que faz aos cariocas, chamando a atenção sobre “a lição” que estes deram aos paulistas, possivelmente por terem colocado negros

⁸ A Associação Paulista de Esportes Atléticos foi fundada em 1917 em função de sua dissidência da Liga Paulista de Futebol, segundo André Ribeiro (idem). Ela era a favor do profissionalismo; junto com a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), representante do Rio de Janeiro, que também era favorável à profissionalização, promoveu o primeiro campeonato brasileiro que aceitou times que tivessem em seus quadros jogadores profissionais.

nos times de futebol. Por fim, revela que para acabar com os conflitos é preciso intensificar a campanha por uma maior representatividade dos negros nos esportes.

A participação de Leônidas na Copa de 1938 fez sua popularidade crescer a tal ponto que ele se tornou um dos primeiros ídolos nacionais do futebol dessa nova fase e era exemplo da maior representatividade dos negros pedida pelo jornal, como vimos acima. Portanto, as acusações sobre o seu comportamento e o modo como gerenciou a carreira perduraram ao longo de sua trajetória. Já nos anos 40, houve a sua transferência do Clube de Regatas do Flamengo para o São Paulo Futebol Clube. De acordo com André Ribeiro (*ibidem*), produziu uma enxurrada de protestos de dirigentes e torcedores do Flamengo, que o apontavam como mercenário e traidor, porque tinha aceitado ganhar uma grande quantia de dinheiro em São Paulo. O autor relata que este foi o primeiro grande contrato que um jogador de futebol realizou já em sua fase profissional. Esses contratos milionários, décadas mais tarde, tornaram-se regra geral para jogadores de futebol.

As acusações a Leônidas podem ser entendidas como originadas do incômodo produzido pela ascensão do ex-atleta no campo profissional. Como a notícia acima citada e o livro de Pereira (*idem*) demonstraram, apesar da aceitação de negros nos clubes de futebol, os elementos de distinção sugeridos por Oracy Nogueira ainda se faziam presentes quando se pensava em uma maior representatividade de grupos como este no futebol.

3. Manoel dos Santos: a antítese da modernidade brasileira dos anos 1950

A Copa do mundo de 1958 foi positiva para o Brasil porque a seleção de futebol ganhou seu primeiro campeonato e revelou Edson Arantes do Nascimento aos brasileiros e também para o mundo. A vitória da Copa consolidou a carreira bem-sucedida de Manoel, jogador do Botafogo. Este nome, pouco pronunciado e conhecido, é o de Mané Garrincha, Garrincha, ou “a alegria do povo”, ou “o anjo das pernas tortas”, como cotidianamente é lembrado pela grande imprensa e por seus biógrafos.

É impossível falar de Pelé sem mencionar Garrincha, e vice-versa. O artigo “A morte da ‘alegria do povo’”, do antropólogo José Sergio Leite Lopes, parece confirmar o dito de que estes personagens só podem ser analisados em conjunto. Ao estudar os

significados sociais da trajetória de Garrincha, Lopes (idem) dedicou boa parte do seu trabalho retratando a vida de Pelé. Quando estava me preparando para elaborar meu projeto para a seleção do doutorado, na pequena pesquisa que fiz na intenção de saber o que de fato se pensava sobre Pelé, os entrevistados falavam constantemente de Garrincha, e a maioria deles acreditava ser Garrincha o “verdadeiro” representante do povo brasileiro.



Fonte: <http://noticias.uol.com.br/pelenet/quemequem/show.jhtm?id=489>

Nesta tese, preferi não polarizar a análise através do binômio Pelé-Garrincha, pois argumento que estes dois jogadores fazem parte de um processo mais amplo relacionado aos discursos raciais em seus respectivos períodos de vida e também às visões de modernidade que se foram construindo no Brasil. Vou explorar mais estes argumentos ao final deste capítulo. Agora voltemos ao Manoel dos Santos.

3.1 – A trajetória de Garrincha

A vida profissional e afetiva de Garrincha passou por ampla divulgação nas mídias. Livros, trabalhos acadêmicos, filmes de ficção e documentários, além de extenso material da grande imprensa têm dado conta de sua trajetória. Aqui não pretendo fazer um mapeamento destes materiais, apenas levantar dados já conhecidos para apresentar um painel que retrate os discursos sobre raça e profissionalismo em voga no momento de sua afirmação como jogador de futebol, o período de sucesso e o ostracismo.

Segundo a historiografia⁹ disponível sobre o ex-jogador, Manoel dos Santos nasceu em Pau Grande, distrito de Magé, estado do Rio de Janeiro, em 18 de outubro de 1933. Iniciou sua vida profissional como jogador de futebol no Botafogo de Futebol e Regatas no começo dos anos 1950. Segundo Ruy Castro (1995), em *A Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha*, Manoel dos Santos jogava semiprofissionalmente no Esporte Clube de Pau Grande e recebeu uma carta para fazer “um teste” no Botafogo. Diz o autor que Garrincha demorou alguns anos até comparecer ao clube para fazer a avaliação. Ruy Castro (idem) argumentou que tal fato demonstra a pouca importância que o ex-jogador dava a uma carreira profissional no futebol.

No artigo “A morte da ‘alegria do povo’”, Leite Lopes (*opus cit.*) fez uma análise do velório e do enterro de Garrincha. Segundo o autor, o ex-jogador faleceu em 19 de janeiro de 1983, com 49 anos, na Casa de Saúde Doutor Eiras, vítima de complicações em decorrência do alcoolismo. Nessa época, morava no subúrbio de Bangu, numa casa alugada pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), “situada na antiga vila operária da Companhia Progresso Industrial, a fábrica têxtil de Bangu” (1992:114). O ex-atleta estava casado pela terceira vez. Neste trabalho, Lopes analisou as representações surgidas dos rituais funerários e de sepultamento que paralisaram o Rio de Janeiro naquele dia e que mereceram grande destaque da imprensa nacional, que transmitiu ao vivo todos os acontecimentos para milhares de espectadores em todo o Brasil.

Outro ponto que o autor ressaltou foi a presença maciça de personalidades que participaram deste evento, e a forma como jornalistas esportivos, cronistas e escritores reviveram os anos de glórias, dando assim a sua versão para o ostracismo de Garrincha

⁹ Para um aprofundamento da história de vida de Garrincha, consultar Castro, Ruy: *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*, 1995; Soares, Elza: *Minha vida com Mané*, 1969; Zanini, Telmo. *Mané Garrincha: o anjo torto*, 1984, entre outros.

nos últimos anos de vida. Esta descrição produzida por Leite Lopes (idem) é bastante interessante para se pensarem as razões de a trajetória de Garrincha ter sido, e continuar a ser até hoje, alvo de documentários, entrevistas, filmes e análises acadêmicas. Para o autor, a morte de Garrincha representou uma maneira de a sociedade repensar e entender o resgate deste personagem, na tentativa de se redimir da “morte social” que Garrincha representou.

É importante ressaltar também a análise comparativa que o autor fez entre Pelé e Garrincha através de dois filmes documentários sobre a vida dos ex-jogadores: *Garrincha, a alegria do povo*, de 1962, e *Isto é Pelé*, de 1975. Segundo Lopes (idem), o documentário sobre Garrincha colocou em destaque a relação entre o ex-atleta e o povo, no que diz respeito ao modo como ele lidava com o seu ofício. Para o autor, o filme deixou clara a forma como o ex-atleta era representado. Ele era visto como um jogador que divertia as massas com seus dribles, seu jeito único de jogar futebol tão similar às partidas disputadas nos campos de várzea, conhecidas como peladas. Este tipo de jogo é praticado nesses campos rústicos por indivíduos de todas as idades e sua principal característica é a de não haver preocupação com a técnica ou a forma, mas que carrega o simples prazer de jogar. Para Leite Lopes (*ibidem*), foi isto que Garrincha representou ao longo de sua trajetória no futebol, pois levou para o esporte profissional a maneira de jogar pelada.

Já o documentário sobre Pelé dedicou-se a apresentar uma figura individualista e perfeccionista em relação ao seu ofício. O documentário, segundo Lopes (idem), mostrou como o ex-jogador levava para o campo a técnica mais perfeita de jogar futebol. Diferente de Garrincha, que transportou para o futebol profissional a leveza dos jogos de várzea, Pelé sempre produziu o que havia de melhor em função de sua dedicação e da maneira como se preparou para praticar este esporte de forma magistral. Pelé, para o autor, fez do futebol um ofício de precisão e técnica e conduziu a sua carreira de jogador com profissionalismo e disciplina extremos.

Este pequeno resumo do artigo de Leite Lopes (idem) nos é de grande valia para demonstrar a forma como Pelé e Garrincha passaram a ser entendidos. Também é útil para compreender porque estes dois personagens tornaram-se um binômio, sem que se possa dissociar uma imagem da outra, pois ambos representam o sucesso e o fracasso,

respectivamente. Segundo o autor, um dos motivos do fracasso de Garrincha foi o fato de ter sido um atleta ingênuo, que levou o jogo simples e inocente das peladas de rua para a sua carreira profissional. Esta visão da ingenuidade de Garrincha fica mais evidente na biografia feita por Ruy Castro (*ibidem*), em que o jornalista logo no primeiro capítulo resgata os antecedentes do ex-jogador e o lugar ocupado por ele na história do Brasil, procurando descobrir “quem é Garrincha”:

[...] Não foi preciso nem laçá-los – e olhe que estávamos por volta de 1865. Bastou um pouco de mímica prometendo pinga, facas, espelhos. O pequeno grupo de índios saiu do esconderijo nas matas da serra da Barriga, em Alagoas, e aproximou-se dos brancos que lhes acenavam. Trezentos anos de história do Brasil já lhes tinham ensinado que os brancos eram velhacos, mentirosos e mais traiçoeiros que as cobras. Mas a certas tentações era impossível resistir. Quando os índios chegaram bem perto, os brancos caíram sobre eles. E, aí, sim, eles foram amarrados uns aos outros e convidados a marchar rumo à civilização, atizados por relho no lombo. [...] Era o século XIX e foi isso o que aconteceu às bisavós de Garrincha em Pernambuco: expulsos de seu aldeamento fulniô, eles saíram para o mundo e, já sem a picardia de outrora, foram apanhados e levados em coleiras para o mundo branco. [...] Quando Garrincha nasceu, em 1933, Amaro (pai de Garrincha) tinha 36 anos e estava em seu apogeu sexual e alcoólico. Mas os hectolitros que bebeu, diariamente, pela vida toda, cobraram-lhe a conta quando ele menos esperava. [...] Aos poucos, Amaro foi saindo de cena. Mas, à sua sombra, já vingava alguém que o suplantaria em todas aquelas capacidades – e cuja estrela continha um brilho próprio e insuspeitado (:7, 9, 24-25).

Os trechos da biografia reproduzidos aqui resgatam a origem indígena de Garrincha e o fato de ele ser descendente de uma tribo que, segundo o jornalista, mesmo vivendo no século XIX, época em que já se sabia dos poderes nefastos dos brancos, é seduzida por uns poucos objetos que esses brancos ofereciam. Expulsos de seu aldeamento, perderam na convivência com os brancos maus a sua esperteza. Mais à frente e já mencionando o pai de Garrincha (além de ter sangue indígena, também era descendente de negro), Ruy Castro (*ibidem*) enfatiza o alcoolismo e a potência sexual explosiva, pois Garrincha, extra-oficialmente, teria mais de 25 irmãos. Ele logo seria substituído em performance sexual e bebedeiras por seu filho, Garrincha. O que torna esta descrição feita pelo jornalista mais interessante é o fato de ela sublinhar o alcoolismo do jogador e sua prole extensa, além de seus vários casamentos. Em certa época ele foi acusado de bigamia, segundo a cantora Elza Soares,¹⁰ uma de suas esposas. Garrincha tinha fama de assinar contratos em branco com os dirigentes do Botafogo

¹⁰ Soares, Elza: *Minha vida com Mané*, 1969.

Futebol Clube (a diretoria do Botafogo provavelmente era composta de homens brancos). Ainda tinha a fama de ter um órgão sexual avantajado, o que foi tema até de marchinha de carnaval,¹¹ em que se fez o trocadilho com o nome de sua cidade natal, Pau Grande.

Portanto, mesmo fazendo este relato décadas mais tarde, Ruy Castro (*idem*) recorreu à visão clássica da literatura brasileira que dá conta do “mestiço degenerado”, aquele “tipo” que, se não se tomassem precauções, poderia enfatizar os aspectos negativos das misturas. Seyferth (*opus cit.*), ao descrever em seu artigo as idéias de Batista de Lacerda, analisou o temor que este, seguido de outros intelectuais da época, tinha sobre os perigos inerentes ao “tipo nacional” da mestiçagem, principalmente aquela mestiçagem que recebia as contribuições dos sangues indígena e negro. De acordo com a autora, esse era o momento em que a teoria do branqueamento era vista por estes cientistas como perigosa, caso o número de negros e de índios continuasse alto em relação aos brancos.

Esta também era a preocupação de Mário Filho. Como descrevi no capítulo anterior, apesar de o jornalista ser um fiel signatário dos valores positivos da mestiçagem, mostrava-se apreensivo em relação a estes mesmos aspectos negativos, como o “complexo atávico”. Garrincha foi para o olhar de muitos dos anos 50 o atavismo do brasileiro mestiço.

Segundo José Sérgio Leite Lopes (*opus cit.*), a morte de Garrincha representou o fim de um ciclo na vida social, política e econômica brasileira:

[...] Através dele [Garrincha] desaparecia certa classe operária, a das vilas operárias tradicionais. E, de uma maneira mais geral, sua morte simbolizava também o fim de certo modo de vida popular, cuja lembrança era o único resquício deixado pelo crescimento das dificuldades atuais. À “euforia” dos anos 1950-1964 – relativamente

¹¹ A marchinha de carnaval foi composta por Wilson Batista e Jorge de Castro e gravada pela vedete Angelita Martinez. A primeira estrofe dizia: [...] Mané Garrincha, Mané Garrincha, até hoje meu peito se expande, Mané que brilhou lá na Suécia, Mané que nasceu em Pau Grande. Este último verso, ao ser cantado nas ruas durante o carnaval de 1959, tinha a preposição “em” trocada por “de” ficando: “Mané que nasceu de Pau Grande”. Fonte: <http://decadade50.blogspot.com/2006/09/o-carnaval-do-hormnio.html>. Inclusive, nessa época, a vida pessoal de Garrincha, segundo filmes (o mais recente, *Garrincha – a estrela solitária*, de Milton Alencar Júnior, lançado em 2003) e relatos sobre o jogador, já dava o que falar. Sua fama de conquistador nos anos 50 já se espalhara; de acordo com estes documentos, a vedete em questão foi namorada do ex-jogador.

mais favoráveis às classes populares nos planos econômico, político e das liberdades públicas – sucederam-se na verdade uma tristeza e certa violência primária que seria tentador associar ao sofrimento gerado pela intensificação da exploração econômica e da opressão política desde a instauração da ditadura militar (violência esta que se manifestou freqüentemente durante os anos 70, especialmente sob a forma de tumultos de trens de subúrbio do Rio e São Paulo). A morte miserável de Garrincha simbolizou ao extremo o desaparecimento dessa “alegria do povo” gerada pelo sucesso dos anos 50, especialmente pela vitória na Copa do Mundo de 1958, na qual o Brasil finalmente se afirmou em escala internacional, ainda que através do futebol, ou seja, de suas classes populares (:133).

Argumento diferentemente de Lopes (idem), pois acredito que Garrincha foi paulatinamente sendo retirado da vida social brasileira justamente porque não havia se enquadrado ao modelo em voga nos anos de 50 e 60, baseado no profissionalismo através da disciplina. O autor está certo ao afirmar que houve uma euforia nos anos 50, principalmente em relação a melhores condições de vida das classes populares. Contudo, como demonstrei no capítulo anterior, o discurso que estava na moda era o da busca do profissionalismo através de uma disciplinarização, e que objetivava que as classes populares se adequassem a ele. Conseqüentemente, o modo de vida “tradicional” que Lopes (idem) apontou como valorizado deveria ser deixado para trás em nome de um profissionalismo que levaria as classes populares ao desenvolvimento. Era preciso extirpar o “complexo atávico”, “as conservas culturais” e a “ vaidade” para que pudéssemos definitivamente crescer. O tipo de profissionalismo e de disciplina de Garrincha não se enquadravam ao modelo pregado nos anos 50.¹² Os problemas que o ex-atleta tinha com o álcool e a exposição de seus casos amorosos, casamentos e vários filhos potencializaram e confirmaram os discursos raciais da época sobre a existência de uma “doença” que o “tipo nacional” carregava inscrita em seu corpo.

3.2 – Manoel dos Santos e os discursos raciais

O campeonato mundial de 1962 foi alardeado com otimismo pela imprensa esportiva, que enxergava nos campos brasileiros uma enxurrada de “craques” de futebol, como demonstra o trecho de uma crônica de Nelson Rodrigues no *Jornal dos Sports*:

¹² Tais idéias também foram apresentadas por José Jairo Vieira (2003) em seu artigo *Considerações sobre preconceito racial no futebol brasileiro*. O autor ao fazer uma análise sobre a participação dos negros no futebol, argumentou que Garrincha foi materializado como um “negro indesejado” na sociedade brasileira. (2003:228)

"Nelson Rodrigues dá Bom Dia. – A múmia."

1- Amigos, na hora de se formar um scratch nacional o problema é a abundância de jogadores. No Brasil os Cracks chovem. Ninguém joga mal. [...] 2- Qualquer pelada de rua é um show de football. A gente vê crioulinhos que nos fazem pensar: – “Aí vai um Didi”. Essa deslumbrante qualidade já se torna um defeito. Poderíamos formar vários scratches. Um melhor do que o outro. Os exagerados chegam a dizer que no Chile o justo seria que o Brasil apresentasse uma seleção para cada jogo. [...] Seu “Mané” está acima do nosso julgamento. Jamais alguém insinua alguma dúvida sobre Garrincha no scratch. Minto: – Houve sim alguém que no meio de 70 milhões de brasileiros ousou pedir a substituição do maravilhoso ponteiro. [...] 5- O leitor há de perguntar: “Quem é este louco varrido?” ao que eu respondo: – Não é louco a quem atribuímos certa autoridade. Refiro-me a Leônidas da Silva o Ex-Diamante Negro. Nós sabemos que ele foi um crack. Mas eu disse foi um crack e aí se define Leônidas como uma múmia de si mesmo. 6- Eu admiro e respeito a múmia quando se comporta como tal. O diabo pega quando a múmia se dispõe a dar palpites em todas as direções (JS, 04/04/1962).

Neste texto magistral de Nelson Rodrigues é possível perceber o entusiasmo e a idéia de que os bons jogadores tinham uma cor: eram preferencialmente “crioulinhos” e das classes populares. Esta passagem dá a dimensão de como os irmãos Rodrigues foram importantes na construção da idéia de que o “genuíno” futebol brasileiro tinha que ser composto pelo “brasileiro” de fato – negro, mestiço e das classes menos abastadas – como relatei nos primeiros capítulos deste trabalho. Mostra também a irritação de Nelson Rodrigues em relação a Leônidas da Silva, que questionara a permanência de Garrincha como titular na seleção brasileira. Segundo Pereira (*opus cit.*), os irmãos Rodrigues passaram a argumentar que diferente dos atletas brancos, os negros possuíam um jeito especial de jogar futebol, tinham ginga, por exemplo. A presença de negros e mestiços no futebol foi constatada pelo jornal *Senzala – revista para o negro*, que tinha em seus quadros Abdias do Nascimento como colaborador:

[...] Uma das causas que vêm derrubar o velho tabu da inferioridade do negro em face do seu irmão branco reside, indubitavelmente, no panorama esportivo da atualidade. O negro é detentor, nos desportos da sua preferência, de todos os postos máximos do canhenho atlético universal. Portanto com os nomes grifados,¹³ temos oito negros no quadro titular, três no quadro reserva e quatro entre os dispensados. Em resumo, dos trinta “players” convocados por Flavio Costa, catorze são negros, o que nos dá uma média de quase cinquenta por cento, isso sem falar do “onze” titular formado por sete negros e quatro brancos, fato esse que confere aos nossos a formidável vantagem de

¹³ Os nomes grifados a que a nota se refere são: Domingos e Norival; Procópio, Rui e Tesourinha, Zizinho, Leônidas, Nilton, Aleixo; Lima, Barbosa, Tim Ávila, Juvenal.

setenta e cinco por cento. Teremos em conclusão que, se o negro destacou-se sobremaneira no futebol (o atletismo, na modalidade de corridas de fundo, e o Box já vêm sendo tomados de assalto pelos nossos que apresentam sempre atuações impressionantes), é devido não só ao espírito democrático que campeia nos esportes atléticos em geral, como pela indiscutível fibra de lutadores dos filhos de Zumbi, o que vem desmentir “in totum” a balela da passividade e tolerância dos homens escravos que precederam o 13 de maio (SP, janeiro de 1946).¹⁴

Já na década de 1940 verificava-se uma maior presença de negros na seleção nacional em campeonato internacional. A reportagem faz uma observação sobre o sentimento de inferioridade em relação ao negro que o futebol parecia estar apagando. Os conflitos existentes entre o amadorismo e o profissionalismo, como descrevi anteriormente, provocaram a certeza de que a vitória do profissionalismo era a conquista por mais espaços dos negros no futebol, como atesta a reportagem.

E assim aconteceu. O futebol, que antes era visto como um elemento de distinção entre os *sportmen*, produziu com a profissionalização uma representatividade maior de negros, mestiços e pobres neste esporte, principalmente no momento de entrar em campo com a camisa do Brasil. José Jairo Vieira (2002), em *Paixão nacional e mito social: a participação do negro no futebol - profissionalização e ascensão social*, discutiu o processo de profissionalização e o progresso desses grupos no esporte. Por outro lado, os irmãos Rodrigues acabaram legitimando a visão de que o futebol deve ser praticado preferencialmente por negros e mestiços. Portanto, a maior presença desses jogadores não desaparece com a noção da raça como elemento importante de distinção no futebol.

Foi nesta atmosfera que Garrincha foi escolhido para compor a seleção de 1962. De acordo com Teixeira Heizer (1997), Cardoso e Rockman (2005), a mesma comissão técnica que havia atuado na preparação da seleção e do campeonato de 1958 foi novamente convocada em 1962, sob o comando de Paulo Machado de Carvalho. A conquista do campeonato de futebol levou Garrincha ao auge do sucesso; ele se destacou como o grande nome da Copa de 62. Garrincha foi escolhido, segundo Heizer (idem), como o melhor jogador deste campeonato. Ao mesmo tempo em que ele encontrava o sucesso e a ascensão social, os problemas em sua vida pessoal ganhavam o noticiário dos jornais da época e, com isto, sua carreira foi ofuscada por eles. O consumo excessivo de

¹⁴ A reportagem foi publicada por ocasião da divulgação da lista dos jogadores convocados para jogar a Copa Sul-americana Extra, a ser realizada no mesmo ano em Buenos Aires.

álcool agravou-se e Garrincha, desde o início da década de 70 até a sua morte em 1983, ficou esquecido.

Apesar de o futebol nos anos de 60 ser praticado por aqueles que então eram considerados os “brasileiros” – em outras palavras, os “crioulinhos”, ou negros, ou mestiços, ou desprovidos economicamente – a visão de um pretenso “complexo atávico” não desapareceu totalmente. Um exemplo que confirma esta minha última afirmação é a popularização da expressão *complexo de vira-latas*, cunhada por Nelson Rodrigues, e que funcionava, segundo Fátima Martin R. F. Antunes (*opus cit.*)¹⁵ como uma marca que sempre voltava quando a seleção brasileira fracassava em algum confronto com seleções internacionais. Este complexo era inerente à formação do brasileiro física e culturalmente miscigenado.

No caso de Manoel dos Santos, apesar de ser tratado como um gênio da bola por muitos cronistas, inclusive pelos irmãos Rodrigues,¹⁶ os problemas relacionados à sua vida pessoal, à origem, à cor e à maneira como conduzia a sua vida profissional o remetiam a este “complexo atávico”, do qual o Brasil tentava se livrar. O modelo profissional e pessoal de Garrincha não se enquadrou aos discursos do profissionalismo de uma determinada época. Esta conjunção de fatores e os discursos raciais então em voga traziam a certeza de que Garrincha era o mestiço que tinha algo errado inerente ao seu comportamento, “o complexo atávico”. O ex-jogador foi entendido como aquele que não incorporou o *ethos* profissional através da disciplina necessária à eliminação deste complexo. Por fim, sua cor o traía.

4 – Paulo Cezar “Caju” e os movimentos sociais

O ex-jogador Paulo Cezar Lima foi apelidado “Caju” porque na década de 1970, para homenagear a “raça negra”, pintou o cabelo de “acaju”, segundo ele mesmo conta na sua autobiografia,¹⁷ *Dei a volta na vida* (2006). Atleta polêmico, foi classificado por

¹⁶ Crônica do *Jornal dos Sports*, na coluna “Nelson Rodrigues dá bom dia”: [...] Os Tchecos jogaram a sua melhor partida e foram triturados por nós. Amigos, os bicampeões do mundo já chegaram e o povo carregou no colo. Apoteose furiosa para todos. Apoteose para Garrincha o maior jogador da Terra. Amigos, o scracth nos infla pela grande verdade: – Não há homem mais genial do que o brasileiro! (19/06/1962).

¹⁷ Tomarei como relato principal de fatos da sua vida sua autobiografia, *Dei a volta na vida*, publicada em 2006 pela Editora Girafa, São Paulo.

alguns setores da imprensa esportiva como *bad boy*, título que não aceita de forma alguma, conforme colocou em sua autobiografia.. Para ele, seu estilo combativo tinha como função defender os negros jogadores de futebol.

Paulo Cezar Caju nasceu no Rio de Janeiro no dia 16 de junho de 1949, na favela da Cocheira, “situada na Ladeira do Tabajara, bem em frente ao cemitério São João Batista” (:13), data esta que o faz começar sua autobiografia relatando a Copa do Mundo de 1950 que, segundo ele, foi marcante, mesmo sendo ele um recém-nascido. Caju, assim como Pelé, revelou que este evento deixou nele forte impressão durante toda a sua infância e o fez um dia desejar ser jogador de futebol e sonhar com uma vingança contra o Uruguai.¹⁸ Foi criado, assim como Célia, sua irmã, por sua mãe Esmeralda. Célia faleceu vítima do alcoolismo aos 37 anos de idade.



Fonte: <http://desenvolvimento.miltonneves.com.br/QFL/Conteudo.aspx?ID=61514>

Ainda sobre sua vida familiar, quando tinha 12 anos foi adotado pela família de Marinho Rodrigues de Oliveira, na época treinador do Botafogo Futebol de Regatas, e que em anos anteriores tinha sido zagueiro do Flamengo. Paulo Cezar era amigo de infância do filho deste ex-jogador, Frederico. Por causa desta amizade, Paulo Cezar

¹⁸ Paulo Cezar Caju jogou contra o Uruguai na Copa do Mundo de 1970, partida que credenciou o Brasil como favorito absoluto à conquista do título de campeão.

ganhou um segundo lar. Sua mãe, diz Caju, não tinha condições de dar assistência a ele e à sua irmã, de modo que concordou com a adoção. Na companhia desta família Paulo Cezar morou um ano em Honduras, país onde seu pai foi treinador de futebol e, logo depois, na Colômbia, também em função do trabalho de Marinho. Segundo o ex-jogador, estas fases foram de grande valia, pois permitiram que ele aprimorasse as técnicas de seu futebol.

Na volta ao Brasil seu pai adotivo tentou para ele uma vaga no Flamengo, mais tarde no Botafogo, clube com o qual assinou seu primeiro contrato profissional quando tinha 16 anos. De acordo com a sua autobiografia, seu primeiro teste no time cadastrou-o a ingressar no elenco principal, apesar da pouca idade. Ficou lá por seis anos. Foi sua atuação no Botafogo que o credenciou a fazer parte da seleção brasileira que iria disputar a Copa do Mundo de 1970. O período em que esteve no Botafogo, segundo Caju, proporcionou-lhe certo conforto financeiro. Comprou uma casa para sua mãe e irmã e fez o mesmo para a sua família adotiva. Ele relata que a imprensa na época não o entendeu e o acusou de ter deixado a sua primeira família na miséria. Esta foi uma das questões, diz ele, que começaram a contribuir para a sua fama de *bad boy*.

4.1 – A Copa do Mundo de 1970

O campeonato mundial de 1970 no México, do qual Paulo Cezar Caju participou, teve significados múltiplos e ainda carece de mais estudos sociológicos e históricos para ser melhor entendido. Atualmente pouco se tem publicado e pensado sobre esse período da história. Portanto, o que discutirei aqui e no capítulo seguinte sobre esse momento está baseado em pouco material bibliográfico. O que se tem a respeito dessa época ainda está imbuído de lutas simbólicas por parte de setores da sociedade que participaram do combate ao regime militar e daqueles que o defendiam. Neste contexto, a descrição que farei aqui terá um cunho de análise para que se possa entender o que a Copa do Mundo de 1970 representou no contexto histórico brasileiro de então.

É sabido que durante este campeonato o Brasil passou politicamente por uma ditadura militar, que se iniciou em 1964 e teve seu fim em meados da década de 1980.¹⁹

¹⁹ As informações contextuais estão nos livros de Thomas Skidmore, *Brasil: de Castelo a Tancredo*. 8.ed., Paz e Terra, 2004 e de Boris Fausto, *História do Brasil*, Edusp, 1995.

Na presidência do Brasil estava Emílio Garrastazu Médici que alguns setores da imprensa e historiadores consideram a época mais sombria do regime. Foi nesse período que a seleção brasileira começou a se preparar para o campeonato mundial no México. Dentre as histórias que se construíram sobre esta Copa, uma delas diz que o regime militar financiou pesadamente a preparação brasileira para o campeonato, fato citado pela imprensa e por alguns estudiosos como se fosse um acontecimento isolado, que só ocorreria nesta Copa do Mundo. Como venho afirmando ao longo de todos os capítulos desta tese, o futebol e a política sempre caminharam juntos, desde que se descobriram a popularidade e o fascínio que o esporte exercia sobre a maioria dos segmentos sociais brasileiros. Dessa forma, para além das ideologias, é importante ressaltar que o comando militar seguiu uma estrutura instituída pelos governos anteriores no que diz respeito à preparação do selecionado nacional.

Outro ponto importante a destacar sobre esta Copa foi a convocação do jornalista João Saldanha, envolta num conturbado feixe de idéias que são reproduzidas até os dias de hoje. Segundo Teixeira Heizer (*opus cit.*), em *O jogo bruto das copas do mundo*, a escolha do jornalista para técnico da seleção brasileira foi uma estratégia de marketing do então presidente da Confederação Brasileira de Desporto (CBD), João Havelange. Esta seria uma forma de desviar o foco dos militares e da imprensa esportiva da real preparação da seleção:

[...] Na verdade, João Havelange indicara Saldanha num golpe político de mestre, a fim de calar a imprensa, a mesma que, quase unanimemente, criticava, agora, seu expoente maior. Nas coletivas, Saldanha falava sobre tudo, evitando entrar em assuntos táticos, por sua inexperiência nesse campo. “Os mosquitos daqui são diferentes dos de Guadalajara”, lembrava, aduzindo com informações sobre plantio de grama e outros fatos tais. [...] Dentro da confusão que gerou a dispensa de Saldanha, ele atribuiu a razão principal ao fato de ter desrespeitado o regime militar. Anunciava que o presidente Emílio Garrastazu Médici teria determinado que ele escalasse Dario (Dadá Maravilha), a quem teria respondido: “Vamos fazer um acordo. Eu não escalo o seu ministério e o senhor não se mete com minha seleção” (:163).

A passagem acima demonstra este argumento, que vale ressaltar não é hegemônico na crônica esportiva e nem tampouco na literatura acadêmica. Aliás, como já mencionei acima, esta Copa ainda carece de mais estudos. Assim, devem ser lidas com cuidado as afirmações do jornalista Teixeira Heizer (*idem*). Contudo, tal relato não é de

todo fantasioso, ou simplesmente partidário, se percebermos que de fato João Saldanha era uma figura bastante controversa no cenário da época. Segundo o historiador Hilário Franco Júnior (2007), em *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*, Saldanha deixou, como técnico da seleção brasileira, “a esquerda perplexa e a direita indignada” (:142) com seu comportamento polêmico e intempestivo.

A versão dada por Heizer (idem) é um importante indício de que possivelmente a entrada de João Saldanha como técnico pode ter sido um ato previamente pensado para desviar as atenções. De acordo com o jornalista, em meio aos tumultos do técnico, a seleção escalada treinava muito sob os auspícios de uma comissão técnica jovem que tinha nomes como Carlos Alberto Parreira, Paulo Azeredo, Cláudio Coutinho e outros. Esta comissão tentava imprimir uma forma renovada de o time brasileiro atuar em campo, mas sem levantar críticas ou fazer possíveis patrulhamentos em relação à seleção e às novas características da disciplina implantada.

Em sua autobiografia, Paulo Cezar Caju (*opus cit.*) explicou que sua convocação para esta seleção deu-se em função do bom momento que vivia como atleta. Segundo ele, sentiu-se orgulhoso por compor aquele time que reunia experientes jogadores que considerava os melhores do país, como Pelé, Tostão, Rivelino, entre outros. Ele era um dos novatos do time e se espelhava nos mais velhos e gabaritados. O ex-atleta afirmou que o grande líder do grupo no México foi Pelé – bicampeão do mundo com o Santos Futebol Clube, e também bicampeão com a seleção brasileira em 1958 e 1962:

[...] Tínhamos a presença de Pelé que, tendo amargado o desastre da Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra, com a eliminação do Brasil ainda na primeira fase, queria porque queria ganhar aquela copa do México. Ele se reuniu com a gente e falou: “O grupo é muito bom. Eu já fui campeão do mundo quatro vezes, duas pela seleção e duas pelo Santos, poucos aqui foram. Eu acho que a gente tem condições de trazer o caneco. Vocês estão comigo?”. Respondemos que sim com todo o entusiasmo. E o ambiente fluiu bem dali para frente. O melhor jogador do mundo, o rei o futebol, mostrou que não tinha aquela vaidade que outros jogadores exibem. [...] O rei Pelé foi fundamental nesse sentido. Ele revelava um grande senso de responsabilidade diante do grupo, procurando eliminar o fantasma que pairava sobre todos nós depois da Copa da Inglaterra. Pelé tornou-se, com seu comportamento, uma referência para o grupo. Tanto que, quando rapou a cabeça no princípio dos treinamentos, todos os outros jogadores negros o imitaram (:46-47).

A passagem acima demonstra as impressões da seleção brasileira, segundo Caju. Sua primeira experiência foi interessante e ela o elevou à categoria de um dos maiores

jogadores de futebol, assim considerado pela crônica esportiva nacional e internacional. Vale ressaltar que Paulo Cezar colocou que, apesar do momento de tensão política pelo qual o Brasil passava, as relações entre os participantes da equipe diante de mais um desafio como o da Copa do Mundo eram boas. Destacou a liderança de Pelé, já considerado um grande esportista, na manutenção da tranquilidade e da segurança dos jogadores.²⁰ Conseqüentemente, o trabalho da nova comissão técnica, que já estava com Mário Jorge Lobo Zagallo – ex-jogador da seleção brasileira e bicampeão mundial em 1958 e 1962 – como técnico, transcorriam sem maiores sobressaltos.

4.2 – A repercussão da conquista da Copa do Mundo de 1970 para o Brasil e Paulo Cezar Caju

Finalmente o Brasil acabou vitorioso na Copa do México, sagrando-se tricampeão mundial e com direito a ter em definitivo a taça Jules Rimet. Paulo Cezar Caju, então com 21 anos, sagrou-se um dos campeões. Sua carreira profissional, que já vinha em ascensão, concretizou-se definitivamente com este feito. Tornou-se estrela do Botafogo, clube em que jogava antes de ser convocado para a seleção, e passou a excursionar com o time pelo mundo. Segundo Caju, foi nessa época que ele começou a conhecer a militância negra norte-americana e, em particular, o *Black Panther Party*, um grupo de negros socialistas americanos ativo nos EUA nos anos 1960-70.²¹ De acordo com a sua autobiografia, ele passou a se interessar pelas histórias de “personalidades de

²⁰ Vale destacar outra passagem do livro de Paulo Cezar Caju sobre Pelé e sua liderança na seleção de 1970: “[...] Não esqueço o dia em que rolou um clima de mal-estar entre Pelé e o falecido Fontana, que dizia que o Rei protegia os jogadores do Santos. À noite, Pelé pediu uma reunião com toda a delegação e deu uma prensa no zagueiro e, indiretamente, em todos nós. Nunca tinha visto o “negão” tão brabo. Mas valeu a pena, a casa ficou em ordem. Depois, ainda fez questão de abrir a palavra para quem desejasse falar, afirmando que todos ali tinham o direito de se manifestar. O Rei realmente queria ganhar a Copa do Mundo” (:47).

²¹ O *Black Panther Party* era um partido socialista revolucionário afro-americano que incorporava reivindicações etnonacionalistas em seu programa. A história do *BPP* é complexa e se confunde com a de vários movimentos negros (revolucionários ou não) e esquerdistas que estavam ativos na militância política nos Estados Unidos da América nas décadas de 1960-70. Este trabalho não tem o intuito de apresentar uma história detalhada do *BPP* ou destes outros movimentos. Por enquanto, basta mencionar que o grupo pregava o fim do racismo nos EUA através da eclosão de uma revolução socialista e do reforço das comunidades negras. Para atingir esse fim, o Partido militava em conjunto com grupos não-brancos e multirraciais. Para maiores detalhes da história do *BPP* e da sua repressão pelo governo norte-americano, ler Charles E. Jones, *The Black Panther Party (reconsidered)*. Baltimore: Black Classic Press, 1998; Assata Shakur, *Assata an autobiography*. New York: Zed Books LTD, 1987; Ward Churchill & Jim Vander Wall, *Agents of repression: the FBI's secret wars against the Black Panther Party and the American Indian Movement*. New York: South End Press, 1990.

líderes e mártires da causa negra” (2007:128), como Angela Davis, Malcolm X, Martin Luther King e Muhammad Ali. Portanto, este contato fez o ex-atleta assumir uma postura e um visual que era considerado então “chocante”. Adotou a cabeleira que ficou conhecida no Brasil como *black power* e pintou-a na cor caju.

Em sua autobiografia, Caju não dá maiores detalhes sobre esta sua experiência com as “lideranças negras” americanas no ano em que excursionou com o Botafogo Futebol de Regatas pelo mundo (1971). Porém, é mister notar que na época o BPP já estava em franca decadência, crivado por divisões internas e com boa parte de suas lideranças na clandestinidade, mortos, no exílio, presos ou respondendo a processos. Portanto, o envolvimento direto de Paulo Cezar com lideranças do Partido no período citado teria sido muito difícil, embora seja possível que ele tenha conhecido alguns dos militantes menos importante do BPP. Todavia, é estranho um homem que se diz tão influenciado pelo pensamento do Partido não conhecer o nome correto do grupo. Caju menciona a “época do Black Panther” e faz questão de usar o nome em inglês, embora nesta língua o grupo é sempre denominado de *Black Panthers* ou *Black Panther Party*.

O intuito aqui não é desautorizar as experiências do ex-jogador, mas dar outra interpretação. É bastante relevante, a nosso ver, Caju falar numa “época Black Panther” como se falasse numa “época de ouro” ou numa “época da bossa”, pois ele não está pregando uma ideologia afro-americana específica e sim – nas palavras de Joel Rufino dos Santos (falando sobre esse mesmo período para o pensamento negro brasileiro) – adotando “uma atitude negra”, em que “[...] Shaft foi sem dúvida mais popular entre os jovens negros brasileiros que S. Charmichael [sic]”, adotando essa mesma atitude “Malcon X [sic], Angela Davis, Eldreage Cleaver [sic], [H.] Rap Brown, Baldwin e, sobretudo, [Martin] Luther King”.²² Essa forma de agir situou tais lideranças americanas mais como acessórios de moda, e não como intelectuais e militantes cujas idéias deviam ser absorvidas e incorporadas de forma coerente (Santos, 1978:289-290). Em outras palavras, o “Black Power”, para Paulo Cezar – pelo menos na década de 1970 – parece ter sido mais uma questão de moda do que uma efetiva militância. Mas o fato é que o

²² Nota-se que o texto de Santos contém repetidos e sérios erros de ortografia quando ele escreve os nomes desses líderes americanos. Isto, mais do que qualquer outra coisa, salienta o fato de que tais indivíduos foram (e ainda são) absorvidos, antropofagicamente, mais como ícones por boa parte da negritude brasileira e do que como ideólogos.

atleta tinha uma atitude militante até mesmo na escolha de seu visual e da roupa que escolhia. Como ele disse: “sempre gostei de moda e a encaro como um instrumento de afirmação de minha raça” (2006:128).

A conquista do campeonato de 1970 e a volta dos jogadores ao Brasil quebraram evidentemente o clima de tranquilidade e segurança existente entre os jogadores descritos por Paulo Cezar em sua autobiografia. A repercussão de um tricampeonato surtiu efeitos em todos os setores da sociedade. Influenciou, como de praxe, o momento político. Assim como a conquista do primeiro mundial em 1958 ficou atrelada às idéias desenvolvimentistas do governo de Juscelino Kubstchek, e o próprio presidente, como era norma, ter capitalizado para a sua gestão os fatos positivos deste evento, o mesmo aconteceu com o governo militar. Só que em vista dos acontecimentos e das conseqüências do regime, como a dura repressão àqueles que se opunham a ele, a tradicional apropriação do feito de uma conquista da Copa do Mundo teve um outro significado. Vista em geral como positiva, a conquista de 1970 gerou efeitos opostos àqueles que normalmente produziria. Esta foi sempre entendida como a Copa da “ditadura” pelos intelectuais e, utilizada nos discursos mais inflamados da “esquerda” brasileira com certo tom de crítica. Os jogadores, personagens importantes da conquista, assim como as personalidades da época, foram cobrados quanto aos seus posicionamentos políticos.

O discurso de Paulo Cezar Caju sobre o seu envolvimento com os movimentos negros está relacionado a este contexto da Copa de 1970. Mais do que acreditar ou não no seu comprometimento real com a luta dos Black Panthers, é preciso atentar para o momento em que estes discursos foram construídos. A tomada de posição de Caju na direção dos movimentos negros foi uma maneira de se colocar em face de uma época de grande polarização no cenário político nacional. A sua postura colocou-o, assim, do lado das “esquerdas” contestadoras.

Apesar de o ex-atleta não mencionar em sua autobiografia conflitos ou divergências com Pelé, Paulo Cezar Caju, ao se posicionar desta maneira, construiu uma imagem diametralmente oposta àquela de Edson Arantes do Nascimento. Pelé ficou associado por determinados setores mais politizados da sociedade a um personagem que apoiou a ditadura militar e foi o grande responsável da divulgação pelo mundo deste

regime político no Brasil. Ele, diferente de Paulo Cezar, na década de 1970 não se posicionou claramente sobre as questões políticas mais prementes, ao contrário, prosseguiu com a sua trajetória profissional de sucesso, aceitando inclusive convites que lhe proporcionavam boas oportunidades financeiras, como atuar, por exemplo, no futebol dos Estados Unidos.

A trajetória de Paulo Cezar Caju no Rio de Janeiro foi divulgada pela imprensa como envolta em grandes confusões, principalmente no Flamengo, onde se desentendeu com toda a diretoria e também com a torcida. Em seu livro, Caju definiu a relação com a torcida como de “amor e ódio”, em função dos muitos problemas vividos entre o ex-atleta e o Flamengo, dentre eles, ter sido uma vez proibido de jogar. As versões²³ divulgadas dão conta de que tais incidentes foram motivados por sua postura militante em favor da causa negra. Nem mesmo a autobiografia revelou maiores detalhes sobre esses acontecimentos. Sua trajetória profissional, marcada por diversos conflitos, teve uma versão alimentada por parte da imprensa esportiva, que afirmava que as “injustiças” que sofreu se deveram ao fato de ter adotado uma postura combativa em relação ao preconceito racial. Esta idéia também é corroborada por Luís Henrique de Toledo (2000) em *Os mil corpos de um rei*, que diz ter Paulo Cezar Caju assumido uma atitude “mais ativa” em relação ao preconceito racial e ao “preconceito de marca” no futebol brasileiro.

De acordo com as idéias aqui apresentadas, Paulo Cezar Caju incorporou essa maneira “mais ativa” de ser, entre outras razões, por ser aquele um momento político paradigmático no cenário nacional. No auge de um regime de exceção que assolava o país na década de 1970, poucas eram as possibilidades de manifestação livre do pensamento. Portanto, nesse período, houve uma cobrança de vários setores intelectuais por uma tomada de posição de todos aqueles que se destacavam para que assumissem uma atitude contra o regime. As denúncias contra o racismo e as percepções das diferenças existentes no Brasil significavam uma agenda de repúdio ao sistema vigente. O ex-jogador assim se posicionou, pois sua luta contra o racismo foi associada à luta

²³ Para saber mais sobre os conflitos entre Paulo Cezar Caju em sua época de jogador de futebol, além de sua autobiografia, ver o documentário *Futebol*, do diretor João Moreira Salles. Um dos episódios da série retratou a trajetória profissional do ex-jogador e os embates que Caju enfrentou em sua passagem pelos clubes de futebol no Brasil.

contra o sistema vigente. Esta foi uma das razões que levaram os discursos raciais a recrudescerem nessa época. No próximo capítulo, discutirei mais profundamente as outras razões e as suas respectivas conseqüências, pois farei uma análise de como Pelé passou a ser encarado nos anos 70.

Em sua autobiografia, Paulo Cezar Caju tentou resgatar sua postura naquele período. No capítulo que se intitula “Contestador”, o ex-atleta procurou distanciar-se da fama de *bad boy* que muitos atribuíram a ele ao longo de sua vida profissional. Segundo seus escritos, ele não foi um arruaceiro e um criador de conflitos, como a expressão sugere; suas atitudes eram de alguém que não se conformava com o sistema então vigente. Para Caju, e, por isto, ele foi injustamente classificado como *bad boy*. Não cabe aqui fazer juízo de valor sobre suas ações.

O importante é observar que a trajetória deste atleta em muito se assemelha as dos outros dois jogadores aqui relatadas: Leônidas da Silva e Mané Garrincha. O sucesso como jogador de futebol possibilitou uma ascensão social, mas esta ascensão não foi suficiente para que alcançasse uma imagem positiva no imaginário social. Em geral, homens pobres que se alçaram à fama profissional e pessoal não gozaram de um prestígio social que os livrasse da idéia de comportamento duvidoso. Demonstrarei no próximo capítulo como nem mesmo Pelé conseguiu fugir desta *profecia que se cumpre*.

4.3 – Paulo Cezar Caju e os discursos raciais

Caju tornou-se também uma oposição a Edson Arantes do Nascimento. No antagonismo Mané x Pelé está implícito o paradigma sucesso x fracasso, ou modernidade x atraso. Em Pelé x Paulo Cezar Caju, questões existentes na relação com Garrincha ficam mais explícitas. Uma delas é a racial; outra, o posicionamento “ideológico” de uma época em que era primordial para as personalidades terem “consciência”.

Irei desenvolver mais esta questão no próximo capítulo, mas vale aqui, a título de esclarecimento, dizer que os discursos raciais nos anos 70 estavam em voga como um dos instrumentos de combate ao modelo vigente de hegemonia nacional, o qual tinha de ser contestado. Foi nesse cenário que Paulo Cezar Caju alcançou fama como jogador de futebol. Campeão da Copa de 1970, viu sua vida profissional alcançar um sucesso estrondoso, principalmente no que diz respeito a firmar bons contratos com clubes de

futebol. A partir desse momento, também enfrentou grandes conflitos com as diretorias e as torcidas desses clubes. Passou longa temporada na Europa como jogador profissional, especialmente na França. Segundo sua autobiografia, fez uma curta passagem pelo futebol norte-americano no início da década de 1980.

Quando estava no final de sua carreira como esportista, de acordo com seu relato, tornou-se alcoólatra e viciado em cocaína, o que o levou a uma situação financeira complicada e colaborou ainda mais para a sua imagem de *bad boy*, que ainda persiste em alguns setores da sociedade.

Contudo, boa parte de sua trajetória revisitada na grande imprensa dá conta de que Paulo Cezar Caju foi muitas vezes injustiçado por sua postura radical em relação ao preconceito racial existente na sociedade brasileira. Ao longo da década de 70, foi considerado por muitos como “arruaceiro” e criador de “confusões”, enquanto para outros, primordialmente nos dias atuais, ele é visto como um grande injustiçado pelo sistema classista e racista. A reportagem da revista *Carta Capital* (2007) mostra isto.

[...]. Foi nesse período que conheci Paulo César Caju, uma das figuras mais importantes da história do nosso futebol, por ter sido um atleta mítico, um contestador e um exemplo de quem e como são nossos jogadores, com suas fragilidades expostas nas dificuldades em se inserir em uma sociedade exigente, paternalista e racista. Ele e Afonsinho, que lutou como um leão por sua liberdade e independência, afrontando o reacionarismo presente no esporte nacional, são referências de seres que jamais aceitam imposições sem que elas ao menos tenham passado pelo crivo de uma profunda reflexão. Algo que naquele momento da história corintiana acabou por se tornar uma atitude filosófica coletiva e cotidiana.²⁴

O artigo, além de ressaltar a imagem contestadora de Paulo Cezar Caju, mostra que atualmente existe um resgate quanto à postura que adotou, hoje vista como positiva no cenário esportivo nacional. Apesar de em sua época suas ações terem sido classificadas como “rebeldes”, elas são agora entendidas como inovadoras e à frente de seu tempo. Assim, Caju pode ser considerado radicalmente diferente de Pelé que, a partir de meados dos anos 70, passou a ser percebido por alguns setores da sociedade brasileira

²⁴ Este trecho é de reportagem publicada em 2007 no site da revista *Carta Capital*, disponível no endereço: www.cartacapital.com.br/471/o-lado-bom-da-crise/, foi escrita por Sócrates, ex-jogador do Corinthians. Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira ganhou fama nacional e internacional a partir de 1978. Foi um dos personagens principais da seleção brasileira na Copa de 1982, considerada “campeã moral” do campeonato vencido pela seleção da Itália. Era famoso no esporte por ser “diferente”. Apesar de jogador de futebol, estudou medicina e ficou eternamente conhecido como Doutor Sócrates.

como atrelado a um regime de exceção, inclusive por seus posicionamentos pouco claros em relação à questão racial.

Os discursos raciais da época em que Paulo Cezar Caju estava em plena forma profissional relacionavam-se intimamente aos desdobramentos que a ditadura militar provocou no cenário político, social e econômico brasileiro. Os modelos então pregados, e que se baseavam nas questões nacionais e hegemônicas, provocaram nos setores que combatiam o sistema uma reação que denunciava uma sociedade desigual em termos de classe, cor e gênero. Neste sentido, Paulo Cezar Caju encontrou na “moda” afro uma forma de resposta às cobranças que se faziam a algumas personalidades na década de 70. Inicialmente visto como rebelde e *bad boy*, o que ainda está presente em boa parte do imaginário social, Paulo Cezar viu recentemente renascer a sua classificação de “contestador” do sistema. Pelé, ao contrário, nesse mesmo período, diante do crescimento dos discursos de protesto e dos movimentos sociais que se opunham ao regime ditatorial, continuou a expressar as mesmas concepções dos anos 50. Isto ficou evidente quando concedeu uma entrevista em 1976, em Nova York, ao jornalista Lucas Mendes. O ex-jogador declarou que o problema no Brasil não era de raça e sim de classe, pois um branco pobre não teria tido as mesmas oportunidades que ele teve. Voltarei a este tema no próximo capítulo.

5 – Profissionalismo, disciplina e modernidade: o caso de Leônidas da Silva, Manoel dos Santos e Paulo Cezar Lima

As trajetórias apresentadas aqui tiveram o intuito de demonstrar um panorama de como o futebol profissional tem lidado com o fato de aglutinar indivíduos dos segmentos negros e pobres da sociedade brasileira. As vidas dos três jogadores fazem parte de épocas distintas da implantação do futebol como uma carreira profissional no Brasil. Mesmo assim, apresentam semelhanças em relação ao processo de profissionalização da camada mais pobre e negra da sociedade.

Os casos de Leônidas da Silva e Garrincha foram importantes para demonstrar que, apesar de terem buscado o profissionalismo e a disciplina, suas estratégias não

condiziam com as épocas em que foram jogadores de futebol. Os discursos raciais em voga produziam uma outra expectativa em relação a pessoas como eles. No caso de Leônidas, toda a sua luta para conseguir ascensão social no futebol acabou trazendo fama ao ex-atleta; porém, atrelada à fama, veio a acusação de ter sido rebelde e de ter vivido situações que desabonavam a sua conduta. A biografia de Leônidas, escrita pelo jornalista André Ribeiro (*opus cit.*), confirmou e legitimou esta fama sem ao menos contextualizar o período em que Leônidas foi um profissional deste esporte. As lutas entre o amadorismo e o profissionalismo escamoteavam o mote principal: os conflitos entre os discursos raciais vigentes. O futebol era visto como um elemento de distinção para os *sportmen*, e a profissionalização ameaçava esta mesma posição, como bem explicou Pereira (*opus cit.*) em seu livro. Para este autor, a trajetória de Leônidas deve ser entendida a partir de tais disputas.

Ao seguir os argumentos de Pereira (*idem*) na contextualização da trajetória de Leônidas, afirmo que cuidado igual a este deve ser tomado ao se pensar sobre a vida de Garrincha. O jogador, sempre visto como ingênuo em relação ao seu ofício e pouco profissional, precisa ser relativizado, pois como Ruy Castro (*opus cit.*) descreveu, o ex-jogador atuou pelo Botafogo mesmo com sérios problemas no joelho. O jornalista apresenta este fato como a confirmação de sua ingenuidade, porque mostra como os “brancos nefastos” (e possivelmente podiam ser) apresentados no primeiro capítulo da biografia ainda perseguiram o “mestiço” Garrincha. Acredito que este, dentre muitos outros, podem ser indícios do esforço que o ex-atleta fez para conseguir ascender socialmente através do futebol. Entretanto, mais uma vez, os discursos raciais presentes nos anos 50 produziram uma outra noção de profissionalismo e disciplina que alçou Pelé como exemplo de luta contra o “complexo atávico”, e Garrincha como a figura representativa dos aspectos negativos do “mestiço”.

Um outro modo de olhar estas três trajetórias é compará-las com aquelas descritas no livro de Leo Sptizer (2001), *Vidas de entremeio: assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental 1780-1945*. Nele, o autor fez um estudo sobre as trajetórias de membros de três famílias na Áustria, no Brasil e na África Ocidental. Segundo Sptizer (*idem*), estas famílias fizeram parte da chamada época da emancipação,

período fruto da Revolução Francesa e das idéias sobre igualdade e liberdade. Portanto, estes grupos passaram a se entender como indivíduos universais e não como pessoas fixadas em classificações étnicas ou raciais. Em linhas gerais, nas primeiras décadas do século XX, segundo o autor, surgiram questionamentos sobre a chamada época da emancipação,²⁵ pois o racismo científico – aquele baseado nas diferenças biológicas – passou a promover novas formas de distinção entre os indivíduos. Por isso, os personagens descritos foram obrigados a conviver num mundo baseado nas diferenças e não nas idéias de igualdade. Dessa forma, foram afetados por situações que os impediram de se integrarem plenamente a uma sociedade que se pensava exclusivamente a partir das noções do individualismo.

Ao fazer uma analogia dessas trajetórias de entremeio – como as definiu Spitzer – com as de Leônidas, Garrincha e Paulo Cezar Caju, pude ver que assim como na virada de século XIX para o XX aquelas vidas não puderam se adaptar ao mundo agora referido a raças, a busca de um “tipo nacional” que pudesse superar o *complexo de vira-lata* colocou em suspenso as trajetórias dos jogadores do século XX no Brasil quanto ao processo de assimilação ou de marginalização. Isto porque a ascensão social e a busca de *status* de cada um deles, o sucesso e o fracasso por eles alcançado estiveram relacionados à maneira como se adequaram aos projetos de “tipos nacionais”.

O caso Paulo Cezar Caju é importante se o colocarmos em oposição ao de Pelé, pois o profissionalismo e a disciplina adotados por Caju eram aqueles desejados nos anos 70, enquanto a disciplina e o profissionalismo adotados por Pelé nos anos 50 foram postos em xeque vinte anos depois. No próximo capítulo, descreverei como o momento em que Pelé alcançou a legitimação de sua carreira profissional também foi o período em que se tornou um antimodelo do profissionalismo e da disciplina no futebol em consequência das mudanças nos discursos sobre a busca por um “tipo nacional”.

²⁵ É importante ressaltar que o autor produziu uma análise reflexiva sobre esse período que, na prática, produziu desigualdades e deixou abertas muitas questões sobre a inserção de fato dos chamados grupos marginalizados.

Capítulo V

Pelé e os anos 1970: a construção de um “antimodelo” da modernidade

O que eu acho que existe no Brasil, (pensativo) é um pouco de (uma pausa para pensar) um pouco de falsidade. É um pouco de racismo, mas não racismo racial (pensando), é social, entende, é um preconceito social. Porque se o negro é rico, ou é um cantor ou uma pessoa famosa, ele entra em qualquer lugar. Agora, se é um branco pobre também em muitos lugares não entra, entende, então o problema lá é mais social que racial. Entrevista concedida a Lucas Mendes em N.Y (1976)

1 – Introdução

No capítulo anterior, ao comparar três trajetórias de vida no futebol – as de Leônidas, Garrincha e Paulo Cezar Caju – descrevi de que forma a busca por um “tipo nacional” influenciou e definiu o processo de assimilação ou marginalização destes três personagens. O sucesso alcançado pelos ex-jogadores veio acoplado a senões. Por esta razão, argumento que eles, apesar de viverem em épocas diferentes, têm trajetórias próximas por serem no início de suas carreiras além de negros ou mestiços, também homens pobres. Ao ascenderem social e economicamente, tornaram-se figuras representativas dentro e fora do Brasil e tiveram suas posturas confrontadas em relação ao “tipo nacional” aceitável.

Neste capítulo, apresentarei Pelé e os anos 1970. Argumentarei que esse foi o momento em que o modelo Edson Arantes do Nascimento aproximou-se das histórias de vida descritas no capítulo anterior. Alçado ao sucesso nos anos 1950, vinte anos depois, quando sua imagem foi consolidada nacional e internacionalmente, sua postura profissional e a disciplina adotada até então foram postas em xeque devido aos debates em torno do que seria novamente o “tipo nacional” e às mudanças ocorridas. Pelé tornou-se, assim, um antimodelo em face das novas modalidades discursivas da modernidade que começaram a se instaurar no país nos anos 70.

2 – O ressurgimento dos movimentos sociais nos anos 1970

Para pensar esta década é necessário fazer uma pequena contextualização apresentando fatos importantes então ocorridos. Assim como fiz no terceiro capítulo com o ano de 1958, farei o mesmo aqui com esse período. Mais uma vez vale ressaltar que a intenção não é delinear um estudo histórico nos moldes que esta ciência requer. Muitos outros pesquisadores o fizeram, apesar de ser um período recente em termos históricos na cena brasileira. O objetivo é ressaltar alguns fatos elucidativos para o argumento que proponho neste capítulo, que é o de demonstrar por que Pelé, a partir dessa época, tornou-se um personagem envolvido em polêmicas, como demonstrei no primeiro capítulo.

Um dos fatos mais marcantes desses anos foi o Brasil ter sido mergulhado em um regime de exceção, uma ditadura militar. A década de 70 é tida como a fase de maior violência desse regime, segundo historiadores.¹ Entretanto, estes mesmos estudiosos afirmaram que em meados de 70 também foi iniciado um caminho para a abertura política. Esta década, portanto, é bastante complexa em termos históricos, porque se caracterizou pela presença de extremos.

2.1 – O contexto dos anos 1970

Os anos 70 apresentaram, segundo Thomas Skidmore em seu livro *Brasil: de Castelo a Tancredo* (*opus cit.*), a face mais radical da ditadura, estando no poder o Presidente Emilio Garrastazu Médici. O seu governo foi iniciado em 1969. Nesse mesmo ano foi baixada a Lei de Segurança Nacional, que autorizou o “governo federal a intervir em virtualmente qualquer nível de atividade social se julgasse que a segurança nacional havia sido violada” (:219). Para o autor, esta medida, dentre outras, contribuiu para o alargamento do regime político e produziu uma censura que a partir de então não estaria restrita a alguns setores. Naquele momento, todas as esferas da sociedade ficaram sob o controle rigoroso do poder federal. Conseqüentemente, aumentou a presença do Estado nas ações da sociedade civil. Para Skidmore, tal atitude era justificada como tática para

¹ Para saber mais sobre este período e também sobre a ditadura militar, ler Thomas Skidmore (*idem*); Aarão Reis Filho, Daniel; Ridenti, M.; Motta, Rodrigo P. S. (orgs.). *O golpe e a ditadura militar - 40 anos depois, 1964-2004*. 1.ed. São Paulo: Ed. Bauru/EDUSC, 2004; Fausto, Boris: *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2000.

aniquilar grupos contrários ao regime, os quais se organizaram, em muitos casos, por meio de guerrilhas urbanas e rurais. Essas leis atingiram o seu propósito, pois nos anos do governo Médici verificou-se uma diminuição considerável desses grupos, vítimas da institucionalização da tortura e das prisões, sem direito a *habeas corpus*.

Por outro lado, foi concretizado na época do governo Médici o projeto da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), idealizado ainda em 1968 quando o Presidente Costa e Silva estava no poder. Formada nos moldes do antigo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que atuou ao longo dos anos como instituição que promoveu o Estado Novo, a AERP era responsável por divulgar e fazer a propaganda da imagem do governo Médici e de suas políticas diante da opinião pública. Slogans de efeito foram então lançados, como *Brasil: ame-o, ou deixe-o*; *Você constrói o Brasil*; *Ninguém segura este país*; *Brasil, conte comigo*,² e outros. Tais frases são bons exemplos da ação da AERP no imaginário popular naquela época, apelando para o sentimento de nacionalismo da sociedade brasileira.

Foi nesse contexto que a Copa de 1970 aconteceu, como descrevi no capítulo anterior. Mesmo tendo sido realizada no México, região bem distante dos acontecimentos internos nacionais, a preparação do selecionado nacional e a escolha da comissão técnica foram envoltas em polêmicas e histórias que repercutem até os dias atuais. Deixarei esta discussão para mais adiante.

Em termos econômicos, os anos do governo Médici ficaram conhecidos como o tempo do “milagre econômico”, produtor de um avanço considerável da economia no país. Aumentou o poder de compra da população mais empobrecida, mas ficou concentrada mais renda nas mãos dos poderosos. Paralelo a isto houve uma melhora geral dos índices, como na educação, na saúde etc.³ De acordo com Skidmore (idem), além de os índices gerais terem conhecido sensíveis melhoras, a política econômica externa brasileira também foi bem nesse período, pois o nível de exportações era alto e as contas externas estavam equilibradas. Estes aspectos provocaram um sentimento de otimismo em grande parte da população, mas não naqueles, é claro, que lutavam contra o regime opressor.

² Ver Thomas Skidmore (idem) e a monografia de Werner, Bruno Loureiro. “*Pra frente Brasil*”: *futebol e política do governo Médici (1969-1970)*, UFRJ/IFCS, Departamento de História, 2004.

³ Ver Elio Gaspari em *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Para Elio Gaspari, em *A ditadura envergonhada* (2002), foi implantado nessa época um grande paradoxo na cena brasileira. Ao mesmo tempo em que existia uma rejeição sistemática à ditadura – principalmente de uma elite sociocultural que participava de um combate mais explícito, com a formação de grupos guerrilheiros, ou burlava a censura e produzia jornais e periódicos que contestavam o Estado – a população em geral se mantinha alheia às reivindicações de tais grupos. Em muitos casos, apoiavam o governo.⁴ Conseqüentemente, houve uma divisão entre aqueles chamados de formadores de opinião⁵ e o senso comum em relação às políticas do governo Médici. Enquanto a população em geral simpatizava com o governo, os formadores de opinião eram os maiores críticos e os permanentes combatentes do regime político.

2.2 – Pelé e a Copa do Mundo de 1970

Em seu livro, *Pelé, a autobiografia* (*opus cit.*), o ex-atleta contou os preparativos para esta Copa e suas experiências. Segundo ele, depois da eliminação precoce da seleção brasileira da Copa de 1966, pensou em não jogar mais pelo time nacional. Mas as sucessivas vitórias alcançadas no período em que esteve no Santos Futebol Clube fizeram com que mudasse os planos de abandonar a seleção brasileira.

O tempo em que Pelé foi jogador do Santos confirmou-se como um dos mais vitoriosos da história do clube. A lista é imensa. De campeonatos regionais (paulista) foram nove conquistas – de 1958 a 1973, segundo o *site* oficial do clube, que enumera as conquistas do Santos Futebol Clube quando Pelé atuava.⁶ No torneio do Campeonato

⁴ Numa das passagens de seu livro, *A ditadura escancarada*, Elio Gaspari (2002) descreveu este paradoxo: “[...] O Milagre Brasileiro e os Anos de Chumbo foram simultâneos. Ambos reais, co-existiam negando-se. Passados mais de trinta anos, continuam negando-se. Quem acha que houve um, não acredita (ou não gosta de admitir) que houve o outro” (:15).

⁵ Estou nomeando como formadores de opinião intelectuais acadêmicos ou não, jornalistas, literatos, cineastas, teatrólogos, indivíduos ligados às artes, estudantes em geral que, em sua maioria, foram os principais grupos de resistência e contestação ao regime militar. Destes grupos saíram os mais importantes personagens que formaram boa parte das guerrilhas urbanas e rurais, as quais tinham o intuito de fazer a luta armada contra o sistema. Outro ponto importante a lembrar é que, por serem pessoas advindas de várias formações, esses grupos não eram homogêneos e nem tinham a mesma forma de pensar quanto à melhor maneira de se combater o regime militar. Conseqüentemente, foram produzidas fissuras e separações nesses grupos. Eu os nomeio formadores de opinião para dar a entender que eles foram os maiores responsáveis pela forma como a ditadura militar foi analisada. Para saber sobre esses grupos, ler: Araújo, Maria Paula Nascimento: *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

⁶ O endereço do *site* oficial do clube é: <http://santos.globo.com/index.php>. Neste endereço é possível encontrar informações sobre a história do clube e um caderno especial sobre Pelé.

Paulista, conquistou o tricampeonato (1960/61/62) e o bicampeonato (1964/65). Novamente um tricampeonato, ainda na década de 60 (1967/68/69). O último título veio em 1973, época da despedida de Pelé do futebol brasileiro. Além destes, ainda constam: Torneio Rio-São Paulo (1959/1963/1964/1966); Taça Brasil (1961/62/63/64/65/68); Taça Libertadores da América (1962/63); Mundial Interclubes (1962/63). Somados a estes, houve outros inúmeros torneios que o clube disputou ao redor do mundo e nos quais sagrou-se vencedor. Foi nessa época que Pelé conseguiu alcançar a marca dos 1.000 gols (1969). Como descreveu em sua autobiografia de 2006 (*ibidem*):

[...] O jogo seguinte seria apenas três dias depois, no Maracanã. E as apostas subiram ainda mais. O maior estádio do mundo estava cheio até estourar. A data era dezenove de novembro, o dia da Bandeira. Os times entraram carregando o pavilhão nacional aberto, cada um segurando de um lado. Havia uma banda militar em campo, balões subiram ao céu. O dia era perfeito para uma festa. [...] Corri direto para o fundo da rede, peguei a bola e a beijei. O estádio era uma explosão de rojões e gritos. De repente me vi cercado por uma imensa multidão de repórteres. Havia microfones diante do meu rosto, e então dediquei o gol às criancinhas (:169, 171).

Pelé fala aqui como foi o gol de número 1.000 na sua vida profissional. Este é um exemplo da boa forma que sua carreira atingiu na década de 1960. O ex-jogador havia consolidado sua trajetória profissional e se colocado em evidência na mídia nacional e internacional.

Em meio a todas estas conquistas, Pelé contou em sua autobiografia (*idem*) que mudou de idéia em relação à sua não-participação em Copas do Mundo pela seleção brasileira em função da quantidade de títulos e da fama que conquistara. Reproduzo o texto:

[...] Depois da decepção de 1966, eu tinha me aposentado da seleção. No entanto, quando se começou a pensar na Copa do Mundo de 1970, no México, mudei de idéia – depois de uma ausência de dois anos, decidi jogar outra vez pelo meu país. Inúmeros fatores contribuíram para essa mudança de atitude. O Santos estava jogando bem e eu me mantinha no papel de artilheiro, o que me enchia de confiança. Mais importante ainda, decidi que não encerraria a minha carreira como perdedor. Depois de tudo o que conquistara, depois do escarcéu que tinham feito com os meus 1.000 gols, eu não ia deixar o palco do futebol internacional por baixo. Sairia pela porta da frente. [...] Podia já ter disputado três Copas do Mundo, mas em nenhuma delas jogara todas as partidas. Estava ansioso para jogar um torneio completo. Isso me deu um objetivo claro: eu tinha algo a provar. Também havia a importante motivação do orgulho nacional. Se conseguíssemos um terceiro título para o Brasil, a taça *Jules Rimet* seria nossa para sempre (:172).

Pelé discorreu assim sobre os motivos que o levaram a retornar à seleção brasileira na Copa de 1970 disputada no México. Para o ex-atleta, ganhar a Copa do Mundo representaria o coroamento de sua carreira profissional tão bem-sucedida nos campos de futebol. A conquista da Copa o consagraria no cenário internacional, pois conhecido ele já era. A descrição de Pelé está de acordo com os relatos de Paulo Cezar Caju em sua autobiografia (*opus cit.*), quando falou sobre o papel de Pelé na seleção. Para ele, Pelé estava empenhado em conseguir sagrar-se campeão mundial. Seu entusiasmo fez com que fosse o líder na conquista da Copa do Mundo.

O campeonato mundial representou para Pelé o fechamento de um ciclo importante na sua carreira. Voltar a jogar no time nacional teve um significado especial, segundo seu relato. Como demonstrei no primeiro e no terceiro capítulos, Pelé sempre deu importância a conseguir sucesso em sua trajetória profissional. Desde muito cedo sua vida girou em torno deste objetivo. A mudança de sua família para Bauru em busca de oportunidades de trabalho fez com que crescesse em uma atmosfera em que os ideais da modernidade estavam em voga. Seu ascetismo profissional foi ainda mais reforçado quando, aos 17 anos, foi campeão mundial na Suécia, em 1958. Nesse período, o Brasil passou por um surto de busca de extremo profissionalismo através da disciplinarização da sociedade e, por esta razão, Pelé foi visto como um modelo a ser seguido.

Foram estes preceitos que Pelé levou para a sua vida profissional, o que explica o fato de suas autobiografias darem maior destaque aos seus feitos profissionais do que à sua vida pessoal ou emocional. Esta disciplina e o profissionalismo extremos, ideais da modernidade, foram seguidos à risca por Pelé e o fizeram optar por disputar a Copa do Mundo de 1970. Entre os jogadores convocados para compor a seleção, Pelé certamente era um dos nomes mais conhecidos e respeitados no futebol brasileiro. Aliás, segundo Teixeira Heizer, em *O jogo bruto das copas do mundo* (*opus cit.*), a rápida passagem de João Saldanha como técnico de futebol determinou que a base da seleção nacional deveria ser a do Santos Futebol Clube, em função dos ótimos desempenhos e por ter Pelé como jogador. Uma das versões que giram em torno de sua saída foi uma revelação feita à imprensa pelo próprio Saldanha: a de que Pelé não enxergava direito e, por isto, deveria ser dispensado da Copa de 1970. Teixeira Heizer reproduziu esta suposta fala de

Saldanha em seu livro: “[...] O crioulo não tem jeito. Ele não enxerga. De noite, fica trombando nos móveis. Já nem durmo, na expectativa de socorrê-lo” (:164).

No entanto, Pelé se tornaria um jogador indispensável na seleção brasileira. Segundo Paulo Cezar Caju em seu livro (*ibidem*), Pelé tornou-se uma das lideranças do grupo e freqüentemente fazia reuniões com a seleção para esclarecer desentendimentos e também para fazer orações. Como o próprio Pelé relatou em sua autobiografia (*ibidem*):

[...] Outro fator determinante na nossa campanha foi a oração. Nós rezávamos quase que diariamente ao longo da competição, normalmente depois do jantar. Não que fosse obrigatório – nem todos eram católicos. Tudo começou quando eu estava ao telefone com o Brasil e a Rose me contou que a família vinha se reunindo todos os dias para rezar por nós. Achei aquilo maravilhoso, e a idéia de juntar um grupo para rezar me fez chorar. Expliquei o meu plano aos jogadores. Primeiro falei com o Rogério e o Carlos Alberto. Eles concordaram na mesma hora. Conversei com o Antônio do Passo, da direção da delegação, ele concordou também. Começou com esses quatro. Depois Tostão e Piazza entraram também, e em seguida Mário Américo. Eram umas 40 pessoas ao todo na delegação e, à medida que o torneio avançava, quase todo mundo acabou se juntando a nós. Encontrávamos algo ou alguém para ser objeto de nossas orações todo o dia: os doentes, a Guerra do Vietnã, a saúde de alguém que precisava de ajuda e assim por diante. Nunca rezamos para ganhar o título da Copa do Mundo. Pedíamos apenas que ninguém sofresse uma contusão grave e que tivéssemos um bocadinho de sorte. Acredito que isso foi um fator importante na nossa união como equipe. O espírito das pessoas ficava mais leve. Vivíamos como uma família de verdade, cultivávamos o respeito mútuo, deixando de lado todas as palavras amargas. Todos nos dávamos bem. Como poderíamos fracassar? (:177-178).

A partir destes dados retirados de sua biografia é possível afirmar que Pelé levou seu ascetismo profissional para a seleção brasileira de futebol e assumiu o papel de elemento aglutinador do grupo através de sua fé na religiosidade, comportamento este demonstrado desde a sua infância. No primeiro capítulo deste trabalho, descrevi a importância que a religião tem em sua vida. Seus pais eram católicos fervorosos. Sua mãe, de acordo com a reportagem apresentada no primeiro capítulo, pediu ao filho famoso que construísse uma capela dentro de sua fazenda no interior paulista. Nada fora do comum para uma família originária do interior de Minas Gerais em que a fé religiosa é bastante cultivada, principalmente entre as famílias mais pobres.

Este ascetismo profissional ligado à fé religiosa foi muito bem descrito por Max Weber no clássico livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (1994). Nele Pelé foi formado, e levou-o ao longo de sua trajetória profissional. Foi dessa maneira que o

ex-jogador chegou à Copa do Mundo de 1970. Seu desejo era provar que de fato seu profissionalismo e disciplina, perseguidos até as últimas consequências, poderiam surtir os efeitos que desejava: conseguir mais sucesso.

2.3 – O contexto social, político e econômico

A conquista da Copa do Mundo de 1970, como já disse em alguns trechos, teve consequências. Nessa época, a ditadura militar mostrou a sua face mais dura, segundo alguns historiadores que se debruçaram sobre o tema. Para Thomas Skidmore (*opus cit.*), a capitalização do futebol foi uma das técnicas mais eficientes da propaganda do governo. A Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP) utilizou-se muito deste evento. Vários *slogans* foram criados. A marchinha *Pra frente Brasil*, composta por ocasião dos preparativos da Copa, “foi oficializada e era tocada em todos os eventos públicos” (:223). Transcrevo aqui os versos da marchinha:

"Noventa Milhões em Ação
Pra Frente Brasil
Do Meu Coração
Todos juntos vamos
Pra Frente Brasil
Salve a Seleção!
De repente é aquela corrente pra frente
Parece que todo Brasil deu a mão
Todos ligados na mesma emoção
Tudo é um só coração
Todos juntos vamos
Pra frente Brasil! Brasil!
Salve a seleção!"⁷

⁷ Composta por Miguel Gustavo Werneck de Sousa Martins, segundo o *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*, de Ricardo Cravo Albin, um dos maiores estudiosos da MPB e fundador do Instituto Cultural Cravo Albin, possuidor de um dos maiores acervos de músicas brasileiras. Segundo seu dicionário, Miguel Gustavo, autor desta marchinha, era famoso por compor *jingles*, músicas preparadas para apresentar um produto ou empresa. Ainda no dicionário, o compositor também compôs sambas e marchinhas, além dos *jingles* para Juscelino Kubitschek e João Goulart. Também compôs músicas para cantores famosos, como Moreira da Silva, Elizeth Cardoso, Carequinha, entre outros. Segundo o dicionário, a marcha *Pra frente Brasil* foi realizada sob encomenda para uma cervejaria “patrocinadora das transmissões dos jogos pela televisão” e acabou sendo incorporada à propaganda oficial do governo. Curioso que o mesmo destino teve a marchinha composta para a seleção brasileira vitoriosa em 1958. Os versos “A copa do mundo é nossa, com brasileiro não há quem possa...” acabou sendo atrelado ao governo Kubitschek e ao seu modo de dirigir o país. A diferença é que as consequências políticas das marchinhas tiveram significados bem distintas. Enquanto a marchinha de 1958 é usada ainda nos dias de hoje para apresentar um momento histórico positivo e que de fato tentou entrar na modernidade, *Pra frente Brasil* está associada a um momento político sombrio e de atraso. Consultar o dicionário no site: <http://www.dicionariompb.com.br/default.asp>.

Esta música tornou-se um hino popular na época, em função da vitória do Brasil na Copa. Também ganhou tons dramáticos quando foi utilizada no filme homônimo *Pra Frente, Brasil*, do diretor Roberto Farias, em 1982. Este filme conta a história de um cidadão comum que foi confundido com um ativista político e acabou preso pela repressão. Esta obra ganhou vários prêmios e teve como pano de fundo a euforia do assim chamado “milagre econômico” e a conquista da Copa do Mundo de 1970. A marchinha foi tocada em vários momentos do filme, principalmente nas cenas de tortura. Esta obra também ajudou a esclarecer que a repressão política no país, principalmente no período Médici, não esteve restrita ao grupo dos formadores de opinião mais politizado, mas acabou atingindo a sociedade brasileira como um todo. Aqui, a foto da seleção campeã:



Fonte: <http://cbfnews.uol.com.br/brasil/>

A Copa do Mundo de 1970 ficou inevitavelmente atrelada ao regime militar da época. Mesmo com a euforia popular em relação à conquista mundial, não é possível falar desta Copa sem mencionar o período político. Para historiadores como Thomas Skidmore (*opus cit.*) e Hilário Franco Júnior (2007), esta vitória deixou a esquerda mais combativa acuada e sem argumentos contra o governo, pois ganhar o tricampeonato

representou para a população em geral um grande acontecimento, da mesma forma como fora em 1958 e 1962. Segundo Skidmore (idem):

[...] Ao retornar, a seleção brasileira encontrou o país em delírio. O governo decretou feriado para que o povo pudesse fazer o carnaval de recepção. Médici recebeu os jogadores no palácio presidencial e deu a cada um o prêmio de US\$ 18.500 livres de impostos. As fotos mostravam um Médici sorridente e feliz entre os membros da seleção e admirando a taça. Era esta exatamente a imagem de que o Planalto precisava para neutralizar as críticas estrangeiras à repressão do regime internamente. [...] A equipe de RP do governo não perdeu tempo em colher todos os dividendos possíveis da conquista do tricampeonato mundial. A popular marchinha “Pra frente Brasil”, composta para a seleção brasileira, foi oficializada e era tocada em todos os eventos públicos. Logo surgiu também uma multidão de cartazes mostrando Pelé em um salto espetacular após fazer um gol e ao seu lado o *slogan* do governo “Ninguém segura este país” (:223).

Neste trecho o autor apresenta a sua versão do que representou a conquista do tricampeonato para o governo e para a população em geral. O governo Médici conseguiu capitalizar ao máximo a conquista da seleção e atrelar o sucesso econômico à vitória brasileira nos campos de futebol. Assim como o historiador, o jornalista Elio Gaspari (*opus cit.*) apontou o triunfo da seleção brasileira em 1970 e as conseqüências para a esquerda mais combativa em relação à ditadura militar. Da mesma forma, Hilário Franco Júnior, em *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura* (2007), afirmou que os grupos mais radicais, principalmente aqueles que pretendiam através da luta armada conseguir mobilizar a população contra o governo, viram-se numa situação difícil, já que o governo Médici agiu de maneira eficiente quanto à produção de uma auto-imagem vencedora. Além de uma política de repressão que desmantelou todas as tentativas de reação contra o sistema político instaurado, e que se utilizava das torturas e das cassações, com a vitória do tricampeonato, o regime pousou de vencedor aos olhos do povo.

Skidmore descreveu na passagem reproduzida acima que esse período em muito se assemelhou a outros de Copas do Mundo e como a vitória foi capitalizada e as glórias da conquista do campeonato mundial de futebol foram repartidas com a elite governante. Pereira (*opus cit.*) já havia registrado essa relação entre política e Copa do Mundo, como mencionei no capítulo anterior, ao afirmar que na Copa do Mundo de 1938, Alzira

Vargas, filha do então Presidente Getúlio Vargas, tinha sido madrinha da seleção brasileira que disputou o campeonato daquele ano. A vitória de 58 representou a eficiência de um governo que caminhava a passos largos para colocar o Brasil na modernidade. No período do Estado Novo, Getúlio Vargas viu no gesto de apoiar a seleção brasileira uma maneira de promover a imagem do regime a partir de um esporte que se mostrava cada vez mais popular. A foto de Juscelino ao lado de Pelé, reproduzida no terceiro capítulo, expressa de forma contundente as interpretações dadas.

A marchinha de 1958, o financiamento aberto pelo Banco do Brasil e os prêmios que os jogadores ganharam ao retornar ao Brasil também foram concedidos como armas políticas usadas por Juscelino a seu favor. Ou seja, Médici atrelou o seu governo à conquista do tricampeonato, da mesma forma que o fizeram outros Presidentes quando descobriram que o futebol era um esporte que mobilizava as massas. Os governos brasileiros em muitas ocasiões tentaram vincular a sua gestão à popularidade do futebol para obterem a aprovação do povo. O que se pode discutir são as consequências políticas dos momentos em que as propagandas governamentais se utilizaram das conquistas da seleção brasileira para se promoverem. No caso da ditadura militar, os desdobramentos foram negativos, segundo os grupos formadores de opinião, principalmente para os setores mais combativos em relação a este sistema político.

2.4 – As idéias de Pelé sobre a conquista da Copa de 1970

Se houve eficiência por parte do governo Médici em promover junto à sociedade uma imagem positiva a seu respeito – aproveitando-se da conquista do tricampeonato através das comemorações nas ruas e da euforia com a chegada da seleção vitoriosa – para Pelé, toda esta agitação não passava de mais uma situação em que um Presidente da República dava vivas à seleção, como contou em sua autobiografia (*opus cit.*):

[...] A consequência imediata do triunfo de 1970 na Cidade do México foi a conhecida rodada de recepções, banquetes e tapinhas nas costas – tudo muito agradável, mas cansativo também. Tivemos um almoço comemorativo e, em seguida, alguns de nós recebemos um telefonema do general Emilio Médici, Presidente do Brasil. O Brasil era uma ditadura militar desde 1964, e Médici, que estava no poder desde 1969, era conhecido como fã do futebol. Chegara mesmo a causar um certo mal-estar na seleção ao dizer, antes da Copa do Mundo, que queria ver no time o seu jogador favorito, o Dadá Maravilha. Assim são as coisas no Brasil: antes de uma Copa do Mundo, todo o

mundo quer dar o seu palpite, até o Presidente da República. [...] Médici nos cumprimentou de novo, agora pessoalmente, alguns dias depois, quando fizemos uma escala em Brasília no vôo de volta para casa, para uma recepção triunfal no Palácio Alvorada. Ele fez um discurso comovente sobre o orgulho e a alegria que sentia por termos trazido a taça para casa: é claro que enxergava algum capital na hegemonia do futebol brasileiro – boa propaganda para o país e para o seu governo – mas também ficou evidente que era um amante do futebol, além de um patriota, e no fundo estava mesmo encantado com a nossa vitória (:191-192).

Segundo o seu relato, nada diferente se passou de outros encontros da seleção brasileira campeã mundial com o Presidente em exercício em ocasiões diferentes da nossa história. Aqui o importante são as suas considerações sobre o momento político brasileiro. Segundo sua biografia, o ex-atleta tinha perfeita noção de que o país vivia uma ditadura militar. No entanto, as suas considerações acerca deste fato, mesmo num tempo em que poderia fazer uma nova leitura sobre o assunto, é de relativa neutralidade. Parece que Pelé e a grande maioria da população que saiu às ruas para comemorar o tricampeonato estavam alheios ao significado político da ditadura militar – então mostrando a sua mais dura face – e de sua relação com a conquista de mais uma Copa do Mundo.

Os ganhos sociais obtidos pelas políticas econômicas e sociais no período da ditadura provocaram a sensação de estabilidade econômica e social para os brasileiros comuns. De acordo com Elio Gaspari (*opus cit.*), em sua trilogia sobre os “anos de chumbo”, um dos principais paradoxos desses anos foi ter havido de fato uma significativa melhora na vida cotidiana nacional e de a conquista do tricampeonato ter representado para o senso comum o equilíbrio econômico, trazendo a certeza de que o país havia realmente se desenvolvido economicamente. Segundo o autor, esta certeza era difícil de ser aceita pelos setores mais politizados e contundentes em suas críticas ao regime ditatorial.

No caso de Pelé, sua postura pouco politizada em relação ao sistema e o modo como lidou com a questão – “[...] antes de uma Copa do Mundo, todo o mundo quer dar o seu palpite, até o Presidente da República” (*ibidem*:191) – representaram que ali estava apenas mais um Presidente a associar seu governo à conquista da seleção brasileira. Ou seja, era mais um governante a capitalizar a vitória da seleção para uma propaganda política em proveito próprio, e Pelé, em 1970, já tinha conhecido dois deles: Juscelino Kubitschek,

em 1958, e João Goulart, em 1962. Nos dois períodos, a recepção presidencial foi muito semelhante à de Médici – “Rodadas de recepção, banquetes e tapinhas nas costas” (idem:191) – como Pelé descreveu a chegada da seleção brasileira ao Palácio do Planalto.

Enquanto a vitória de 1958 coroou os planos desenvolvimentistas de Juscelino, o bicampeonato, segundo Teixeira Heizer (*opus cit.*), alavancou a confiança no governo João Goulart depois das incertezas em relação à capacidade de o Presidente suportar as pressões dos vários grupos rivais que apareceram logo após a renúncia do Presidente Jânio Quadros. Portanto, futebol e política sempre andaram de mãos dadas, e Médici não fugiu à tradição instituída pelos políticos em unir ambos. E foi desta maneira que Pelé reagiu ao fato de Médici ter utilizado a conquista do tricampeonato para fins políticos.

A questão é que o governo Médici tinha grandes diferenças em relação ao de Juscelino ou mesmo ao de João Goulart. A ditadura militar, e particularmente a do governo Médici, foi um dos períodos mais duros no que diz respeito às torturas e à censura. Em consequência, as cobranças feitas quanto ao posicionamento político de figuras expoentes eram contundentes. Pelé, que nessa época já era considerado uma das celebridades mais festejadas nacional e internacionalmente, ao ficar neutro em relação a esses “anos de chumbo”, colocou-se em uma situação bastante delicada diante dos formadores de opinião que, em grande parte, eram os cobradores e os fiscalizadores das posições políticas dos mais famosos.

Em *Como o futebol explica o mundo*, Franklin Foer (2005) dedicou uma sessão, “Como o futebol explica a sobrevivência dos cartolas”, para relacionar a vida profissional de Pelé e a política brasileira. Para o autor, Pelé foi ausente ou omissa em relação aos principais acontecimentos do país. Privilegiou sua carreira profissional ao não questionar a ditadura militar e, aparentemente, apoiava o regime. Além disso, Pelé não teria combatido a corrupção no futebol brasileiro na época em que foi ministro dos Esportes no governo Fernando Henrique Cardoso.⁸ Esse pensamento é recorrente no imaginário

⁸ Pelé foi ministro de 1995 a 1998 e aprovou mudanças na Lei Zico (ex-jogador do Flamengo da década de 1980 que também entrou para a política como deputado federal). Esta lei ficou conhecida como Lei Pelé. As mudanças provocaram críticas, principalmente dos dirigentes dos clubes de futebol. Em linhas gerais, a lei tratou do regime de contratação de jogadores por clubes de futebol e do passe livre, que significava os jogadores poderem largar os clubes após o término do contrato. Antes, estes jogadores ficavam presos aos clubes, que negociavam seus passes entre os times. Para saber mais sobre esta lei e os impactos na vida profissional, ler, dentre outros: Vieira, José Jairo: *Paixão nacional e mito social: a participação do negro*

social. Dizia-se também que Pelé não hesitou em ganhar vultosas quantias ao optar em atuar no incipiente futebol americano. Por estas e outras, Pelé, segundo Foer, assim como o Brasil, estava e está despreparado para se adequar às reformas e ao próprio sistema capitalista (idem:121).

A intenção deste trabalho não é fazer julgamentos de valor em relação às opções do ex-jogador, mas analisar os discursos sobre o Brasil sobre o tipo nacional e os discursos sobre raça que se constituíram a partir da trajetória de Pelé. De fato, Franklin Foer (idem) interpreta a postura de Pelé levando em conta traços de sua atuação fora do campo de futebol. A postura neutra, ou ausente, em momentos cruciais da história brasileira contribuiu significativamente para a construção de polêmicas em torno da figura pública deste atleta.⁹

É preciso pensar na forma com que Pelé conduziu sua carreira profissional. A análise do jornalista Francklin Froer (idem) é bastante reducionista ao não incluir as especificidades dos processos históricos brasileiros e o de legitimação do futebol como um esporte popular, estabelecendo a relação entre estes fatos e a trajetória do ex-atleta. Esta afirmação sobre o seu trabalho fica mais clara quando o autor, no livro citado, compara o Brasil a “uma curiosa versão dos Estados Unidos” (idem:111).¹⁰ De acordo com a descrição no primeiro e no terceiro capítulos deste trabalho, Pelé sempre prezou ter uma carreira profissional bem-sucedida. E foi esta postura que ele manteve ao longo de

no futebol: profissionalização e ascensão social. Tese apresentada no I Concurso de Teses do Centro de Estudos Afro-Brasileiros, 2003, TES 404. Também ver Rodrigues, F. X. Francisco. *A Lei Pelé e a modernização conservadora no futebol brasileiro (1998-2004)*, de 2006, em: www.cidadedofutebol.com.br

⁹ Na pequena pesquisa que realizei em 2001, na época da preparação do projeto de doutorado, boa parte dos entrevistados referiu-se a Pelé como adesista da ditadura militar. No trabalho de pesquisa formal, na exposição *Pelé – A arte do Rei*, na Casa França Brasil, em 2002, alguns entrevistados também levantaram, a polêmica, dentre outras, de que Pelé ajudou a ditadura militar na década de 1970. Ver sobre isso o capítulo I desta tese.

¹⁰ O original em inglês é ainda mais curioso, digamos assim, pois o autor refere-se ao Brasil como a “bizarro version of the United States” (2004:122), usando a palavra “bizarro” sem fazer a tradução para o inglês. Tal expressão não faz muito sentido se o leitor não é conhecedor de história em quadrinhos, pois Franklin Froer (2004) refere-se ao planeta ficcional de um quadrinho da D.C. Comics, idealizado na década de 1960, em que impera o “bizarro world”, cujo o lema é “us do opposite of all Earthly things! Us hate beauty! Us love ugliness! Is big crime to make anything perfect on Bizarro World!” que, numa tradução livre, quer dizer: “fazemos o oposto de todas as coisas terráqueas! Odiamos a beleza! Adoramos a feiúra! É grande crime no mundo bizarro fazer qualquer coisa perfeita!”. O inglês é propositalmente errado, pois as pessoas que vivem neste planeta falam incorretamente. O autor, portanto, tem uma visão que reforça a incapacidade brasileira de se fazer de fato o que é “certo” e “recomendável” a um país realmente desenvolvido.

sua trajetória. O jornalista americano uniu-se ao coro dos que vêem o país como inapto para o desenvolvimento, ao contrário dos Estados Unidos da América que tem uma vocação para a grandeza econômica. Esta idéia também foi percebida por Denise Ferreira da Silva e exposta em *Zumbi & Simpson, Farrakan & Pelé: as encruzilhadas do discurso racial* (1998) como um exemplo da falta de reflexão dos americanos em relação ao Brasil. Ela menciona a visão dos negros americanos quanto às questões raciais no Brasil. Eles “concluíram que o problema no Brasil é que os negros não sabem que são negros e por isso são incapazes de combater a democracia racial” (:89).

Pelé fez jus ao seu ascetismo profissional e privilegiou sua bem-sucedida carreira em detrimento das questões políticas mais prementes. O sucesso individual que perseguiu desde o início de sua vida no futebol, e que em outros momentos da história nacional foram louvados, como em 1958 – época em que o tipo de modernidade instaurada era a busca do sucesso e da ascensão social – foi sendo questionado nos anos 70. Nessa época, esta concepção de modernidade estava em franca decadência, pois todo e qualquer desenvolvimento brasileiro era pensado como atrelado à ditadura militar. Portanto, suas posturas diante de tais questões soaram como omissão e foram até mesmo vistas por alguns como a atitude de um simpatizante do regime militar.¹¹

Passarei a descrever como os movimentos sociais foram se reformulando na década de 70 e como, à medida que se transformavam, iam se afastando do ideal de modernidade em voga em 1958 e, com isso, tornavam-se críticos das posturas de Pelé, representante típico dos ideais da década de 1950.

3 – As consequências políticas da conquista do tri-campeonato

No início deste capítulo afirmei que os anos 1970 foram paradoxais por terem sido a época em que o regime militar foi mais rígido, mas foi também quando começou, em meados desta década, a ser encaminhada certa abertura política. A ditadura militar

¹¹ Aqui vale uma nota. Procurei em vários jornais e revistas o exato momento em que Pelé fez uma menção a favor do regime militar, e não encontrei. No artigo de Edilberto Coutinho (1988), intitulado "Futebol cheio de raça", o autor afirmou que Pelé deu esta declaração a um jornal uruguaio na década de 1970, quando ele visitou este país. O jornalista não especificou em qual jornal e em que época exata ele dera tal declaração. Já em outra reportagem, intitulada "Ser rei Pelé", escrita por Oldemário Touguinhó em 1988 na revista *HV*, foi colocado que Pelé sofreu perseguições do regime militar por ter se recusado a jogar a Copa Independência em 1972, a qual o governo Médici patrocinou. A versão apresentada por Touguinhó foi também relatada por Pelé em entrevista especial ao *Jornal do Brasil* quando das comemorações do centenário da abolição da escravatura.

apresentou varias facetas ao longo de seus vinte anos de existência. Não é minha intenção abordar neste capítulo todas as leituras que se fizeram desses anos, mas apenas pontuar algumas questões para o entendimento de um panorama geral.

Segundo o historiador Thomas Skidmore (*opus cit.*), existiram grupos distintos no seio da ditadura que pensavam de forma diferente sobre os rumos a tomar. Nos primeiros anos, diz o autor, os grupos que dominaram eram compostos pelos mais moderados e tinham como objetivo colocar “ordem” no Brasil e afastar de vez a ameaça comunista que rondava o país; logo em seguida devolveriam o poder a um civil. O que motivou esta intenção por parte dos militares foi o fato de João Goulart ter ficado mais próximo das políticas do bloco comunista. Vale lembrar que esse período foi marcado pelo acirramento da Guerra Fria, o que influenciou profundamente os rumos que o país seguiu no final dos anos 1950 e no decorrer da década de 1960. Para Skidmore (*idem*), um feixe de acontecimentos e as disputas internas nas Forças Armadas conduziram a ditadura militar para uma permanência mais longa e mais obscura no poder, quando o uso de torturas, cassações e mortes era perpetrado contra civis e opositores do regime. Alguns historiadores afirmaram em trabalhos mais recentes que houve “um golpe, dentro do golpe”,¹² ou seja, os conflitos dentro das Forças Armadas provocaram uma série de cisões que produziram a ascensão de grupos mais conservadores e radicais ao poder. Esta é uma das explicações de ter Emílio Médici chegado à Presidência da República:

[...] Começamos com os militares da linha dura. Extremamente autoritários, eles não acreditavam que o Brasil pudesse, a curto prazo, alcançar o crescimento econômico com um sistema político aberto. Estavam determinados, portanto, a impedir o acesso ao governo da minoria que combatiam, a qual, segundo eles, por pouco não empalmou o poder antes de 1964 – a esquerda subversiva. [...] Como os linhas-duras nunca emergiram na arena pública para defender suas idéias, sua força só podia ser avaliada através das políticas que impuseram aos sucessivos governos revolucionários. E o aperto da tenaz autoritária era eloqüente prova dessa força. [...] A fim de preservar a disciplina e a imagem de unidade (militar), as divergências submergiam na posição final adotada pelo comando superior. [...] Esta linha de manutenção da unidade, pelo menos em público, contrastava fortemente com as freqüentes divisões surgidas entre os oficiais nas crises político-militares entre 1945 e 1964 (*ibidem*:217-218).

Skidmore (*idem*) discorre aqui sobre os conflitos internos nas Forças Armadas antes e durante o período em que os militares tomaram o poder. Segundo ele, o tempo de

¹² Para saber mais sobre o assunto, ler os trabalhos do historiador Daniel Aron Reis.

duração da ditadura esteve associado às disputas dos grupos rivais que se dividiam entre os mais “liberais” e os “linha-dura”. Apesar de a análise desta parte da política não ser o foco deste trabalho, como venho enfatizando, é importante a discussão desse período para que se possa entender por que os movimentos sociais ressurgiram em meados dos anos 1970. A explicação talvez esteja em parte no fato de que, logo após o governo Médici, os grupos menos conservadores conseguiram mais poder.

Outro ponto a destacar de suma importância para o entendimento do ressurgimento dos movimentos sociais: fazer oposição aberta ao regime militar era praticamente impossível. O governo Médici intensificou a repressão aos grupos mais radicais, entre eles, os “guerrilheiros”, que tentaram promover uma luta armada para combater o regime militar. Com os grupos de esquerda enfraquecidos, a saída possível para a crítica ao sistema era atacar a suposta “unidade” do projeto nacional promovido pelo sistema militar. Dessa forma, os discursos sobre as “diferenças” passaram a ter um peso maior nas discussões dos formadores de opinião (intelectuais, jornalistas, literatos, entre outros).

Esses discursos, antes deixados como subtextos relacionados à busca de soluções para os problemas da “nação brasileira”, passaram a fazer parte da cena principal. O combate ao racismo estava associado à destruição do que era chamado de “mito da democracia racial”, e as desigualdades de classe e gênero tomaram forma no debate acadêmico da época e também permearam o ressurgimento de entidades que lutavam pelos direitos das “minorias”.

É válido lembrar que tais discussões não se deram apenas no Brasil. Estes discursos estavam presentes nos principais centros europeus e nos Estados Unidos da América desde os anos 1960. Também contribuiu para esses debates no Brasil a independência de alguns países africanos. As lutas pela liberdade sexual, a equidade entre os gêneros, o reconhecimento dos direitos das minorias étnicas e o pan-africanismo davam o tom das mudanças nas discussões sobre as desigualdades em geral.¹³ No Brasil, a polêmica se fez presente com mais força em meados dos anos 70 em função da

¹³ Monteiro, Heléne. *O ressurgimento do movimento negro no Rio de Janeiro na década de 70*. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 1991; Monteiro, Fabiano Dias. *Retratos em preto em branco, retratos sem nenhuma cor: a experiência do disque-racismo da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro*. Dissertação de mestrado, UFRJ/IFCS, Rio de Janeiro, 2003.

conjuntura política, e ela caiu como uma luva no cenário sociopolítico. Se não era possível contestar o poder militar centralizado, passou-se a criticar a visão de uma “unidade nacional” nos moldes do Estado Novo que os militares insistiam em preservar. Ou seja, o modelo restaurado pelos militares era similar àquele que Getúlio Vargas instaurou, conhecido como Estado Novo.

As principais características do regime estadonovista, segundo Boris Fausto em seu livro *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso* (2006), eram o fortalecimento da autoridade do Estado diante de todas as esferas da sociedade, a fomentação do espírito de nacionalidade e a separação entre Estado e nação, que seriam fundidos por um único líder. Esses discursos, que enfatizavam as desigualdades étnicas, de gênero e religiosas, atacavam e desmontavam o pressuposto mais importante desse Estado Novo ressuscitado pelos militares: a idéia de “unidade nacional”.

3.1 – As desigualdades raciais x a democracia racial

Um dos movimentos sociais que mais se destacaram em meados de 1970 foram os movimentos negros. Segundo Fabiano Dias Monteiro (*opus cit.*), os anos 70 foram importantes para as discussões sobre as relações raciais no Brasil. Para o autor, houve uma mudança no direcionamento das idéias sobre raça, pois existiu uma intensificação do “tipo nacional” aceitável a partir mudança da identidade “brasileira/miscigenada para uma identidade *afro*”. Ou seja, Monteiro demonstrou que a democracia racial passou a ser questionada e vista como “mito”, uma inverdade, pois o processo de miscigenação não produziu uma igualdade entre as “etnias” existentes na sociedade, portanto, esta mentira deveria ser combatido no bojo das discussões sobre as discriminações sofridas pelos negros:

[...] Contudo, este foi também um período particularmente importante para as relações raciais no Brasil, sobretudo pela nova postura do discurso racial promovido pela militância negra. Entre as principais mudanças do discurso racial podemos destacar (a) a substituição da identidade brasileira/miscigenada por uma identidade *afro*, (b) o reconhecimento da preeminência do componente “raça” nas desigualdades sociais e econômicas presentes na sociedade brasileira e (c) na denúncia da democracia racial brasileira como uma farsa (mito é o termo mais recorrente) que possibilitara às elites brancas e ao Estado sustentarem a subalternidade dos negros durante o século XX. [...] Alguns fatores podem ser apontados como geratriz de tais mudanças no discurso racial, entre eles: o arrefecimento da ortodoxia marxista que tendia a reduzir os conflitos de interesse

de brancos e pretos a conflitos de classe, o processo de descolonização da África e o subseqüente pan-africanismo que atingiu várias nações com população negra, a influência da luta pelos direitos civis dos negros americanos sobre as lideranças negras brasileiras que se encontravam submetidas ao exílio, o poder da indústria cultural norte-americana e européia sobre os brasileiros e o aumento de uma camada de negros escolarizados que, por dificuldades em penetrar no mercado, foram impelidos a questionar as barreiras surgidas diante da sua própria ascensão social²⁵ (:63).

Monteiro (idem) discorre assim sobre as mudanças ocorridas em meados de 70 e enumera uma série de motivos para tais mudanças. Aqui amplio esta lista afirmando que existiu um cenário político interno, não sugerido pelo autor, que também deve ser pensado como um dos fatores responsáveis por essas mudanças, e que foi o “arrefecimento” da ditadura militar com a entrada dos grupos menos conservadores no poder. Para isso, visando ao combate ao regime autoritário, atacou-se diretamente a noção de “unidade nacional” e do “tipo nacional” pregados segundo o modelo do Estado Novo.

O desenvolvimento nos moldes propostos ao longo dos anos 50 só seria possível em meados dos anos 70 se as desigualdades raciais fossem de fato encaradas como um entrave efetivo ao avanço econômico e social da sociedade brasileira. Mesmo que o país desenvolvesse ao máximo sua economia, este desenvolvimento não seria pleno, porque uma parcela imensa da população (afro) continuaria fora dos privilégios trazidos pela prosperidade em função da divulgação de um “tipo nacional” miscigenado, o qual produziu no imaginário social a idéia de que o país era igualitário quanto às oportunidades oferecidas às diferentes “etnias” aqui existentes. Nos dias de hoje, estas noções estão no cerne do pensamento de determinados setores dos movimentos negros quando se reivindicam as cotas raciais para as universidades.

Neste sentido, a nova onda de modernidade ressurgida da reestruturação dos movimentos negros inclui uma faceta diferente: a de que o desenvolvimento pleno da sociedade brasileira está atrelado ao reconhecimento das diferenças históricas entre brancos e negros, as quais devem ser suplantadas por medidas reparadoras, idéias estas que foram aprofundadas a partir dos anos 70.

²⁵ Antônio Sergio Guimarães, *opus. cit.*

3.2 – Pelé e os movimentos negros/sociais

Diante do panorama apresentado acima, o não-posicionamento de Pelé deixou-o numa situação de dubiedade, pois colocou-o à margem destas questões. Sendo uma personalidade reconhecida no Brasil e no exterior, portanto, uma das celebridades daquela época, havia uma pressão para que ele assumisse não só uma postura crítica em relação à ditadura, como mostrar-se alinhado aos movimentos sociais, como fez Paulo Cezar Caju. Este jogador esteve em maior sintonia com os movimentos de esquerda dos anos 70, ao passo que Pelé conservou um discurso que fora hegemônico nos anos 50, mas que estava em declínio vinte anos depois. O ideal encarnado por Pelé era aquele da ascensão de negros em uma sociedade estratificada em classes através do profissionalismo e da disciplina, essenciais na luta contra o atavismo. Esta postura distanciava-o dos movimentos sociais da década de 70, que pregavam a cisão racial e não mais o assimilacionismo e a integração ao sistema.

Prova disto foi a incorporação de Paulo Cezar ao jornal *O Pasquim*, como um dos seus colunistas. Esta publicação reuniu nas décadas de 60 e 70 os principais formadores de opinião de então e se tornou ainda um poderoso instrumento de contestação ao regime militar. Fundado por um grupo de intelectuais, jornalistas e políticos da chamada esquerda de “verdade”¹⁴ da zona sul do Rio de Janeiro, rapidamente transformou-se em uma das publicações mais populares no Rio e em outras localidades do Brasil.¹⁵

Enquanto Paulo Cezar assumia *status* de contestador junto aos formadores de opinião, Pelé era visto nesse período como um antítipo. Reproduzo aqui duas charges do jornal *O Pasquim* sobre Pelé.

¹⁴ Esses movimentos eram considerados de fato oposição ao regime militar em função do fechamento dos partidos de esquerda, por exemplo, o comunista. Os partidos legalizados e que faziam oposição ao regime militar eram vistos como mero fantoches que legitimavam o sistema partidário; assim, podia-se dizer que não existia ditadura. Para uma leitura mais aprofundada, ver: Skidmore, Thomas. *De Castelo a Tancredo: 1964-1985*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004; Tranin, Luiz Alexandre Kehdi. *O multipartidarismo no Brasil em dois momentos: 1945-1964 e 1985-2002*. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2006.

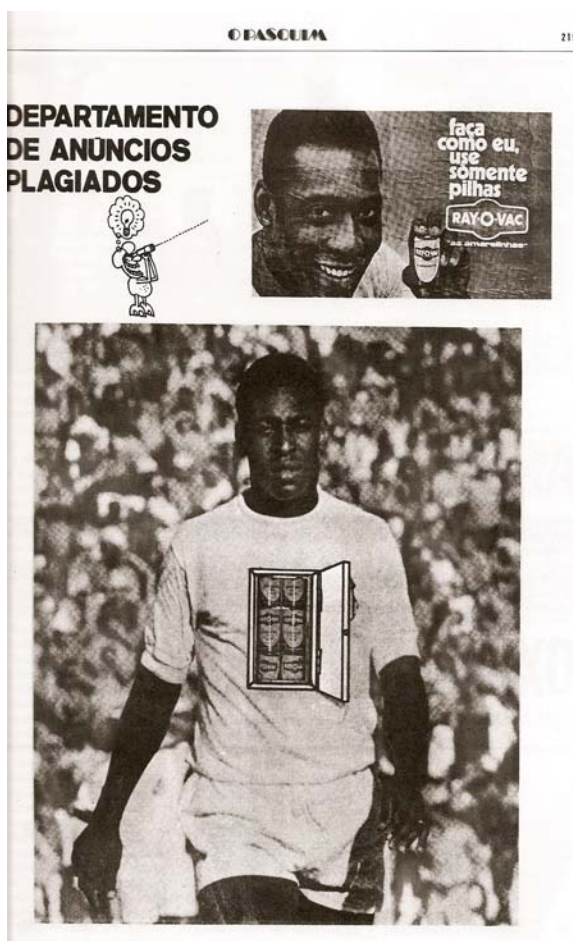
¹⁵ Para saber mais sobre a história de *O Pasquim* e seu papel na época da ditadura militar, ler: Araújo, Maria Paula Nascimento: *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: FGV, 2000; Telles, Daniela Maia: *Muito além de Ipanema: o surgimento do jornal que conquistou o Brasil – O Pasquim de 1969 a 1971*. Monografia, UFRJ/IFCS, Rio de Janeiro, 2001; Braga, José Luiz: *O Pasquim e os anos 70: mais pra epa que pra oba*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.



Fonte: *O Pasquim*, n.118, outubro de 1971

Este *cartun*, produzido no ano de 1971, é um bom exemplo da postura de Pelé, que privilegiou sua carreira profissional e a busca do sucesso. Apesar de *O Pasquim* ter sido um periódico que satirizou a vida cultural, política e econômica do país, esta charge

é um bom termômetro de como a posição adotada por Pelé era vista naquele momento. Henfil, ao fazer a brincadeira de como Pelé perde o cérebro e começa a ver tudo branco, logo se tornando branco também, reproduziu uma idéia que se perpetuaria ao longo dos anos, inclusive em alguns setores dos movimentos negros. Neste sentido, Pelé foi a imagem de um antímodo dos anos 70, nos moldes em que Garrincha assim se transformou na década de 60, auge dos discursos do profissionalismo e da disciplina da sociedade brasileira. Pelé, que tão bem representou aquele período desenvolvimentista por ter uma postura ascética, passou a ser questionado, vinte anos depois, por aqueles que propunham novas idéias sobre a modernidade. Dessa forma, ficou visto como uma figura polêmica e dúbia, fama que vem carregando até os dias atuais. Aqui outra charge em que ele é o personagem satirizado:



Fonte O Pasquim, n.103, junho de 1971

Este outro *cartun*, que não é assinado, pode ter duas interpretações possíveis. A primeira é a de que Pelé é um esportista tão competente que não pode ser humano. A segunda é que não sendo humano alguém o manipula, pois quando as pilhas acabam, precisam ser trocadas por outra pessoa. Esta pode ser entendida como uma alusão a Pelé ser uma construção, não-real, ter sido manipulado.

Em 1993, Pelé concedeu reportagem especial à revista *Playboy*, intitulada "Playboy entrevista Pelé: uma conversa franca com o “atleta do século” sobre corrupção no futebol, política, Deus, Xuxa, fama, dinheiro e, claro, sexo", pertencente à editora Abril em que, dentre outros assuntos, mencionou o fato de “todos” o acusarem de ser branco. O jornalista Juca Kfourri, o entrevistador de Pelé, logo faz a primeira pergunta: "Alguma vez você quis ser banco?", ao que o ex-atleta respondeu:

[...] Nem remotamente. Nunca fui ou deixei de ser aceito pelo fato de ser negro, branco ou amarelo. Em Bauru, [...] na minha infância, eu era o garoto mais querido ou mais detestado da minha rua por jogar bola. De um lado, eu era requisitadíssimo até pelos mais velhos para disputar todos os jogos. Do outro, mesmo quando eu às vezes nem estava jogando, havia os que viviam reclamando com meu pai por causa das vidraças quebradas pela bola. E não se esqueça de que minha primeira namoradinha era japonesa, a Neusinha. Estou dizendo para mostrar que nunca tive problemas com o fato de ser negro. O que não significa que o racismo fosse algo que eu ignorasse. Um irmão da minha mãe, por exemplo, meu tio Jorge, jamais conseguia passar de um certo ponto nos empregos dele exatamente por ser negro, coisa que, no entanto, eu só vim a saber depois de já ter sido campeão mundial na Suécia, em 1958. Agora, também não me preocupo mais com um tipo de crítica que sempre sofri no Brasil, me acusando de não defender minha raça. Depois de o [arcebispo sul-africano] Desmond Tutu, Prêmio Nobel da Paz, ter dito que não ia mais lavar as mãos depois de ter cumprimentado o Pelé, depois de ele ter dito que o povo africano deve muito a mim, não vou dar importância mais às bobagens de quem não sabe sobre o que está falando.

É interessante como Pelé repele a pergunta de Juca Kfourri dizendo que nunca deixou de ser aceito “por ser negro, branco ou amarelo”. Importante ressaltar que Pelé deu a mesma explicação a Lucas Mendes em 1976. Apesar de Pelé se recusar a aceitar a pecha de não ser da raça branca, esta imagem persiste no imaginário social sobre o ex-jogador, pois ele nunca se posicionou sobre as questões raciais, conforme as idéias em voga nos anos 70. Esta sua posição foi interpretada como uma negação da própria raça. O fato pode ser demonstrado a partir de uma entrevista concedida ao jornalista da Rede Globo, Lucas Mendes, em 1976. A partir desta data, Pelé passou a ser visto pelos

formadores de opinião (conseqüentemente, por alguns setores dos movimentos negros) como uma celebridade negra que negava a sua cor e era a representação de um personagem ligado às idéias mais conservadoras.

Em outra reportagem intitulada "Eu sou o quê? Sou negro e me orgulho", concedida ao *Jornal do Brasil* ao jornalista Oldemário Touguinhó, em entrevista especial em 1988, por ocasião das comemorações do centenário da abolição da escravidão, Pelé afirmou as idéias presentes na revista *Playboy* ao responder:

[...] **JB** - O que você acha das lideranças negras brasileiras? Por que muitas delas acham que você pouco ou nada fez pelos negros brasileiros?

Pelé - Eu sou o quê? Sou moreninho de praia? Lourinho de família rica? Meu pai era um milionário europeu? Ora, isto é uma besteira que os falsos líderes às vezes comentam. Eu sou negro. Venci porque o futebol me deu esta oportunidade. Caso contrário, estaria aí lutando pela vida. Será que não vêem que eu, modéstia à parte, sou um negro que tem valorizado a raça por todos os cantos? Por todos os países que passo, eles sabem que sou brasileiro, mas que também sou negro. Quando me homenageiam, estão nos valorizando. Será que isto não é importante? Só faço coisas que dão credibilidade ao negro. Se eu fosse um mau exemplo, seria ruim para a raça. Tudo o que posso fazer tenho feito. Nunca fui submisso a ninguém.

JB - Na hipótese de ser eleito Presidente da República, o que faria pelos negros brasileiros?

Pelé - Tentaria buscar uma igualdade que não existe. O negro, assim como o pobre, encontra dificuldades em todo o caminho. Só que o Brasil cresceu com o sangue do trabalhador negro e, infelizmente, isto é pouco reconhecido. Nossa raça é morena, não existe uma raça pura. No entanto, os governos pouco se preocupam com isto. Se você é negro, vai ter um caminho duro para enfrentar. Coloco na mesma situação o pobre. Como melhorar? Só havendo uma grande reformulação de trabalho.

O que é possível afirmar a partir dessas três entrevistas dadas em momentos distintos é que Pelé não mudou suas idéias sobre raça e identidade e continuou julgando ser mais importante o profissionalismo e a disciplina. Isto fica evidenciado na resposta de Pelé ao repórter do JB, quando disse que, se fosse eleito Presidente, melhoraria as condições de trabalho para o “negro” e para o “pobre” igualmente, pois tanto negros quanto pobres sofrem da mesma forma a falta de oportunidades. É possível reparar que Pelé não assume a identidade “negra” proposta pelos movimentos negros e pensa tendo como base a idéia de que o país é composto por uma “raça morena”, não aceitando a visão que tentavam impor de um Brasil separado entre brancos e negros.

No entanto, o Brasil estava mudando e o que de fato se transformou a partir da década de 1970 foram os discursos e as visões sobre que tipo de desenvolvimento o país

deveria buscar, e neles a visão de Pelé não se enquadrava. O aprofundamento dos discursos do reconhecimento das diferenças dos anos 1980 até agora tem produzido um modelo distante daquele em que Pelé foi socializado e ao qual continuou fiel até hoje.

É por isso que atualmente ainda podemos encontrar estas críticas a Pelé também nos enunciados de algumas organizações dos movimentos negros:

[...] Assistindo a este documentário (*Pelé Eterno*) não pude deixar de pensar como Pelé assumiu, sem jamais contestar, os valores e as atitudes da sociedade dominante e, neste caso, os valores e as atitudes da sociedade branca brasileira. Fui assistir ao documentário esperando que a geração de jogadores negros da época do Pelé fizesse questão de deixar registrado o racismo que sempre os acompanhou dentro dos gramados no Brasil. [...] Apesar das belas imagens e dos gols geniais de Pelé, saí decepcionado, porque ele e seus contemporâneos negros ajudaram a manter a idéia da “Democracia Racial”, e também a idéia de que, para os negros brasileiros, realização profissional e sucesso é estar correndo atrás de uma bola de futebol (7/5/2006).¹⁶

"[...] Quem nasce pra Pelé nunca chega a Lincoln"

Pelé, o rei do futebol, declarou que queria ser presidente do Brasil. Gilberto Gil apoiou a idéia. A mídia caiu em cima. A chamada “esquerda” ou “centro-esquerda” para dizer que Pelé é um “vendido ao branco”, isto é, um representante da burguesia. A direita para acusá-lo de não ser capacitado, já que é bom somente como jogador de futebol ou garoto-propaganda. Gil foi acusado de porra-louca. O fato é que Pelé jamais será presidente do Brasil, e Gil quer ser prefeito de Salvador fazendo declarações que negam o que há de revolucionário na questão do negro (Revista *Humanidades*, 1988).¹⁷

[...] Ao mesmo tempo, ativistas de movimentos negros dizem do rei (Pelé) que é “uma jabuticaba”, ou seja, “preto por fora, branco por dentro e um caroço duro de engolir” (idem).

Estes trechos demonstram como as posturas de profissionalismo e de disciplina que Pelé traz desde os anos 1950 representam, para algumas organizações dos movimentos negros, valores brancos que ajudam a manter a idéia da “democracia racial”. Esta é a imagem que se tem de Pelé quando o acusam de não ser mais negro, e sim de ter tentado ser branco e um legítimo representante da “democracia racial”, além de negar a

¹⁶ Trecho da reportagem publicada pela Afro Press – agência afro- étnica de notícias, lançada em 2004 como consequência das resoluções da “III Conferencia Mundial contra o racismo a xenofobia e intolerância correlata”. Esta agência tem como objetivo de promover a luta contra o racismo através da utilização de novas tecnologias. Este artigo foi publicado pelo jornalista Edson Cadette, intitulado, *Pelé eterno: este é o nome de um documentário a respeito da nossa maior estrela do futebol*. Este artigo trata da análise do documentário *Pelé Eterno* sobre a vida de Pelé de Aníbal Massaine Neto em 2002.

¹⁷ Artigo publicado na revista *Humanidades* publicada por Fernando Costa da Conceição em reação a entrevista concedida por Pelé no JB em que fora indagado sobre suas ações se caso fosse eleito Presidente do Brasil.

verdadeira questão do negro. Estas passagens aqui assinaladas – as de Pelé e as de algumas organizações dos movimentos negros – são importantes exemplos dos conflitos entre o ex-atleta e os ativistas de tais movimentos, em que se constituíram duas visões do que significa ser “negro”. Enquanto para Pelé o profissionalismo e a disciplina são condições *sine qua non* da ascensão do negro, seu sucesso pessoal representando, portanto, um ganho para a comunidade negra – já que é considerado o maior atleta de todos os tempos, reconhecido por várias personalidades – para os movimentos negros isto não basta, pois estão em voga não as idéias iluministas do individualismo como um valor positivo, mas sim o discurso da busca de uma identidade definida a partir do grupo, da divisão das categorias “branco” x “negro”. Para esses movimentos, o ex-atleta deveria assumir a identidade de grupo, um negro em oposição aos brancos.

Numa entrevista de Abdias do Nascimento em 2001, no portal negro, ele dizia que era preciso mudar a cabeça de profissionais negros, pois estes foram educados numa cultura que não valoriza a África:

Temos que limpar da cabeça do negro essas falsas noções de inferioridade. [...] Precisamos fazer um esforço para tirar da cabeça de nossos artistas negros: escritores, pintores, arquitetos, etc., essas imagens européias que passam como sendo as únicas referências da arte universal. Temos valores mais próximos de nossas verdades. Não estou propondo que voltemos ao passado. Não é isto que prego. Devemos aproveitar a inspiração e os valores que são permanentes e adaptá-los à nossa época, com os critérios atuais, para construir nosso legado para o futuro (17/12/2001).¹⁸

O trecho acima exprime o conflito estabelecido entre Pelé e os movimentos negros. Abdias afirma que para se ter uma identidade negra de fato é preciso “limpar estes valores dos negros bem-sucedidos”. Portanto, a forma como Pelé se expressa sobre a questão racial no Brasil, aos olhos dos movimentos sociais e de alguns formadores de opinião, revela um discurso em que este ex-atleta é visto como uma pessoa que deseja ser “branca”. Segundo alguns movimentos negros e certos formadores de opinião, Pelé

¹⁸ Abdias do Nascimento: "Uma vida dedicada a um ideal". Em 17/12/2001. Entrevista e fotos: Jader Nicolau Jr.; edição: Milton C. Nicolau; apoio: Muene e José Paixão de Sousa. Disponível no site: [http://www.portalafro.com.br/entrevistas/abdias/internet/abdias.htm](http://www.portalaфро.com.br/entrevistas/abdias/internet/abdias.htm). Esta reposta foi dada por Abdias ao ser perguntado como mudar padrões estabelecidos há tanto tempo – brancos e europeus.

adotou os “valores europeus e brancos” ao não assumir a identidade negra e tornou-se o “mestiço”, culturalmente problemático, que precisa ser reformado. A idéia da reformulação, da necessidade de mudar o tipo nacional continua atuante nesses movimentos até hoje e, como venho tentando demonstrar, já estava presente nos discursos raciais de outrora.

4 – Os discursos raciais em 1970

As idéias apresentadas acima começaram a ser desenhadas em meados da década de 1970 e motivaram mudanças na forma de se pensarem as relações raciais. Segundo Fabiano Dias Monteiro (*opus cit.*), houve uma transformação no pensamento de intelectuais tanto da academia quanto dos formadores de opinião. O discurso da democracia racial foi substituído pela denúncia de que o processo de miscigenação brasileiro não produziu de fato uma igualdade entre brancos e negros. Conseqüentemente, se isto não era uma realidade na prática, o desenvolvimento brasileiro estaria em perigo em função das desigualdades inerentes à estrutura social. A mobilidade entre estes grupos nunca aconteceria, pois os pontos nevrálgicos das diferenças econômicas e sociais de brancos e negros se davam porque não havia um reconhecimento dos indivíduos negros como cidadãos plenos.

Paralelo a estes discursos havia como pano de fundo uma ditadura militar repressiva que insistia em afirmar que o Brasil havia avançado econômica e socialmente, e que ficou conhecida como o “milagre econômico”. Ela reproduzia a imagem de um “tipo nacional” em que a mestiçagem era tida como um valor positivo. Uma das possibilidades encontradas pelos movimentos sociais para atacar as políticas de desenvolvimento do governo foi adotar os discursos das diferenças. Portanto, esse novo discurso de rejeição à democracia racial e que tinha como objetivo trazer à tona as desigualdades entre as raças foi beneficiado, dentre outros fatores, pela forma com que o governo ditatorial conduziu o projeto de “unidade nacional” baseado no desenvolvimento econômico.

Neste sentido, Pelé, que em fins dos anos 50 e na década de 60 fora visto como exemplo e representação da modernidade, passou a ser encarado como um antitemodelo da nova modernidade que os movimentos sociais queriam ver instaurada nos anos 70. O

paradoxo presente nesta mudança, no que diz respeito aos discursos raciais da década de 50, particularmente nos anos JK, era o de que as desigualdades raciais existiam, mas elas não entravam em conflito com o *status quo* da época. Muitos intelectuais desse período produziram vasto material sobre o tema, tendo como catalisador o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) na detecção dos grandes problemas nacionais que poderiam travar o desenvolvimento. As discussões sobre as desigualdades raciais fizeram-se presentes naquele momento e as mudanças produzidas pela busca por um “tipo nacional” levaram Pelé a ser alçado como um exemplo de negro bem-sucedido, um verdadeiro antídoto ao combate das desigualdades raciais no país.

Segundo o historiador Thomas Skidmore (*opus cit.*), o governo JK caracterizou-se, por pressões de grupos políticos e da elite, como um afastamento circunstancial do modelo Estado Novo de Vargas. Juscelino descentralizou o poder em vários níveis, desde a produção industrial até os movimentos políticos e sociais, o que deu a sensação de que o Brasil, na prática, entraria para o grupo dos países mais desenvolvidos. A conquista da Copa de 1958 foi o coroamento desta fase, pois se transformou na marca de um tipo de modernidade tão em voga naquela época. Era a comprovação de que o Brasil, apesar das desigualdades e das dificuldades, se aprofundasse o profissionalismo através da disciplinarização, encontraria o desenvolvimento. Esta conquista da Copa comprovou para figuras como Mário Filho a força que o brasileiro tinha. Não foi à toa que Pelé se tornou então um modelo exemplar. Homem, jovem, negro e do interior, através de seu ascetismo profissional e de extrema disciplina trazidos desde os tempos de sua infância, transformou-se numa estrela em ascensão. Naquele momento ele era a cara do Brasil.

Não por acaso, sua visão sobre o racismo, apresentada ao jornalista Lucas Mendes em 1976 – epígrafe deste capítulo – faz sentido quando se analisa o período em que Pelé se tornou um sucesso – a década de 50 – pois o ex-jogador reproduzia ali o discurso hegemônico vigente. As desigualdades raciais sendo detectadas e combatidas se acomodariam à medida que a industrialização da sociedade avançasse. Pelé reproduziu uma idéia perfeitamente plausível para os anos 1950, mas ininteligível em 1976. Por quê? As reformulações que ocorreram na busca do “tipo nacional” em meados dos anos 70 criaram uma nova maneira de as questões raciais serem representadas. Enquanto nos anos 50 o que prevalecia era a adequação do modelo retratado pela democracia racial e pelo

ideário de disciplina e profissionalismo, nos anos 70 o aprofundamento da noção de que a democracia racial era um “mito” foi a ordem do dia.

A resposta está na maneira pela qual, na década de 70, foram realinhados os discursos raciais. O avanço industrial não mais promoveria a inserção dos negros na sociedade. Era preciso conscientizar-se de que o processo de miscigenação não produzira uma sociedade igualitária e, mesmo que o país chegasse ao desenvolvimento pleno, sempre haveria grupos excluídos, porque o tipo nacional legitimado era aquele que havia seguido a valorização da cultura europeia. A industrialização e os avanços tecnológicos por si só não haviam incorporado os negros à sociedade. Este passou a ser o discurso hegemônico dos movimentos sociais. No entanto, com ele coexistiram outros discursos, inclusive este representado por Pelé.

Aqui está uma diferença crucial entre os anos 50 e 70. Nesta última década, o processo de desenvolvimento foi visto pela maioria dos movimentos sociais e dos formadores de opinião como incompatível com as desigualdades raciais. Portanto, o debate sobre o “tipo nacional” tinha que agregar o fato de que ele não era hegemônico e que havia produzido ao longo dos anos desigualdades. Ou, pelo menos, que a incorporação real de grupos historicamente discriminados deveria merecer um ataque frontal contra estas desigualdades, adotando-se medidas reparadoras das diferenças históricas criadas pela colonização portuguesa e pelo processo de miscigenação. Neste contexto, Pelé deixou de ser negro, na visão dos formadores de opinião e dos movimentos sociais, pois o modelo de modernidade que apresentava era ainda o dos anos 50.

5 – Profissionalismo e disciplinarização em 1970

Diante do quadro apresentado nos tópicos anteriores é possível afirmar que os discursos do profissionalismo através da disciplinarização tornaram-se secundários em função da adoção, por parte dos formadores de opinião, do aprofundamento das discussões sobre o que seria, naquele momento, o “tipo nacional”, decorrendo daí a criação de uma nova noção sobre tais questões.

A partir da década de 1970 o desenvolvimento passou a ser atrelado ao reconhecimento das desigualdades raciais, étnicas, religiosas, entre outras. Por esta razão, o modelo que Pelé carregou ao longo de sua vida e esteve em voga nos anos 50, o que o

alçou ao estrelato, não fazia mais sentido nessa década. Pelé transformou-se, dessa forma, no antimodelo da nova modernidade, deixando de ser negro aos olhos desses formadores de opinião e das lideranças de movimentos sociais. Seu ascetismo profissional não foi mais entendido como suficiente para livrá-lo de acusações e polêmicas que começaram nessa década e que o perseguem até os dias de hoje. Por ser uma figura em ascensão social, Pelé passou a ser cobrado para posicionar-se de acordo com este novo modelo, mas ele continuou levando ao extremo o profissionalismo e a disciplinarização.

Prova disto foi o fato de aceitar o convite para jogar no New York Cosmos, time de futebol dos Estados Unidos da América, onde Pelé encerrou definitivamente a sua carreira como jogador de futebol profissional. A ida de Pelé para atuar num país que aparentemente não tem tradição alguma no futebol não foi bem recebida no Brasil, particularmente porque esta transferência ocorreu em 1975, época em que a ditadura militar ainda vigorava, o que para muitos foi visto como “traição”. Havia uma certeza de que os EUA estavam envolvidos com o golpe militar no Brasil e com a sua manutenção, fato este de certa forma confirmado em nossos dias por historiadores.¹⁹

Polêmicas à parte, a verdade é que a década de 70 foi uma época em que os maiores jogadores de futebol do mundo aceitaram o convite para atuar em times norte-americanos. Entre eles estavam Eusébio, português, Franz Beckenbauer, alemão, e Giorgio Chinaglia, italiano. Todos eram grandes nomes do futebol em seus respectivos países e transferiram-se para o futebol americano. Armando Nogueira, jornalista esportivo, no programa Arquivo N da Globo News, revelou em uma entrevista, logo após Pelé ter deixado definitivamente os campos de futebol nos EUA, o seguinte:

[...] Por conseguinte, eu vejo agora neste episódio a divisão de dois Pelés: o Pelé dos americanos, que seria o Pelé do merchandasing, seria o Pelé do marketing, seria o Pelé de torcida eletrônica, seria o Pelé dos anúncios luminosos. O outro Pelé que é o nosso, o Pelé de todos nós, dos gols imortais, o Pelé para quem até as bolas pediam autógrafo quando entrava em campo.

Dessa forma, o jornalista dividiu o Pelé brasileiro e o Pelé “americano”. O primeiro é aquele que é “nosso”, que representou e continua representando o ídolo magistral do nosso futebol; o segundo está ligado ao artifício das grandes propagandas.

¹⁹ Para maiores detalhes destes argumentos, ler: Aarão Reis Filho, D.; Ridenti, M. & Motta, Rodrigo P. S. (orgs.). *O golpe e a ditadura militar - 40 anos depois, 1964-2004* (opus cit.).

Afirmo aqui que esta operação de trazer craques do futebol mundial para desenvolver o esporte nos EUA fez parte de um movimento mais generalizado do governo americano na época pós-Vietnã e Watergate, tendo como objetivo promover um processo de internacionalização dos Estados Unidos da América com o objetivo de tornar este país mais inteligível aos olhos do mundo. O ressurgimento do futebol como um esporte popular, em um dos poucos países em que esta modalidade esportiva não é uma hegemonia, fez parte de um plano de governo para deixar os EUA mais próximos dos países do resto do mundo.²⁰

As opções de Pelé ao aceitar o convite para jogar nos EUA foram relatadas em sua autobiografia de 2006. Reproduzo alguns trechos:

[...] Eu jogaria pelo Cosmos por dois anos, como funcionário da Warner Communications, e um acordo vinculado de royalties me garantia 50 por cento de toda a receita que o clube viesse a obter com o uso do meu nome. Pelo contrato, eu receberia quase 9 milhões de dólares para me transferir. Era muito dinheiro na época – e mesmo assim eu ainda estava em dúvida. “Será que eles esperam que eu apresente o mesmo futebol que vinha jogando até agora?”, imaginava. Eu estava praticamente na metade da casa dos 30 anos: eles deviam saber que o meu apogeu como jogador tinha passado. Procurei me convencer de que isso não importava, pois o que queriam era que eu promovesse o futebol dos Estados Unidos para o resto do mundo – e, nesse caso, era o meu nome que estavam contratando, mais do que minhas habilidades de jogador. [...] Eu estava ali para manter os americanos interessados em futebol, e o meu trabalho era ser o mais visível que pudesse. [...] Eu era um esportista e levava isso a sério. Em 27 de setembro de 1977, a Organização das Nações Unidas me deu um certificado declarando que a partir daquele momento eu era “Um cidadão do mundo” (:216-233).

²⁰ Em 2004 passei um período de quatro meses em Washington D.C., capital americana, e iniciei uma pesquisa preliminar na Biblioteca do Congresso americano, buscando documentos e livros sobre a época em que Pelé esteve nos EUA atuando como jogador de futebol. Descobri dados sobre o que o futebol representou para aquele país na década de 70 e como este esporte foi retirado das cinzas nesse período. Isto só foi possível porque esta modalidade esportiva, diferente do que se pensa, teve grande popularidade nas primeiras décadas do século XX, sendo suplantado por outras modalidades em meados da década de 40. Sobre o material consultado, destaco alguns títulos: Jose, Colin. *American Soccer League 1921-1931: The Golden Years of American Soccer*, American Sports History Series, n.9. The Scarecrow Press, Inc. Lanham, Md. & London, 1998; Woodworth, Anne Harding. *Soccer zones: writings out of American soccer*. Birmingham, Mich.: Soccer Prose, 1994; Gutman, Bill: *Modern soccer superstars*. New York: Dodd, Mead, c1979; Arnold, Caroline: *Pelé: the king of soccer*. New York: F. Watts, 1992; Bodo, Peter: *Pelé's new world*. New York: Norton, 1977; Collie, Ashley Jude. *World of soccer: a complete guide to the world's most popular sport*. New York: Rosen Pub. Group, 2003; Stanley, Fischler & Fridman, Richard. *Getting into pro soccer*. New York: F. Watts, 1979. Gault, Frank. *Pelé the king of soccer/by Clare and Frank Gault*. New York: Walker, 1975.

Aqui ficam claros os motivos que levaram Pelé a assinar o contrato com o Cosmos, em muito pesando a fabulosa quantia paga pelo patrocinador. Aliás, isto que hoje é norma entre os jogadores, naquela época acontecia esporadicamente. Ao aceitar jogar nos EUA, Pelé transformou-se em um dos brasileiros mais conhecidos no mundo, posição esta que é mantida até os dias atuais. Sua imagem, diferente da que ficou marcada no Brasil, internacionalmente é intocável. Pelé levou ao extremo a idéia de se tornar um indivíduo pleno, cosmopolita, e no exterior passou a ser visto dessa forma. Ele é o mais conhecido personagem do futebol que existe no mundo.

Enquanto o modelo do profissionalismo e da disciplinarização que Pelé levou ao longo dos anos proporcionou-lhe receber da ONU o título de "cidadão do mundo", no Brasil ele foi posto totalmente em xeque, e suas declarações sempre reverberaram de forma negativa. Pelé acabou por se tornar, em meados dos anos 1970, o antímodo da modernidade em face do novo projeto que refez as discussões sobre o que seria o novo “tipo nacional”.

Denise Ferreira da Silva (*opus cit.*) analisa os “cruzamentos e encruzilhadas” dos discursos raciais e denomina Pelé “representante da democracia racial” e Zumbi, líder negro, cruzando em momentos distintos os caminhos um do outro. Pelé afirmou em 1988, em entrevista ao jornal *Folha de São Paulo*, ser favorável a que negros votassem em negros. Zumbi transformou-se em herói nacional, e não apenas dos negros. Assim, a personagem criada pela autora em seu artigo – a “brasileirinha” – viu-se forçada a relativizar os discursos raciais sobre diferença e sobre mistura no Brasil. Para Denise Ferreira da Silva, Pelé, mesmo após suas declarações “racialistas”, continuou a ser visto como um representante do “mito” da democracia racial, enquanto Zumbi, mesmo tendo se tornado herói brasileiro, permaneceu como o “mito” do discurso da diferença.

Ao seguir as idéias da autora, argumento que tais discursos – o da mistura e o da diferença e suas freqüentes interligações – fazem sentido se entendidos através da lógica da busca pelo “tipo nacional” aceitável. É esta busca permanente de um tipo sempre a ser acabado, que é movido pelo desejo de finalmente superar o que está inscrito nos corpos e nas mentes brasileiros, o *complexo de vira-latas*, que faz com que esses discursos aparentemente contraditórios convivam em uma espécie de gangorra, ora enfatizando a diferença, ora a mistura. A busca pelo tipo nacional e a necessidade de superar o

complexo de vira-latas fazem com que nossas representações sobre raça estejam sempre em movimento, quase como se estivéssemos tentando nos equilibrar delicadamente entre a cisão e o encontro.

Pelé é por tudo isto que acabei de narrar um exemplo paradigmático dessa característica dos discursos raciais no Brasil nos últimos cinquenta anos, por ter sido um catalisador do debate que se inscreveu tanto no seu corpo como jogador de futebol, quanto nas suas idéias. Mantendo-se quase sempre fiel aos discursos dos anos 1950, Pelé dialogou com os discursos em oposição. À medida que fui descobrindo nas suas muitas falas e nas suas autobiografias como o ex-atleta conviveu e ainda convive com tais discursos, pude entender melhor o que promove o equilíbrio entre as idéias sobre raça no Brasil: a noção de que o tipo nacional como ele se apresenta precisa ser reformulado.

Conclusão

Os discursos raciais construídos no Brasil sempre enfatizaram a necessidade de mudanças e “saneamento” do “tipo nacional” aceitável em face dos projetos de sociedade inseridos na modernidade ocidental. Tais modelos foram buscados nos teóricos e nos ideólogos dos principais centros da Europa até meados dos anos 1940, e depois nos Estados Unidos da América, referencial que persiste até os dias de hoje. Mais do que afirmar que boa parte da intelectualidade e dos estudiosos foi influenciada tão somente por estes modelos, eu procurei demonstrar aqui a lógica interna pautada na formação histórica e social brasileira que contribuiu para que tais subsídios externos tivessem força e inspirassem as idéias de pesquisadores e intelectuais.

Para desvendar a lógica dos discursos raciais e da definição do tipo nacional, fui buscar no caso Pelé um processo de longa duração que acredito estar por traz desses discursos. É válido ressaltar que nunca houve consenso sobre o que seria esse “tipo nacional” e, por isso, levantei os paradoxos surgidos em debates a partir deste caso em particular. A trajetória do ex-atleta teve o traçado que todos conhecem porque houve uma popularização do futebol, o que permitiu que jovens como Pelé, de classe menos favorecida e negros, vissem este esporte como um meio de ascensão social. Aliás, no futebol puderam ser ouvidos com mais nitidez os discursos raciais ao longo dos últimos cinquenta anos. Afinal, desde que o futebol se legitimou como uma “paixão nacional” das

primeiras décadas do século XX até hoje, assiste-se não só ao jogo, mas também ao mais explícito diálogo sobre raça e tipo nacional por excelência.

Edson Arantes do Nascimento é conhecido nacional e internacionalmente como um dos maiores jogadores de futebol da história deste esporte. Consagrado no século XX como o “atleta do século”, tornou-se uma das principais imagens reconhecidas pelo mundo. Apesar dessa enorme e até mesmo espantosa projeção imagética no exterior, este personagem suscita grandes polêmicas no Brasil. Acusações de que seria branco, pois só se casou com mulheres brancas, de que teria apoiado a ditadura militar, de que não assumiu a filha nascida fora do casamento, entre outras, reverberam em tudo o que o ex-atleta faz ou fala. Ao mesmo tempo, continua a aparecer constantemente em comerciais e propagandas diversas no Brasil e no exterior. As empresas têm a certeza de que Pelé dá credibilidade aos produtos que anuncia. Curiosamente, há poucos produtos que levam o seu nome, fazendo crer que Pelé é a sua própria marca.

Pelé e todos nós acabamos de alguma forma aceitando a construção feita pelo próprio ex-atleta de ser dois em uma mesma pessoa. Ser Pelé e Edson Arantes do Nascimento – duas faces de uma mesma moeda – é a maneira de canalizar estas contradições. Edson x Pelé constituem as duas *personas* que foram imediatamente incorporadas pelo imaginário social brasileiro. Muitas vezes, aqueles que desfiam elogios o fazem a Pelé; os que criticam enfocam o Edson. Procurei entender o feixe de considerações que transformaram o ex-atleta em um ser polêmico, que se constituiu não só em uma pessoa, mas em um ícone dos paradoxos de nossos discursos raciais nesse último meio século.

O futebol, profissão que consagrou Pelé, transformou-se num esporte popular por algumas razões explicitadas neste trabalho. Através de estudos que pensam o futebol como uma questão social, pude entender a dinâmica de perpetuação deste esporte na sociedade brasileira e, ao percebê-lo assim sem as costumeiras naturalizações que são feitas e afastam o esporte de sua trajetória histórica, foi possível verificar que o futebol foi um palco no qual os discursos raciais se fizeram presentes de maneira sistemática.

Foi Mário Filho, o jornalista, um dos responsáveis pela forma como o futebol é entendido até os dias de hoje. Ao escrever o livro *O negro no futebol brasileiro*, que se tornou um clássico, abordou as origens do esporte e a inserção nele de negros e pobres,

criando a versão que é aceita até os dias atuais pelo senso comum e até mesmo por determinadas áreas das ciências sociais, principalmente aquelas não especializadas no estudo deste esporte. Segundo Mário Filho, o futebol, de origem inglesa, chegou ao Brasil graças a Charles Miller, e tornou-se logo uma prática esportiva da elite econômica e social dos grandes centros urbanos. Aos poucos, porém, houve a introdução das classes populares, antes proibidos de jogar, na prática deste jogo. Numa passagem do livro, Mário Filho descreve como os negros e os pobres, sem permissão de freqüentar os grandes clubes sofisticados, ficavam do lado de fora observando os brancos e ricos jogarem, indo depois praticar nos campos de várzea as jogadas que gravavam na memória. Segundo o jornalista, como a memória nem sempre era fiel, os negros e os pobres deformavam as jogadas, daí surgindo o futebol “genuinamente” brasileiro.

A versão de Mário Filho, como disse anteriormente, deve ser lida com cuidado, pois foi formulada em um contexto histórico específico em que estavam em jogo alguns discursos raciais que ele ajudou a popularizar. O jornalista alinhou-se às visões culturalistas de Gilberto Freyre sobre a formação do povo brasileiro e sobre a mestiçagem como um valor importante da sociedade.

Os discursos sobre a caracterização do “tipo nacional” brasileiro já tomavam conta do pensamento de intelectuais e estudiosos desde o Império, segundo Giralda Seyferth (1995). Uma das suas vertentes via o tipo nacional como fadado à condenação em função da mestiçagem e da grande quantidade de negros na população nacional. Entretanto, outra vertente percebia no processo de branqueamento da população e na própria mestiçagem a saída possível para fugir da condenação. Já uma terceira vertente entendia a mestiçagem como a união dos principais elementos povoadores do Brasil – o branco, o índio e o negro – com um resultado positivo e constituinte de cultura e hábitos específicos que haviam criado um modo de pensar capaz de caracterizar o “tipo nacional” genuíno, desde que os aspectos negativos desse processo fossem controlados ou eliminados. Apesar de terem sido formuladas em épocas distintas, ainda podemos encontrar estas três correntes atuando nos dias de hoje. Mesmo que em determinada época um destes discursos tenha podido se tornar hegemônico, ele não conseguia suplantiar os outros dois.

Segundo Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000), o futebol contribuiu para a consolidação do sentimento nacional, especialmente quando a seleção brasileira jogava com times de países da América do Sul. Tal fenômeno foi prontamente entendido pelos clubes que viram no futebol um meio de aumentar sua lucratividade; ele despertaria, posteriormente, o interesse de políticos, que viram neste esporte uma maneira de capitalizar a simpatia das massas.

Pereira (idem) apontou para os conflitos entre aqueles que eram favoráveis ao amadorismo e outros que pregavam a profissionalização e a regulamentação do futebol, inclusive contando com a entrada de negros e mestiços para representarem os times em campeonatos e na seleção brasileira. Nunca houve de fato uma proibição legal de brancos pobres, negros e mestiços de atuarem nos times de futebol, mas os conflitos entre a manutenção do amadorismo e o profissionalismo encobriam o debate racial.

Os conflitos entre os que defendiam o amadorismo e outros que consagravam o profissionalismo faziam parte de uma discussão maior que acontecia nos anos 1930 sobre o “tipo nacional”. Nesse período, as interpretações culturalistas que pregavam a mestiçagem como um valor positivo – e tinham como seu principal intelectual Gilberto Freyre – tornaram-se paulatinamente os discursos hegemônicos. Dessa maneira, o profissionalismo, que representava essa forma de pensar expressa na voz de Mário Filho, também passou a ser dominante, permitindo assim a ampliação da participação de negros, mestiços e brancos pobres nos quadros do futebol nacional.

A Copa do Mundo de 1950 realizada no Brasil iria ser o evento que confirmaria a supremacia dessas idéias, segundo Mário Filho. Ao escrever sobre este acontecimento 14 anos depois do ocorrido, o jornalista fez uma oposição que ficou clássica: a derrota da Copa do Mundo de 1950 *versus* a vitória de 1958, quando o Brasil sagrou-se campeão pela primeira vez e teve como principais estrelas Pelé e Garrincha. Ao descrever a Copa de 1950, Mário Filho afirmou que reascendeu na população o ódio aos jogadores de futebol negros e mestiços que se mostraram incapazes de lutar em campo contra os uruguaios, deixando à mostra o atavismo inerente à sua composição racial, o que os fez fracassar. A vitória em 1958 representou a superação deste complexo atávico do “tipo nacional” e a certeza de que o brasileiro poderia ser viável à medida que o vencesse.

Segundo o discurso da época, o profissionalismo e a disciplina eram condições *sine qua non* para a superação definitiva do “complexo de vira-latas”.

Os anos de 1950 viram a ampliação dos enunciados raciais que pregavam ser a mestiçagem incapaz de produzir de fato a harmonia racial e o fortalecimento de um discurso apoiado na idéia de “cisão racial”. Costa Pinto, Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos pensaram por vias distintas como superar as desigualdades e como inserir os negros no processo de desenvolvimento impulsionado pela industrialização e, assim, colocar o país entre as nações mais desenvolvidas. Para que isto ocorresse era preciso, porém, “purgar as conservas culturais” e “eliminar as tradições arcaicas brasileiras” que impediam o pleno crescimento deste grupo na sociedade.

Mário Filho seguiu as idéias da mestiçagem como um valor positivo por acreditar que o futebol brasileiro tinha em sua forma de jogar as especificidades da mistura de negros, brancos e índios; também por ver na Copa de 1958 a confirmação de que este tipo de jogo fora bem-sucedido, já que o Brasil trouxera pela primeira vez a Taça Jules Rimet. Portanto, o brasileiro podia superar o complexo atávico, desde que, tomasse o profissionalismo e a disciplina como condições importantes para esta superação. Os intelectuais que viam o Brasil pela ótica da divisão entre brancos e negros tinham algo em comum com aqueles que o viam pela ótica da mestiçagem, pois partiam do princípio de que o “tipo nacional” tolerável deveria ser mudado em função das características inerentes à mestiçagem. Ao pensar em atavismo, em purgar conservas culturais e eliminar as tradições arcaicas, o jornalista Mário Filho, simpatizante da mestiçagem como um valor, e estes intelectuais, que percebiam o Brasil cindido entre brancos e negros, podem ser citados como exemplos da volta à noção clássica de que o brasileiro tinha que ser transformado para alcançar o pleno desenvolvimento.

O aparecimento e a consolidação do sucesso de Pelé estão relacionados ao debate sobre o “tipo nacional” nesses períodos. Ao surgir como estrela no final dos anos 1950, Pelé tornou-se uma unanimidade em função do profissionalismo e da disciplina que adotou desde os tempos em que morou em Bauru e que estavam em voga naqueles anos. O ex-atleta transformou-se na figura de seu tempo, pois confirmava ser possível superar o “complexo de vira-latas”. Sua fama e seu sucesso sofreram, no entanto, o primeiro revés no Brasil justamente no momento em que ele se tornou o grande astro nacional e

internacional de futebol com a conquista do tricampeonato mundial em 1970. Os debates que aconteceram então sobre o “tipo nacional” aceitável colocaram em cheque a postura de profissionalismo e disciplina.

Ao descrever as trajetórias de Leônidas da Silva, de Garrincha e de Paulo Cezar Caju, pude perceber que o processo pelo qual Pelé passou nos anos 70 não foi um evento isolado. Jogadores de futebol que viveram em épocas distintas sofreram, em função das ações de assimilação e/ou marginalização pelas quais passaram, as consequências dos discursos raciais que procuravam o “tipo nacional” aceitável. Leônidas foi sempre conhecido como um “rebelde” por causa dos conflitos gerados entre o profissionalismo e o amadorismo. Garrincha foi paulatinamente sendo deixado em segundo plano num período em que estava em voga o profissionalismo e a disciplina que Pelé representava, confirmados no discurso hegemônico para a superação do atavismo. Paulo Cezar Caju tornou-se a figura exemplar nos anos 1970 em oposição a Pelé, pois este último continuou a simbolizar o profissionalismo e a disciplina dos anos de 50 e não assumiu as posturas da “cisão racial”, não atendendo aos apelos dos movimentos sociais e dos intelectuais que pregavam uma nova configuração para o tipo nacional brasileiro.

Assim sendo, boa parte das acusações que são feitas a Pelé nos dias atuais surgiu nos anos 1970, pois foi esse o momento em que o ex-atleta não se alinhou às críticas à democracia racial e não endossou a idéia de que tal democracia era um “mito”, uma farsa. Para isto, era preciso fortalecer uma identidade negra, afro, que valorizasse este grupo discriminado e excluído dos processos históricos nacionais. A fala dominante passou a ser aquela que via o “tipo nacional” baseado na existência de negros e brancos. Nesse novo discurso hegemônico, mais uma vez, o brasileiro precisaria ser reformulado. Pelé defendia então que as desigualdades não estavam apenas pautadas na cor, mas atingiam os brancos pobres na mesma proporção que os negros. Tais diferenças só seriam superadas com o pleno desenvolvimento econômico, social e político brasileiro, posição esta bastante característica de um pensamento que predominou nos anos 50 e que se tornou representativo daquela década.

Pelé não condizia com o discurso racial dos anos 70, pois para o ex-atleta ser ele quem era e estar na posição que alcançara era prova de que o sucesso e a fama eram possíveis na sociedade brasileira para um pobre ou um negro que tivesse disciplina e

profissionalismo. Esta sua postura dos anos de 50 parecia já não fazer mais sentido quase duas décadas depois. Ele foi muito cobrado a assumir a “identidade” negra, em voga naqueles anos, como a saída possível para a eliminação das desigualdades entre brancos e negros. Ao não fazer isto, Pelé passou a ser visto como problemático por ter incorporado as idéias de uma elite branca, e também responsável pelos aspectos negativos do “tipo nacional” de então por ter se tornado branco. Por essas razões, Pelé precisaria mudar, ser reformulado, a fim de se tornar de fato um “tipo nacional” aceitável. Ele se transformou assim no antímodo desta nova modernidade que estava surgindo.

A questão se complica, no entanto, porque paralelamente Pelé se transformara em um astro mundialmente conhecido e no homem-marca que representava, e ainda representa, o Brasil no exterior. Neste sentido, ele carrega uma contradição, pois ao mesmo tempo em que não assumia a nova modernidade – postulada por alguns movimentos sociais e formadores de opinião – ele passara a ser um dos personagens mais conhecidos no mundo, o sinônimo do futebol nacional. Este argumento ficou mais evidente quando do anúncio do Brasil como sede da Copa do Mundo de futebol em 2014. A ausência de Pelé neste acontecimento provocou comentários e até dúvidas, por parte dos estrangeiros, sobre se de fato o país conseguiria produzir um evento à altura de uma Copa do Mundo.

Esta contradição aparece também nos discursos do senso comum quando são levantadas opiniões sobre Pelé, o jogador, e Edson, o homem público. Meu argumento nesta tese é o de que pensar no binômio Edson x Pelé é pensar as contradições e os discursos raciais que sempre buscaram forjar um “tipo nacional” aceitável. Os dois personagens criados pelo próprio ex-atleta representam as ambigüidades que o processo de mestiçagem produziu no imaginário social. Falando ora em Edson, ora em Pelé, fala-se na possibilidade do “saneamento” do tipo nacional”, para que este alcance as pretensões de um país alinhado aos mais desenvolvidos. Edson representa a incapacidade “cultural” inerente ao “tipo nacional”, que se constitui num entrave a tais pretensões. Pelé é o personagem que simboliza em determinados momentos a certeza de se poder extirpar o “complexo de vira-latas”. Já Edson é a certeza de que o “tipo nacional” deve ser reformulado e “sanado”, pois ao não assumir a modernidade que começou nos anos 70,

ele passou a ser visto como “branco”, trazendo em seu cerne, portanto, os aspectos negativos do mestiço que não se define como “negro”.

Quando estava tentando colocar o ponto final nesta tese, li no jornal *O Globo* a reportagem “Movimento negro cobra cotas e estatuto racial”, em que um dos mais veementes defensores deste projeto, Frei David, presidente da ONG Educafro, afirmou que a igualdade entre as “etnias” no Brasil só existia no futebol e que ele lutava para que esta igualdade, presente no esporte mais popular do país, fosse alcançada em todas as esferas da sociedade. Mesmo sendo o líder do movimento que quer ver o Brasil dividido em brancos e negros, Frei David acredita ser o futebol o espaço da igualdade e da harmonia.

Por fim, esta tese, ao pensar o paradoxo Pelé x Edson, procurou mostrar que ele é uma metáfora que ajuda a compreender a busca constante pelo “tipo nacional” aceitável, e que pode ser exemplificada pela célebre afirmação de Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala* sobre suas impressões ao avistar marinheiros brasileiros “mulatos e cafuzos” descendo no Brooklyn, quando repete a frase de um viajante americano: *the fearfully mongrel aspect of the most of the population*²¹ (1992:14). A busca incessante, ao longo dos anos, por este tipo nacional aceitável faz com que a conclusão de Freyre pareça nunca ter deixado de povoar o imaginário social brasileiro, continuando atualíssima.

²¹ O aspecto medonho de vira lata da população.

BIBLIOGRAFIA

AARÃO REIS FILHO, Daniel; MOTTA, Rodrigo P. S.; RIDENTI, M. (orgs.). *O golpe e a ditadura militar - 40 anos depois, 1964-2004*. 1.ed. Bauru (SP): Editora EDUSC, 2004.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. “*Com brasileiro não há quem possa!*”: *futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas (FGV), 2000.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquén de. *Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, PPGAS/UFRJ, Rio de Janeiro, 1980.

ARNOLD, Caroline: *Pelé: the king of soccer*. New York: F. Watts, 1992.

ARRUDA, Gilmar. *A ferrovia Noroeste do Brasil: o último trem para o sertão*. 1.ed. Prefeitura de Campo Grande (MS)/Municipal de Urbanização, 1995.

AUGUSTO, Sérgio & JAGUAR. *O melhor do Pasquim*. Rio de Janeiro: Editora Desiderata, 2006. p.219, 271.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

BERLINCK, Deborah & DUARTE, Fernando. "Longe do evento, Pelé diz não ter problemas com a CBF e festeja". *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, Caderno Especial *Brasil 2014*, p.4, ano: LXXXII, 31/10/2007.

BLANCHETTE, Thaddeus Gregory. *Cidadãos e selvagens: Antropologia Aplicada e Administração Indígena nos Estados Unidos, 1880-1940*. Tese de Doutorado, PPGAS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

_____. "Estrangeiro – Gringo – Brasileiro: aproximação e afastamento entre brasileiros e não-brasileiros". *Travessia: revista do Migrante*. Publicação do Centro de Estudos Migratórios (CEM), ano XV, n.44, p.18-23, set.-dez. 2002.

_____. *Gringos*. Dissertação de Mestrado, PPGAS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.

BODO, Peter & HIRSSHEY, David. *Pelé's new world*. New York: Publisher Norton, 1977.

BRAGA, José Luiz. *O Pasquim e os anos 70: mais epa que pra oba*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.

CAJU, Paulo Cezar Lima. *Dei a volta na vida*. São Paulo: A Girafa Editora, 2006.

CAMPOS, Vanessa de. *Consumo e beneficência: duas visões do potlatch na relação da celebridade Xuxa com seus fãs*. Texto apresentado no 30º. Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), no Seminário Temático *Mídia, consumo e relações de poder*, coordenado pelos professores Peter Fry, Everardo Rocha e Esther Hambúrguer, v.30, 30.ed., 2006.

CARDOSO, Tom & ROCKMANN. *O marechal da vitória: uma história de rádio, TV e futebol*. São Paulo: A Girafa Editora, 2005.

CASTRO, Ruy. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CASTRO, Tito Lívio de. "Questões e problemas". *Senzala – revista mensal para negro*, sessão Esporte, São Paulo, Ano I, n.1, p.29, jan.1946.

COHEN, Marleine. *Juscelino Kubitschek: o presidente bossa-nova*. São Paulo: Editora Globo, 2005.

COLLIE, Ashley Jude. *World of soccer: a complete guide to the world's most popular sport*. New York: Rosen Pub Group, 2003.

COUTINHO, Edilberto. "Futebol cheio de raça". In: _____. *O negro e a abolição. Tempo Brasileiro*, n.92/93, edição trimestral, p.59-65, Rio de Janeiro, jan.-jun. 1988.

CUKIERMAN, Henrique. *Yes, nós temos Pasteur: Manguinhos, Oswaldo Cruz e a história da ciência no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará / FAPERJ, 2007.

DAMATTA, Roberto. *A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre o futebol*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2006.

_____. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakoteque, 1982.

DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo: 1880-1945*. Tradução: Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Difusão Européia do Livro. Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Tradução: Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1996.

_____. *O processo civilizador Volume 1: uma história dos costumes*. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994.

_____ & DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Tradução: Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difusão Editorial, 1992.

FARIAS, Patrícia. *Belezas negras à vista: a presença negra na publicidade brasileira dos anos 70*. In: FARIAS, Patrícia & TRAVANCAS, Isabel (orgs.). *Antropologia e Comunicação*. 1.ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. v.1, p.209-225.

FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *História do Brasil*. São Paulo: Editora EDUSP, 1995.

FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2003 [1947].

_____. *Viagem em torno de Pelé*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963.

FOER, Francklin. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. *How soccer explains the world: an unlikely theory of globalization*. New York: Harber Collins Publishers, 2004.

FOULCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 17.ed. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Ghilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2006 [1988].

_____. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 3.ed. Tradução: Ligia M. Pondé Vassalo. Petrópolis: Editora Vozes, 1984.

FRANCO, Bernardo Mello. "Movimento negro cobra cotas e estatuto racial". *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, sessão O País, 2ª edição, ano LXXXIII, p.8, 20/01/2008.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 29.ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1994 [1933].

FRIDMAN, Richard & STANLEY, Fischler. *Getting into pro soccer*. New York: F. Watts, 1979.

FRY, Peter. "Estética e política: relações entre “raça”, publicidade e produção da beleza no Brasil". In: Vários autores. *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

GARCIA CANCLINI, Nestor. *Consumidores e Cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GAULT, Frank. *Pelé, the king of soccer/ by Clare and Frank Gault*. New York: Walker, 1975.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.

_____. *Toda mulher é meio Leila Diniz*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.

GUEDDES, Simoni. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói (RJ): Editora EDUFF, 1999.

_____. *O futebol brasileiro: instituição zero*. Dissertação de Mestrado, PPGAS/UFRJ, Rio de Janeiro, 1977.

GUTMAN, Bill: *Modern soccer superstars*. New York: Dodd, Mead, 1979.

HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Tradução: Patrick Burglin. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

HEIZER, Teixeira. *O jogo bruto das Copas do Mundo*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2001 [1997].

HELAL, Ronaldo &. SOARES, Antonio Jorge (orgs.). *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2001.

HOCHMAN, Gilberto & LIMA, Nísia Trindade. "Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República". In: MAIO, Marcos Chor & SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). *Raça, ciência e sociedade no Brasil*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996. p.23-41.

JONES, Charles E. *The Black Panther Party (reconsidered)*. Baltimore: Black Classic Press, 1998.

JOSE, Colin. *American Soccer League 1921-1931: The Golden Years of American Soccer. American Sports History Series*, n.9. The Scarecrow Press, Inc. Lanham, Md. & London, 1998.

KFOURI, Juca. "Playboy entrevista Pelé: uma conversa franca com o 'Atleta do Século' sobre corrupção no futebol, política, Deus, Xuxa, fama, dinheiro e, claro, sexo". *Revista Playboy*, São Paulo, Editora Abril, n.265, ed. mensal, p.43-145, ago. 1993.

LÉVI-STRAUSS, Claude. "A eficácia simbólica". In: *Antropologia Estrutural*. Tradução: Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1975. p.215-237.

LIMA, Nelson. *Dizendo no pé – Performances de brasilidade: Carmem Miranda e Pelé*. Tese de Doutorado, PPGSA/UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.

LOPES, José Sérgio Leite. "A morte da 'Alegria do Povo'". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 20 (7): 113-135, 1992.

LOUREIRO, Bruno. *“Pra frente Brasil”: futebol e política no governo Médici (1969-1970)*. Monografia de conclusão de curso, Departamento de História, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

LUCA, Tânia Regina de. "Marcha para o oeste paulista". In: *História Viva - Temas Brasileiros: Um país chamado café – poder e riqueza do grão que ergueu o Brasil moderno*. Ano I, p.30-35, S/D.

MAIO, Marcos Chor. *Demandas globais, respostas locais: a experiência da Unesco na periferia no pós-guerra*. In: _____. (org.). *Ciência, política e relações internacionais: ensaios sobre Paulo Carneiro*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ e UNESCO, 2004. p.145-169.

_____. "O projeto Unesco e a agenda das Ciências Sociais no Brasil dos anos 40 e 50". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.14, n. 41, out. 1999.

_____. "Uma polêmica esquecida: Costa Pinto, Guerreiro Ramos e o tema das relações raciais". *Revista Dados*, v.40, n.1, Rio de Janeiro, 1997.

_____. "A questão racial em Guerreiro Ramos". In: MAIO, Marcos Chor & SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). *Raça, ciência e sociedade no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ/CCBB, 1996. p.179-183.

MANFREDINI NETO, Pascoal. *O trem da morte: o imaginário do progresso na Noroeste (1905-1930)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em sociologia. FFLCH/USP, São Paulo, 1995.

MASCARENHAS, Gilmar. "Fútbol y Modernidad en Brasil: la geografía histórica de una novedad". In: *LECTURAS: Educación Física y Deporte*, v.10, año III, Buenos Aires, mayo/1998.

MATOS, Odilon Nogueira de. *Café e ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira*. São Paulo: Editora Alfa-Ômega. Sociologia e Política, 1974.

MONTEIRO, Fabiano Dias. *Retratos em branco e preto, retratos sem nenhuma cor: a experiência do disque-racismo da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado, PPGSA/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

MONTEIRO, Heléne. *O ressurgimento do movimento negro no Rio de Janeiro na década de 70*. Dissertação de Mestrado, PPGSA/UFRJ, Rio de Janeiro, 1991.

MOURA, Gisella Araújo de. *O Rio que corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas (FGV), 1998.

MOUTINHO, Laura. *Razão, "cor" e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

NASCIMENTO, Edson Arantes do. *Pelé: a autobiografia*. Tradução: Henrique Amat Rego Monteiro. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2006.

_____. *Jogando com Pelé*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1974.

_____. *Eu sou Pelé*. Apresentação de Benedito Ruy Barbosa. *Coleção Contrastes e Confrontos*, v.3, Livraria Francisco Alves. São Paulo: Editora Paulo Azevedo, 1961.

NASCIMENTO, Sandra Arantes. *A filha que o Rei não quis*. Colaboração: Walter Brunelli. São Paulo: Editoração Cobram-Cia. Brasileira de Marketing, 1998.

NOGUEIRA, Oracy. "Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem (sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil)". In: _____. *Tanto preto, quanto branco: estudo de relações raciais*. São Paulo: Editora T. A. Queiroz, 1991 [1954].

PADILLA, Ivan. *O descanso do Rei*. *Revista Época: a moderna revista semanal de informação*, n.388, 84-89, 24/10/2007.

PALLARES BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

PETRUS, E. "O negro e o esporte". *Evolução – Revista dos homens pretos de São Paulo*, n.6, p.8, 13/05/1933.

POSSAS, Lúcia M. V. *Mulheres, trens e trilhos: modernidade no sertão paulista*. Bauru (SP): Editora EDUSC, 2001.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimo. *Uma ferrovia entre dois mundos: a E.F. Noroeste do Brasil na primeira metade do século 20*. Bauru (SP): Editora EDUSC; Campo Grande (MS): Editora UFMS, 2004.

RAMOS, Guerreiro Antonio. "Apresentação da grupoterapia Guerreiro Ramos". *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. Direção Abdias do Nascimento, Ano II, n.5, p.6, Rio de Janeiro, jan. 1950.

RIBEIRO, André. *O diamante eterno: biografia de Leônidas da Silva*. Rio de Janeiro: Editora Gryphus, 1999.

RIBEIRO, Yvonne Maggie de Leers Costa. "Mário de Andrade ainda vive? O ideário modernista em questão". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.20, n.58, p.5-25, Rio de Janeiro, 2005.

ROCHA, Everardo. *Magia e capitalismo: um estudo antropológico da publicidade*. São Paulo: Brasiliense Editora, 1995.

ROQUETTE-PINTO, Edgar. *Rondônia: antropologia – etnografia*. Arquivos do Museu Nacional, vol. XX, 1917. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005 [1917].

RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. In: CASTRO, Ruy (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2002 [1966]. p.120-123.

_____. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 51.

SALHINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Tradução: Sérgio Tadeu de Niemayer Lamarão. Revisão técnica: Luís Fernando Dias Duarte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *Feliz 1958 – o ano que não devia terminar*. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

SANTOS, Joel Rufino dos. *O que é racismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

SCHWARCZ, Lílían Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEYFERTH, Giralda. "Assimilação dos imigrantes no Brasil: inconstâncias de um conceito problemático". *Travessia: revista do migrante*, publicação do Centro de Estudos Migratórios (CEM), ano XIII, n.36, p.45-50, São Paulo, jan.-abr. 2000.

_____. "Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização". In: MAIO, Marcos Chor & SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). *Raça, ciência e sociedade no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ/CCBB, 1996. p.41-58.

_____. "A Antropologia e a teoria do branqueamento da raça no Brasil: a tese de João Batista Lacerda". *Revista Museu Paulista*, v.30, p.81-98, São Paulo, 1985.

SHAKUR, Assata. *Assata an autobiography*. New York: Zed Books LTD, 1987.

SIEGEL, Jerry. *Superman: tales of the bizarro world*. New York: DC, 2000 [1961].

SILVA, Ana Paula da. *Menino do Rio: cenários do negro na propaganda*. Dissertação de Mestrado, PPGSA/UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

SILVA, Denise Ferreira da. "Zumbi & Simpson, Farrakan & Pelé: as encruzilhadas do discurso racial". *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, editada pela Universidade Cândido Mendes, n.33, p.87-98, 1998.

_____. *O reverso do espelho: o lugar da cor na modernidade: um estudo sobre mito e ideologia racial nas novelas da TV Globo*. Dissertação de Mestrado, PPGSA/UFRJ, Rio de Janeiro, 1992.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo, 1964-1985*. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2004 [1988].

_____. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1969.

SOARES, Antonio Jorge. *História e a invenção de tradições no futebol brasileiro*. In: HELAL, Ronaldo (org.); LOVISOLO, Hugo & SOARES, Antonio Jorge: *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2001. p.13-50

SOARES, Elza. *Minha vida com Mané*. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1969.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

SPITZER, Leo. *Vidas de entremeio: assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental 1780-1945*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2001.

STOLCKE, Verena. *Cafeicultura: homens, mulheres e capital, 1850-1980*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

SVCENKO, Nicolau. *A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio*. In: _____. (org.). *História da Vida Privada no Brasil, volume 3*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1998. p.515-699.

TELLES, Daniela Maia. *Muito além de Ipanema: o surgimento do jornal que conquistou o Brasil – O Pasquim de 1969 a 1971*. Monografia, IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.

THOMPSON, Hunter S. *Medo e delírio em Las Vegas*. São Paulo: Editora Conrad, 2007.

_____. "The temptations of Jean-Claude Killy". In: *The Great Shark Hunt*. New York: Published by Fawcett Popular Library, a unit of CBS Publications, the Consumer Publishing Division of CBS INC., p.86-108, 1982.

_____. *Fear and loathing: on the campaign trail' 72*. New York: Warner Books, 1973.

TOLEDO, Caio Navarro de (org.). *Intelectuais e política no Brasil: a experiência do ISEB*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2005.

TOUGUINHÓ, Oldemário. "Eu sou o quê? Sou negro e me orgulho. Entrevista com Pelé. *Jornal do Brasil*, ano XCVIII, n.35, p.4, Rio de Janeiro, 13/05/1988.

_____. "Ser Rei Pelé". *Revista HV*, n.8, p.51, São Paulo, ago./set.1988.

TRANIN, Luiz Alexandre Kehdi. *O multipartidarismo no Brasil em dois momentos: 1945-1964 e 1985-2002*. Tese de Doutorado, UFRJ/IFCS, Rio de Janeiro, 2006.

VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor / Editora UFRJ, 2002.

VIEIRA, José Jairo. *Paixão nacional e mito social: a participação do negro no futebol: profissionalização e ascensão social*. Tese apresentada no I Concurso de Teses do Centro de Estudos Afro-Brasileiros, TES 404, 2003.

_____. *Preconceito e discriminação racial no futebol brasileiro*. *Revista Teoria e Pesquisa: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/Universidade Federal de São Carlos*, n.42/43, p.221-224, São Carlos (SP), jan./jul. 2003.

WARD, Churchill & VANDER WALL, Jim. *Agents of repression: the FBI's secret wars against the Black Panther Party and the American Indian Movement*. New York: South End Press, 1990.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 8.ed. Tradução: M. Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J. M. K. Szmrecsányi. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1994 [1905].

_____. "A 'objetividade' do conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política". In: COHN, Gabriel (org.): *Max Weber: metodologia das Ciências Sociais*, parte 1. 2.ed. Tradução de Augustin Wernet. São Paulo: Editora Ática, 1987 [1904]. p.107-154.

WHITMER, Peter O. *When the going gets weird: the twisted life and times of Hunter S. Thompson : a very unauthorized biography*. New York: POW, 1999.

WOODWORTH, Anne Harding. *Soccer zones: writings out of American soccer*. Birmingham, Mich.: Soccer Prose, 1994.

ZANINI, Telmo. *Mané Garrincha: o anjo torto*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

Fontes Diversas

AZEVEDO, Mônica Leopardi Bosco de & WAENY, Maria Fernanda Costa. *João Carvalhaes: pioneiro da Psicologia do Esporte*. In: *Pioneiros da Psicologia em São Paulo*. Acervo do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. Disponível em: http://www.crpsp.org.br/a_acerv/set_memoria_psi.htm, publicado em 2003. Acessado em 11/09/2007.

BAHIANO & BLANCO, Diego. *Lourinha Bombril*. Versão: Herbert Vianna. Música que integra o CD intitulado *Nove Luas*, dos Paralamas do Sucesso, produzido por Carlos Savalla & Paralamas. Rio de Janeiro, Estúdio Impressão Digital, gravado em abril de 1996.

BATISTA, Wilson & CASTRO, Jorge de. *Mané Garrincha*. Letra da marchinha de carnaval disponível: <http://decadade50.blogspot.com/2006/09/o-carnaval-do-hormnio.html>. Acessado em 11/10/2007.

CADETTE, Edson. "Pelé Eterno: este é o nome de um documentário a respeito da nossa maior estrela do futebol". Artigo publicado na *Afro-Press: agência afro-étnica de notícias*. Disponível em: http://www.afropress.com/colunista_2.asp?id=120, em 7/05/2007. Acessado em 21/11/2007.

“Campanha Pelé 2003”, do Laboratório Pfizer. Consultar site: http://www.humel.com.br/ampliar/pressKit_Pele_pfizer.swf . Acessado em 2/04/2004.

DAGÔ, Vítor; MAUGERI, Sobrinho & MULLER, Lauro. *A taça do mundo é nossa*. Música em homenagem à seleção brasileira de 1958. Disponível em: http://www.clubedojingle.com/especiais_copa.htm. Acessado em 12/12/2007.

DUARTE, Rebeca Oliveira. "Cabelos de Assolan!?!?". Publicado em 31/05/2005. Disponível em: <http://www.belezapura.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=534&sid=7>. Acessado em 24/05/2007.

Foto de Leônidas da Silva. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/cbf/sitenoticias/7773200120071211.html>. Acessado em 01/01/2008.

Foto de Manoel dos Santos (Garrincha). Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/pelenet/quemequem/show.jhtm?id=489>. Acessado em 01/01/2008.

Foto Paulo Cezar Caju. Disponível em: <http://desenvolvimento.miltonneves.com.br/QFL/Conteudo.aspx?ID=61514>. Acessado em 11/10/2007.

Foto Pelé e família. Disponível em: http://santos.globo.com/clube_historia_pbiografia.php?cod=10440#topo_chis. Acessado em 25/10/2007.

Foto Pelé e seu time de Bauru. Disponível em: http://santos.globo.com/clube_historia_pbiografia.php?cod=4946#topo_chis. Acessado em 25/10/2007.

Foto promocional de Pelé para o portal Pelé.com. Propaganda do Portal Zip.Net, publicada na Revista *Veja* de 06/09/2000, edição n.1665.

Foto propaganda Pfizer. Disponível em: http://www.humel.com.br/ampliar/pressKit_Pele_pfizer.swf. Acessado em 30/06/2007.

Foto seleção brasileira de futebol de 1970. Disponível em: <http://cbfnews.uol.com.br/brasil/>. Acessado em 20/01/2008.

GUSTAVO, Miguel. *Pra frente Brasil*. Música e letra disponível em: <http://www.dicionariompb.com.br/default.asp>. Acessado em 30/09/2007.

História do “Expresso da vitória”. Disponível em: <http://www.crvascodagama.com/?display=HISTORIA-4>. Acessado em 23/03/2007.

Mapa Ferrovia Novoeste S.A. e Área de influência. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Mapa-Novoeeste.jpg>. Acessado em 22/11/2007.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. "A sociologia de Guerreiro Ramos". Texto apresentado no Seminário "O Projeto Unesco: 50 anos depois", organizado pelo Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia (UFBA), de 12 a 14 de janeiro de 2004. Disponível em: <http://www.ceao.ufba.br/unesco/06paper-Lippi.htm>. Acessado em 21/09/2005.

OLIVEIRA, Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de. "O lado bom da crise". *Revista Carta Capital*. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/edicoes/471/o-lado-bom-da-crise/>, 2007. Acessado em 21/11/2007.

Programa Arquivo N, especial: *Pelé, 30 anos de despedida no futebol*. Exibido no canal Globo News: TV por assinatura, em 3/10/2007.

Programa Globo Esporte da Rede Globo de Televisão: entrevista com Romário. Exibida em 14/01/2005. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=Po3wM6oE_rk. Acessado em 26/08/2007.

Propaganda Bombril. Disponível em:
<http://br.youtube.com/watch?v=fWBxWAYCPQw&NR=1>. Acessado: 23/10/2007.

Propaganda do produto Taff Man-e, publicada no n.5 da revista *Veja* de 03/02/1988. Revista *Brasília em Dia*: "Que rei é esse?". Disponível em:
<http://www.brasiliaemdia.com.br/2006/10/20/Pagina1058.htm> , publicado em 20/10/2006. Acessado em 23/07/2007.

SÁ, Luiz Fernando. "Pelé, garoto-propaganda do século". *Isto é Dinheiro* [on line] Disponível em: http://www.terra.com.br/istoedinheiro/239/negocios/239_pele_garoto_propaganda.htm, 2002. Acessado em 23/10/2005.

SILVA, Ana Paula da. "Pelé: análise da trajetória do “atleta do século” na propaganda/marketing". *Revista Enfoques*, v.6, n.1, Rio de Janeiro, maio 2007. Disponível em: <http://www.enfoques.ifcs.ufrrj.br/maio07/06.html>. Acessado em jun. 2007.

TOLEDO, Carlos Henrique de. "Pelé: os mil corpos de um rei". [on line]. In: *NAU: Núcleo de Antropologia Urbana da USP*. Disponível em: [www no url http: //www.n-a-u.org/osmilcorposdeumrei.Html](http://www.n-au.org/osmilcorposdeumrei.Html). Acessado em 28/03/2005. .

Universe On Line (UOL): “Com o adeus de Romário, 'bad boys' dão lugar aos 'embaixadores da ONU’”. Disponível em:
http://esporte.uol.com.br/reportagens/especial_85.jhtm, 28/12/2004. Acessado em 17/11/2005.

Pesquisa Biblioteca Nacional

Jornal dos *Sports*: 1950, 1958, 1962 e 1970.

Filmes

ALENCAR, Milton. *Garrincha – estrela solitária*. Drama baseado na trajetória do jogador de futebol. LK-TEL Vídeo, 2003.

BARRETO, Luiz Carlos & ESCOREL, Eduardo. *Isto é Pelé*. Documentário sobre a vida de Pelé. Distribuidora Globo Filmes, 1975.

FARIAS, Roberto. *Pra frente, Brasil*. Drama. Distribuidora Embrafilme, 1983.

NETO, Aníbal Massaíni. *Pelé Eterno*. Documentário sobre a vida de Pelé. Distribuidora UIP, 2004.